



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

JOSÉ EVANES BRASIL JÚNIOR

**POLÍTICAS DE REQUALIFICAÇÃO URBANA NA ORLA MARÍTIMA DO
BAIRRO PRAIA DE IRACEMA: UMA AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS
ATRAVÉS DA CONSTRUÇÃO DE INDICADORES SOCIOCULTURAIS A PARTIR
DA HISTÓRIA ORAL**

FORTALEZA

2020

JOSÉ EVANES BRASIL JÚNIOR

POLÍTICAS DE REQUALIFICAÇÃO URBANA NA ORLA MARÍTIMA DO BAIRRO
PRAIA DE IRACEMA: UMA AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS ATRAVÉS DA
CONSTRUÇÃO DE INDICADORES SOCIOCULTURAIS A PARTIR DA HISTÓRIA
ORAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Avaliação de Políticas Públicas. Área de Concentração: Avaliação de Políticas Públicas.

Orientadora: Profa. Dra. Roselane Gomes Bezerra.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- B83p Brasil Júnior, José Evanes.
Políticas de requalificação urbana na orla marítima do bairro Praia de Iracema : uma avaliação de políticas públicas através da construção de indicadores socioculturais a partir da história oral / José Evanes Brasil Júnior. – 2020.
182 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas, Fortaleza, 2020.
Orientação: Profa. Dra. Roselane Gomes Bezerra.
1. Políticas de requalificação. 2. Avaliação de políticas públicas. 3. Indicadores socioculturais. 4. História oral. 5. Praia de Iracema. I. Título.

CDD 320.6

JOSÉ EVANES BRASIL JÚNIOR

POLÍTICAS DE REQUALIFICAÇÃO URBANA NA ORLA MARÍTIMA DO BAIRRO
PRAIA DE IRACEMA: UMA AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS ATRAVÉS DA
CONSTRUÇÃO DE INDICADORES SOCIOCULTURAIS A PARTIR DA HISTÓRIA
ORAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Avaliação de Políticas Públicas. Área de Concentração: Avaliação de Políticas Públicas.

Orientadora: Profa. Dra. Roselane Gomes Bezerra.

Aprovada em: 10/01/2020.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Roselane Gomes Bezerra (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Gil Célio Santana Cardoso
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Gérson Augusto de Oliveira Júnior
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

In memoriam de Michele Militão, moradora da
Praia de Iracema, sambista, produtora cultural
e amiga.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela força e a vida, iluminando caminhos e trazendo esperança. Aos meus pais pelo apoio em todos os momentos, pois foram responsáveis diretos por esta conquista. À mãe que sempre atenciosa e gentil, mesmo nos momentos mais difíceis, trouxe a calma e a esperança. Desde sempre, foi ela que acreditou na criança que gostava de ler e não queria cursar Medicina, mas História. Ao pai, por diversos conselhos e ensinamentos, auxiliando de diversas maneiras, que talvez rendesse escrever uma dissertação apenas a este respeito.

À minha orientadora, professora Roselane Bezerra, pois acreditou na realização deste trabalho, sempre solidária e gentil. Meu amadurecimento acadêmico se deve à sua paciência e orientação.

Também agradeço à Capes pelo apoio financeiro, fundamental para que esta pesquisa fosse concretizada. Ressalto o trabalho realizado pela instituição junto à pesquisa e formação de estudantes brasileiros.

Agradeço também ao professor Gil Célio Cardoso, que desde a graduação em Economia tem apoiado meus estudos e pesquisas, tendo inclusive, me apresentado o edital de seleção do Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas (PPGAPP/UFC). Ao professor Gérson Augusto de Oliveira Júnior, que foi meu orientador de iniciação científica durante a graduação em História, a quem possuo grande admiração, sendo uma inspiração para minha formação acadêmica e ética.

Também agradeço ao professor Francisco José Gomes Damasceno pelas orientações no DICTIS e pelo apoio no exame de qualificação. Ao professor Alcides Gussi pelas referências e conselhos também durante o exame de qualificação.

Agradeço às amizades adquiridas durante o mestrado como Bruno, Tamara, Milena, Lany, Tati, Thaynah. Às amigas da pós-graduação em História Sarah, Brenda e Cindy. O companheirismo e apoio foram fundamentais, pois a experiência do mestrado não ficou restrita aos estudos solitários, mas se ampliou para sorrisos e abraços.

Agradeço à minha namorada, Vitória Elen, pelo apoio em diversos momentos, seja acompanhando no trabalho de campo, conversas no dia-a-dia e manifestações de afeto.

Agradeço aos amigos de longa data Andréa, Espedito, Victor Girão, Lídia e Arlene. Agradeço ao Raniere Sales pelo apoio, apesar das circunstâncias adversas ao longo desses dois anos, desejando sucesso e felicidades em seu novo projeto nos EUA. Também ao seu Azevedo e a dona Arabela pelo apoio ao meu trabalho. Não poderia deixar de destacar os

amigos Gleucimar, Eriágna Thais, Karol, Marcos, Deusanir, Ana, Glícia, Déborah, Cristina, Tatiana, Suely, Felipe, Rita com quem trabalhei por muitos anos.

Também agradeço a amizades que apesar da distância são muito importantes e que guardo com muito carinho, como o amigo Jefferson, da UFC, a Bianca Iovanovith, da UECE, e os amigos Stálin, Daniel e Sávio, das Ciências Econômicas-UFC.

Aos entrevistados tenho diversos agradecimentos especiais, até porque este trabalho não teria sido efetivado sem colaboração. Agradeço ao seu Joaquim Ernesto, do Cais Bar, um grande artista e amigo que por vários anos mantenho contato. Agradeço ao Rodolfie Trindade, do Pirata Bar, que me cedeu a primeira entrevista a respeito da Praia de Iracema, contribuindo para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço também ao seu Carlinhos Aragão, do Bar do Mincharia, pelas conversas e apoio.

Aos artistas que tive a honra de entrevistar, agradeço ao Tarcísio Sardinha, Paulo de Tarso Pardal, Aparecida Silvino e Serrão de Castro. Também agradeço ao seu Luís Antônio Aragão pela entrevista que me concedeu durante os primeiros meses do mestrado, contribuindo para este trabalho.

Agradeço ao fotógrafo Jacques Antunes pelos contatos que foram muitos, além das fotografias e risadas. Agradeço ao seu Nirez também pelas fotografias e pela recepção. Agradeço ao Miguel Cavalcanti pelo apoio e pela disponibilidade com fotografias de seu acervo.

À Izabel Cristina pela entrevista e conversas a respeito do Poço da Draga. Sem a sua participação este trabalho também não teria sido possível. Ressalto a importância de seu trabalho à frente da ONG Velaumar.

Ao Totonho Laprovitera da SETFOR que me cedeu entrevista e contatos, mesmo num dia atípico. Agradeço imensamente à Michele Militão, a quem pude entrevistar, conversar e a quem eu recorri diversas vezes. Sempre gentil, sem o seu apoio teria sido muito difícil concluir este trabalho.

Também agradeço aos diversos alunos com quem trabalhei desde 2013, seja ao longo da caminhada como professor no ensino fundamental, cursos pré-vestibulares ou minicursos. Sem o brilho e a alegria de trabalhar como professor, jamais seria possível reunir forças para realizar esta empreitada.

Por fim, ao mar e à música que cantam e me encantam desde sempre.

RESUMO

A implementação de políticas de requalificação urbana faz parte das principais ações da Prefeitura Municipal de Fortaleza no bairro Praia de Iracema. Historicamente relacionado à boemia, turismo e lazer, desde os anos 1990 o bairro é alvo destas políticas que ainda assim enfrentam antigos desafios como a violência urbana, tráfico de drogas, prostituição, especulação imobiliária, entre outros. Em virtude das problemáticas remeterem à história do bairro, sobretudo através de narrativas orais que destacam as dificuldades de se constituírem políticas públicas com a participação de grupos da sociedade civil e a primazia de interesses econômicos sob as intervenções, esta pesquisa é uma avaliação de políticas públicas a partir da história oral de pessoas e grupos que ao longo do tempo praticaram o espaço urbano. Numa abordagem que privilegia a interpretação de significados atribuídos à Praia de Iracema, destacam-se usos e apropriações do espaço, a partir de estudo de caráter interdisciplinar que perpassa o campo das ciências sociais aplicadas. Para tanto, compreende-se a avaliação de políticas públicas como uma pesquisa social, realizada a partir do diálogo com os diferentes grupos demandantes. Isto porque a pesquisa perpassa a compreensão de que as políticas públicas respondem a problemas expressos em demandas sociais e, por conseguinte, precisam da participação dos grupos demandantes para sua constituição e avaliação. Assim, as especificidades locais do território e sua historicidade precisam ser consideradas, abordando-se questões culturais pertinentes à área em intervenção. Por isso, desenvolveram-se indicadores socioculturais a fim de realizar uma avaliação de políticas públicas de caráter qualitativo, considerando narrativas orais e trabalho de inserção no campo. Percebeu-se a importância de dialogar com os diferentes grupos para o desenvolvimento de políticas capazes de responder aos problemas locais. Além disso, notou-se que as políticas de requalificação podem ser ampliadas, atuando juntamente com políticas culturais para juventudes, ações educativas para patrimônio e meio ambiente, entre outras. Destaca-se que o pertencimento aos territórios urbanos se dá a partir de usos e apropriações que remetem a um espaço praticado, pois os limites oficiais determinados pelo Estado nem sempre são determinantes. Observou-se que as disputas no espaço urbano também são simbólicas, perpassando o processo de interpretação de políticas públicas pelos grupos demandantes e remetendo aos conflitos sociais. Nesse sentido, a gestão e avaliação de políticas públicas devem se caracterizar por intervenções capazes de dialogar com os diversos grupos e democratizar a cidade.

Palavras-chave: Políticas de requalificação. Indicadores socioculturais. História oral.

ABSTRACT

The implementation of urban requalification politics is part of the main actions of the Fortaleza Prefecture, in Praia de Iracema neighborhood. Historically related to bohemia, tourism and leisure, since the 1990s the neighborhood has been the target of these politics that still facing old challenges such as urban violence, drug trafficking, prostitution, real estate speculation, among others. Because the problems refer to the history of the neighborhood, especially through oral narratives that highlight the difficulties of constituting public policies with the participation of civil society groups and the primacy of economic interests under the interventions, this research is an evaluation of public politics from the oral history of people and groups that, over time, practiced the urban space. In an approach that privileges the interpretation of meanings attributed to Praia de Iracema, we highlight some uses and appropriations of space based on the study of interdisciplinary character which permeates or the field of applied social sciences. Therefore, it comprises an evaluation of public politics as a social research, conducted from the dialogue with the different demanding groups. This is because the research permeates the understanding that public policies respond to problems expressed in social demands and, therefore, require the participation of the demanding groups for their constitution and evaluation. Thus, it is necessary to consider the local specificities of the territory and its historicity, approaching cultural issues relevant to the area under intervention. As a result, sociocultural indicators were developed in order to carry out an evaluation of qualitative public policies, considering oral narratives and field insertion work. The importance of dialogue with the different groups for the development of politics capable of responding to local problems was realized. In addition, it was also noticed that the requalification politics can be expanded, acting together with cultural politics for youths, educational actions for heritage and environment, among others. It is noteworthy that the belonging to the urban territories comes from uses and appropriations that refer to a practiced space once that the official limits determined by the state are not always determinant. It was observed that the disputes in the urban space are also symbolic, going through the process of interpretation of public policies by the demanding groups and referring to social conflicts. In this sense, the management and evaluation of public politics should be characterized as capable of dialoguing with various groups and democratizing a city.

Keywords: Requalification policies. Socio-cultural indicators. Oral history.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Mapa da divisão de Fortaleza em regionais.....	38
Figura 2 –	Mapa de localização do bairro Praia de Iracema, Fortaleza (CE).....	39
Figura 3 –	Ponte dos Ingleses.....	40
Figura 4 –	Ponte da Alfândega vista da entrada da Ponte dos Ingleses.....	41
Figura 5 –	Localização do bairro Praia de Iracema.....	41
Figura 6 –	Lócus da pesquisa: orla marítima do bairro Praia de Iracema e Poço da Draga.....	42
Figura 7 –	Praia do Peixe no início do século XX.....	60
Figura 8 –	Ponte da Alfândega no início do século XX.....	60
Figura 9 –	Praia de Iracema, ao fundo o prédio Vila Morena.....	62
Figura 10 –	Palacetes da Praia de Iracema.....	62
Figura 11 –	United States Office.....	63
Figura 12 –	Desabamento de palacetes.....	64
Figura 13 –	Iracema Plaza Hotel (Edifício São Pedro) nos anos 1950.....	65
Figura 14 –	Painel Bar Luiz Assumpção.....	70
Figura 15 –	Cais Bar - Praia de Iracema (ano não identificado).....	71
Figura 16 –	Fim de tarde no Cais Bar - anos 1990.....	71
Figura 17 –	Orla Marítima da Praia de Iracema, anos 1990.....	94
Figura 18 –	Exposição Corações & Mentas da Praia de Iracema.....	105
Figura 19 –	Observadores da Exposição Corações & Mentas.....	106
Figura 20 –	Metodologia do design thinking.....	115
Figura 21 –	Índice do slide do Planejamento Colaborativo da Praia de Iracema.....	116
Figura 22 –	“Qual Praia de Iracema nós queremos?”.....	117
Figura 23 –	Letreiro Fortaleza.....	135
Figura 24 –	Letreiro Fortaleza no pôr-do-sol.....	135
Figura 25 –	Detalhe da logomarca Praia de Iracema.....	136
Figura 26 –	Feira Criativa.....	161
Figura 27 –	Carro grafitado.....	163
Figura 28 –	Grafite na Rua dos Tabajaras, Praia de Iracema.....	163
Figura 29 –	Rafaela Camboim no Além da Rua.....	164
Figura 30 –	Garoto saltando da Ponte Metálica.....	165

Figura 31 – Distribuição de picolés.....	166
Figura 32 – Crianças brincando em gangorra na Praça Iracema de Brincar.....	166
Figura 33 – Crianças dançando próximas ao palco no calçadão da Praia de Iracema..	167

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMC	Autarquia Municipal de Trânsito, Serviços Públicos e Cidadania
AMPI	Associação dos Moradores da Praia de Iracema
AMPODRA	Associação dos Moradores do Poço da Draga
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COOPERII	Coordenadoria de Projetos Especiais e Relações Institucionais e Internacionais
CDMAC	Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura
CMEFC	Centro de Multifuncional de Eventos e Feiras do Ceará
DICTIS	Laboratório de Estudos e Pesquisas em História e Culturas
ECOFOR	Empresa Concessionária de Fortaleza
ENEH	Encontro Nacional dos Estudantes de História
ETUFOR	Empresa de Transporte Urbano de Fortaleza
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
ICI	Instituto Cultural Iracema
IDM	Instituto Dragão do Mar
OS	Organização Social
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PDITS	Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável
PPGAPP	Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas
PPGAU+D	Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo + Design
PPGH	Programa de Pós-Graduação em História
PRODETUR	Programa de Desenvolvimento do Turismo
PMF	Prefeitura Municipal de Fortaleza
PT	Partido dos Trabalhadores
SDS	Secretaria de Desenvolvimento Social
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SECULTFOR	Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza
SER II	Secretaria Executiva Regional II
SETFOR	Secretaria de Turismo de Fortaleza

SEUMA

Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente

USO

United States Office

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS A PARTIR DA HISTÓRIA ORAL: PRAIA DE IRACEMA, NARRATIVAS E INDICADORES SOCIOCULTURAIS.....	22
2.1	Uma proposta avaliativa a partir da história oral.....	23
2.2	Localizando o bairro Praia de Iracema e a área de pesquisa.....	37
2.3	Narradores da história do bairro Praia de Iracema.....	45
2.3.1	<i>Moradores.....</i>	46
2.3.2	<i>Artistas, profissionais liberais e boêmios.....</i>	48
2.3.3	<i>Empresários.....</i>	50
3	O BAIRRO PRAIA DE IRACEMA EM FORTALEZA-CE: HISTÓRIA, MEMÓRIAS E RESISTÊNCIAS.....	54
3.1	Mergulhando na história do bairro: de Praia do Peixe a ponto de turismo requalificado.....	55
3.2	O Poço da Draga: comunidade de resistência.....	74
3.3	Praia de Iracema: memórias coletivas x memórias divididas.....	80
4	POLÍTICAS DE REQUALIFICAÇÃO URBANA NO BAIRRO PRAIA DE IRACEMA.....	89
4.1	Políticas de requalificação pioneiras: gestões Juraci Magalhães e Antônio Cambraia (1991-2004).....	90
4.2	Políticas de re-requalificação na gestão Luizianne Lins (2005-2012).....	100
4.3	Políticas de requalificação atuais: gestão Roberto Cláudio (2013-2019)....	112
5	O QUE SE PODE APREENDER COM ESSA AVALIAÇÃO?.....	129
5.1	O indicador sociocultural de pertencimento.....	130
5.2	Grau de atendimento às demandas locais.....	145
5.3	Políticas de intervenção territorial na Praia de Iracema: observações do trabalho de campo.....	159
6	CONCLUSÃO.....	173
	REFERÊNCIAS.....	178

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo avaliar políticas públicas de requalificação urbana, mais especificamente a intensificação de propostas de requalificação da orla marítima do bairro Praia de Iracema, localizado na cidade de Fortaleza, Ceará, Brasil.

O bairro tem sido alvo de intervenções e diversos projetos há décadas, buscando-se solucionar problemáticas como: a violência urbana, moradores em situação de rua, tráfico de drogas, acúmulo de lixo, trânsito desordenado, dentre outras. Por isso, a existência de problemáticas recorrentes tem desafiado moradores, gestores, empresários, pesquisadores e demais interessados.

Além disso, a Praia de Iracema é fortemente associada a representações simbólicas o que implica em narrativas afetivas sobre o espaço (BEZERRA, 2008). Ademais, o histórico de problemáticas, bem como de intervenções públicas que buscaram solucioná-las através dos processos de requalificação, deve ser considerado para uma avaliação de políticas públicas capaz de compreender as especificidades e desafios locais.

Por isso, o texto visa destacar as especificidades locais do bairro Praia de Iracema, ou seja, é totalmente contrário à pura e simples importação de soluções alcançadas em outros contextos dado ao fato de que políticas públicas são ações em resposta a problemas de interesse social, os quais só podem ser compreendidos a partir de demandas locais.

Assim, essa proposta de avaliação de políticas públicas não se caracteriza pela nomeação de culpados, nem pelo reducionismo de propor uma solução definitiva para as problemáticas enfrentadas.

A Praia de Iracema é um cartão-postal da cidade de Fortaleza por ser uma área fortemente associada ao turismo, cultura e lazer, e, portanto, imagens, notícias e opiniões sobre o bairro circulam em plataformas e meios de comunicação diversos, assim como os problemas urbanos anteriormente citados, embora desde os anos 1990 também tenha adquirido importância nas pautas das gestões públicas municipais e estaduais.

Assim, este trabalho se baseia em um levantamento de políticas públicas de requalificação urbana implementadas no bairro Praia de Iracema, evidenciando ações que se destacaram ao longo do tempo, bem como o atual processo de requalificação desenvolvido pela gestão Roberto Cláudio, através do Instituto Cultural Iracema, desde o ano de 2017¹.

¹ Como será destacado ao longo da pesquisa, o Instituto Cultural Iracema não se utiliza do termo requalificação ou revitalização, inclusive, seu presidente, o publicitário Davi Gomes, faz críticas às terminologias. Porém,

Para esta pesquisa, foram consultados documentos oficiais, materiais audiovisuais, estudos acadêmicos, fotografias e realizado trabalho de campo, incluindo entrevistas em profundidade.

Por conseguinte, percebeu-se que narrativas orais de pessoas e grupos pertencentes ao bairro subsidiariam uma pesquisa capaz de desenvolver indicadores socioculturais, contribuindo para a avaliação de políticas públicas de requalificação urbana, isso porque, todo problema de interesse social possui raízes históricas e, especificamente a Praia de Iracema, associa-se à elaboração de narrativas afetivas, escritas e orais, desde canções, poemas, artes plásticas, alcançando outras formas de produção cultural.

Para a construção dos indicadores socioculturais privilegiou-se os estudos históricos em oralidade. As entrevistas gravadas foram previamente agendadas, com perguntas seguindo roteiro semiestruturado que considerava informações sobre a relação do entrevistado com a história do bairro. Em alguns casos foi oportunizado espaço para a apresentação de sugestões para a requalificação da Praia de Iracema, bem como para a elaboração de políticas de turismo, cultura e lazer.

O trabalho de campo foi realizado de forma intensiva, de Agosto a Outubro de 2019, em diferentes dias e horários. Não possui a amplitude de uma etnografia, porém, é baseado em observações in loco, anotações em diário de campo, fotografias e registros após as idas ao bairro. Antes do período citado, foram realizadas observações preliminares mas, em virtude do avanço de políticas de intervenção territorial ao longo do ano de 2019, percebeu-se a importância de que o trabalho enfatizasse percepções atuais nas proximidades da defesa da dissertação, programada para Dezembro de 2019².

O período de Agosto a Outubro também se justifica em função de não compor a alta estação do turismo e, portanto, possuir menor movimentação estrangeira, sendo importante para os objetivos da pesquisa. Isto se justifica por suceder o período de alta estação, o que permitiu observar seu legado para o restante do ano, bem como as ações programadas para a nova alta estação (Dezembro 2019/Janeiro 2020).

Assim, este trabalho tem por objetivo avaliar políticas públicas de requalificação urbana implementadas na orla marítima do bairro Praia de Iracema, considerando desde a Ponte Velha (Viaduto Moreira da Rocha) até o Espigão da Rua João Cordeiro, tendo sido

como sua gestão foi iniciada em fins de 2017, manteve-se a terminologia, pois seu não-uso possui importância para análise empreendida neste trabalho.

² O trabalho de campo deveria ter se estendido ao mês de Novembro, porém o pesquisador foi acometido de apendicite, o que inviabilizou a proposta inicial.

feito este recorte porque o bairro é fortemente relacionado a diversas problemáticas urbanas, apesar de ser intensamente contemplado por políticas públicas.

Considerando a existência de narrativas associadas ao bairro Praia de Iracema, bem como de representações simbólicas que o expressam como lugar de boemia, turismo, lazer e cultura, percebeu-se a importância de uma pesquisa baseada na elaboração de indicadores socioculturais. Por isso, utilizou-se de perspectivas de avaliação de políticas públicas baseadas na interpretação de culturas como em Rodrigues (2008; 2016) e Gussi e Oliveira (2016), bem como da proposta avaliativa de construção de indicadores socioculturais realizada por Gonçalves (2008).

Para tanto, utilizou-se da metodologia de pesquisa conhecida como história oral a fim de subsidiar a elaboração de indicadores socioculturais, através da valorização de narrativas a respeito do bairro Praia de Iracema. Assim, foi possível reconhecer significados associados ao espaço pesquisado, bem como identificar demandas por políticas públicas.

No capítulo 1, é desenvolvida a proposta de avaliação de políticas públicas a partir da história oral. Considerando as contribuições de Portelli (2016) que define a história oral como uma relação dialógica, bem como a ampliação da proposta de avaliação de políticas públicas através de abordagens interpretativas (RODRIGUES, 2008; GONÇALVES, 2008; GUSSI; OLIVEIRA, 2016), o capítulo demonstra os desafios da construção desta proposta avaliativa.

Ainda no primeiro capítulo, localiza-se o bairro Praia de Iracema em seus limites oficiais, mas também simbólicos, que extrapolam a demarcação oficial da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Por fim, explicitam-se os narradores considerados: a) moradores; b) artistas, profissionais liberais e boêmios; c) empresários; apontando-se os motivos das escolhas, bem como a opção em defini-los em grupos, mas sem que os mesmos determinassem a interpretação das narrativas, valorizando, assim, as subjetividades, performances e especificidades de cada narrador.

No capítulo 2, a Praia de Iracema é abordada em sua história, representações e resistências. Esse aspecto é importante na medida em que se compreende que uma avaliação de políticas públicas deve considerar as especificidades locais e sua historicidade, portanto, antes de adentrar nas políticas de requalificação urbana é preciso conhecer o bairro em suas diversas dimensões: geográfica, histórica, social, econômica e cultural. Assim, foi possível explicitar questões simbólicas relativas ao bairro, tais como o pertencimento de grupos e memórias afetivas associadas à Praia de Iracema. Também se apresentam informações gerais sobre suas ruas, equipamentos públicos e relações com bairros e áreas vizinhas.

O capítulo introduz, ainda, o leitor na pesquisa histórica a respeito da Praia de Iracema, abordando-se suas diversas fases e seus vínculos com a cidade de Fortaleza. São apontadas transformações vivenciadas pelo bairro ao longo do tempo, bem como algumas referências ao patrimônio cultural edificado.

Por fim, o capítulo trata da disputa simbólica em torno de memórias na Praia de Iracema, num estudo que perpassa a História Cultural e a História Social. Compreendendo o espaço como praticado (CERTEAU, 2013), explicita-se que também é marcado por conflitos, principalmente o espaço urbano. A construção do capítulo dialoga com a Sociologia Urbana, sobretudo com os trabalhos de Schramm (2001) e Bezerra (2008), apontando memórias coletivas e representações simbólicas associadas ao bairro Praia de Iracema, entretanto, destaca-se que esse é um processo de narrativas que denotam disputas na cidade, também marcado por memórias divididas (PORTELLI, 2006).

No capítulo 3, adentra-se no estudo de políticas de requalificação urbana no bairro, destacando-se o contexto de surgimento destas políticas de intervenção territorial e suas transformações ao longo das gestões públicas municipais. Tendo como referência as pesquisas de Bezerra (2008) em debate com estudos da Geografia do Turismo, foram analisadas políticas de requalificação implementadas ao longo dos anos 1990, definidas como políticas pioneiras. Os anos 1990, como observou Leite (2004), foram marcados pela popularidade de políticas de requalificação urbana no Brasil e, por conseguinte, as intervenções na Praia de Iracema fazem parte desse contexto e, além disso, fizeram parte de uma tentativa de desenvolver o turismo no estado do Ceará, como destaca Rocha Júnior (2000).

Também se adentra na crise enfrentada pelos bares da Praia de Iracema nos anos 2000. Destacam-se dificuldades enfrentadas, baseando-se em entrevistas com empresários, moradores e artistas atuantes na época.

Foram, ainda, feitas avaliações acerca das políticas implementadas na gestão Luizianne Lins, definidas por Bezerra (2016) como políticas de re-requalificação. Considerou-se tanto entrevistas com moradores, artistas e empresários, como estudos acadêmicos do período. Além disso, levou-se em consideração material divulgado via internet pela prefeitura na época, como propagandas políticas divulgadas em canal do Youtube, notícias de periódicos também disponíveis on-line.

O capítulo encerra com um estudo acurado de políticas de requalificação propostas pela gestão Roberto Cláudio, algumas ainda em fase de implementação, sendo apresentado o Planejamento Colaborativo, elaborado junto ao Conselho da Praia de Iracema e

que teve à frente o Instituto Cultural Iracema (INSTITUTO IRACEMA, 2017)³. Mais adiante, realiza-se uma análise a respeito do material disponível online, haja vista que é um indicativo de problemáticas que desafiam o bairro, bem como de soluções consideradas viáveis para seu enfrentamento, servindo de base para a elaboração de roteiros de entrevistas realizadas na fase avançada do trabalho de campo.

Ainda no capítulo 3, realizam-se considerações sobre conceituações teóricas fortemente relacionadas às políticas urbanas implementadas ao longo das gestões municipais. Assim, além de tratar-se de requalificação urbana, revitalização e gentrification, destacam-se os debates em torno de políticas implementadas a partir de Organizações Sociais (OS), bem como as atuais propostas de intervenção territorial através do incentivo à economia criativa.

Já no capítulo 4, desenvolve-se um debate sobre a avaliação de políticas públicas e elaboração de indicadores socioculturais (GONÇALVES, 2008), explicitando-se as contribuições de uma abordagem a partir da história oral. Nesse sentido, foram elaborados dois indicadores: a) indicador sociocultural de pertencimento e b) grau de atendimento às demandas locais. O capítulo também conta com apontamentos desenvolvidos a partir do trabalho de campo, bem como uma proposta de ação educativa patrimonial-ambiental, considerando a importância de narrativas orais e a criação do Centro da Memória do Bairro, localizado no Estoril. Portanto, tem como anseio elaborar indicadores socioculturais e propostas de requalificação a partir de narrativas orais que remetem às memórias afetivas sobre o bairro Praia de Iracema ao longo do tempo.

É importante destacar que esta abordagem de pesquisa social é qualitativa, não considerando os entrevistados como unidades estatísticas. Através de pesquisa prévia, os entrevistados foram mapeados considerando a possibilidade de atenderem às demandas da pesquisa, sendo definidos, portanto, como unidades qualitativas. O pesquisador teve papel fundamental na medida em que foi responsável por conduzir o estudo que, a partir de sua profundidade e objetivos, demandou a realização de cada entrevista.

Vale destacar que nem sempre os possíveis entrevistados desejaram participar da pesquisa, da mesma forma em que existiram dificuldades em consumir algumas entrevistas, posto que nem sempre o entrevistado atendeu às expectativas em torno de seu testemunho, o que pode acontecer por diversos motivos, como seu interesse, capacidade de se expressar

³ INSTITUTO IRACEMA. Planejamento Colaborativo. 2017. Disponível em: <https://www.institutoiracema.com/praiadeiracema>. Acesso em: 02 set. 2019 às 10:16.

sobre situações que vivenciou, entre outros e, além disso, eventuais imprevistos que comprometeram a realização de entrevistas agendadas⁴.

Cumprе salientar que esta pesquisa não se restringe à elaboração de entrevistas pois, conforme Jucá (2011), as entrevistas em história oral precisam estar articuladas às teorias da História a fim de que a pesquisa não seja reduzida à aplicação de uma simples técnica empregada de acordo com as conveniências. Nesse sentido, a história oral sem o apoio teórico reduz o trabalho produzido a uma simples transcrição de entrevistas, carente de uma explicação reflexiva que venha a enriquecer os resultados obtidos com a metodologia adotada (JUCÁ, 2011, p. 31). Como esta pesquisa se caracteriza pela interdisciplinaridade, seu debate teórico extrapola o campo da Historiografia, mantendo intenso diálogo com a Sociologia Urbana, a Geografia do Turismo, bem como com o campo das políticas públicas.

Em meio às temáticas trabalhadas pela Sociologia Urbana, é preciso destacar o debate em torno de conceitos como requalificação, revitalização, gentrification, realizado ao longo da pesquisa e, em virtude de ser um debate interdisciplinar, é realizado também por arquitetos e geógrafos.

Outra discussão teórica importante é a respeito da memória, definida por Le Goff (2003) como sendo a propriedade de conservar certas informações, remetendo em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Neste sentido, esta pesquisa fundamenta-se também nas atuais reflexões acerca da memória, entendida não apenas em sua dimensão individual, mas social. Para Jucá (2011), a memória remete a algo mais do que a um mundo pessoal, deixando transparecer a relação entre o indivíduo e o seu meio social, que torna mais abrangente o perfil da realidade estudada (JUCÁ, 2011, p. 25).

Sobre a história oral, Alberti (2011) explica que ela consiste na construção de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Torna-se, portanto, fundamental destacar que a história oral tem possibilitado o resgate de experiências, visões de mundo e representações passadas e presentes (MONTENEGRO, 1992).

Assim, percebeu-se que dependendo do narrador, dos grupos do qual faz parte, de experiências no espaço e de memórias associadas, a Praia de Iracema assumia diferentes abordagens e significações. Estas memórias disputam compreensões acerca das problemáticas

⁴ Como foi apontado, o pesquisador foi acometido de apendicite na etapa final de realização do trabalho de campo, o que comprometeu a realização de entrevistas agendadas. Por isso, é importante o cuidado quanto aos imprevistos que podem acometer a investigação, sempre que se esboça a escolha por esta opção metodológica.

associadas ao bairro, incidindo na interpretação do papel do Estado e das políticas públicas implementadas na Praia de Iracema.

Porém, a diversidade de interpretações e memórias divididas não deve ser considerada como empecilho ao trabalho, pelo contrário, a pesquisa permite aprofundar questões em disputa em uma sociedade democrática, propondo caminhos para políticas públicas de intervenção territorial. A riqueza desta abordagem reside na possibilidade de dialogar com a pluralidade de questões e disputas em torno do espaço urbano, principal desafio das gestões públicas municipais porque, diferente de um gestor de empresa privada, proprietário dos meios de produção que aloca recursos em função de seus interesses e de compreensões acerca do mercado, o gestor público dialoga com diferentes grupos que remetem a uma pluralidade de sentidos e culturas no espaço social.

Por conseguinte, é fundamental um trabalho que considere as diferentes culturas associadas ao espaço pesquisado, considerando seu caráter simbólico, bem como enfatizando especificidades locais. Este desafio não pode ser solucionado simplesmente a partir de indicadores sociais baseados em dados estatísticos que seguem o paradigma positivista da ciência e que se pretendem universais e imparciais.

Além disso, não pode se reduzir à mera pesquisa de opinião, seja via internet ou a partir de questionários em censos, os quais são baseados em perguntas fechadas e que não permitem o aprofundamento de questões como subjetividades, agrupamentos sociais, memórias e experiências em espaços urbanos. É por isso que esta pesquisa buscou elaborar indicadores socioculturais a partir de narrativas orais que priorizam memórias e experiências de homens e mulheres em seu viver no bairro Praia de Iracema, apontando os sentidos que o espaço possui para seus narradores.

Vale ressaltar também que, como a avaliação proposta é qualitativa, torna-se fundamental esclarecer que a escala microespacial do estudo implica em ganho em qualidade de informações. Não que a história oral não possa ser realizada numa escala macroespacial, mas tal extensão demandaria uma equipe de pesquisadores engajados, o que não está ao alcance deste trabalho.

Também é preciso destacar que os indicadores socioculturais elaborados não foram definidos a priori, mas constituídos a partir de um processo circular entre a situação empírica e a situação conjunta entre pesquisador-avaliador e entrevistados-narradores.

Ademais, a pesquisa é finalizada com uma proposta de ação educativa patrimonial-ambiental para o bairro Praia de Iracema e a Comunidade Poço da Draga, considerando aspectos simbólicos levantados em debate com diversas subjetividades e

agrupamentos sociais a partir da valorização de narrativas orais associadas aos espaços estudados.

Ao valorizar o diálogo entre entrevistador-pesquisador e entrevistado-narrador, a pesquisa também recebeu importante contribuição das ideias do professor Paulo Freire. O diálogo é concebido como encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando na relação eu-tu. Assim, existir, humanamente, é pronunciar o mundo, o que implica modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar (FREIRE, 2018, p. 108).

Percebeu-se também que toda avaliação de políticas públicas é ideológica, cabendo ao pesquisador explicitar suas afinidades políticas ao invés de mascarar-se como um ser imparcial. Infelizmente, o predomínio do paradigma positivista de ciência, baseado na suposta neutralidade do pesquisador, ainda é presente em meios acadêmicos e profissionais.

Reconhecer que toda avaliação de políticas públicas é ideológica não significa considerá-la simplesmente como um conjunto de opiniões determinadas em função de interesses políticos do pesquisador-avaliador, mas sim que todo conhecimento remete à práxis, ou seja, à relação entre ação e reflexão para transformar o mundo.

Nesse sentido, a avaliação de políticas públicas remete a uma discussão epistemológica que implica numa práxis de intervenção no mundo, sendo uma resposta aos problemas enfrentados e demandas locais. É nesta capacidade de resposta que o pesquisador-avaliador precisa estar atento para desenvolver seu trabalho.

É fundamental destacar que esta avaliação de políticas públicas não busca simplesmente averiguar se uma política pública foi exitosa ou fracassada, mas sim assumir o compromisso de definir problemas públicos e ações capazes de enfrentá-los e, além de valorizar uma experiência de gestão democrática e participativa, esta perspectiva alcança legitimidade na medida em que é constituída em diálogo com diferentes narradores.

Portanto, a avaliação de políticas públicas através da construção de indicadores socioculturais a partir da história oral permite traçar problemas enfrentados em diversos âmbitos comunitários, valorizando a oralidade humana como fonte de investigação social e as experiências sócio-históricas de pessoas e comunidades.

2 AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS A PARTIR DA HISTÓRIA ORAL: PRAIA DE IRACEMA, NARRATIVAS E INDICADORES SOCIOCULTURAIS

*Adeus, adeus,
Só o nome ficou.
Adeus, Praia de Iracema,
Praia dos Amores que o mar carregou.
(Luiz Assumpção, 1954).*

A Praia de Iracema é um bairro marcado por diversas narrativas na cidade de Fortaleza, expressas na oralidade e na cultura escrita, mas também em imagens e artefatos materiais. Poemas, canções, matérias jornalísticas, pinturas, fotografias, estudos acadêmicos, escritos memorialísticos e narrativas orais, mas não se esgota por aí. Marcada por representações de adeus e boemia (BEZERRA, 2008)⁵, a Praia de Iracema remete a diversos usos e apropriações do espaço urbano em Fortaleza, sendo um importante cartão-postal da cidade.

Este capítulo busca apresentar uma proposta de avaliação de políticas públicas que contemple as narrativas a respeito do bairro Praia de Iracema, com ênfase na oralidade e na elaboração de indicadores socioculturais. Adentra-se nos ganhos e dificuldades com a proposta metodológica, apontando-se as contribuições para o campo da avaliação de políticas públicas de uma proposta investigativa a partir da história oral⁶.

Assim, partiu-se de um estudo acurado a respeito da avaliação de políticas públicas a fim de desenvolver esta proposta, estabelecendo, também, o diálogo com a história oral em suas diversas abordagens através de estudo bibliográfico, pesquisas de campo e frequência em disciplinas na Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará (PPGH/UFC)⁷. Sobre a avaliação de políticas públicas, foi priorizado tanto o estudo de amplo material bibliográfico quanto documental, também contribuindo a frequência nas disciplinas de Avaliação de Políticas Públicas e Políticas de Intervenção Territorial no

⁵ Em tese de doutorado na área de Sociologia, Bezerra (2008) destacou as representações de adeus e boemia em narrativas a respeito da Praia de Iracema. A primeira é referente às intensas transformações no bairro, relacionada à canção de Luiz Assumpção explicitada no início deste capítulo. Já a segunda refere-se ao histórico de bares e de grupos que se consideram como boêmios ao longo da história recente do bairro. Para Bezerra (2008), portanto, a boemia é uma representação simbólica.

⁶ Vale destacar a importância da experiência em ministrar o minicurso intitulado Introdução à história oral no XXXVI Encontro Nacional de Estudantes de História (ENEH/2019) na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) para o aprimoramento do capítulo.

⁷ Tratam-se das disciplinas de História Social: abordagens e perspectivas e Tópicos em História Social: Memória e Temporalidade I e II, rendendo um total de dezoito meses de frequência, estudos e pesquisas no PPGH. Destaque para a disciplina de Tópicos em História Social: Memória e Temporalidade I, ministrada pelas professoras Meize Regina de Lucena Lucas e Kênia Sousa Rios que trabalharam a relação entre memória, imagem e oralidade, fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas (PPGAPP/UFC) e Avaliação de Políticas e Projetos Urbanos na Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo + Design (PPGAU+D/UFC). Através destas experiências de estudos e pesquisas, foi possível desenvolver a proposta de avaliação de políticas públicas a partir da história oral.⁸

O capítulo também aborda a localização do bairro Praia de Iracema, apresentando seus limites oficiais e simbólicos, a fim de explicitar as especificidades territoriais. Para tanto, foram importantes estudos a partir de mapas oficiais, bem como entrevistas com moradores.

Por fim, abordam-se os narradores, indispensáveis para a realização deste trabalho, a partir de grupos demandantes por políticas públicas no bairro, sendo importante destacar que os grupos não determinam as narrativas, pois se valorizam as subjetividades de cada entrevistado.

Explicita-se também o papel do pesquisador durante a narrativa, responsável pelo levantamento de questões e pela escuta sensível, bem como o papel do entrevistado que se dispôs a narrar suas memórias e experiências.

2.1 Uma proposta avaliativa a partir da história oral

Segundo Silva (2013) toda política pública é uma forma de regulação ou intervenção na sociedade. Tratando-se de um processo que articula diferentes sujeitos que apresentam interesses e expectativas diversas, as políticas públicas representam um conjunto de ações ou omissões do Estado, decorrentes de decisões e não decisões, constituída por jogos de interesses, tendo como limites e condicionamentos processos econômico, político, social e cultural de uma sociedade historicamente determinada (SILVA, 2013, p. 20).

Nesse sentido, Silva (2013) considera que toda política pública é tanto um mecanismo de mudança social, orientado para promover o bem estar de segmentos sociais, devendo ser também um mecanismo de distribuição de renda e de equidade social. Portanto, para a autora, a política pública é uma resposta decorrente de pressões sociais a partir das ações de diferentes sujeitos que sustentam interesses contraditórios.

As avaliações de políticas públicas são geralmente realizadas por um conjunto de técnicos a serviço do Estado. Esses profissionais, sobretudo no contexto do Capitalismo

⁸ Porém, o que mais contribuiu para o desenvolvimento desta proposta foi a experiência de pesquisa em história oral, com ênfase na elaboração de indicadores socioculturais, realizada ao longo de dois anos de Mestrado (2017-2019), bem como a anterior experiência durante a graduação em História (2015-2017), rendendo um total de quatro anos de pesquisas, abordando também o bairro Praia de Iracema e as políticas públicas implementadas na área.

Contemporâneo, tratam de questões como investimento e impacto das políticas públicas, aferindo conceitos, indicadores e parâmetros para a qualidade do investimento governamental.

Segundo Arcoverde (2016) o processo avaliativo considera a questão da necessidade humana em compreender, explicar, julgar e alterar o real, direcionando o pensamento para um julgamento de valor. Para Silva (2013) a avaliação é um ato eminentemente político que integra o contexto de um programa público, exigindo esforço de objetivação, de independência e ações interdisciplinares.

Arcoverde (2016) ainda destaca que a avaliação de políticas públicas contribui para o processo de democratização ao socializar e difundir os resultados obtidos, além de auxiliar o debate democrático na medida em que clarifica as escolhas públicas, proporcionando à sociedade um maior controle do bem público e do modo como é entendido, priorizado e concretizado (ARCOVERDE, 2016, p. 26).

Nesse sentido, uma avaliação de políticas públicas ampliada precisa estar atenta aos grupos que vivenciam os problemas, ou seja, que demandam por políticas, pois elas devem ser implementadas em resposta às problemáticas enfrentadas, num modelo democrático constituído de “baixo para cima”. Por isso, optou-se nesta pesquisa por defini-los como grupos demandantes.

Assim, mais do que definir se uma política pública teve êxito ou fracassou, a avaliação de políticas públicas exige uma compreensão dos problemas enfrentados e das ações implementadas para a sua resolução. Os estudos de eficiência, eficácia e efetividade são fundamentais⁹ - contribuindo para uma gestão pública racional e responsável pelo bem comum – porém, é preciso reconhecer as demandas dos grupos, bem como suas especificidades socioculturais para realizar uma avaliação de políticas públicas de forma aprofundada.

Em muitos casos, exportam-se soluções que obtiveram sucesso em outros países e/ou realidades sociais, tendo como justificativa o êxito alcançado. Porém, nesse caso, é comum que as especificidades dos grupos demandantes sejam esquecidas e até mesmo negligenciadas. Diante disso, o contexto local tem sido desconsiderado, reproduzindo o pensamento colonial de que as soluções devem partir de outras realidades e países em detrimento dos desafios locais.

⁹ Segundo Silva (2013, p. 41), entende-se por eficiência ou rentabilidade econômica a relação entre os custos despendidos e os resultados do programa; eficácia é o grau em que os objetivos e metas foram alcançados na população beneficiária, em um determinado período de tempo; e efetividade é a relação entre os resultados e objetivos, a medida de impacto.

Assim, durante as aulas dos professores Alcides Fernando Gussi e Rosalane Gomes Bezerra na disciplina de Avaliação de Políticas Públicas, realizada entre Agosto e Novembro de 2017, tornou-se evidente a importância da elaboração de indicadores sociais para a realização de uma avaliação de políticas públicas. Ao longo da disciplina, realizaram-se oficinas de avaliação e elaboração de indicadores sociais, a partir de abordagens avaliativas contra-hegemônicas.

Primeiramente, é importante destacar a proposta de análise de políticas públicas desenvolvida por Raul Lejano, conhecida como modelo experiencial (LEJANO, 2012). Criticando os métodos clássicos de avaliação de políticas públicas por seu caráter linear, calcado no teste de hipóteses centradas na mensuração do objeto, o autor explica que esses constroem a aprendizagem e o entendimento a um modo predeterminado, impedindo a compreensão da política na forma como ela realmente é vivida, em suas palavras, experienciada, por uma multiplicidade de atores (RODRIGUES, 2016, p. 104-105).

Assim, Lejano (2012) propõe que uma análise de políticas deve considerar as múltiplas dimensões da experiência e do entendimento, atentando para a complexidade dos fenômenos, ou seja, seu caráter processual, contextual, dinâmico e flexível, só apreensível pelo entendimento de sua realização na prática. Por conseguinte, Rodrigues (2016) explica que esta perspectiva dá à noção de experiência um lugar central nas formulações teórico-metodológicas propostas pelo autor.

Por isso, o desenho da avaliação muda, não comportando um modelo linear de teste de hipóteses que tenha como objetivo restrito verificar se a eficiência, eficácia ou efetividade de políticas públicas foram alcançadas. O modelo experiencial caracteriza-se como não-linear, baseado na interação do pesquisador (empíria) em que a teoria emerge da prática. Assim, seu caráter é multidimensional, considerando diferentes tipos de dados e informações e integrando perspectivas quantitativas e qualitativas de análise. Rodrigues (2016) explica que o modelo experiencial tem como critérios a autenticidade da descrição da política como experiência e seus objetivos como desenvolvimento de compreensões amplas e processuais da dinâmica da política, com possibilidades de ação (RODRIGUES, 2016, p. 105).

Nesse sentido, a proposta de Lejano (2012) caracteriza-se pelo surgimento de hipóteses a partir de um processo circular entre a situação empírica e a situação conjunta entre pesquisador e grupo pesquisado, nas quais a teoria emerge da prática e os dados provêm de fontes diversificadas de informações: entrevistas, surveys, observações de campo, recursos audiovisuais, grupos focais (RODRIGUES, 2016, p. 106).

Para atingir esse objetivo, Lejano (2012) considera central a atenção do pesquisador para as ideias de contexto e particularidade, o que implica na valorização de pesquisas a respeito da história do lugar e de seus aspectos culturais e geográficos, tal como proposto neste estudo.

É importante apontar que diversos autores concordam que a avaliação de políticas públicas precisa ser repensada no Brasil. Rodrigues (2008), Gonçalves (2008) e Gussi e Oliveira (2016) desenvolveram propostas de avaliação de políticas públicas a partir da Antropologia, capazes de considerar questões negligenciadas pelos modelos predominantes no mercado de agências de consultoria e nos manuais desenvolvidos pelas organizações multilaterais.

Para a antropóloga Léa Rodrigues é possível desenvolver uma avaliação em profundidade de políticas públicas ao considerar quatro dimensões analíticas: a) o texto da política pública, tendo atenção à sua formulação, bases conceituais e coerência interna; b) o contexto político, econômico, social e cultural de formulação da política; c) a trajetória institucional do programa, e d) seu espectro temporal e territorial (RODRIGUES, 2008; 2011; 2014; 2016)¹⁰. A pesquisadora explica que, ao contemplar as referidas questões, a avaliação de políticas públicas detém potencialidades analíticas muito além dos modelos predominantes no mercado de avaliadores.

Esta abordagem privilegia um estudo acurado dos textos que compõem a política, ou seja, a análise de seu conteúdo, mas sem desconsiderar o seu contexto econômico, político, social e cultural, compondo a chamada análise de contexto de formulação da política (RODRIGUES, 2008). Já a análise da trajetória institucional do programa caracteriza-se pela busca em perceber o grau de coerência ou dispersão do programa ao longo do seu trânsito pelas vias institucionais. Por fim, Rodrigues (2008) sugere ainda uma análise do espectro temporal e territorial das políticas públicas, ou seja, apreender a configuração temporal e territorial do percurso político estudado de forma a confrontar suas propostas e seus objetivos gerais com as especificidades locais e sua historicidade.

Desta forma, reconheceu-se a importância do contexto local e da historicidade de grupos demandantes na definição de um problema público e nas propostas de ações para seu enfrentamento. Os grupos demandantes possuem suas concepções acerca do problema público

¹⁰ A avaliação em profundidade de políticas públicas é uma proposta desenvolvida pela pesquisadora em colaboração com outros estudiosos, como o antropólogo Alcides Fernando Gussi, a partir de experiências de pesquisa no Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas (MAPP) e no Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas (PPGAPP), ambos pertencentes à Universidade Federal do Ceará (UFC).

enfrentado a partir de experiências sócio-históricas. Portanto, é necessária uma avaliação de políticas públicas capaz de reconhecer demandas e especificidades locais.

Segundo Rodrigues (2016), a proposta de avaliação em profundidade de políticas públicas segue o modelo experiencial de Lejano (2012), mas existe uma importante diferença, fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa: não se preocupar com a elaboração de hipóteses, mas considerar, apenas inicialmente, alguns pressupostos inferidos da imersão em campo, de caráter exploratório (RODRIGUES, 2016, p. 107).

Gussi e Oliveira (2016) explicam que as avaliações predominantes quase sempre se reduzem à dimensão econômica, tendo como intuito demonstrar o sucesso ou o fracasso das políticas a partir da construção de indicadores, notadamente estatísticos, os quais revelam a otimização da relação custo-benefício, previamente calculada, em relação ao investimento realizado na execução das políticas. Para os autores, esta visão, embora se afirme como neutra e imparcial, é caracterizada pela concepção liberal do Estado. Nesse sentido, é importante a advertência de Souza (2014) que explicou o caráter ideológico da avaliação de políticas públicas, mesmo nos modelos que se dizem imparciais e objetivos, pois a ideologia não aparece como ideologia (SOUZA, 2014, p. 42). Por isso, é necessário assumir que a avaliação de políticas públicas deve incorporar os distintos atores sociais e institucionais às suas agendas e interesses, a fim de extrapolar objetivos meramente regulatórios e prescritivos (GUSSI; OLIVEIRA, 2016, p. 87).

Segundo Jannuzzi (2001), indicador social é uma medida em geral quantitativa, dotada de significado social substantivo, usado para substituir, quantificar ou operacionalizar um conceito social abstrato, de interesse teórico (para pesquisa acadêmica) ou programático (para a formulação de políticas). É evidente que, embora os indicadores sociais sejam em sua maioria quantitativos, é possível constituir-los a partir de outras abordagens, considerando-se que mais importante é seu conceito social de interesse teórico e programático para a avaliação da política pública proposta.

Logo, o que determina a composição e utilização de determinado indicador é a sua capacidade de contribuir para uma análise da política pública, sendo um facilitador da pesquisa em virtude da complexidade multifacetada da realidade social. Nesse sentido, Gonçalves (2008) desenvolveu importante reflexão de natureza epistemológica acerca da construção de indicadores socioculturais a partir de uma perspectiva etnográfica no processo de avaliação ex post de políticas públicas.

A referida estudiosa explicou que o motivo desta abordagem é a insuficiência das abordagens hegemônicas em considerar as mediações socioculturais e políticas que limitam

ou potencializam o desenvolvimento de uma localidade, região ou nação, limitando também a performance das políticas públicas. Isso porque todo desenvolvimento social pressupõe um vínculo com a cultura e a tradição local e, portanto, não há um modelo analítico e abstrato geral de desenvolvimento válido para toda a sociedade.

Por conseguinte, Gonçalves (2008) salienta ainda que se devem considerar as condições histórico-sociais e culturais do processo de desenvolvimento e de execução das políticas públicas, tendo em vista que seu desempenho é mediado por fatores de ordem simbólica, pois as políticas são ressignificadas segundo as visões de mundo das populações-alvo e esta visão de mundo engendra-se nas relações que se tecem entre indivíduo e sociedade (GONÇALVES, 2008, p. 18).

Nesse sentido, este trabalho identificou a importância da construção de indicadores socioculturais (GONÇALVES, 2008) para a avaliação de políticas públicas. Para tanto, optou-se pela metodologia de pesquisa conhecida como história oral a fim de desenvolver indicadores socioculturais, analisando demandas e especificidades locais do bairro Praia de Iracema.

De acordo com Gonçalves (2008), a grande questão para o gestor de políticas públicas é de natureza epistemológica. O pesquisador-avaliador de políticas públicas que se propõe a desenvolver indicadores socioculturais precisa estar atento às seguintes questões: Quem está recebendo a política pública e como a ressignifica? Em que contexto? Quais as mediações de ordem simbólica e política que a atravessam? Para tanto, Gonçalves (2008) destaca que é preciso mapear, nas comunidades beneficiárias das políticas, as seguintes dimensões: a) economia; b) relações de poder; c) cultura; d) geografia; e) rede de proteção social (políticas públicas sociais existentes); f) concepções e projetos de desenvolvimento local, e g) sistema educacional local.

Gonçalves (2008) explica que a construção de indicadores socioculturais pressupõe um olhar focado que considere a visão de mundo dos sujeitos sociais destinatários das políticas públicas, além do modo como eles as ressignificam. Assim, a cultura ganha destaque na avaliação de políticas públicas como dimensão simbólica que articula e media os aspectos políticos, econômicos e sociais.

Vale destacar que, apesar da divisão em dimensões analíticas acima, a realidade social é multifacetada e não possui as fronteiras estabelecidas por profissionais, daí o porquê do esforço desta pesquisa em seguir uma abordagem multidisciplinar e que contemple as questões em suas várias dimensões, ou seja, em sua totalidade.

Nesse sentido, todas as dimensões estão relacionadas e a divisão constituiu-se apenas num esforço analítico a fim de desenvolver conceitos, paradigmas e proposições teóricas. Mas compreende-se que o conhecimento produzido jamais será a própria realidade social, caracterizando-se como proposições a respeito dela. Isto não significa que se deve cair no relativismo, mas sim valorizar o esforço analítico que busca, em meio à complexidade da realidade, tecer considerações de interesse social.

Diante disso, a proposta de Rodrigues (2008; 2011; 2014; 2016) foi fundamental para esta pesquisa ao propor como característica de uma avaliação baseada nas abordagens interpretativas a busca dos significados das políticas para aqueles que as formulam, executam ou vivenciam. Para a apreensão de significados, Rodrigues (2016) prioriza a realização de entrevistas aprofundadas e abertas, sem conduzir o entrevistado à resposta e lhe cercear o campo de reflexão apresentando perguntas que em si já pressupõem razões para o sucesso ou não da política ou do programa em estudo, para a ocorrência de situações constatadas quando da realização de observações em campo, ou mesmo para esclarecimento de dados coletados por meio de questionários ou provindos de estatísticas oficiais (RODRIGUES, 2016, p. 107).

A orientação de Rodrigues (2016) demonstra a possibilidade de uma avaliação de políticas públicas a partir da história oral na medida em que se caracteriza pela busca dos significados de memórias e de narrativas, baseando-se na realização de entrevistas aprofundadas e abertas, como elencado acima.

Gussi e Oliveira (2016) explicam que, na perspectiva da Nova Gestão Pública, o Estado já não é o único articulador dos interesses e das demandas dos atores públicos. Desta forma, as políticas públicas incorporam duas outras esferas decisórias, quais sejam: o terceiro setor e o setor privado. Por isso, os governos devem ser *accountables*, isto é, capazes de responder aos diversos grupos de interesse sobre seus atos e decisões políticas.

Para os autores, isto implica na necessidade de existir um conjunto de mecanismos de avaliação que empreguem ferramentas institucionais e não-institucionais baseadas na ação de múltiplas associações de cidadãos, movimentos ou mídias, atores capazes de dinamizar o jogo político na medida em que trazem novas questões para a agenda pública, além de pressionarem ou influenciarem o processo decisório, expondo erros e falhas do governo (GUSSI; OLIVEIRA, 2016, p. 85-86).

Ainda de acordo com os autores mencionados, é preciso considerar que avaliar políticas públicas trata-se de um processo de natureza sociopolítico e cultural. Nesse sentido, a partir da noção de avaliação em profundidade de Rodrigues (2008), Gussi e Oliveira (2016) explicam que a avaliação constitui um processo multidimensional e interdisciplinar na medida

em que se pretende contemplar várias dimensões (sociais, culturais, políticas, econômicas, territoriais) envolvidas nas políticas públicas e realizar interfaces analíticas e metodológicas advindas de distintos campos disciplinares, sobretudo do campo das ciências sociais aplicadas (GUSSI; OLIVEIRA, 2016, p. 93).

Nesse sentido, o esforço de uma avaliação de políticas públicas proposta pelos autores privilegia uma abordagem interpretativa, baseada no levantamento de diferentes tipos de dados obtidos no contexto do campo da política em avaliação. Assim, Rodrigues (2008) e Gussi e Oliveira (2016) consideram as entrevistas em profundidade capazes de produzir indicadores para uma avaliação de políticas públicas, aberta ao diálogo interdisciplinar entre as diversas ciências sociais. Portanto, as entrevistas em profundidade, a partir da pesquisa em história oral, permitem elaborar indicadores socioculturais e compreender especificidades e demandas locais.

Desta forma, seguiu-se a proposta de Gussi e Oliveira (2016) em aliar as entrevistas em profundidade à observação, análise de conteúdo de material institucional, apreensão e compreensão de sentidos e significados atribuídos no decorrer do processo descrito pela política ou programa. Nesse sentido, tanto a avaliação quanto a política ou programa são consideradas de forma multidimensional em uma leitura extensiva, detalhada e densa (GUSSI; OLIVEIRA, 2016, p. 94).

Com base neste debate, conclui-se que é possível desenvolver uma avaliação de políticas públicas que a considere tanto como ato técnico como político (SILVA, 2013), construindo proposta de políticas públicas com grupos demandantes também conhecidos como stakeholders (GUBA; LINCOLN, 2011), mas considerando o contexto e a experiência para a análise de políticas públicas (LEJANO, 2012), enfatizando a busca de significados das políticas para aqueles que as formulam, executam ou vivenciam (RODRIGUES, 2016), através de indicadores socioculturais (GOLÇALVES, 2008).

A construção dos indicadores socioculturais considerou que o avaliador deve tentar compreender como os diferentes atores envolvidos concebem as políticas e entendem os seus resultados e impactos a partir de referenciais próprios de sua cultura. Além disso, tratou-se de ir a campo e construir, por meio da observação participante, a experiência in loco das políticas públicas, o que demonstra a aproximação com a proposta de Lejano (2012). Assim, o pesquisador-avaliador busca interpretar os diferentes significados acionados publicamente pelos atores no contexto das ações que envolvem as políticas.

Segundo Arcoverde (2016), tem se tornado necessário incrementar competências técnicas de planejadores e executores de políticas, programas e projetos sociais, assim como

se faz importante introduzir uma cultura de avaliação como elemento estruturante da intervenção social. Para a referida pesquisadora, é preciso desenvolver uma cultura avaliativa que não descarte, mas que, pelo contrário, incorpore de forma profunda, compreensiva e consequente, o conhecimento e as percepções dos próprios destinatários das políticas e demais atores que vivenciam diretamente os problemas os quais se pretende resolver, detendo sobre eles um conhecimento vivido e, portanto, possibilidades alternativas de compreensão e solução (ARCOVERDE, 2016, p. 17).

Assim, percebeu-se que a história oral pode ser importante para a avaliação de políticas públicas, pois é baseada numa relação dialógica que privilegia a oralidade em pesquisas sociais, abordando especificidades de narradores e sua historicidade. Considerando que ela tem como principal característica a relação dialógica entre interessados em ouvir e em falar acerca de um tema que articule a relação humana ao longo do tempo. Suas principais formas de expressão são as entrevistas gravadas, constituindo assim um corpus documental. Desse modo, a história oral, como forma de saber, pressupõe a valorização da memória e do diálogo para reflexões de interesse social. Além disso, em uma avaliação de políticas públicas, a história oral pode contribuir para a construção de indicadores socioculturais.

Aplicada em diversas áreas do conhecimento científico, a história oral tem extrapolado as fronteiras disciplinares, sendo trabalhada por historiadores, antropólogos, sociólogos, jornalistas, psicólogos, linguistas e até mesmo por cientistas clínicos com experiências no ramo terapêutico, constituindo-se, portanto, como uma experiência interdisciplinar. Todo esse alcance é derivado da valorização da oralidade humana como forma de construir conhecimento digno de análise científica.

Além disso, a história oral contribui para o uso de entrevistas em pesquisas sociais. Uma entrevista pode ser compreendida, em uma percepção trivial, como uma situação de diálogo na qual se procura alcançar respostas a perguntas formuladas, entretanto, a história oral a enxerga de forma mais ampla.

Um dos erros mais comuns é a confusão entre o mero uso de entrevistas e história oral. Entrevistas são diálogos efetuados para instruir temas ou argumentos nebulosos ou informativos e seu alcance muitas vezes se esgota nisso. História oral é um processo de registro de experiências que se organizam em projetos que visam a formular um entendimento de determinada situação destacada na vivência social. Enquanto a entrevista subsidia outros tipos de documentos, no caso da história oral o que se pretende é a centralização das narrativas que se constituem, desde sua concepção, em objeto central das atenções (MEIHY; HOLANDA, 2017, p. 64).

O uso meramente informativo de entrevistas não caracteriza a história oral. Além de se levar em consideração a performance do narrador¹¹, a entrevista em história oral não almeja a apreensão de dados objetivos, numéricos ou que exijam do entrevistado um relato rigoroso: ela busca solucionar uma questão norteadora que intriga um diálogo entre duas ou mais pessoas. Ademais, a entrevista em história oral trata de um problema histórico, uma questão do presente que exige uma resolução a partir da experiência humana no tempo. Assim como nem tudo em história oral é entrevista, nem toda entrevista é história oral. A história oral também compromete as reflexões deterministas em relação aos aspectos quantitativos, pois é, essencialmente, qualitativa.

Para uma avaliação de políticas públicas a partir de entrevistas de história oral, é importante o desenvolvimento de um projeto de pesquisa que deve atentar para três questões: *Quem entrevistar? Como entrevistar? Por que entrevistar?* A primeira questão diz respeito às pessoas e/ou grupos de narradores, pois a empreitada depende do diálogo com eles. Vale destacar que a escolha dos narradores é papel do pesquisador, a partir de seu trabalho de campo e da composição das redes de entrevistados. A segunda é referente às questões abordadas pelo pesquisador, pois o narrador responderá a partir delas, observando inclusive a performance do entrevistador, sua atenção à narrativa, olhares e abordagens. Já a última questão diz respeito às razões do emprego da história oral e do porquê a pessoa foi convidada a narrar, devendo ser explicitadas no projeto antes da operação.

A história oral produz uma representação do passado segundo a concepção daqueles que o viveram; é preciso que o pesquisador tenha consciência disso. Por isso, Alberti (2013) sugere que essa concepção seja efetivamente relevante à investigação que se pretende realizar, devendo as narrativas do entrevistado serem importantes diante do tema e das questões que o pesquisador analisa. Assim, tais narrativas devem ser, elas mesmas, objeto de análise (ALBERTI, 2013, p. 38).

A referida autora destaca ainda duas questões que devem ser pensadas em projetos de história oral: a primeira é como os entrevistados viam e veem o tema em questão – tema esse que foi recortado pelo pesquisador –; a segunda questiona o que a narrativa pode informar sobre o lugar que o narrador ocupava (e ocupa) no contexto histórico e cultural definido. Portanto, a história oral torna-se fundamental quando se busca responder a questões

¹¹ Consideraram-se as contribuições de Paul Zumthor para se pensar o conceito de performance como relativo às condições de expressão e percepção, designando um ato de comunicação como tal, sendo um momento da recepção que transforma o outro. Isto porque o mundo é uma experiência de relações em que comunicar não consiste somente em fazer passar uma informação, mas em tentar mudar aquele a quem se dirige (ZUMTHOR, 2000, p. 61).

envoltas à visão dos entrevistados acerca do tema e do seu lugar no contexto abordado, podendo contribuir para uma avaliação de políticas a partir do método experiencial de Lejano (2012) ou em profundidade, como proposto por Rodrigues (2008; 2011; 2014; 2016). Por conseguinte, a opção pela história oral depende, intrinsecamente, do tipo de questão colocada ao objeto de estudo (ALBERTI, 2013, p. 39).

É importante apontar que a história oral é abordada de diferentes maneiras e com variadas finalidades. Em trabalho com idosos em São Paulo, Bosi (1994) destaca o conceito de memória social, apontando sua relação com o presente dos entrevistados. Já Portelli (2016) foi responsável por ampliar os estudos em história oral, compreendendo-a como uma relação dialógica. A abordagem de Portelli (2016), portanto, é fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

Vale destacar que a valorização de narrativas de pessoas e grupos pode fazer da história oral uma forma de resistência quando se abordam questões envolvendo movimentos sociais, lutas por direitos e disputas socioespaciais. Ademais, revela a importância do falar e do ouvir, pois não existe história oral sem diálogo. Essa conversação quebra paradigmas e concepções científicas fechadas a círculos de profissionais pois, por mais erudito que seja, o pesquisador terá o que aprender ouvindo o outro. Nesse sentido, é possível lembrar os ensinamentos do professor Paulo Freire que destacaram o diálogo como aprendizado mútuo, entre educador-educando, no caso desta pesquisa, entre pesquisador-narrador.

Cada narrativa oral é única, composta por gestos, entonações de voz, olhares e imaginação. Por isso, não pode ser resumida a simples informações aferidas por um narrador de boa memória. A partir de Paul Zumthor (2000), é possível pensar que a voz remete à imagem e a imagem ao corpo, por isso é fundamental considerar a performance no processo narrativo como aquilo que transforma o outro, pois o mundo é uma experiência de relações.

A compreensão do destinatário do discurso, como o sente e o imagina o falante ou aquele que escreve, é uma questão fundamental no trabalho com narrativas. Apontando que quase não se levava em consideração a questão geral do enunciado e seus tipos, Bakhtin (2016) rompeu barreiras na linguística e indicou que cada época, corrente ou gênero literário e estilo ficcional possuem concepções específicas de destinatário da obra literária, bem como compreensões a respeito de seu leitor, ouvinte, público ou povo.

Portanto, sem levar em conta a relação do falante com o outro e seus enunciados presentes e antecipáveis, é impossível compreender o gênero ou estilo do discurso. Assim, a escolha de todos os recursos linguísticos é feita pelo falante sob maior ou menor influência do destinatário e de sua resposta antecipada.

Nesse sentido, o autor de um enunciado é o receptor, pois não mantém posição passiva, mas ativa no enunciado. O sujeito da fala é, ao mesmo tempo, o sujeito que ouve, e no dito está o não-dito. Por isso, o enunciado é sempre uma resposta ao outro, procurando o sentido e dando movimento, diferente da oração, que é fixa.

É possível concluir que, durante uma narrativa, emissor e receptor imaginam um ao outro, sempre respondendo a uma questão do presente. O narrador dá movimento e procura o sentido, mas, em resposta ao outro que não é um sujeito passivo, pois este também participa da constituição do enunciado.

Assim, a história oral, em suas diferentes abordagens e perspectivas, traduz o que há de mais intrínseco à comunicação humana: um sujeito que fala e outro que ouve, ambos exercendo o direito de imaginar o mundo ao mesmo tempo em que imaginam um ao outro. Se a história oral busca experiências, ela é, em si própria, uma experiência única, por isso é capaz de produzir um conhecimento diferenciado a partir de uma relação dialógica e experiencial.

Nesse sentido, ela contribui para a constituição de novas estratégias, modelos de gestão e resolução de problemas públicos, considerando que é uma relação dialógica que expressa o direito de imaginar, propondo que, em conjunto, possa-se imaginar e mudar o mundo. Portanto, mudança, imaginação e diálogo são os três pilares que constituem uma avaliação de políticas públicas a partir da história oral.

É preciso perceber, no entanto, que as falas dos entrevistados não são a avaliação propriamente dita, pois cabe ao pesquisador-avaliador desenvolver indicadores socioculturais, bem como explicitar problemas públicos e propor políticas em resposta.

O que há de específico à história oral e que a caracteriza em relação a outras abordagens investigativas que se centram no estudo da oralidade humana é o trato de um problema norteador temporal e a importância dada às narrativas em sua compreensão. Um problema norteador temporal é uma questão de interesse social que intriga o presente e que, para sua compreensão e análise, implica uma investigação que perpassa a relação homem-tempo (e espaço). Portanto, nem sempre um problema norteador temporal mobiliza estudos, sendo uma interrogação do presente que precisa se relacionar de forma dialética com outras temporalidades.

Os problemas públicos também são questões de interesse social que intrigam o presente e que, para uma aprofundada compreensão e análise, exigem uma investigação que perpassa a relação homem-tempo-espaço. Por isso, a avaliação de políticas públicas a partir da história oral permite constituir indicadores socioculturais, caracterizando-se por

potencialidades analíticas de forma ampliada ou em profundidade, ao considerar os grupos demandantes em suas especificidades locais.

Portanto, para ser uma avaliação de políticas públicas a partir da história oral, é preciso que a oralidade seja o centro de investigação, valorizada como sendo capaz de subsidiar a elaboração de indicadores socioculturais. A valorização da oralidade em uma sociedade dita científica pode parecer loucura, visto que as avaliações de políticas públicas se utilizam de métodos de investigação sofisticados – sobretudo modelos econométricos – os quais valorizam metodologias quantitativas de pesquisa.

Todavia, é exatamente nesse ponto que reside a importância de uma avaliação de políticas públicas a partir da história oral: valorizar a oralidade humana, o contato com o outro na constituição do conhecimento, na compreensão de problemas e no traçar de medidas para enfrentá-los. A concepção científica positivista ainda impera em meios acadêmicos e profissionais, desconfiando da oralidade e exaltando noções específicas aos saberes de tecnocratas, mas, muitas vezes, sem a sensibilidade de ouvir, olhar ou falar com o outro.

Uma avaliação de políticas públicas a partir da história oral recupera esses três sentidos: não é um conhecimento produzido em gabinetes, nem em laboratórios, ou em uma base de dados de computadores; não se trata de realizar pesquisa de opinião ou satisfação com usuários de bens públicos a partir de questionários via internet ou censos demográficos; uma avaliação de políticas públicas a partir da história oral implica *ouvir, olhar e falar*.

A valorização dos três sentidos se dá porque a oralidade não se resume à dimensão da fala. O falar é fundamental, mas não tem sentido sem o ouvir, pois é uma resposta à escuta. Nessa relação dialógica, falar e ouvir são permeados pela imaginação. Um sujeito fala a partir do que imagina a respeito de seu ouvinte e, este, aceita ouvir em função do que imagina sobre o falante. O ouvir é uma resposta, mas o olhar também responde ao outro. Durante uma narrativa oral, os olhares também fazem parte da performance do narrador, reforçando falas, desviando questões, bem como de seu ouvinte que ao concordar ou desprezar determinados assuntos pode inibir ou reforçar as falas, mas isso é típico da comunicação humana, como apontado anteriormente em Bakhtin (2016). Chamou-se a atenção para a história oral enquanto ouvir, olhar e falar porque o que a caracteriza é a produção de um diálogo frente a frente¹².

¹²Em entrevistas que realizei por e-mail e telefone pude perceber a constituição de performances específicas à utilização destes meios, fugindo da valorização dos três sentidos pertinentes à história oral. Vale ressaltar que em virtude da popularização de tecnologias, com as facilidades de comunicação através da internet, fui interpelado a realizar entrevista via aplicativo WhatsApp com moradora da Praia de Iracema, mas preferi convencê-la a realizar a entrevista presencialmente, a fim de valorizar os três sentidos citados.

Além disso, a história oral valoriza o corpo como forma de produção do saber. Retomando Zumthor (2000), é possível compreender que a performance está intrinsecamente relacionada à experiência com o corpo, justificando o porquê de a relação dialógica que caracteriza a história oral deva ser frente a frente. As narrativas orais não se limitam às falas, olhares e escutas, mas possuindo cada narrador performances corporais diferenciadas, a partir da familiaridade com o ouvinte, do ambiente em que narra, da situação vivenciada com o outro e de seu interesse em tratar do assunto.

A história oral, portanto, resgata o valor de um conhecimento produzido com o outro, ouvindo-o, vendo-o e falando com ele. Também demonstra que o saber está na rua, na fala, no corpo, cabendo à ciência produzir observações. Assim, valoriza-se o que há de mais essencial no ser humano por vezes negligenciado por uma sociedade na qual pessoas estão atrás de redes de computadores e que, muitas vezes, desvalorizam o contato direto com o outro. A oralidade, portanto, é o sentido mais humano ao combinar ouvir, olhar, falar e imaginar para constituir um diálogo. Por isso, uma avaliação de políticas públicas a partir da história oral possui o mérito de valorizar a oralidade enquanto fonte de saber e de prática em sociedade, constituindo um conhecimento com o outro e para o outro.

É fundamental que o conhecimento produzido a partir da avaliação retorne às comunidades que o geraram na forma de indicadores sociais e de políticas em resposta aos problemas públicos enfrentados. Não que o pesquisador-avaliador deva apresentar-se como o juiz ou desenvolver uma agenda de negociação como em Guba e Lincoln (1989), mas seja capaz de promover uma compreensão do problema público a partir das narrativas, contribuindo para sua definição e no traçar de políticas para enfrentá-lo.

Desta forma, o trabalho do pesquisador consiste em desenvolver as questões norteadoras da pesquisa através de seu trabalho de campo, de entrevistas iniciais e do debate com trabalhos acadêmicos e documentação oficial. Posteriormente, averiguar possíveis entrevistados, elencados desde a etapa do projeto de pesquisa, e, na parte mais avançada da investigação, realizar entrevistas em profundidade, tecendo redes de entrevistados em função de indicações sugeridas por seus interlocutores. Também é importante o desenvolvimento de registros de pesquisa como fotografias e diários de campo.

Sobre semelhanças, repetições e diferenças na forma ou conteúdo de narrativas, o pesquisador precisa estar atento às disputas e conflitos em torno de interesses e demandas por diferentes pessoas e grupos. Também deve considerar as subjetividades de cada entrevistado, tendo em vista que diversos fatores como escolaridade, religião, opção política, grupos e entidades aos quais é filiado, influenciam as narrativas. Esses fatores são tradicionalmente

vistos como obstáculos à elaboração de um conhecimento verdadeiro e imparcial, porém, entende-se que, devidamente problematizados, enriquecem a pesquisa em história oral, pois são indicativos da complexidade ou do caleidoscópio representado por cada pessoa na vivência social.

As contradições, os conflitos, as disputas e interesses entre diferentes grupos sociais, ou até mesmo dentro do próprio narrador, indicam a complexidade que é tratar das relações humanas e sociais. Uma abordagem capaz de evidenciar essa complexidade, propondo estratégias, caminhos e atalhos para a sua compreensão, induz ganhos analíticos para a avaliação de políticas públicas.

Portanto, a construção de indicadores socioculturais é um desdobramento das entrevistas em história oral, definidas como narrativas. Esta abordagem está relacionada às especificidades locais, implicando conhecer o espaço em estudo, o bairro Praia de Iracema.

2.2 Localizando o bairro Praia de Iracema e a área de pesquisa

O nome Praia de Iracema é uma homenagem ao romance Iracema, do escritor cearense José de Alencar. A obra que retrata o encontro do branco Martim Soares Moreno com a índia Iracema é um romance indigenista do século XIX. O bairro adquiriu esse nome nos anos 1920, até então chamava-se Praia do Peixe, Porto das Jangadas ou Grauçá. Ao adquirir a alcunha de Praia de Iracema, as ruas do bairro ganharam nomes de tribos indígenas como Rua dos Tabajaras, Cariris, Tremembés, Potiguaras.¹³ Sendo um dos menores bairros da cidade de Fortaleza, a Praia de Iracema é também um dos menos populosos. Segundo o censo demográfico de 2010, o bairro possuía 3.130 habitantes¹⁴, do total de 2.452.185 da cidade¹⁵.

Fortaleza está dividida administrativamente em sete Secretarias Executivas Regionais (SER) que vão de I a VI, mais a Regional do Centro (Cercefór), abrigando atualmente 119 bairros. O bairro Praia de Iracema faz parte da SER II, tendo como limites o Oceano Atlântico ao norte, o bairro do Centro ao sul e ao oeste, e o bairro do Meireles a leste.

A localização do bairro Praia de Iracema é repleta de nuances. Partes que oficialmente pertencem ao bairro Centro são conhecidas e divulgadas como pertencendo à Praia de Iracema, fazendo com que representações associadas ao espaço como lugar de

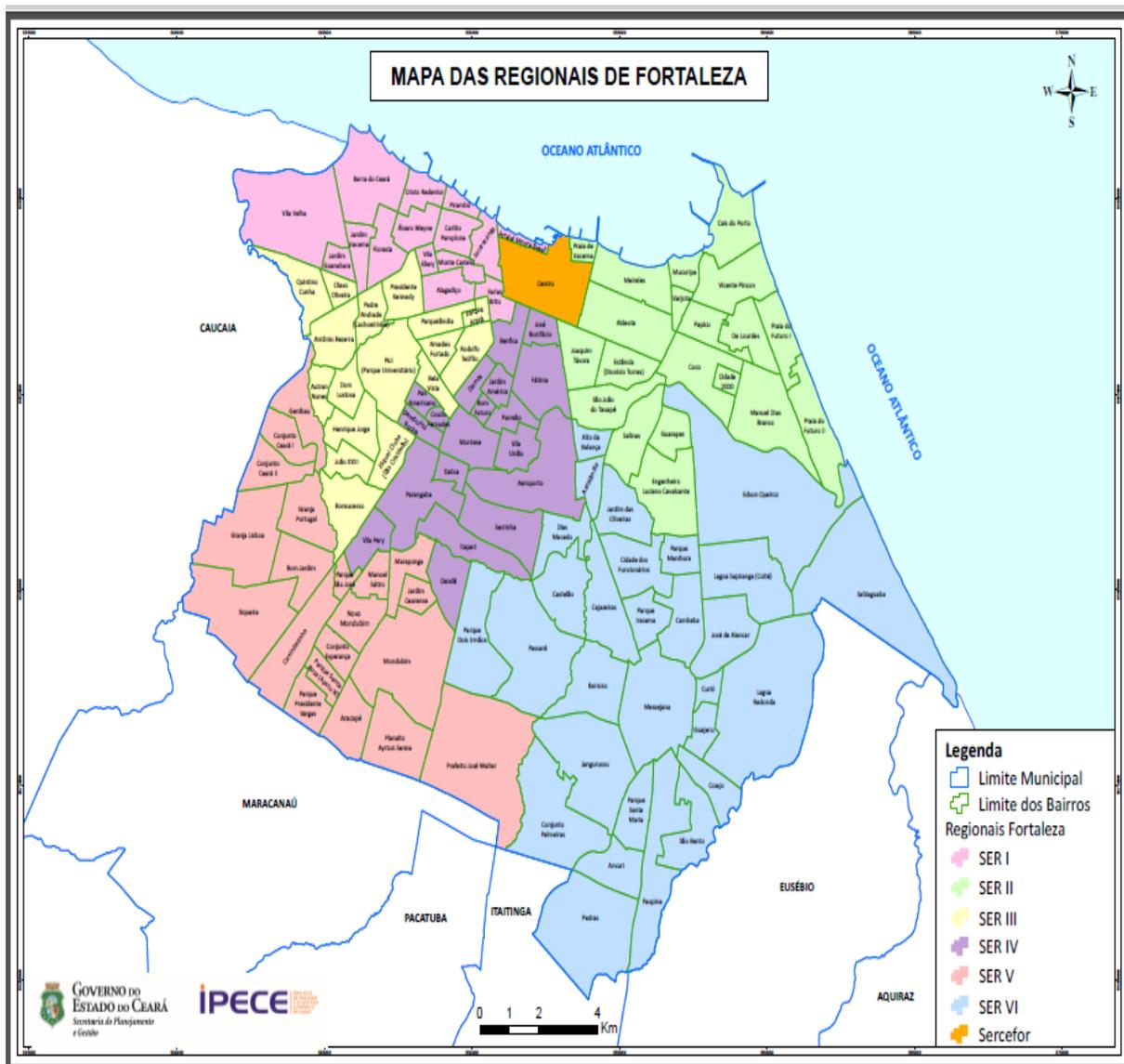
¹³ A história do bairro será tratada com maior profundidade no segundo capítulo desta dissertação.

¹⁴ O POVO. Anuário de Fortaleza 2012-2013. População por bairros – 2010. Disponível em: <http://www.anuariodefortaleza.com.br/fortalezenses/populacao-por-bairros-2010.php>. Acesso em: 14 ago. 2019 às 22:42.

¹⁵ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Fortaleza. População. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/panorama>. Acesso em: 14 ago. 2019 às 22:38.

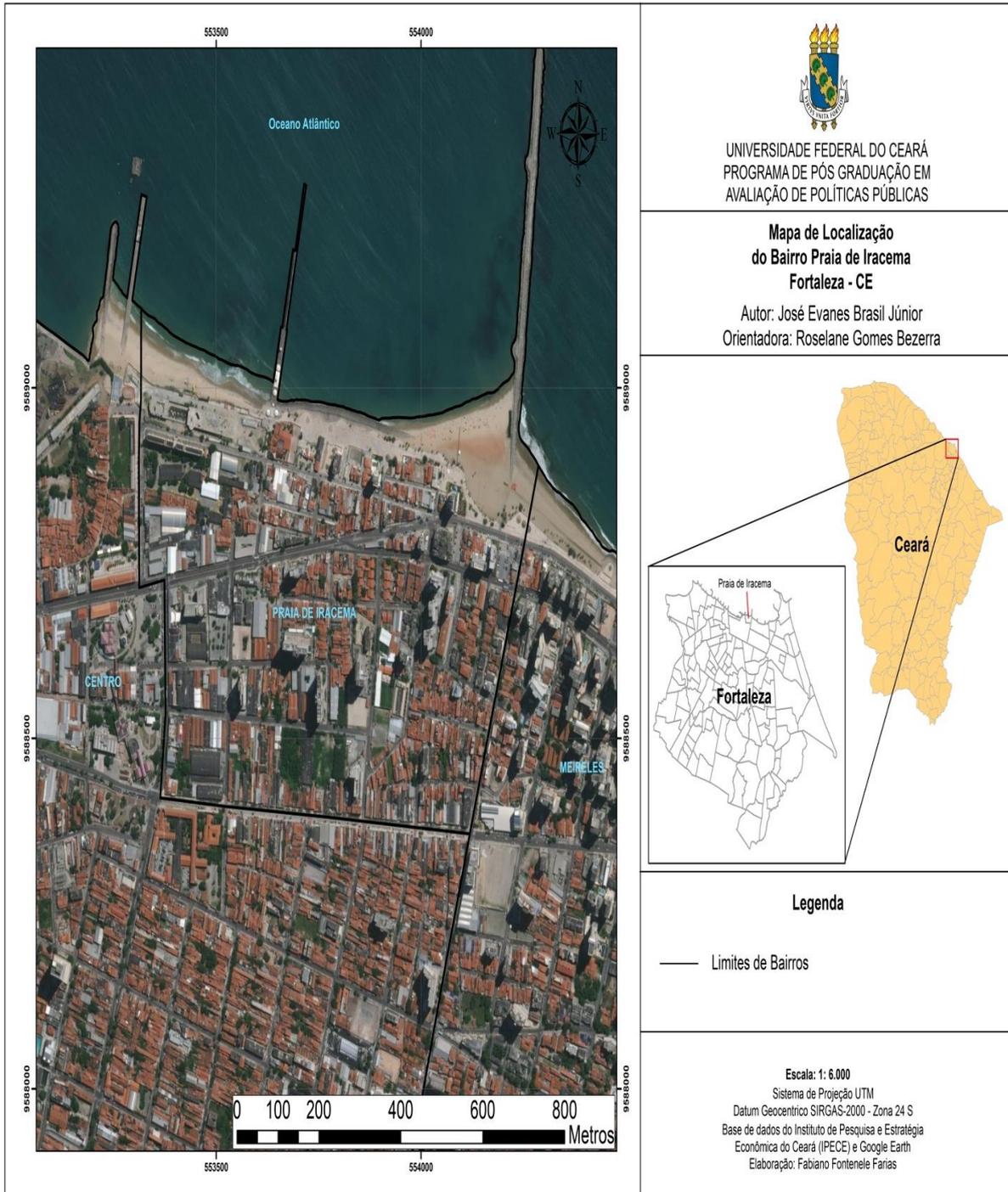
boemia, de cultura e de lazer, bem como a valorização imobiliária, associadas ao bairro Praia de Iracema, extrapolem suas fronteiras, atingindo áreas vizinhas. O principal exemplo é o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), construído nos anos 1990, que oficialmente pertence ao bairro Centro, mas cujo entorno é conhecido como Praia de Iracema do Dragão (BEZERRA, 2016).

Figura 1 – Mapa da divisão de Fortaleza em regionais



Fonte: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (2019).

Figura 2 – Mapa de localização do bairro Praia de Iracema, Fortaleza (CE)



Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

A Comunidade Poço da Draga é mais uma área que oficialmente pertence ao bairro Centro, mas que historicamente é atrelada ao bairro Praia de Iracema. Tradicionalmente, uma comunidade de pescadores e trabalhadores da indústria naval, abriga setores populares da região, sendo também conhecida entre moradores da Praia de Iracema como “Favela do Baixa-pau”. Apesar de enfrentar preconceitos, o Poço da Draga mantém

contato intrínseco com a Praia de Iracema o que faz da comunidade mais uma área que extrapola os limites oficiais do bairro. Além disso, a Comunidade Poço da Draga é historicamente marcada por mobilizações na luta por direitos, com destaque à moradia, sendo um importante núcleo de resistência de setores populares no contexto de metrópoles globalizadas, como será abordado ao longo deste trabalho.

Mas a disputa simbólica e de localização também se estende aos equipamentos públicos na área. No bairro Praia de Iracema existem duas pontes: a Ponte da Alfândega (Viaduto Moreira da Rocha, também conhecida como Ponte Velha), de estrutura metálica, que foi utilizada para desembarques, estando localizada nas imediações da Comunidade Poço da Draga, e a Ponte dos Ingleses (viaduto Lucas Bicalho), construída na década de 1920, não é uma ponte metálica, nem foi utilizada para desembarques. Interessante destacar que a Ponte dos Ingleses faz parte das obras de requalificação do poder público desde os anos 1990, sendo um dos principais cartões-postais da cidade de Fortaleza, também conhecida como Ponte Metálica.

Figura 3 – Ponte dos Ingleses



Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

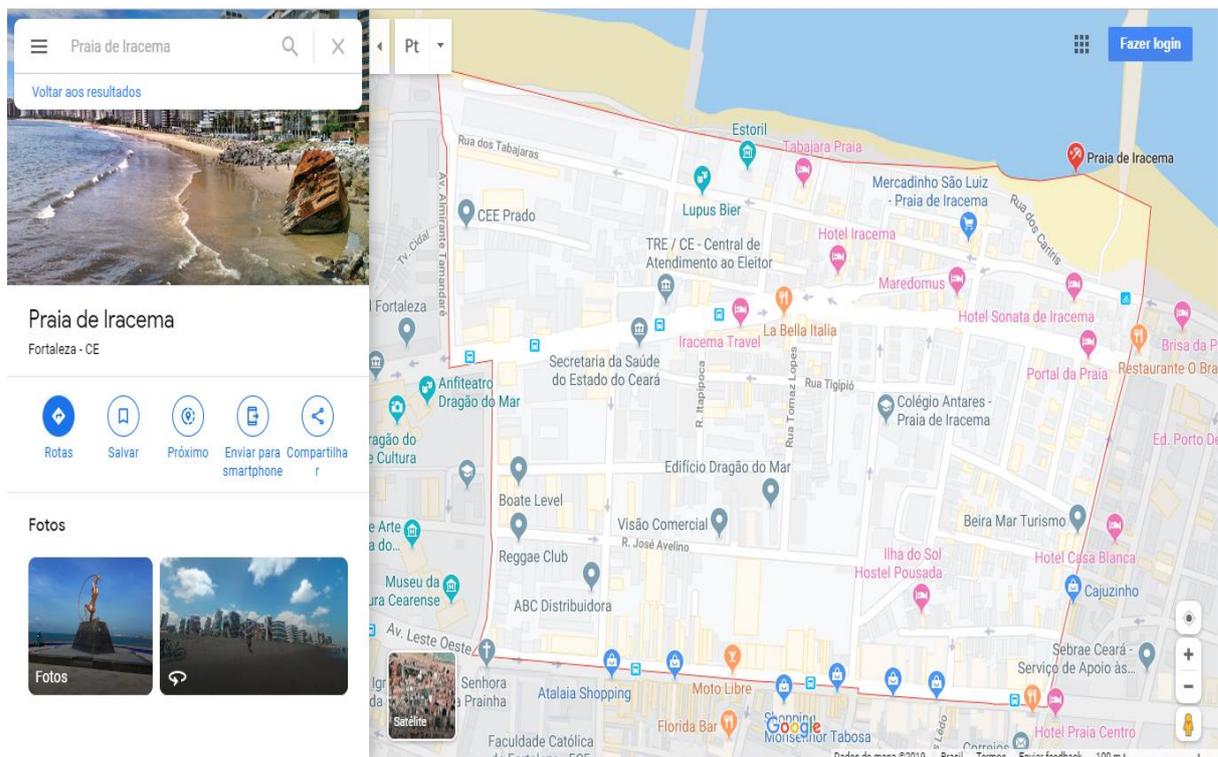
Figura 4 – Ponte da Alfândega vista da entrada da Ponte dos Ingleses



Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

O bairro Praia de Iracema situa-se entre as ruas João Cordeiro, Monsenhor Tabosa, Almirante Jaceguai, Almirante Tamandaré e Avenida Beira Mar.

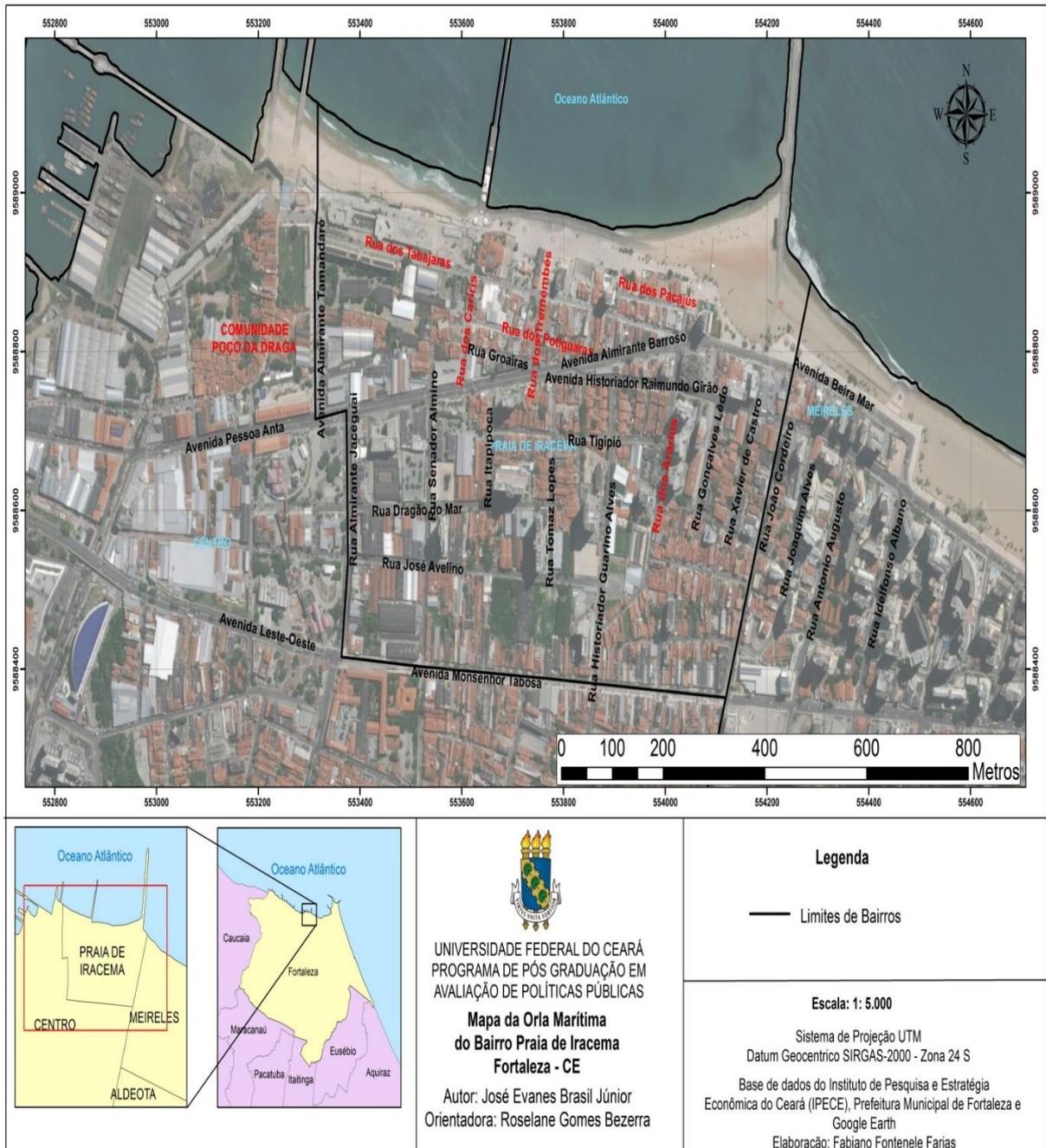
Figura 5 – Localização do bairro Praia de Iracema



Fonte: Google Maps (2019).

O mapa a seguir apresenta a divisão do bairro Praia de Iracema em ruas, observando seus limites oficiais, e aponta a área da pesquisa nomeada em vermelho.

Figura 6 – Lócus da pesquisa: orla marítima do bairro Praia de Iracema e Poço da Draga



Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

Nas proximidades da Praia de Iracema, a leste encontra-se o bairro Meireles, um dos bairros mais elitizados da cidade, reconhecido como ponto de concentração de investimentos públicos e privados, ligado ao bairro Praia de Iracema através da Avenida Beira-Mar. Tal fato provoca a apropriação de símbolos e de valores imobiliários,

considerando que a área mais próxima da avenida possui arranha-céus cotados em valores milionários, bem como uma infraestrutura de altíssimo padrão.

Fica evidente que saindo da Praia de Iracema em direção ao Meireles ocorre uma mudança no fluxo de pessoas e na qualidade dos equipamentos públicos como iluminação, segurança pública, quadras de voleibol, dentre outros, sendo igualmente perceptível a diferença nos equipamentos privados, tendo investimentos de maior envergadura concentrados a partir da Avenida Beira-Mar.

O fluxo de pessoas também é diferenciado porque a Avenida Beira Mar congrega setores elitizados da cidade, apesar da frequência de diversos grupos sociais. Porém, assim como na área em que se localiza o Dragão do Mar, é comum se falar entre a população que a região da Avenida Beira-Mar faz parte da Praia de Iracema, assim como que seu desenvolvimento intrínseco ao bairro a torna mais uma área que foi apropriada pelo bairro e que se apropria dele.

Outra importante área na fronteira entre a Praia de Iracema e o Meireles é a Avenida Monsenhor Tabosa. Por concentrar investimentos públicos e privados, ser de forte interesse para o turismo, hotelaria e demais setores de serviço na cidade, também é fortemente associada ao bairro Praia de Iracema. O contato com servidores públicos da atual gestão indicou que políticas públicas implementadas na Avenida Monsenhor Tabosa são consideradas como sendo na Praia de Iracema, tanto é que estabelecimentos comerciais localizados na Avenida são divulgados como localizados no bairro¹⁶.

Portanto, a localização do bairro Praia de Iracema inclui disputas simbólicas e imagéticas, mas também o sentimento de pertença, a atenção do poder público e de investidores privados. Os limites oficiais do bairro não são os determinantes principais, haja vista que o nome Praia de Iracema carrega marcas simbólicas que extrapolam definições territoriais da Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF). Isso demonstra que, para além das definições do Estado, a sociedade em disputas espaciais é que define os territórios urbanos, não só a partir de aspectos econômicos, mas culturais, políticos e sociais. Portanto, torna-se fundamental pensar a Praia de Iracema de forma ampliada, indagando como os usos e apropriações do espaço urbano definem territórios na cidade.

¹⁶ É importante destacar que esta realidade não é restrita ao bairro Praia de Iracema: Em Fortaleza várias áreas se confundem com diferentes bairros, inclusive, é comum que contas de água e luz possuam endereços de bairros diferentes. Este processo faz parte da história urbana da cidade.

Assim, esta pesquisa tem como recorte espacial a orla marítima do bairro Praia de Iracema, considerando a Ponte da Alfândega (Viaduto Lucas Bicalho), no Poço da Draga, até o espigão da Rua João Cordeiro, destacando, portanto, as ruas de nomes indígenas do bairro.

A escolha se justifica pelo interesse das gestões públicas municipais e estaduais em implementar políticas públicas de requalificação no espaço desde os anos 1990. Isto porque as políticas de intervenção estiveram pautadas no reconhecimento de potencialidades de turismo, lazer e cultura na orla marítima do bairro Praia de Iracema. Entretanto, é preciso reconhecer que as políticas de requalificação não devem se resumir aos aspectos econômicos, exigindo um debate que considere as demandas dos grupos sociais que vivenciam os territórios.

Para tanto, é preciso considerar o entorno da orla marítima, desde o Poço da Draga às ruas de nomenclatura indígena, como destacado na última imagem, envolvendo questões políticas, econômicas, sociais e culturais como políticas de requalificação implementadas ao longo do tempo, ressaltando a importância do turismo, lazer e cultura para as intervenções, os interesses do setor privado, a especulação imobiliária e as mobilizações de moradores, bem como as problemáticas relacionadas ao bairro.

Em virtude do interesse por pesquisar este conjunto de questões em profundidade, levando em conta as limitações de tempo pertinentes ao processo de desenvolvimento de uma dissertação de mestrado, considerou-se importante enfatizar as políticas de intervenção implementadas pela PMF desde os anos 1990. Em alguns momentos, abordaram-se políticas públicas estaduais, contudo, o foco deste trabalho é sob o papel das políticas de requalificação a nível municipal, destacando os projetos políticos pertinentes às gestões que comandavam o executivo.

Para esta avaliação de políticas públicas, é fundamental que o pesquisador realize um estudo acerca de grupos que historicamente possuam vínculos com o espaço pesquisado. A partir disso, o avaliador de políticas públicas entra em contato com pessoas que possam contribuir na constituição de narrativas, abordadas em perspectiva individual e social. Dessa forma, apresento a seguir os grupos elencados e os motivos de escolha, apontando sua importância para a história do bairro Praia de Iracema e para os processos de requalificação avaliados nesta dissertação.

2.3 Narradores da história do bairro Praia de Iracema

Para uma avaliação de políticas públicas no bairro Praia de Iracema que se concentre na história oral, é de suma importância conhecer os narradores que contribuíram para a pesquisa. São homens e mulheres que possuem experiências sócio-históricas com o bairro e que, ao serem procurados pelo pesquisador, dispuseram-se a narrar a respeito.

Todos os narradores contribuíram para o estudo de forma livre, dedicando tempo para conversar com o pesquisador. Vale destacar que não se exclui outros narradores, mas que foram ouvidos apenas aqueles que o contato se tornou possível e viável durante a pesquisa de campo. Além disso, este trabalho não possui a ingenuidade de acreditar em sua capacidade de registrar toda a história do bairro Praia de Iracema.

Através do trabalho de campo e de intensa pesquisa bibliográfica e documental, buscou-se identificar narrativas e representações simbólicas associadas ao bairro Praia de Iracema. Para tanto, as entrevistas foram realizadas com: a) moradores; b) artistas, profissionais liberais e boêmios; c) empresários¹⁷.

Vale salientar que este esforço advém da advertência de Jucá (2011), que apontou que em grande parte dos trabalhos publicados não se encontram referências satisfatórias acerca dos motivos da indicação das pessoas entrevistadas, o que pode reforçar o argumento de uma proposta de análise preconcebida que garantiria de antemão a validade das conclusões a serem apresentadas (JUCÁ, 2011, p. 20). Nesse sentido, o pesquisador deve explicitar os motivos que o levaram à escolha dos narradores, bem como suas contribuições para os objetivos da pesquisa. Ressalta-se que também se partilhou do conceito de narrativa segundo Jucá (2011), definida como sendo a maneira de elaboração do discurso¹⁸.

Ainda de acordo com o autor supramencionado, a história oral constitui uma metodologia que necessita de um apoio teórico, a fim de não se reduzir a uma simples técnica, uma vez que a história oral, sem o apoio teórico, reduz a pesquisa a uma simples transcrição de entrevistas, carente de uma explicação reflexiva, desconsiderando, muitas vezes, a participação do pesquisador na construção do conteúdo temático proposto (JUCÁ, 2011, p. 31).

¹⁷ Contou-se também com entrevistas com gestores públicos para esclarecimentos acerca de questões que se desdobraram em virtude do trabalho de campo. Optou-se também pelo estudo de materiais de campanha, periódicos on-line, conversas informais e participação em eventos para conhecer o trabalho de gestores, bem como suas narrativas associadas ao bairro Praia de Iracema.

¹⁸ O autor explica que este conceito também é denominado como estilo, trama ou urdidura do enredo, de acordo com outros historiadores como Peter Gay, Paul Veyne e Hayden White, respectivamente (JUCÁ, 2011, p. 31).

Os grupos visam facilitar o processo de realização de entrevistas, avaliação de demandas e elaboração de indicadores, não sendo categorias fechadas e excludentes. Cumpre destacar que alguns narradores não fazem parte de apenas um grupo: às vezes, o narrador é morador e artista, artista e gestor, dentre outras opções¹⁹.

Além disso, a pesquisa destaca os grupos sociais como atores sociais e históricos, bem como valoriza as experiências individuais dos narradores. Assim, valoriza-se o grupo sem esquecer das especificidades de cada narrador em sua individualidade, subjetividades, dificuldades e anseios pessoais.

Portanto, as narrativas orais serão o objeto de análise que permitirá a construção dos indicadores socioculturais, utilizados como parâmetros para esta avaliação de políticas públicas. Por isso, nem todos os narradores serão identificados, apenas aqueles que possuem atuação pública reconhecida. No entanto, também se levou em consideração as conversas informais (não identificadas) e observações registradas em diários de campo.

2.3.1 Moradores

Todo processo de requalificação deve ser iniciado a partir de um contato com as demandas desse grupo, pois elas constituem os anseios mais imediatos de um bairro. Os moradores são grupos demandantes em políticas públicas relacionadas não apenas à moradia, mas também à segurança pública, à saúde, à educação, à mobilidade urbana, ao meio ambiente, à geração de emprego e renda, entre outras questões. Além disso:

Qualquer estudo da paisagem não pode restringir-se somente à análise de seus componentes físicos, precisa incluir também as imagens subjetivas que se estabelecem entre o homem e o meio. Dentro dessa concepção, o estudo da paisagem da Praia de Iracema assume caráter social, tendo em vista que, além dos componentes paisagísticos naturais construídos, abarca ainda as manifestações cognitivas e afetivas dos moradores (EVANGELISTA, 2013, p. 78).

Vale destacar que alguns moradores do bairro também são empresários, artistas, boêmios ou mesmo gestores públicos, o que fez a pesquisa não considerar o grupo de forma fechada, mas sim reconhecer demandas específicas ao morador.

Visto que um dos principais objetivos da pesquisa é a valorização da história do bairro para um processo de requalificação, foram entrevistados moradores em condições de

¹⁹ Por exemplo, na mesma entrevista se o narrador é morador e artista, considerou-se o que a narrativa indicou sobre as demandas de morador e as demandas de artista. Mas vale ressaltar que não se deve determinar a narrativa ao grupo, como se fossem coesas entre um mesmo conjunto de entrevistados. Devem-se considerar as subjetividades de cada narrador o que a princípio pareceu um empecilho à pesquisa, mas que, pelo contrário, enriqueceu esta proposta avaliativa.

narrar a respeito da Praia de Iracema ao longo do tempo e, sendo assim, entrevistaram-se antigos moradores do bairro.

As narrativas de moradores contribuem para se traçar questões demandadas, sendo fundamentais para a elaboração de indicadores socioculturais, tais como o de pertencimento e o grau de atendimento às demandas locais²⁰. A valorização de narrativas orais que destacaram os processos de requalificação, também apontaram caminhos e atalhos para o processo de constituição de políticas públicas no bairro Praia de Iracema.

Neste grupo, também foram incluídos os moradores do Poço da Draga, em razão de sua história vinculada à Praia de Iracema, embora oficialmente a região pertença ao bairro Centro. Narrativas indicam a resistência de moradores do Poço da Draga na luta por moradia na orla marítima da Praia de Iracema, questão que precisa ser considerada pelas políticas públicas de requalificação urbana.

A inclusão foi um desdobramento do trabalho de campo e da elaboração de indicadores socioculturais, pois se percebeu que os limites oficiais não determinam as demarcações territoriais na orla. Além disso, os moradores do Poço da Draga são grupos demandantes, sobretudo em se tratando de problemáticas relacionadas à moradia na orla do bairro Praia de Iracema, também contribuindo para traçar sugestões de políticas públicas para a área.

Vale destacar também que existem narrativas de resistência e de luta por direitos realizadas por moradores do perímetro oficial da Praia de Iracema. Em 1982, foi fundada a Associação dos Moradores da Praia de Iracema (AMPI), pioneira na resistência às problemáticas enfrentadas. As críticas versavam a respeito da poluição sonora, do tráfego desordenado, do crescimento da prostituição, da insegurança e do aumento do preço de aluguéis. Embora a AMPI não seja, nos dias de hoje, a principal associação, seu pioneirismo foi fundamental na luta pelo atendimento às demandas de moradores do bairro. Portanto, existem narrativas de diversos grupos demandantes, bem como experiências sócio-históricas de lutas por políticas públicas no bairro Praia de Iracema.

No processo de seleção dos entrevistados, considerou-se tanto a experiência individual do narrador como os seus vínculos com grupos sociais. Destaca-se que, na etapa de sondagem, foi demonstrado o interesse em entrar em contato com antigos moradores interessados em narrar a história do bairro. Posteriormente, utilizou-se da abordagem da

²⁰ A construção dos indicadores socioculturais seguiu a proposta de Gonçalves (2008), em debate com os estudos e pesquisas em História, Antropologia, Sociologia Urbana e Avaliação de Políticas Públicas. Os indicadores socioculturais serão tratados em profundidade no capítulo 4 desta dissertação.

entrevista em redes: o entrevistado é convidado a indicar o próximo narrador a compor a rede. Esta indicação permite analisar os vínculos individuais e sociais do entrevistado, bem como constituir indicadores de suas demandas. Além disso, facilita a inserção do pesquisador no território e o contato com os diversos grupos sociais.

Sobre o Poço da Draga, foi fundamental o contato com a ONG Velaumar, importante núcleo de resistência da Comunidade. Responsável por eventos como o Aniversário do Poço da Draga e atividades sociais e educativas, a ONG Velaumar realiza importante trabalho de mobilização na comunidade.

2.3.2 Artistas, profissionais liberais e boêmios

A Praia de Iracema é fortemente marcada por representações de boemia, associada a artistas e profissionais liberais, como poetas, cantores, compositores, fotógrafos, arquitetos, jornalistas, artistas plásticos, entre outros. Por isso, as narrativas a respeito da história da Praia de Iracema devem considerar estes grupos, sobretudo em se tratando de questões simbólicas, como o pertencimento ao bairro.

Os grupos referidos são importantes na medida em que a Praia de Iracema é considerada como inspiração para o mundo das artes em diversos campos, não só na atualidade, mas ao longo de toda sua história. Canções como “Adeus, Praia de Iracema”, do compositor Luiz Assumpção (1954) e “Longarinas”, de Ednardo (1978), são exemplos de obras que tiveram como temática o bairro. Vale destacar que a experiência tida com a elaboração de monografia sobre a história e as memórias associadas aos artistas do Cais Bar também contribuiu para o contato com os narradores (BRASIL JÚNIOR, 2017).

A professora Solange Schramm que, em sua dissertação de mestrado na área da Sociologia, tratou de memórias coletivas e produção do espaço urbano na Praia de Iracema, coletou expressões em matérias jornalísticas que demonstravam a importância da produção artística desenvolvida no bairro:

O bairro passa a ser tema de significativa produção artística, a exemplo dos escritos de Luciano Maia, Airton Monte e Rogaciano Leite Filho; da pintura de Hélio Rola; dos desenhos de Alano Freitas e Audifax Rios. O fato de se constituírem em grupo “formador de opinião”- proveniente da classe média, de formação universitária- contribuiu para que suas vivências no bairro passassem a lhe emprestar uma certa “identidade”, conferindo-lhe atributos de “cenário lítero-artístico-cultural da noite de Fortaleza”, “referencial artístico e político”, além de fortalecer a imagem já existente daquele território como reduto “poético e boêmio”, “local bucólico e sentimental”, “musa inspiradora” [...] (SCHRAMM, 2001, p. 81).

Muitos artistas e profissionais liberais se reconhecem como boêmios, o que foi considerado nesta pesquisa. Embora sob um perfil diferente das juventudes²¹ que frequentam o bairro atualmente, os boêmios são grupos de antigos moradores/frequentadores que possuem laços afetivos com bares, notadamente: Bar do Mincharia, Estoril, Cais Bar.

Segundo Bezerra (2008), a boemia é uma representação partilhada por esses grupos, identificados com bares e com o lazer noturno entre amigos regado a bebida. O Bar do Mincharia é o principal herdeiro dos bares boêmios da Praia de Iracema, sendo frequentado nas noites de sexta-feira por homens que se afirmam como boêmios. A maioria possui idade superior a 65 anos, sendo antigos amigos, moradores ou frequentadores do bairro há décadas. Suas narrativas também foram consideradas para a elaboração deste trabalho.

Consideraram-se também narrativas de artistas e profissionais liberais frequentadores dos bares boêmios que atualmente não possuem vínculos diretos com a Praia de Iracema. Inicialmente, estas narrativas não foram cogitadas, sendo utilizadas apenas para introduzir o pesquisador em assuntos e problemáticas acerca das transformações no bairro. Porém, perceberam-se os ganhos com a valorização destas narrativas na medida em que narradores, por não se sentirem pressionados por interesses de ordem política ou econômica²², demonstraram-se abertos a dialogar a respeito de questões importantes para o desenvolvimento da análise proposta neste trabalho.

No campo da fotografia, destacou-se a entrevista com Jacques Antunes, que foi morador e trabalhou por décadas com o ramo no bairro Praia de Iracema, contribuindo para se pensar a respeito da importância do trabalho de artistas plásticos e produtores culturais em protestos contra o que ele denominou como “processo de ressignificação vivenciado pela Praia de Iracema”. O fotógrafo Jacques Antunes também colaborou, através de seu acervo, para a aquisição de fotografias que estão presentes neste trabalho.

Diante desse contexto, artistas, profissionais liberais e boêmios contribuem para se pensar em questões como vínculos afetivos, sendo capazes de desenvolver narrativas de importante valor histórico e cultural. Cumpre observar que muitos possuem formação em nível superior, caracterizando-se como elite intelectual, todavia, esses grupos não são homogêneos, o que implica considerar disputas sociais, mas também as subjetividades de cada narrador.

²¹ Em virtude da pluralidade dos grupos de jovens, considerando diferentes usos e apropriações da orla marítima da Praia de Iracema, prefere-se utilizar o termo juventudes (no plural, ao invés de juventude) ao longo desta dissertação.

²² Isto não significa que os narradores com envolvimento político-econômico direto não sejam importantes, ou que mentiram e ocultaram determinadas questões. Porém, é evidente que grupos, sem o envolvimento direto, desenvolvem narrativas diferenciadas que contribuíram para esta pesquisa.

Vale destacar que, como o bairro Praia de Iracema foi reconhecido como boêmio por décadas e talvez ainda o seja, experiências e memórias desses narradores devem ser consideradas porque ajudam a refletir acerca de sentidos atribuídos à Praia de Iracema, podendo contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas de intervenção territorial no bairro.

Ao valorizar esses grupos, considerando memórias, usos e apropriações da orla marítima do bairro Praia de Iracema, este trabalho se mostra como capaz de identificar aspectos socioculturais da área em estudo, algo difícil de ser realizado por pesquisas tradicionais no campo das políticas públicas que seguem indicadores baseados em manuais que priorizam o quantitativismo.

2.3.3 Empresários

A pesquisa considerou a economia do bairro Praia de Iracema ao longo de sua história recente, buscando, empresários cujos empreendimentos se destacaram na orla marítima do bairro. Assim, foram fundamentais as entrevistas de Rodolfie Trindade (Pirata Bar), Joaquim Ernesto (Cais Bar) e Carlinhos Aragão (Bar do Mincharia).

Mas por que entrevistar esses três empresários? As narrativas desses empresários foram importantes por abordar a história do bairro desde os anos 1980, quando então a Praia de Iracema vivenciou um período de efervescência cultural, notadamente por conta da intensa presença de artistas e intelectuais na boemia. Também foi possível adentrar nas transformações ocorridas no bairro, com as políticas de requalificação e o crescimento do turismo nos 1990, tendo sido abordado ainda o período de crise do início dos anos 2000, conhecido como “decadência”.

O Cais Bar, atualmente localizado no município de Pedra Branca, no interior do Ceará²³, foi um dos principais espaços aglutinadores de artistas e intelectuais da boemia. Ainda nos anos 1990, no período de dificuldades para a gravação de discos, o bar possuía o Estúdio Iracema, onde diversos artistas que hoje se destacam na cena cultural do Ceará gravaram canções e alargaram parcerias, contribuindo para o desenvolvimento de suas carreiras, como Tarcísio Sardinha²⁴, Serrão de Castro²⁵, Aparecida Silvino²⁶, entre outros.

²³ Após tentativas de reabrir o Cais Bar em Fortaleza, Joaquim Ernesto e seu irmão, o médico Xico Barreto, decidiram empreender na cidade de Pedra Branca, onde residem atualmente. O município dista aproximadamente 295 km da capital Fortaleza. O Cais Bar da Serra foi aberto em 2017, destacando-se por sediar o evento 1º Fest MPB-2019 (Festival de Música de Pedra Branca-CE).

²⁴ Mestre do chorinho e grande personalidade da cena artística do Ceará.

Narrativas envolvendo as noites no Cais Bar destacam relacionamentos amorosos no bar; o “pedacinho do céu”, um empanado característico do Cais Bar; as feijoadas e o chorinho de sábado à tarde; bem como debates políticos, sociais e culturais, indicam sua importância para a história recente do bairro.

O fechamento do Cais Bar, no ano de 2003, também é expresso em narrativas que destacam a decadência da Praia de Iracema do início dos anos 2000, apontando o crescimento do turismo sexual, tráfico de drogas, especulação imobiliária no bairro, além do aprofundamento da violência urbana e do afastamento de frequentadores.

O Pirata Bar e o Bar do Mincharia, por sua vez, continuam em funcionamento no bairro Praia de Iracema nos dias de hoje. Os empresários à frente dos referidos bares fizeram parte do Conselho do Bairro Praia de Iracema, por iniciativa da gestão Roberto Cláudio e do Instituto Cultural Iracema. O senhor Rodolfie Trindade é herdeiro de Júlio Trindade, o fundador do Pirata Bar. Já o senhor Carlinhos Aragão está à frente do Bar do Mincharia, também seguindo o trabalho de seu pai, Haroldo Aragão.

O Pirata Bar é uma casa de shows fundada em 1986 que se destaca pelo evento conhecido como “segunda-feira mais louca do mundo”²⁷. Também foi palco de diversos shows de artistas locais e nacionais, exposições de artistas plásticos, lançamentos de livros, candidaturas políticas, entre outras modalidades de eventos. Vivenciando os períodos de ascensão e decadência recentes no bairro Praia de Iracema, continua sendo um dos principais pontos turísticos do bairro e da cidade de Fortaleza.

O Bar do Mincharia inicialmente era uma confraria dedicada ao amigo Antônio Aurilo Gurgel Nepomuceno, comerciante ligado ao universo boêmio da Praia de Iracema, conhecido como Mincharia. Tendo falecido em 1985, um grupo de amigos decidiu homenageá-lo fundando a Casa do Mincharia, sediada à Rua dos Pacajus, onde funcionou um bar e restaurante inicialmente de acesso restrito aos membros da associação. Posteriormente, a partir da proposta de um vereador²⁸, houve a desapropriação de uma casa localizada defronte e, após sua demolição, foi construído o espaço conhecido como Largo do Mincharia, que

²⁵ Cantor e compositor, morador da Praia de Iracema.

²⁶ Cantora, compositora e regente de música popular brasileira.

²⁷ Show e evento realizado às segundas-feiras no Pirata Bar, destacando-se pelo estilo forró. De 1992 até recentemente o Pirata Bar funcionou exclusivamente às segundas-feiras, mas atualmente também conta com programações às sextas-feiras. Após visitá-lo, o Jornal New York Times publicou um artigo declarando Fortaleza como o lugar com a mais movimentada segunda-feira no mundo. O Pirata Bar é um empreendimento cultural e turístico que incorpora, com ecletismo e irreverência, a festividade brasileira, tradições locais e a identidade cultural do Ceará (EVANGELISTA, 2013, p. 110).

²⁸ Segundo seu Carlinhos Aragão o vereador era conhecido como “Cacareco”, mas não recordou seu nome verdadeiro.

durante muito tempo pôde ser usufruído de forma ampla. Um quiosque foi construído no centro daquele espaço, onde esparramavam-se mesas e cadeiras, passando a ser usado como uma extensão da casa do Mincharia (SCHRAMM, 2001, p. 109).

Durante a gestão da prefeita Luizianne Lins, o Largo do Mincharia foi integrado às políticas de requalificação, sendo reformado e entregue como parte das políticas de intervenção territorial na Praia de Iracema no ano de 2013. Vale também destacar que o Bar do Mincharia, através de seu Carlinhos Aragão, fez parte do Conselho da Praia de Iracema durante a gestão Roberto Cláudio.

Às sextas-feiras, o Bar do Mincharia é reduto de encontro de grupos de homens, acompanhados por vezes de mulheres, com idade superior a 65 anos e que se assumem como boêmios. Na pesquisa de campo foi possível conhecer uma parte do grupo, percebendo seu bom humor como forma de sociabilidade, bem como a formação universitária, o que demonstrou seu perfil de elite intelectual.

Portanto, os empresários do Pirata Bar, do Cais Bar e do Bar do Mincharia foram considerados porque, através de estudos a respeito da história do bairro Praia de Iracema, de uma intensa pesquisa de campo e de entrevistas em profundidade, foram percebidos seus vínculos com políticas públicas de intervenção territorial na orla marítima da Praia de Iracema²⁹. Além disso, contribuem para a elaboração de indicadores socioculturais na medida em que diversas narrativas a respeito da Praia de Iracema se referem a estes espaços.

Desde a relação com o crescimento ou declínio do turismo, esses bares foram impactados por políticas de requalificação urbana que se propuseram a potencializar o setor, como também o lazer e a cultura na orla da Praia de Iracema.

Assim, considerou-se a história dos bares, bem como as dificuldades enfrentadas ao longo do tempo e a importância de políticas públicas implementadas na orla. Sendo necessário salientar que, durante o trabalho de campo, realizado com ênfase de Agosto a Outubro de 2019, o pesquisador manteve contato com outros estabelecimentos na orla marítima do bairro Praia de Iracema.

Assim, a pesquisa permitiu tecer importantes considerações sobre a história da Praia de Iracema e das políticas públicas de requalificação urbana implementadas em sua orla. O principal é que a avaliação de políticas públicas alcance o contexto socioespacial da área requalificada, abordando memórias e significações atribuídas a lugares, mas também a

²⁹ Desejou-se incluir o empresário conhecido como “Zé Pequeno” que por anos esteve à frente do restaurante Estoril, porém apesar da procura, não foi possível localizá-lo.

políticas e/ou programas. Desta forma, foi possível elaborar indicadores socioculturais, utilizados como parâmetros para esta avaliação.

3 O BAIRRO PRAIA DE IRACEMA EM FORTALEZA-CE: HISTÓRIA, MEMÓRIAS E RESISTÊNCIAS

*Quando a lua te procura
Também sente saudades
Do tempo que passou.
De um casal apaixonado
Entre beijos e abraços
Que tanta coisa jurou
Mas a causa do fracasso
Foi o mar enciumado
Que da praia se vingou.
(Luiz Assumpção, 1954).*

Este capítulo aborda as transformações urbanas no bairro Praia de Iracema ao longo do tempo que, de Praia do Peixe, tornou-se importante ponto turístico da cidade de Fortaleza por volta dos anos 1990. Nesse processo, destacam-se memórias afetivas associadas ao espaço urbano, bem como formas de resistências de grupos sociais no bairro.

O objetivo, portanto, é contextualizar o bairro Praia de Iracema quanto à sua história, geografia e aspectos culturais, tendo em vista a importância desse tipo de levantamento antes e durante o processo de implementação de políticas de requalificação urbana em áreas de valor histórico.

A proposta deste estudo é interdisciplinar, partindo do entendimento de que a realidade social é multifacetada, exigindo intenso debate entre diversas áreas da pesquisa social. Também se entende que é papel do gestor público compreender aspectos histórico-geográficos e culturais da área de intervenção, a fim de perceber demandas locais e suas respectivas motivações por parte dos grupos sociais que praticam o espaço urbano.

Inicialmente, o capítulo trata da história do bairro Praia de Iracema, abordando seu processo de formação e transformações ocorridas ao longo do século passado, relacionando-as com a história da cidade de Fortaleza. Tal abordagem se justifica porque os grupos sociais só podem ser compreendidos a partir de especificidades locais que se desenvolveram ao longo do tempo. Assim, o capítulo evidencia transformações no tocante à moradia, mas também períodos de efervescência cultural ao abordar empreendimentos como bares, restaurantes e seus vínculos com o crescimento/dificuldades da indústria do turismo, lazer e cultura no bairro.

Este capítulo também aborda a história da Comunidade do Poço da Draga, destacando sua intrínseca relação com o bairro Praia de Iracema. Observa-se a luta por moradia e a resistência de moradores ao longo da história da comunidade, enfatizando-se as

problemáticas urbanas enfrentadas, posto que os moradores do Poço da Draga também são grupos demandantes por políticas públicas de intervenção territorial na orla marítima da Praia de Iracema.

Por fim, o capítulo debate acerca dos conceitos de memória coletiva e memórias divididas, analisando-se importantes aspectos das disputas entre memórias associadas a acontecimentos históricos. Segue-se também a proposta de Bezerra (2016) sobre representações de boemia, adeus e eterno retorno em narrativas orais acerca da Praia de Iracema.

Vale ressaltar que esta pesquisa concorda com as observações de Schramm (2001), segundo as quais é fundamental investigar os marcos da constituição da Praia de Iracema como um espaço de acentuada referência simbólica na cidade de Fortaleza, desvendando como lhe foram atribuídas significações que a tornaram elemento veiculador de determinados valores (SCHRAMM, 2001, p. 62).

Contribuíram para a elaboração deste capítulo: narrativas orais, contato com acervos de fotografias e pesquisa em estudos acadêmicos. Os entrevistados são concebidos como narradores, seguindo o que foi abordado no capítulo anterior. Já as fotografias fazem parte de importantes acervos como Arquivos do Nirez e do fotógrafo Jacques Antunes. Os trabalhos acadêmicos, por sua vez, são referências em estudos sobre a Praia de Iracema e Poço da Draga, bem como no tocante à inovação conceitual em pesquisas que trabalham com memória.

3.1 Mergulhando na história do bairro: de Praia do Peixe a ponto de turismo requalificado

O bairro Praia de Iracema é uma importante referência para a história da cidade de Fortaleza. Cidade possuidora de intrínseca relação com o mar, Fortaleza suscita memórias de um ir e vir de eternas ondas, do calor tropical, das brancas areias formadas pela bravura de uma relação imemorial entre terra e mar. Os fortes ventos, acompanhados da brisa, também contagiavam o encontro.

Porém, essa paisagem também é acompanhada de criações humanas, em outras palavras, de intervenções que demonstram uma sociedade que transforma o espaço em urbano: arranha-céus luxuosos, pontes, calçadão, espigões, pedras para conter os verdes mares bravios em seu ir e vir de eternas ondas. Mas estas não são obras de apenas um criador: grupos humanos em sociedade transformam aquilo que poderia ser imemorial em seu,

atendendo interesses e demandas, traduzindo conflitos e disputas espaciais, fazendo do espaço urbano memorável.

Portanto, pensar o espaço urbano implica considerar os diferentes grupos que em seu viver, saber e fazer constituíram a cidade, o bairro e a rua, pois todo espaço urbano é histórico e social. Por conseguinte, as políticas urbanas devem considerar os grupos sociais que compõem a área em intervenção, a sua história, bem como as memórias associadas ao espaço urbano, que são carregadas de sentidos atribuídos que lhes conferem valores.

Mas, antes de adentrar na história do bairro Praia de Iracema, é preciso considerar que a cidade de Fortaleza é atualmente reconhecida nacional e internacionalmente por suas belas praias. O clima tropical, as poucas chuvas durante as altas estações e os verdes mares que compõem o cenário. Além das belezas naturais, as faixas de praia urbanizadas, como no caso da Avenida Beira-Mar e do calçadão da Praia de Iracema, são representativas de uma infraestrutura urbana voltada para a valorização do litoral fortalezense. A cidade também conta com arranha-céus, hotéis de luxo, bares e restaurantes que se somam a esse cenário apropriado pela indústria do turismo e lazer. Estas imagens são veiculadas em revistas, sites e guias de viagens como representativas da cidade de Fortaleza³⁰.

Porém, nem sempre esta imagem prevaleceu. Fortaleza tradicionalmente é uma capital de perfil sertanejo, seja pelo intenso processo de imigração de população interiorana, seja pela constituição de projetos urbanísticos materializados em seu traçado urbano. Além disso, como capital de um estado historicamente marcado pela exportação de produtos agrícolas, o turismo e o lazer tornaram-se atividades econômicas de destaque apenas por volta dos anos 1990.

Mas por que a cidade é historicamente de perfil sertanejo? Ao observador descompromissado ou mesmo ao turista que ligeiramente caminha pelos calçadões que compõem a infraestrutura urbana da orla, isto talvez não faça sentido. Mesmo assim, é preciso salientar que a região litorânea assumiu destaque inicial no Brasil Colonial, notabilizando-se como espaço propício à instalação dos primeiros centros urbanos da colônia. Através do litoral, os europeus acessavam seu continente de origem. Porém, enquanto as capitânicas que se destacavam na produção açucareira mantinham importantes núcleos urbanos litorâneos, a

³⁰ Sobre as imagens de Fortaleza apropriadas pelo turismo é importante destacar a dissertação de Raimundo Freitas Aragão intitulada “Das Práticas marítimas modernas à elaboração da imagem turística de Fortaleza/Ceará” defendida no Mestrado de Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Ceará (PRODEMA/UFC) no ano de 2005. Outros trabalhos que permeia esta temática e que se caracterizam como fundamentais para esta pesquisa são os estudos de Dantas (2011) e Bezerra (2008).

capitania do Siará-Grande não despontava nessa atividade econômica, o que explica uma maritimidade particular³¹.

A atividade econômica preponderante na capitania do Siará-Grande durante os séculos XVII e XVIII foi a produção de charque. Por conseguinte, as vilas e, posteriormente, cidades, que se notabilizaram foram Icó, cidade de perfil sertanejo, Aracati, com zona de porto a três léguas da cidade, e Sobral, que dominava os portos de Camocim e Acaraú. Para Dantas (2011), esse contexto é resultado da ênfase do sertão como zona produtora de carne-seca e de outros artigos destinados ao mercado regional³².

Portanto, nos séculos iniciais de colonização, Fortaleza não manteve posição destacada. Em se tratando da relação da cidade com o mar, a ocupação das praias se deu, sobretudo, através da pesca, atividade tradicionalmente desenvolvida por povos indígenas, mas que, aos poucos, foi sendo assumida por segmentos populares da nascente urbe. Além disso, como apontou Dantas (2011), as zonas de praia não participavam das distribuições de sesmarias, ou seja, da distribuição de terras entre os colonos, devido à impossibilidade de produção agrícola. Portanto, as praias desde cedo se tornaram territórios de marinha, com ocupação destinada a coibir invasões estrangeiras.

Diante disso, existiu o interesse de que pescadores se instalassem nas zonas de praia, tanto por conta do abastecimento de gêneros alimentícios através da atividade pesqueira, quanto para a proteção do território. Desta forma, as zonas de praia caracterizavam-se pela presença de segmentos pobres da sociedade, conforme analisado por Dantas (2011).

Porém, a partir do desenvolvimento da produção algodoeira, o contato com o mercado europeu tornou-se frequente, inserindo Fortaleza num crescente mercado intercontinental³³. Segundo Ponte (2014), Fortaleza consolidou-se como polo econômico-social hegemônico da região apenas na segunda metade do século XIX, doravante a grande exportação de algodão para o mercado externo nas décadas de 1860 e 1870. O referido historiador explica que:

³¹ Segundo Dantas (2011) maritimidade é a constituição das relações da sociedade com o mar, envolvendo não só as dimensões de caráter socioeconômico e tecnológico, mas também as representações simbólicas. O conceito de maritimidade é importante na medida em que ajuda a explicar as transformações urbanas ocorridas na cidade de Fortaleza e especificamente no bairro Praia de Iracema, como será analisado.

³² Aracati e Sobral mantinham relações frequentes com Pernambuco ao invés do mundo europeu. Tanto que a capitania de Siará-Grande foi incorporada à de Pernambuco até 1699.

³³ Para tanto, foi fundamental a nível local a independência do Ceará em relação a Pernambuco e a nível nacional a abertura dos portos às nações amigas e a independência do Brasil que estreitaram os vínculos do país com a Inglaterra.

As melhorias que se seguiram em seu porto, a implantação da estrada de ferro Fortaleza-Baturité (1873) e a multiplicação de firmas estrangeiras concorreram para esse inédito crescimento comercial e para a constituição da cidade enquanto mercado de trabalho urbano. Paralelamente os segmentos sociais ligados ao comércio se reforçaram, ampliando seu poderio econômico e angariando prestígio político (PONTE, 2014, p. 18-19).

Segundo Dantas (2011), a construção da estrada de ferro de Fortaleza-Baturité contribuiu para esse processo ao substituir as vias de penetração natural (os rios) e estradas antigas ligando a capital ao sertão. A incorporação gradual da zona produtora de algodão à área de influência e dominação de Fortaleza foi o que permitiu que a cidade se tornasse hegemônica no Ceará. Assim, Dantas (2011) revela que Fortaleza aproveitou-se da colaboração da estrada de ferro e da navegação a vapor para se tornar ponto de drenagem de mercadorias, reforçando, assim, as relações entre litoral e sertão.

Fortaleza, portanto, caracterizava-se por ser uma cidade litorânea cujo crescimento direcionava-se ao sertão. Esta característica se tornava evidente nos planos urbanísticos da cidade. Em 1875, Adolfo Herbster, engenheiro da Província do Ceará e da Câmara Municipal de Fortaleza, contratado de Pernambuco para substituir o então arruador (arquiteto leigo), concluía a *Planta Topográfica da Cidade de Fortaleza e Subúrbios*. Como apontou Ponte (2014), apesar de não ser inteiramente original uma vez que mantinha o sistema de traçado urbano em forma de xadrez de acordo com o que havia sido projetado para a cidade pelo engenheiro Silva Paulet em 1818, a planta de Adolfo Herbster tratava de um estudo decisivo para a capital dali para frente, porque ampliava o traçado para além de seus limites de então, e conferia-lhe três bulevares (atualmente as Avenidas Imperador, Duque de Caxias e Dom Manuel) margeando o perímetro central.

Segundo Dantas (2011), este traçado indica a constituição da cidade de Fortaleza em direção ao sertão, inclusive com os bulevares indicando o crescimento da cidade para a zona oeste (atual Avenida Imperador), para a zona leste (atual Avenida Dom Manuel) e para a zona sul (atual Avenida Duque de Caxias).

A zona norte, representando as praias, ou seja, o litoral, não foi considerada. Neste sentido, Dantas (2011) compreende a cidade de Fortaleza como litorânea-interiorana, ou seja, marcada pela simbiose entre litoral e sertão, forjando uma cidade litorânea possuidora de alma sertaneja que, por ser assinalada por um imaginário fortemente interiorano, volta-se para o interior, esquecendo-se parcialmente do litoral.

Com a intensificação do contato entre Fortaleza e o continente europeu, novas relações dos habitantes da cidade com o mar tornaram-se evidentes. Dantas (2011) destacou

os banhos de mar, incluindo a concepção de combate às doenças pulmonares, incentivadas pelo saber médico europeu.

Entretanto, o mencionado autor aponta que não se constituía como prática hegemônica em Fortaleza, pois o saber médico local não enfatizava tal concepção à semelhança dos europeus. Outros usos recreativos do litoral eram as caminhadas na praia, as serenatas noturnas e, a partir dos anos 1920-1930, a construção de casas de veraneio, que denotavam uma nova noção de maritimidade.

Mas qual a relação desse contexto com o bairro Praia de Iracema? O bairro inicialmente chamava-se Praia do Peixe, Porto das Jangadas ou Grauçá. Possuindo área que não fez parte da distribuição de sesmarias, o bairro é marcado pela habitação de agrupamentos populares em territórios de marinha. Além disso, o contato com outros mercados demandou a construção de equipamentos públicos responsáveis pela cobrança de impostos e desembarque de produtos como a Alfândega que, em 1906, ganhou uma ponte: a Ponte da Alfândega, também conhecida como Ponte Velha³⁴.

A construção se deu no contexto de crescimento comercial da cidade de Fortaleza e da crescente demanda por equipamentos públicos relacionados. Este polo comercial dinamizou a área, que sofreu importantes transformações, atraindo atividades como pequenos comércios, prostíbulos e a indústria naval.

Assim, entre o bairro Centro e uma parte da praia, também chamada de Praia Formosa, formou-se um aglomerado de estabelecimentos comerciais. Por outro lado, a atividade pesqueira ainda se destacava com a presença de agrupamentos populares que tradicionalmente ocupavam o território e mantinham outros usos e apropriações do litoral.

A chegada do século XX rendeu outras transformações no espaço. Na década de 1920, ocorreu a proliferação de casas de veraneio na Praia do Peixe, impulsionando a migração de setores abastados da cidade para a área. A construção de segundas-residências caracterizava-se como outra tendência de origem europeia, denotando mudanças na compreensão de maritimidade na cidade de Fortaleza. Desde o fim do século XIX, buscava-se o banho de mar para tratamentos médicos, mas construir casas de grande porte para o veraneio indicava intensa valorização da praia de modo diferente, bem como novas opções de lazer na cidade.

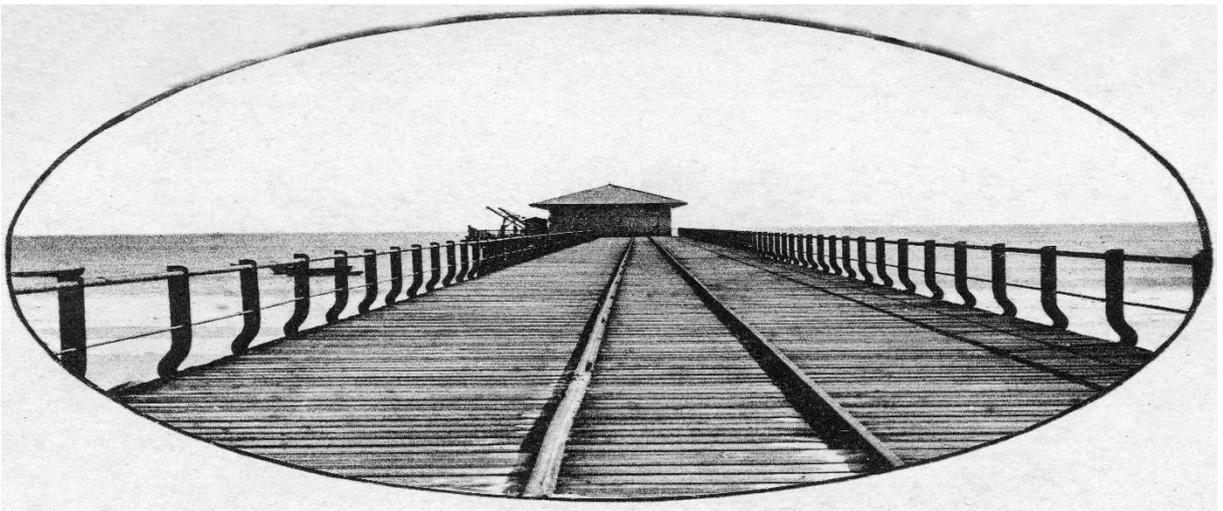
³⁴ A Ponte oficialmente se chama Viaduto Moreira da Rocha. Também é conhecida como Ponte Metálica, embora a expressão também se refira a “Ponte dos Ingleses”, outro equipamento público também localizado no bairro Praia de Iracema.

Figura 7 – Praia do Peixe no início do século XX



Fonte: Arquivo Nirez.

Figura 8 – Ponte da Alfândega no início do século XX



Fonte: Arquivo Nirez.

Dantas (2011) explica que, com a construção das casas de veraneio, grupos abastados da cidade dirigiam-se para a então Praia do Peixe. Assim, surgiram conflitos, pois o litoral era tradicionalmente habitado pelos segmentos populares. Enquanto estes trabalhavam com a pesca e habitavam territórios de marinha em meio a uma área de outras atividades econômicas associadas ao comércio e a alfândega, os grupos elitizados buscavam apagar a relação da praia com os pescadores, através da proposta de mudança de nome.

Em 1925, foi realizada uma campanha em veículos da imprensa local encabeçando uma espécie de concurso para a mudança de nome da Praia do Peixe. Decidiu-se homenagear a virgem dos lábios de mel da obra de José de Alencar, mudando o nome do

bairro para Praia de Iracema. Na ocasião, foi decidido também pela nomeação das ruas do bairro com referências a grupos indígenas, daí o porquê de terem sido denominadas como Rua dos Tabajaras, dos Potiguaras, Cariris, Pacajus, Arariús, etc.

Segundo Bezerra (2016), nesse período a Praia de Iracema foi consolidada como uma praia de veraneio e estação balnear da cidade. Para Schramm (2001) esta transformação inaugurou o efetivo uso das praias de Fortaleza, especialmente pelas elites.

A mudança de nome não poderia, contudo, apagar uma histórica relação entre grupos e o mar. A pesca continuava margeando o espaço de tendências enobrecidas. Os grupos populares permaneceram em espaços como a Comunidade Poço da Draga, que existia nas imediações da Alfândega, desenvolvendo-se próximo à Ponte, seja pela presença de pescadores, seja de sertanejos que fugiam da seca e encontravam, nos territórios de marinha, importante espaço para habitação, e também por conta de trabalhos associados ao entorno da área central, incluindo trabalhos na indústria naval e prostituição³⁵.

Nessa nova fase do bairro, a Praia de Iracema vivenciou um processo de elitização: com a construção de casas de veraneio na orla, o bairro ganhou palacetes conhecidos como bangalôs dos quais o mais conhecido foi o Edifício Vila Morena, atual Estoril. A antiga denominação da atual sede da Secretaria de Turismo de Fortaleza (SETFOR) foi uma homenagem feita pelo comerciante José Magalhães Porto à sua esposa, daí o nome “Vila Morena”. Neste contexto de construção de casas de veraneio, matérias de jornais e revistas da época informavam que a praia estava se tornando chique (BEZERRA, 2016, p. 17)³⁶.

³⁵ A história da Comunidade do Poço da Draga é assunto do tópico seguinte deste capítulo.

³⁶ A expressão denota requinte e elegância, podendo, neste caso, significar enobrecimento. Bezerra (2016) pesquisou expressões relacionadas à Praia de Iracema em jornais e revistas de época.

Figura 9 – Praia de Iracema, ao fundo o prédio Vila Morena



Fonte: Arquivo Nirez.

Figura 10 – Palacetes da Praia de Iracema



Fonte: Arquivo Nirez.

É deste período de transformações urbanas no bairro a construção de linha de bondes na Rua dos Tabajaras, ligando a Praia de Iracema ao bairro Centro. Nesse mesmo ínterim, decidiu-se pela criação de uma nova ponte para o desembarque na área, a qual

deveria substituir a Ponte da Alfândega. A construção da ponte ficou a cargo de empresa inglesa, daí porque, embora seu nome oficial seja Viaduto Lucas Bicalho, a construção seja mais conhecida como “Ponte dos Ingleses”.

Chegados os anos 1940, o edifício Vila Morena foi alugado como clube para oficiais norte-americanos em serviço durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse período, o local adquiriu o nome de United States Organization (USO), recebendo artistas que faziam shows para o entretenimento dos militares estrangeiros, sendo fortemente associado a narrativas de belas mulheres que se relacionavam com os norte-americanos, conhecidas como “coca-colas”, em alusão ao refrigerante consumido pelos estrangeiros. A Praia de Iracema tornou-se espaço praticado por grupos até então inimagináveis, intensificando disputas espaciais.

Figura 11 – United States Office



Fonte: Arquivo Nirez.

Porém, essa valorização baseada no veraneio foi efêmera. Com a construção do Porto do Mucuripe na década de 1940, Fortaleza enfrentou seu primeiro grande desastre ambiental: a mudança no curso das águas provocou o avanço do mar sobre a Praia de Iracema, destruindo casas de veraneio e iniciando a chamada “decadência da Praia de Iracema” (BEZERRA, 2008). Esse processo resultou no desabamento de muitos edifícios. Jornais circulavam notícias sobre o mar que em fúria destruía os bangalôs, destacando imagens de

construções arrasadas. Ainda assim, alguns edifícios resistiram, como o Vila Morena, que desde 1948 tornou-se o bar e restaurante Estoril.

Além disso, a mudança de localização do porto para o Mucuripe resultou no abandono das obras na Ponte dos Ingleses. A referida ponte não teve sua construção concluída e nunca serviu para o desembarque. Tornou-se, nas décadas seguintes, um espaço apropriado para atividades de lazer, como a contemplação do pôr-do-sol e como ponto de encontro de amigos e casais.

Os desabamentos de palacetes fomentaram narrativas de que a Praia de Iracema havia chegado ao seu fim. O compositor Luiz Assumpção³⁷ retratou em sua canção “Adeus Praia de Iracema” o processo de desabamentos, inaugurando, conforme Bezerra (2008), as representações de adeus à Praia de Iracema, concepção que ainda norteia narrativas acerca de transformações urbanas ao longo da história do bairro.

Figura 12 – Desabamento de palacetes



Fonte: Arquivo Nirez.

Ainda assim, é dos anos 1950 a construção do Iracema Plaza Hotel, também conhecido como Copacabana Palace, hoje Edifício São Pedro. Localizado na Rua Arariús, sua construção se deu em 1951, funcionando de forma destacada entre as décadas de 1950-1970. O atual Edifício São Pedro, embora se encontre em ruínas, ainda chama a atenção de quem passeia no entorno dos arranha-céus na Praia de Iracema. Sua estrutura semelhante a um navio também é pioneira em se tratando de construções de grande envergadura no bairro. Além

³⁷ Pianista e compositor maranhense, trabalhou na Ceará Rádio Clube, sendo considerado ícone da boemia de Fortaleza de meados do século XX. Foi eternizado pela canção “Adeus Praia de Iracema” (1954), dando nome ao Largo Luiz Assumpção na Praia de Iracema.

disso, abrigou o famoso restaurante Panela, do colunista Lúcio Brasileiro³⁸, que por décadas recebeu grupos elitizados da cidade. Porém, atualmente, é mais um espaço que desafia gestores públicos em se tratando da requalificação da área³⁹.

Figura 13 – Iracema Plaza Hotel (Edifício São Pedro) nos anos 1950



Fonte: Arquivo Nirez.

Apesar da crise propalada na década de 1950, a Praia de Iracema resistiu. Alguns espaços permaneceram em funcionamento mesmo após os desabamentos. Com a chegada da década de 1960, uma nova configuração se estabeleceu e o bairro despontou para uma fase caracterizada por narrativas que descrevem a Praia de Iracema como bucólica e marcada por serestas e boemia, em virtude da presença de destacados bares que funcionavam no bairro, às vezes em antigos palacetes, como o Estoril.

³⁸ Francisco Newton Quezado Cavalcante mais conhecido como Lúcio Brasileiro é um veterano jornalista, radialista, escritor e colunista cearense.

³⁹ O Edifício São Pedro pertence à família Philomeno Gomes que nos anos 1950 era proprietária de grandes empreendimentos na cidade de Fortaleza. Porém, atualmente encontra-se dividido entre diversos herdeiros e por décadas tem desafiado gestores públicos a respeito de sua inclusão nos projetos de requalificação e preservação. Por seu pioneirismo entre as construções de grande envergadura na área, é considerado importante patrimônio cultural edificado da cidade por grupos de gestores, moradores, arquitetos e urbanistas.

Assim, embora tenha se perdido a ênfase na construção de casas de veraneio, outros usos e apropriações do espaço urbano conferiram novos sentidos ao bairro que a partir da década de 1960 tornou-se fortemente associado a grupos boêmios. Vale destacar que narrativas referentes a esse período associam a Praia de Iracema à resistência ao regime militar.

Para defender casas e construções, foram introduzidos quebra-mares e molhes que tornaram para sempre diminutos os espaços de banho. O bairro manteve, no entanto, sua tradição boêmia, com o bar e restaurante Estoril se transformando, após a revolução de 64, num espaço de sociabilidade aglutinador de setores da classe média urbana, perseguidos pelo regime militar (LINHARES, 1992, p. 279).

Narrativas associavam o Estoril a um espaço de resistência e manifestação política, o qual teria sido alvo de repressão por parte da ditadura militar. Outras narrativas discordam desse aspecto afirmando que o Estoril era apenas um reduto de seresteiros e marginais.

Para o historiador interessado na cultura, é importante destacar dois aspectos: primeiro que as representações em torno do Estoril alimentam memórias e narrativas, mas são memórias divididas (PORTELLI, 2016) que demonstram disputas simbólicas. Em segundo, que as representações de resistência à ditadura militar indicam que o Estoril e a Praia de Iracema estavam distantes dos centros de comando do regime, perdendo a posição de destaque que possuíam anteriormente. No período de fortalecimento do regime, outros bairros notabilizavam-se pela residência de grupos elitizados da cidade, como era o caso da Aldeota.

Ainda assim, é importante destacar que, após a década de 1950, a cidade de Fortaleza adquiriu importante crescimento urbano em direção às zonas de praia. O Plano Diretor de Fortaleza de 1962, elaborado por Hélio Modesto, deslocou o crescimento da cidade em direção ao litoral, sendo responsável pela construção da Avenida Beira Mar, processo que deu início à urbanização das zonas de praia. Para tanto, é fundamental destacar a função do Estado ao atuar com políticas públicas de urbanização, elegendo novos fluxos urbanos e tornando-os legítimos.

O Estado, como aponta Bourdieu (2014), detém o monopólio da violência física e simbólica legítima. Seguindo esta trilha, pode-se afirmar que o Estado também é responsável pela legitimação dos espaços e de suas funções públicas, definidas a partir de políticas urbanas implementadas.

Por conseguinte, ao iniciar o processo de urbanização das praias em Fortaleza, a construção da Avenida Beira Mar em 1963, via Plano Diretor, fez com que o litoral passasse a ser parte integrante da cidade de forma legítima. De acordo com Dantas (2011), este plano

orientou o crescimento da cidade para o litoral, impondo a integração das zonas de praia à cidade, ora como equipamento público de lazer, ora como lugar de habitação de classes abastadas.

Vale destacar que o Plano Diretor de 1962 reforçou a urbanização da região do Meireles, o que implicou em importante mudança na configuração espacial de Fortaleza: as classes mais abastadas se voltavam para a zona leste da cidade, consolidando o processo de elitização da área em detrimento do bairro Centro, que já havia se iniciado com as transferências de grupos elitizados para o bairro Aldeota ainda nas décadas de 1940-1950.

Tal processo se desenvolveu ainda mais dos anos 1970 aos anos 1990, com a urbanização de praias, construção de novas avenidas, calçadões e polos de lazer que permitiram à orla marítima da cidade possuir infraestrutura pública que, em parceria com investimentos privados, fortaleceu o mercado imobiliário e o desenvolvimento urbano da região costeira. Dantas (2011) continua, afirmando ainda que este processo fez de Fortaleza uma cidade litorânea-marítima a partir do final dos anos 1980.

Nova lógica de construção da cidade e da rede urbana apresenta-se, modificando tendências desenhadas no início da história urbana cearense. De racionalidade fundada, sobretudo nas ligações litoral-sertão e que volta a capital para esta região, negligenciando ou posicionando secundariamente as zonas de praia e as ligações com o litoral, o Estado põe em prática, após final dos anos 1980, política pública de planejamento territorial que reforça as ligações de Fortaleza com as zonas de praia, contribuindo para a consolidação de novos fluxos na rede urbana que privilegiam as relações da capital com o litoral: a valorização das praias como mercadoria turística acrescenta-se à demanda do veraneio (DANTAS, 2011, p. 75-76).

O referido geógrafo explica que este quadro resulta de políticas públicas que, aliadas à iniciativa privada, estiveram interessadas em posicionar a cidade de Fortaleza no centro de incorporação dos municípios litorâneos ao mercado do turismo, interessado nos consumidores de praia, voltando o desenvolvimento urbano da cidade para a zona costeira.

Este contexto permite compreender as transformações urbanas que estavam em curso no bairro Praia de Iracema. Schramm (2001) explica que entre a década de 1970 e início da década de 1990 alguns espaços da Praia de Iracema, principalmente o restaurante Estoril e a Ponte dos Ingleses, conhecida como “ponte para o céu”, começaram a se constituir em ponto de encontros de grupos pertencentes a setores médios da população fortalezense, poucos residentes no bairro, e em sua maioria de formação universitária ou ligados ao universo artístico-cultural local.

Segundo Linhares (1992), a partir dos anos 1970 iniciou-se a implantação de um pequeno polo gastronômico, de hospedagem e de diversão na Praia de Iracema, fortalecendo o bairro como um espaço de sociabilidade noturna. A faixa de praia não se constituía como

importante ponto de atração diurna, mas grupos intelectualizados como jornalistas, publicitários, professores universitários, músicos e artistas plásticos transformaram a região em local privilegiado de rodas boêmias (LINHARES, 1992, p. 279).

Com a chegada dos anos 1980, surgiram novos estabelecimentos de atendimento ao público, com destaque para o restaurante italiano La Trattoria (1982), o Cais Bar (1985), o Pirata Bar (1986), entre outros que se somaram ao Estoril como espaços de destaque no bairro, surgindo uma boemia definida como nova boemia ou “boemia high-tech”.

Esses espaços eram frequentados por diversas tribos urbanas que marcaram memórias e narrativas sobre o bairro. Ainda em funcionamento na Praia de Iracema, o Pirata Bar destaca-se por conta de um cenário que inclui navio, bonecos de piratas e réplicas de casas antigas. Além disso, com o passar dos anos tornou-se referência pela chamada “segunda feira mais louca do mundo”, uma festa nas noites de segunda-feira marcada por música, dança e muita curtidão. Segundo Rodolphie Trindade, filho do falecido português e fundador do Pirata Bar, Júlio Trindade, a casa noturna foi idealizada após uma frustrada tentativa de se estabelecer na pesca de lagosta, mas o sucesso da “segunda feira mais louca do mundo” foi por acaso:

Olha isso daí foi uma ideia de umas senhoras, foi a esposa do Zé Rangel, o jornalista Zé Rangel, que vinha aqui, já tinha feito o seu aniversário num clube, em família num final de semana, e decidiram fazer um aniversário entre mulheres aqui no Pirata. E aí nessa noite faltou garçom, faltou homens pra dançar com as mulheres, aí a gente colocou homens pra dançar com elas, fez um forrozinho, aí apareceu uma moçada que era amiga nossa, gostou da ideia, e aí ao som de radiola virou o Chá Dançante, na semana seguinte também, durante umas quatro semanas assim, um mês depois a gente contratou o Azeitona em fevereiro, ainda no chão mesmo, a gente passou a colocar uma bilheteria, não era nem questão de custo, era questão de separar porque o sucesso era grande, era realmente pra poder selecionar a entrada e dia 12 de junho entrou o Alta Tensão do qual o cantor está aqui até hoje conosco que é o Armando Teles, então o formato, e depois em 99 entrou a Zé Testinha, mas o formato base mesmo desde 12 de junho de 87 (**Rodolfie Trindade**, Fortaleza, 24.08.2015).

Segundo o cantor, compositor e morador da Praia de Iracema, Serrão de Castro:

O Pirata já trouxe uma linguagem diferente pra cá que é a dos shows, de um público diferenciado. O Júlio (Trindade) trouxe pra cá essa segunda-feira de forró. Segunda-feira que é um dia que todo mundo vai descascar, aí ele criou uma coisa diferenciada. E começou a dar certo também [...] O Pirata trazia grandes shows, trazia grandes nomes da música brasileira e tinha um diferencial que, atrás do Pirata, ainda hoje é assim, mas era aberto, era uma grade. Então, as pessoas podiam assistir aos shows que ele trazia da grade. De graça. Ficava ali e assistia aos shows. Era um negócio diferenciado. O Júlio (Trindade) foi um homem muito inteligente (**Serrão de Castro**, Fortaleza, 23.07.2017).

O sucesso do Pirata Bar pode ser atribuído à soma de diversos fatores como shows de forró, shows de humor, como o “Peru do Falcão”, shows de música Brega, exposições de artes plásticas, recebimento de cantores consagrados na cena artística local e nacional. Além disso, com o funcionamento exclusivo às segundas-feiras desde 1992⁴⁰, o Pirata Bar se destacou no mercado do turismo, experimentando novas fases do bairro, como será demonstrado ao longo desta pesquisa.

Nesse período, o Estoril já era considerado um reduto tradicional da boemia da Praia de Iracema, em virtude das décadas de funcionamento. Porém, sua estrutura de taipa estava comprometida e o antigo bar chegou a ser fechado pela vigilância sanitária. O então prefeito Ciro Gomes reabriu o Estoril no dia seguinte afirmando a sua importância simbólica para a Praia de Iracema e para a cidade de Fortaleza. Entretanto, mesmo em processo de tombamento, o Estoril desabou após fortes chuvas em 1994, sendo reconstruído no ano seguinte. Tornou-se o único prédio reconstruído pela prefeitura em todo século XX. Porém, em sua nova fase, o Estoril não apresentava a frequência efervescente de décadas atrás. Sobre o Estoril, o cantor, compositor e morador da Praia de Iracema, Serrão de Castro lembra que:

O Estoril era um bar onde tinha tudo para dar errado. A música eram só violões, a cerveja realmente era quente, os garçons eram brutos e o dono nem se fala (risos). Mas era um bar lotado por pessoas, nós chamaríamos hoje, de undergrounds. Músicos, jornalistas, publicitários, enfim, tinha de tudo! E era um bar onde você entrava do jeito que queria, se vestia do jeito que queria. Eu particularmente chamava o Estoril de uma micro-Londres. Londres é uma cidade que do jeito que você quiser você anda, ninguém tá nem aí pra ti, era o Estoril (Serrão de Castro, Fortaleza, 23.07.2017).

O Cais Bar, por outro lado, funcionou entre os anos 1985 e 2003 no bairro Praia de Iracema. Reduto de setores intelectualizados da cidade, incluindo grupos de esquerda, estudantes universitários, artistas, políticos, amantes da boemia, do lazer e da gastronomia em geral, também se destacou na esfera da produção cultural. Na gastronomia, ainda existem narrativas que fazem referência ao “pedacinho do céu”, o famoso empanado de frango, presunto e queijo do Cais Bar. Além disso, contava com saraus de poesia e lançamentos de discos e exposições de artes plásticas, sendo o painel “Bar Luiz Assumpção”, de Válber Benevides⁴¹, a mais conhecida.

⁴⁰ Segundo Rodolphie Trindade, a partir de 1992 o Pirata Bar funcionou exclusivamente às segundas-feiras. Desde 2015, porém, a casa tem experimentado uma nova modalidade de funcionamento nas sextas-feiras, a partir das 18 horas.

⁴¹ Valber Benevides é chargista, desenhista, pintor e escultor, sendo um dos artistas plásticos mais conhecidos do Estado do Ceará devido à sua ligação estreita com outras linguagens artísticas, principalmente com a música.

Figura 14 – Painel Bar Luiz Assumpção



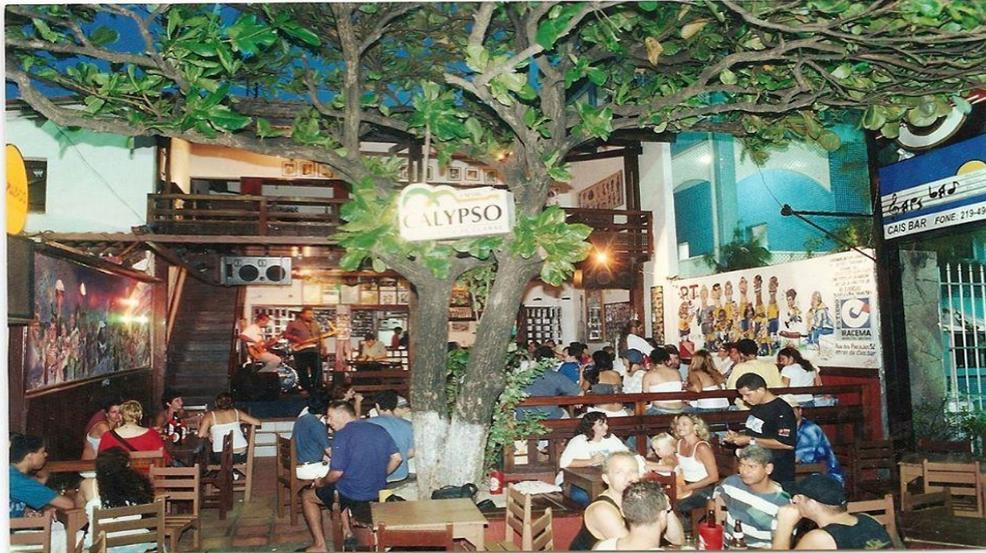
Fonte: Arquivo pessoal de Válber Benevides.

Sobre o Cais Bar, Serrão de Castro explica que:

O Cais começou a criar uma importância boêmia pela qualidade musical. O Ernesto (proprietário do Cais Bar), como é um sujeito de um gosto refinado para a música, investiu e, na época, eram fitas cassete. Numa fita cassete cabia, sei lá, quarenta músicas, trinta músicas... Então ele investiu nisso aí. Existiam também os bolachões, os vinhos. E o bar começou a pegar, começou a funcionar e dar certo. E isso aí tá contado em diversos meios de comunicação. A história do Cais Bar é contada e recontada através de fotos, imagens (Serrão de Castro, Fortaleza, 23.07.2017).

Além de exposições de artes plásticas, o Cais Bar possuiu um estúdio de gravação de discos, impulsionando a carreira artística de músicos da terra, o chamado Estúdio Iracema. Ao longo da década de 1990, o estúdio foi palco de gravações de diversos artistas atualmente consagrados na música cearense, como Tarcísio Sardinha, Aparecida Silvino, Serrão de Castro, Isaac Cândido, entre outros.

Figura 15 – Cais Bar - Praia de Iracema (ano não identificado)



Fonte: Página do Cais Bar no Facebook.⁴²

O fechamento do Cais Bar no ano de 2003 também é marcado por narrativas que o associam aos desgastes sofridos pelo bairro Praia de Iracema após o desenvolvimento do turismo na área, assunto muito importante para o presente trabalho.⁴³

Figura 16 – Fim de tarde no Cais Bar - anos 1990



Fonte: Arquivo do fotógrafo Jacques Martins Antunes.

⁴² CAIS BAR 1985-2004. Fotos dos clientes do Cais Bar de 1985-2004. Fortaleza, 23 abr. 2017. Facebook: Cais-Bar-1985-2004-1562445787102022/. Disponível em: <https://www.facebook.com/1562445787102022/photos/a.1562459593767308/1562522730427661/?type=3&theater>. Acesso em: 14 nov. 2019 às 01:43.

⁴³ O fechamento se deve à crise vivenciada pelos bares da orla marítima do bairro nos anos 2000. Duas tentativas de reabrir o Cais Bar em Fortaleza não obtiveram sucesso, como em 2005 na Av. Washington Soares e em 2012 no bairro Praia do Futuro. Desde setembro de 2017, o Cais Bar foi reaberto na cidade de Pedra Branca, interior do estado do Ceará, município onde residem seus proprietários, Joaquim Ernesto e Xico Barreto. Em agosto de 2019, o “Cais Bar da Serra” foi palco de importante festival de MPB, o “1º Festival de Música de Pedra-CE” que reuniu importantes artistas da cena musical cearense.

Outro espaço boêmio de destaque é o Bar do Mincharia, principal reduto da boemia remanescente. Criado em homenagem a Antônio Aurilo Gurgel Nepomuceno, conhecido como Mincharia, inicialmente tratava-se de um clube restrito a amigos, surgindo em homenagem após sua morte em 1984. Com a chegada dos anos 2000, apesar da crise vivenciada pelos bares boêmios, tornou-se aberto ao público, tendo à frente seu Haroldo Aragão.

Atualmente o espaço ainda recebe grupos de homens que se assumem como boêmios às sextas-feiras. Aposentados, muitos ocuparam importantes cargos no serviço público da cidade como professores universitários, médicos, advogados ou artistas, caracterizando-se como um grupo de elite intelectual.

Segundo seu Carlinhos Aragão, filho de seu Haroldo Aragão, atualmente à frente do Bar do Mincharia, o mais jovem dos frequentadores da boemia possui 68 anos e o grupo vem envelhecendo, o que é uma observação importante nesta pesquisa. Nas palavras de seu Carlinhos Aragão: “O Mincharia é a resistência da Praia de Iracema. É o único bar que nunca fechou”. Perguntado sobre o trabalho de seu Haroldo Aragão à frente do Mincharia, Carlinhos Aragão informou que:

Na época total da decadência, duas pessoas da confraria, o César Mota e outra pessoa acharam por bem procurar meu pai, disseram: “Eu tenho uma pessoa que tem experiência em bar e tal e que vai manter o Mincharia aceso, sem fechar”. E ainda era o quiosque e tava em total decadência. Aí ofereceram o quiosque e a casa. Meu pai olhou, disse: “Não, eu quero o quiosque, a casa não é interessante não” [...]. Naquela época se vendia por semana uma caixa de cerveja, no máximo duas. Ninguém vinha à Praia de Iracema! Todo mundo apavorado! Ainda hoje as pessoas são apavoradas, mas é o geral, não é só na Praia de Iracema (**Carlos Aragão**, Fortaleza, 03.09.2019).

Em função do potencial para o mercado do turismo, cultura e lazer no bairro Praia de Iracema, gestores públicos e investidores privados interessaram-se pela requalificação do bairro. Ao longo de décadas foram realizadas intervenções urbanas, perpassando diferentes gestões municipais e estaduais, embora algumas problemáticas ainda sejam recorrentes. Pode-se citar, por exemplo, a forte associação entre o bairro Praia de Iracema e a violência urbana, o tráfico de drogas e a turismo sexual. Além disso, ser alvo de políticas de requalificação urbana já faz parte da história do bairro pois, desde os anos 1990, recorrentemente existe forte preocupação por parte de gestões municipais com o bairro.

Sobre as memórias afetivas a respeito da Praia de Iracema é importante apontar, nos estudos de Schramm (2001) e Bezerra (2008; 2016), representações simbólicas associadas ao bairro. As autoras, inclusive, realizaram pesquisas adentrando a avaliação de políticas urbanas implementadas no bairro considerando as narrativas a seu respeito.

Bezerra (2008) destacou que em narrativas orais de grupos de moradores, artistas e empresários, existe forte referência à alegoria do adeus à Praia de Iracema, uma representação de que a Praia de Iracema ficou no passado, numa compreensão de que o antes era melhor. Para Bezerra (2016), a alegoria do adeus remete primeiramente aos anos 1950, com a construção do Porto do Mucuripe e o avanço das ondas do mar provocando a derrubada dos antigos bangalôs. Nesse momento, em 1954, ganhou destaque a canção de Luiz Assunção que dizia: “Adeus, adeus, só o nome ficou, adeus, Praia de Iracema, Praia dos Amores que o mar carregou” (ASSUMPÇÃO, 1954, apud BEZERRA, 2016, p. 27).

Mas a Praia de Iracema resistiu e nas décadas seguintes ganhou destaque com sua boemia, marcadamente em espaços como o Estoril. Ainda assim, em 1976, o cantor Ednardo gravou a canção “Longarinas” que dizia: “Uma a uma, coisas vão sumindo; Uma a uma, se desmilinguindo; Só eu e a Ponte Velha teimam resistindo” (EDNARDO, 1976, apud BEZERRA, 2016, p. 35).

Assim, a alegoria do adeus e representações de boemia marcaram produções artísticas acerca da Praia de Iracema e ainda alimentam a oralidade de grupos identificados com o espaço, reaparecendo em momentos de crise e de intensas transformações urbanas. Nesse sentido, através de entrevistas realizadas durante esta pesquisa, também foi possível reconhecer narrativas de adeus e boemia, como forma de elaboração do discurso.

Schramm (2001) também destacou o surgimento de narrativas diversas desde poemas, matérias jornalísticas até canções chorando a ruína do bairro Praia de Iracema e enaltecendo os seus atributos. Encobrendo-se a presença da população que já habitava a praia, as narrativas passaram a cantar a Praia de Iracema como um território idílico, bucólico ou cenário de romances.

A referida estudiosa explica ainda que a tradição que se consagrou, forjada nas primeiras décadas do século XX, contrapunha-se aos aspectos da cotidianidade dos que habitavam e trabalhavam o bairro. Isto porque a própria natureza dos argumentos das narrativas, da beleza ao lirismo, amenizava as relações de poder, que pareciam não existir (SCHRAMM, 2001, p. 78).

Assim, nas imediações da Praia de Iracema, pertencendo oficialmente ao bairro Centro, encontra-se a Comunidade Poço da Draga. Herdeira do núcleo formado nas imediações da Alfândega desde fins do século XIX e das comunidades pesqueiras da região, a comunidade é também conhecida como “Favela do Baixa-Pau”. Narrativas de moradores advogam sua pertença ao bairro Praia de Iracema ou que, na realidade, a Praia de Iracema é que pertence ao Poço da Draga. Este argumento é apresentado a partir de importante

compreensão de moradores a respeito da história da Comunidade Poço da Draga e do bairro Praia de Iracema, justificando o desenvolvimento do tópico seguinte.

3.2 O Poço da Draga: comunidade de resistência

A Comunidade do Poço da Draga localiza-se nas proximidades da Ponte da Alfândega (Viaduto Moreira da Rocha/ Ponte Velha), que demarca o início da rua principal da comunidade. Núcleo de habitação popular, sua formação remete aos grupos de pescadores ocupantes da orla, aos trabalhadores do Porto de Fortaleza e às atividades comerciais impulsionadas pelo entorno da Alfândega.

A construção da Ponte da Alfândega na localidade remete ao final do século XIX, integrando o estudo realizado pelo engenheiro Sir John Hawkshaw entre 1874 e 1875, que previa fixar o Porto de Fortaleza na área, no ano de 1886. O projeto tinha como objetivo criar um quebra-mar com 400 metros de comprimento, distante da praia em 250 metros, ligado a esta por um viaduto. Da apresentação do projeto inicial do Porto de Fortaleza até sua inauguração e funcionamento efetivo passaram-se 20 anos (FERREIRA, 2006, p. 17).

A área marcada pela presença de pescadores tornou-se também espaço de trabalhadores de atividades portuárias. Os trabalhadores eram formados principalmente por estivadores, portuários e arrumadores, responsáveis pelo transporte de cargas em navios dos porões até a proa, pelo recebimento de cargas em solo e pelo transporte até caminhões, bem como pela entrega e arrumação de mercadorias em armazéns.

A fixação desses grupos nas proximidades do porto permitiu o crescimento de ajuntamento populacional que viria a ser denominado mais tarde como Poço da Draga. Um motivo para a denominação, de acordo com Ferreira (2006), é que ocorreu uma tentativa de se colocar uma draga na área a fim de aprofundar a bacia de evolução e atracação do porto, o que, embora tenha se mostrado ineficiente, permitiu que a comunidade se tornasse conhecida como Poço da Draga.

Ao ser questionada sobre as origens da denominação da comunidade, Izabel Cristina Ferreira, moradora e presidente da ONG Velaumar, anteriormente citada, narrou que:

O poço por conta que antes o Pajeú passava aqui. É que hoje ele está praticamente dentro da Indústria Naval, ou o que sobrou do percurso dele para terminar no mar. E como não tinha Indústria Naval tudo era mangue. Quando a Indústria Naval começou a murar, o riacho Pajeú ficou dentro, daí vem o poço, por conta do mangue. E draga é um equipamento que serve para cavar... O mar, tirar aquela areia toda... Que ficavam aqueles morros, dentro d'água [...]. A draga é um equipamento mesmo (Izabel Cristina Lima, Fortaleza, 23.09.2019).

Sobre os pescadores do Poço da Draga, a realização de atividades diretamente ligadas à pesca tradicional incluíam modos de saber e fazer repassados ao longo do tempo, de pais para filhos, através da oralidade e da experiência vivida cotidianamente do fazer.

É importante também destacar que muitos moradores da comunidade eram sertanejos que migravam para Fortaleza em épocas de escassez e encontravam nos territórios de marinha uma opção de moradia. Ferreira (2006) percebe semelhanças entre a bravura do sertanejo e a do pescador, o primeiro enfrentando às adversidades do sertão e o segundo às provenientes do mar.

Porém, o forte fluxo migratório impedia a integração de todos os retirantes às comunidades de pescadores. Ainda assim, as zonas de praia de Fortaleza se tornaram marcadas pela presença de agrupamentos populares, com destaque para diversas favelas que surgiram entre fins do século XIX e meados do século XX, como Poço da Draga, Pirambu, Castelo Encantado, entre outras.

Como explica Dantas (2011), o Poço da Draga possuía papel preponderante em Fortaleza, pois era por meio do porto que a cidade estabelecia relações comerciais com a Europa e com outros portos brasileiros, tanto exportando produtos advindos do sertão, como importando bens duráveis e produtos de luxo.

O porto também era importante para as viagens da elite à Europa, constituindo-se, portanto, como ponto central no estabelecimento de ligações econômicas e culturais. Por isso, provocou a criação de uma série de empreendimentos relacionados, como a alfândega, os escritórios de exportação, depósitos de mercadorias, entre outros. A Comunidade do Poço da Draga fornecia mão-de-obra necessária ao desenvolvimento das atividades portuárias e os serviços de prostitutas aos marinheiros (DANTAS, 2011, p. 54).

A construção do Porto do Mucuripe transformou a Comunidade do Poço da Draga durante os anos 1950. Parte dos empreendimentos foi transferida para a zona industrial da Avenida Francisco Sá ou para o novo porto. A comunidade permaneceu na zona de praia ao lado de área privatizada com a construção de pequena indústria naval (DANTAS, 2011, p. 54).

O Plano Diretor de Fortaleza de 1962, que teve à frente Hélio Modesto, foi o primeiro a propor a retirada da comunidade da zona de praia. Interessado em orientar o crescimento da cidade do litoral através da construção da Avenida Beira-Mar, ensejava a área como equipamento público de lazer e lugar de habitação das classes abastadas.

Na década de 1970, a Comunidade do Poço da Draga era composta por cerca de 500 de casas de madeira, taipa e alvenaria, construída em terrenos de marinha, na faixa litorânea mais próxima do centro comercial de Fortaleza, a cerca de 700 metros entre o Viaduto Moreira da Rocha e a Avenida Alberto Nepomuceno. A comunidade não possuía serviço de esgoto, água encanada, instalações sanitárias, nem contava com serviço de coleta pública de lixo. Ainda na mesma década, parte dos moradores foi transferida para conjuntos habitacionais como o Conjunto Palmeiras, na Messejana, e Marechal Rondon, no município de Caucaia, distantes do mar.

Nos anos 1980, no contexto de mobilização social contra o autoritarismo, os movimentos sociais ganharam destaque, incluindo os que ocorriam em cidades na luta por moradia. Assim, em 1985 surgiu a Associação de Moradores do Poço da Draga (AMPODRA) que, em seu estatuto, propôs como objetivos a busca pela organização de moradores da comunidade com vistas à defesa de seus interesses e a reivindicação, junto aos poderes públicos, acerca da execução de medidas que lhes assegurassem a satisfação de suas necessidades fundamentais, de modo a garantir uma melhor qualidade de vida.

A associação também se encarregava de realizar ações como cursos, palestras, atividades artísticas, culturais, esportivas e recreativas com vistas a divulgar informações úteis sobre saúde, educação, habitação, urbanismo, segurança pública e lazer. Ademais, objetivava promover pesquisas sobre os problemas vivenciados pela Comunidade do Poço da Draga a fim de elaborar planos de urbanização e serviços que melhor atendessem aos interesses e demandas da população, além de almejar fortalecer laços entre moradores da área e bairros.

A Ampodra realizou importante trabalho de mobilização na luta pelo direito à moradia e na resistência a dois projetos de intervenção no Poço da Draga. A Operação Consorciada Praia de Iracema e Poço da Draga, da década de 1990, encabeçada pela Prefeitura Municipal de Fortaleza e por empresas privadas do setor imobiliário, caracterizava-se pela proposta de construção de apartamentos residenciais na área. O Complexo Sócio-habitacional Poço da Draga se destinaria aos próprios moradores e, concomitante à área, surgiria importante núcleo de serviços e estabelecimentos comerciais. A proposta, porém, sofreu forte oposição por estar em afinidade com fortes interesses do mercado imobiliário.

O prefeito Juraci Magalhães manifestou o desejo de realizar uma troca parcial do terreno, onde 50% da área seria utilizada para a urbanização da Praia de Iracema e 50% restante seria para a construção de apartamentos e para a implementação de toda infraestrutura social para as famílias, proposta essa aceita pela comunidade, que suspendeu a ação de mandato de segurança que a protegia.

Porém, no ano seguinte, o novo prefeito, Antônio Cambraia, não cumpriu o acordo do anterior com a comunidade, acenando para uma nova proposta de trocar o terreno ocupado por outro na Chácara das Rosas ou por qualquer outro na grande Aldeota. O objetivo da troca era a construção da rua 24horas e a urbanização da Praia de Iracema no trecho entre o Marina Park⁴⁴ e o Pirata Bar para a revitalização do centro de Fortaleza, atendendo aos interesses do mercado imobiliário e turístico.

A comunidade não aceitou a nova proposta, defendendo a urbanização completa da área ocupada. Assim, a Operação Consorciada Praia de Iracema e Poço da Draga não foi efetivada em função da movimentação da comunidade diante do descumprimento do acordo acertado entre a Prefeitura e os moradores.

Em 2002, nova luta pela posse da terra se ascendeu no Poço da Draga, desta vez em função da proposta de construção do Centro Multifuncional de Eventos e Feiras do Ceará (CMEFC) na área. A proposta incluía a retirada da comunidade do seu local de instalação original com reassentamento previsto para as imediações. Mais uma vez, a mobilização da comunidade rendeu importante vitória, considerando que o projeto foi deslocado para a Avenida Washington Soares, no bairro Edson Queiroz, em funcionamento desde o ano de 2012.

A luta pelo direito à moradia não era novidade entre bairros de comunidades populares em Fortaleza. Desde os anos 1960, a comunidade do Pirambu, localizada em zona de praia a oeste, realizava manifestações em favor de seu direito à cidade. Para Ferreira (2006), as experiências comunitárias e memórias de luta pelo direito à moradia, como no caso do Pirambu e do Poço da Draga, são importantes aprendizados que se caracterizam como forma de educação popular. Para a pesquisadora, a Comunidade do Poço da Draga passou por três escolas de educação popular que se entrecruzam: a escola marinha, a escola da vida e a escola de lutas.

A escola marinha trata-se dos saberes ligados ao ofício da pesca, baseados na experiência com o mar, intrinsecamente relacionada à escola da vida, onde o aprendizado que se dá no cotidiano a este retorna, ou mesmo permanece, e que vai ao longo dos tempos se refazendo, de forma a corresponder à realidade vivida. Ferreira (2006) também ressalta que esse aprendizado caracteriza uma escola de lutas que se desenvolve no desenrolar das mobilizações e lutas sociais ensejadas pela busca de afirmação de direitos necessários a uma condição digna de vida que se possa dizer humana.

⁴⁴ Resort de grande envergadura, destacando-se como um dos principais empreendimentos imobiliários na cidade de Fortaleza.

Schramm (2001) também realizou sua pesquisa junto aos grupos populares, como pescadores e moradores do Poço da Draga. As narrativas definidas pela estudiosa como “vozes da Praia do Peixe” não fizeram nenhuma referência à Praia de Iracema “oficial”, ou seja, boêmia, romântica ou cultural (SCHRAMM, 2001, p. 92). As narrativas indicavam outros atores e fazeres, evidenciando o pertencimento a um lugar, aliado a uma situação de exclusão, o que remete à necessidade de estudos que valorizem a memória de comunidades não integradas à história “oficial” do bairro. Além disso, a memória de grupos como a Comunidade do Poço da Draga enfatiza a luta pela posse da terra, salientando a falta de infraestrutura e outras problemáticas, reforçando o direito à permanência do grupo no lugar, importante para sua identidade e sobrevivência. Por conseguinte, a memória também é um instrumento político.

Discutindo a relação entre a biblioteca pública Governador Meneses Pimentel⁴⁵ e a favela do Poço da Draga, o professor Tadeu Feitosa defendeu a importante relação entre sujeito e memória. Para o autor, a busca de acesso à memória está associada ao sujeito, pois entre ambos existem relações de desejo e vontade, mediante as quais o sujeito busca chegar às entranhas da memória. Esta busca implica uma viagem mágico-mítica ao longo da qual se tem descobertas (FEITOSA, 1998, p. 181-182).

Conforme a percepção de Feitosa (1998), a memória é, entre outras coisas, atualização do passado através do qual se reconstrói dados que ficaram para trás na história coletiva e individual. O autor explica que a memória também é uma espécie de ordenação de vestígios e releituras desses vestígios, numa reunião e reconstituição dos sentidos. Assim, a memória é a concatenação, estruturação e auto-organização desses sinais deixados como marcas em nosso passado (FEITOSA, 1998, p. 183).

O referido autor destaca que esse é um processo de imaginação, de busca de pistas e de testemunhas de uma memória arquetípica, à luz da qual se compreenda a própria realidade. Nesse sentido, o arquétipo é a origem das sensações presentes. Utilizando-se da metáfora da dragagem da memória, o autor afirma que, no âmbito das relações do sujeito com o mundo, ela se dá pelo recurso das narrativas, representadas pelos depoimentos e pelas histórias de vida dos moradores do Poço da Draga. Assim, esta viagem feita pelo sujeito para mergulho no mundo da memória é propiciada por meios como as recordações dos fatos que compõem sua história de vida, pelas celebrações de datas e eventos e pelo espaço urbano, suas casas, a praia habitada, por exemplo (FEITOSA, 1998, p. 182).

⁴⁵ A biblioteca localiza-se ao lado do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, nas proximidades do Poço da Draga.

Referindo-se às narrativas de dona Quiquinha, antiga moradora do Poço da Draga, Feitosa (1998) explica que a narradora se caracterizava como uma personagem que viajava de um momento distante ao instante em que narrava como num passe de mágica. Além disso, a atualização dessas impressões era feita como um mergulho em águas turvas em torno das quais há acesso e perdas de informações, num misto de revelação e ocultamento de detalhes. As falhas da memória eram muitas vezes consertadas por marcos memorativos como datas de nascimento de filhos e pelas edificações em volta da comunidade, como a Ponte Metálica e os quebra-mares.

Por conseguinte, Feitosa (1998) defende que a memória da Comunidade do Poço da Draga, tanto em termos coletivos como individuais, sustenta-se numa dimensão narrativa, através da qual eventos, fatos e dados históricos vão sendo contados. Assim, o autor defende que os narradores, em muitos casos, definiam-se como se fossem a memória viva de uma comunidade inteira, com indisfarçado orgulho de serem co-partícipes da história da comunidade. Feitosa (1998) propôs então o conceito de sujeitos-memória ou sujeitos-personagem para se referir a esses narradores.

O sujeito-memória é o testemunho vivo do tempo. Sua autoridade vem de sua contemporaneidade com os fatos históricos e de sua condição de ator de um momento vivido e que tornou-se marco de uma história coletiva [...] Para tanto, mostra uma narrativa extremamente criativa, performática e relacional (FEITOSA, 1998, p. 186).

O autor apresenta ainda um alerta, advertindo que, na busca de resgatar a memória da Praia de Iracema, os projetos de reurbanização do local envolvem a destruição de memórias. A afirmação anterior se baseia no fato de haver a escolha do que deve ser acessado, enquanto outras memórias lutam para resistir. Logo, a ideia é aprisionar a memória em materiais já portadores dessa função, como pedras, a arquitetura de um modo geral, o mármore, as praças, as passarelas, as vitrines, os teatros, as bibliotecas e os museus.

Neste processo, Feitosa (1998) explica que a Ponte Metálica, ao se tornar cartão-postal da cidade, tornou-se espaço-memória de uma cidade inteira juntamente com a Praia de Iracema, o Estoril e outras casas de boemia, fazendo parte das pretensões do que o autor denominou como “caçadores de espaços economicamente viáveis”. Como alternativa, o autor destaca que a construção do CDMAC ao lado da atuação da biblioteca pública poderia indicar o trabalho próximo aos sujeitos-memória a fim de construir um acervo mais vivo sobre a Praia de Iracema. Nesse sentido, percebe-se a importância de narrativas orais de moradores do Poço da Draga na luta por direitos na cidade, expressando demandas da comunidade.

Os sujeitos-memória devem ser priorizados na elaboração de políticas públicas de intervenção territorial, porém, na maioria dos casos, o atendimento às demandas de setores capitalistas, como o setor do turismo e o imobiliário, impõe-se sobre as políticas públicas. Ainda assim, é possível pensar em alternativas, o que exigiria, nesse caso, a valorização de demandas da comunidade, suas memórias e lutas.

3.3 Praia de Iracema: memórias coletivas x memórias divididas

A implementação de políticas públicas de requalificação urbana na Praia de Iracema implica considerar a história do bairro, exercício realizado nos tópicos anteriores deste capítulo. É importante assinalar que esta necessidade advém da relevância de se conhecer as especificidades locais do território para o devido atendimento às demandas dos grupos sociais que neles vivem. O conhecimento da história local também é fundamental para se pensar a respeito de memórias associadas aos espaços urbanos.

Nesse sentido, é imprescindível discutir a respeito de memórias associadas à Praia de Iracema, posto que algumas são bastante representativas da história do bairro como as referências à sua boemia, arte e cultura, que se fazem presentes nas narrativas de gestores, empresários, da mídia e de artistas. Contudo, existem narrativas de grupos sem nenhum vínculo com a boemia ou mesmo com os consagrados artistas e produções culturais em destaque. Trata-se de memórias de moradores e trabalhadores que em seu cotidiano também praticam o espaço urbano e que suas narrativas denotam experiências no bairro.

Schramm (2001) explica que o cenário idealizado da Praia de Iracema consiste numa construção simbólica, amalgamada através da vasta produção de narrativas elaboradas sobre o espaço ao longo de sua história. Debatendo com Halbwachs (1990), Schramm (2001) concorda que as narrativas consolidam uma determinada memória coletiva, um acervo de lembranças socialmente construídas e referenciadas a um grupo.

Assim, a referida autora defende que é importante analisar algumas das muitas memórias existentes sobre a Praia de Iracema, buscando revelar que elementos as estruturam e como foram construindo uma memória coletiva que àquele espaço consignou atributos como lugar romântico, cultural, boêmio (SCHRAMM, 2001, p. 58-59).

Refletindo sobre a memória coletiva e o espaço urbano, Maurice Halbwachs afirma que na cidade é possível transformar ruas, modificar casas, mas se as pedras se deixam transportar, não é tão fácil modificar as relações que são estabelecidas entre elas e os homens. Isto porque existe importante relação entre espaço urbano e memórias coletivas, definidas

como correntes de pensamento contínuo que retém do passado aquilo que ainda está vivo ou que é capaz de viver na consciência do grupo que as mantêm. Esta concepção é importante na medida em que a memória coletiva é concebida como um fato social, na acepção durkheimiana. Halbwachs entende que a capacidade de evocar lembranças exige a referência a um grupo que se comporta como instâncias de ancoragem e de construção da memória, as chamadas comunidades afetivas. Desta forma, a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores, onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada (HALBWACHS, 1990, p. 71).

Consoante Halbwachs (1990), cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva que muda conforme o lugar ocupado no agrupamento social e este, por sua vez, segundo as relações mantidas com outros meios. Assim, apesar de diferenças individuais, a tentativa de se explicar a diversidade remete sempre às influências que são todas de natureza social. Por isso, para o autor, a sucessão de lembranças, por mais pessoais que sejam, explicam-se sempre pelas mudanças que se produzem nas relações com os diversos meios coletivos (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Entretanto, Maurice Halbwachs compreendeu que cada homem está mergulhado ao mesmo tempo em vários grupos. Cada grupo se divide ou se restringe no tempo e no espaço, sendo que é no interior dessas sociedades que se desenvolvem tantas memórias coletivas originais que mantêm por algum tempo lembranças importantes para os seus membros. Assim, os indivíduos, em seus grupos, pensam e se recordam em comum pois, por mais que cada um tenha a sua perspectiva, estão em relação estreita com os outros. Desta forma, se suas lembranças se deformam, basta que o indivíduo se coloque do ponto de vista dos outros para retificá-las (HALBWACHS, 1990, p. 80).

Sobre a História, Halbwachs (1990) a define como tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, entendendo que livros e narrativas apresentam apenas um quadro bastante esquemático e incompleto. Para o autor, a memória não se apoia na história aprendida, baseada na sucessão cronológica de acontecimentos e datas, mas no que ele denominou de história vivida, entendida como aquela que se perpetua ou se renova através do tempo, onde é possível encontrar um grande número de correntes antigas que haviam desaparecido apenas na aparência.

Desse modo, a história vivida opõe-se à história escrita, tendo tudo o que é preciso para se constituir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar para conservar e reencontrar a imagem de seu passado. Diante disso, Halbwachs compreendeu que

a memória coletiva ou social não se confunde com a história, pois esta começa onde a memória coletiva acaba e que, por sua vez, é desvanecida quando não tem mais como suporte um grupo.

Estudos posteriores realizaram importantes críticas ao conceito de memória coletiva em Halbwachs, bem como às diferenças que ele apontou em relação à história. Primeiramente, é importante assinalar as contribuições de Halbwachs para os estudos sobre a memória ao assumi-la como um fenômeno que vai além da dimensão individual, caracterizando-se como um fato social.

Segundo Jucá (2011), não se pode deixar de reconhecer a decisiva contribuição apresentada por Halbwachs ao reconhecimento da função social da memória. Isto porque anteriormente se priorizava a memória do ponto de vista individual, associada ao estudo da Psicologia, mas a descoberta de um horizonte mais amplo da memória permitiu situá-la numa relação social dinâmica, indo além de um valor particular, o que constitui a essência de sua significativa contribuição.

Jucá (2011) explica que a interpretação social que pode ser extraída da memória nos remete a um campo mais abrangente, onde o individual se movimenta através de espaços sociais dinâmicos, porque a memória faz referência a algo mais do que a um mundo pessoal, deixando transparecer a relação entre o indivíduo e o seu meio social, tornando mais abrangente o perfil da realidade estudada (JUCÁ, 2011, p. 25).

Assim, o autor conclui que, ao reconhecer a dimensão simbólica da memória, a sua utilidade como fonte informativa fornece subsídios valiosos que permitem compreender não só os indivíduos entrevistados, mas um espaço social mais abrangente, onde estão engajados (JUCÁ, 2011, p. 28).

Sobre as diferenças entre memória coletiva e história, Jucá (2011) explica que, para Halbwachs, a memória é sempre vivida e compartilhada em virtude de ser social. Já a história escrita, tratada pelo pensador francês, é assumida como impessoal, sendo uma reconstituição que mantém uma distância entre quem a elabora e os envolvidos no seu enredo. A memória, por sua vez, é compreendida como não estabelecendo uma cisão entre o passado e o presente, pois as lembranças permanecem, mesmo que reconstituídas com novas versões (JUCÁ, 2011, p. 34).

Outro ponto importante é que Halbwachs desconsiderou a relação entre a história e o presente, ao criticar a produção historiográfica de sua época⁴⁶, tendo em vista que a

⁴⁶ Halbwachs criticava o conceito de história da historiografia de sua época que priorizava o passado, afirmando-se imparcial e desinteressada pelo presente. É importante apontar que os Annales, contemporâneos do referido

história responde a questões do tempo presente, onde o historiador realiza suas pesquisas, como em todo estudo de caráter social.

O que diferencia a pesquisa histórica de outros campos do conhecimento científico é a demanda pelo contato com vestígios que ganham o status de fontes históricas ao responderem a questões colocadas pelo historiador. É exatamente aí que reside a sua relação com o presente: o historiador responde a questões de sua época, demandadas por seu ofício. Isto porque:

Se o historiador produz o conhecimento acerca de temas vinculados ao passado, a própria escolha efetuada decorre das indagações do momento presente a ele direcionado, onde a memória torna real a trajetória de aproximação entre o ontem e o hoje (JUCÁ, 2011, p. 41).

Outro ponto discutível na abordagem de Halbwachs é a preponderância do coletivo sobre o individual. Valorizar a memória e seus vínculos com os grupos sociais é fundamental, porém, é preciso também considerar as subjetividades de cada indivíduo que compõe os agrupamentos. Assim, um estudo sobre memórias não pode reduzi-las ao individual, negligenciando seu caráter social, mas também não deve determinar as narrativas aos grupos, pois cada pessoa possui subjetividades e particularidades que a singularizam.

É importante considerar que o conceito de memória coletiva em Halbwachs não aprofundou a existência de conflitos e disputas negligenciados a partir da concepção de comunidades afetivas e do conceito de memória nacional. Cada grupo e mesmo cada sujeito individual possui conflitos internos e enfrenta disputas que devem ser consideradas, pois toda memória é política. Além disso, não se pode cair no reducionismo de que a disposição no grupo e o contato com outros agrupamentos explicam as diversidades individuais, como argumentou Halbwachs. Isto porque tratar de memórias implica considerar as subjetividades de cada narrador.

Portelli (2006), ao tratar do conceito de memória coletiva em Halbwachs, explica que não se deve esquecer de que a elaboração da memória e o ato de lembrar são sempre individuais, pois são pessoas, não grupos, que se lembram. Assim, Portelli (2006) salienta que se toda memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para tratar de uma cultura inteira. Porém, cada indivíduo, sobretudo em se tratando dos tempos e sociedades modernos, extrai memórias de uma variedade de grupos e as organiza de forma idiossincrática. Desta forma, o autor conclui que, assim como todas as atividades humanas, a memória é social e pode ser compartilhada, razão pela qual cada indivíduo tem algo a contribuir para a história social,

pensador, também faziam o mesmo. Além disso, mesmo que não se assumisse o interesse pelo presente, todo conhecimento histórico parte dos interesses do pesquisador e de seu tempo.

porém, ela só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais (PORTELLI, 2006, p. 127).

Ainda refletindo sobre a abordagem de Halbwachs, Portelli (2006) afirma que a memória se torna coletiva quando abstraída e separada do individual, como nos casos do mito, do folclore; na delegação a uma pessoa autorizada a contar muitas histórias; e nas instituições como escola, Igreja, Estado, partindo do fato de que organizam memórias e rituais num todo diferente da soma de suas partes. Assim, a memória coletiva nada tem a ver com memórias de indivíduos, mas deve ser concebida como uma formalização igualmente legítima e significativa, mediada por ideologias, linguagens, senso comum e instituições (PORTELLI, 2006, p. 127).

Nesse sentido, o autor adverte que não se podem procurar oposições somente entre campos de memória, mas também dentro deles. Por conseguinte, a definição de memória dividida precisa ser ampliada para definir não só a dicotomia e hierarquia implícita entre a memória institucional e a memória coletiva da comunidade, mas também a pluralidade fragmentada de diferentes memórias (PORTELLI, 2006, p. 128).

Sobre o conceito de memórias divididas, Portelli (2016) explica que foi desenvolvido pela historiografia italiana para designar as narrativas conflituosas da Segunda Guerra Mundial, entretanto, o conceito significa em geral uma divisão entre as memórias separadas de sujeitos em oposição. Em um sentido mais aprofundado a memória é dividida, dilacerada, dentro de si mesma, dentro da consciência dupla e não conciliada de indivíduos e grupos sociais (PORTELLI, 2016, p. 170-171).

O referido autor explica que quando se falam em memórias divididas não se deve pensar apenas num conflito entre a memória comunitária pura e espontânea e aquela “oficial” e “ideológica” de forma que, uma vez desmontada, esta última se possa assumir a autenticidade da primeira. Na verdade, o conceito remete a uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas (PORTELLI, 2006, p. 106).

Assim, Portelli (2006) reflete sobre a coexistência de memórias divididas entre gerações, mas também internamente, pois o narrador pode se dividir entre o desejo de silenciar e de esquecer e a necessidade de se expressar. A memória da comunidade também está socialmente dividida entre antigos e novos habitantes, até mesmo a memória das instituições pode estar dividida, variando em um discurso público e oficial em relação ao íntimo de narradores. Desta forma, torna-se um erro considerar que as memórias em comunidades são um núcleo impenetrável ao pensamento e imune à história e à política,

inacessível à análise crítica. Isto porque confrontar as memórias de outros e ser modificado nesse encontro é um diálogo (PORTELLI, 2006, p. 129-130) e a história oral é definida pelo autor como uma relação dialógica (PORTELLI, 2016, p. 12).

Sobre o conceito de memória nacional, é ainda mais evidente sua conotação política, sendo preciso considerar as disputas e conflitos existentes no território pois, na maioria dos casos, enquanto evidenciam-se as memórias de determinados grupos e sujeitos, negligenciam-se outros. Além disso, o conceito de memória nacional está intimamente relacionado ao de Estado, pois é ele que torna determinadas memórias legítimas e, portanto, nacionais.

Para Halbwachs, o conceito de memória nacional é um desdobramento das comunidades afetivas, sendo sua última instância. Porém, assim como dentro das comunidades e dos sujeitos, existem conflitos e disputas, o que, em se tratando de memória nacional, torna-se ainda mais evidente.

Nesse sentido, qual a saída para o pesquisador interessado em narrativas baseadas em memórias? Em resposta ao desafio, esta pesquisa propõe análises que considerem os grupos sociais dos quais o entrevistado faz parte, mas também os conflitos e disputas dentro do grupo e mesmo no interior do próprio narrador, considerando também suas subjetividades.

Por conseguinte, o pesquisador não pode negligenciar que a memória é social, mas também não deve determinar as narrativas a partir dos agrupamentos sociais, pois cada narrador é único, assim como cada entrevista é um encontro singular. Levando isso em consideração, é válido destacar que a diversidade de informações não pode ser considerada como um fator limitador da pesquisa, uma vez que a relação entre o indivíduo e sociedade fornece a sua identidade, que não pode ser entendida como uma forma de exclusão social, mas sim como um comprovante de sua identidade histórica (JUCÁ, 2011, p. 44). Como destacou Pollak (1989), mesmo no nível individual, o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida.

Mas esta constatação conduziu a pesquisa a outro questionamento: Ao assumir as subjetividades do narrador, a pesquisa não se torna enviesada ao ponto de vista do entrevistado? É preciso considerar que esta questão é epistemológica, adentrando no campo das críticas às abordagens qualitativas da pesquisa social. O que o pesquisador precisa atentar é para a possibilidade de se responder às questões propostas pela pesquisa a partir da metodologia adotada.

As subjetividades dos entrevistados também contribuem para esta avaliação de políticas públicas, pois permitem aprofundar a análise das narrativas. Portanto, a pesquisa

mostrou-se enriquecida tanto ao considerar as memórias como fenômeno social, seus conflitos, demandas e disputas, como ao valorizar as subjetividades de cada narrador. Nesse sentido, é importante destacar que:

A história oral, em essência, é uma tentativa de reconectar o ponto de vista nativo, local, vindo de baixo, e o ponto de vista científico, global, visto de cima: de contextualizar aquilo que é local e de permitir que o global o reconheça. A história oral, então, junta a história vinda de cima e a história vinda de baixo em um mesmo texto- em uma mesa de negociação- criando um diálogo igualitário entre a consciência que os historiadores têm dos padrões espaciais e temporais mais amplos e a narrativa pessoal, mais pontualmente focada, do narrador local (PORTELLI, 2016, p. 150).

Refletindo sobre uma operação de bombardeio por canhões libertadores da OTAN que atingiram, sem querer, um ônibus vermelho numa região entre Kosovo e Montenegro em 1999, Portelli (2016) explica que os bombardeios foram impessoais, mas as pessoas atingidas o foram pessoalmente, pois os danos aos passageiros podem parecer colaterais para o estrategista, mas são centrais para essas pessoas. Assim, para Portelli (2016), o trabalho de história oral consiste no esforço de conectar a história oficial com a proximidade da experiência do “Eu estava lá”.

Diante de tal constatação, um historiador oral precisa conseguir enxergar ambas as dimensões, bem como o espaço entre elas. Deve-se tornar os que estão “em cima” conscientes dos significados que suas ações têm lá embaixo, também buscando tornar os que estão “embaixo” conscientes das causas e dos contextos globais daquilo que acontece a eles (PORTELLI, 2016, p. 152).

Para Portelli (2016), a memória é como a respiração: pode-se respirar bem ou mal, um ar bom ou ruim, mas não é possível parar de respirar por muito tempo. Não se pode decidir em ter ou não memória, somente é possível controlar parcialmente o seu conteúdo e funcionamento. Portanto, a memória funciona como um músculo involuntário, independente de nossos comandos conscientes (PORTELLI, 2016, p. 45). A relação entre memória e tempo também parece algo bastante natural, até porque a memória é um trabalho de atualização de lembranças no presente.

Tal como assevera Alberti (2011), é de acordo com o que se pensa que ocorreu no passado que serão adotadas determinadas decisões no presente, logo, a memória é um objeto de contínua negociação. Conforme Pollak (1989), a memória é resultado de um trabalho de organização e seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e coerência, isto é, de identidade.

Outra importante observação de Portelli (2016) é que a oposição entre memória e esquecimento é falsa, pois ele é parte necessária da memória. Nesse sentido, lembrar tudo significa não lembrar nada, haja vista que, mais do que um armazém de dados, a memória é um trabalho constante de busca de sentido, que filtra os vestígios da experiência entregando ao esquecimento aquilo que já não tem significado na atualidade, mas também aquilo que tem significado demais (PORTELLI, 2016, p. 47). O referido estudioso ainda adverte que tanto o peso da memória quanto a leveza do esquecimento vão contra o estabelecimento de uma relação crítica e consciente com o passado e com o presente (PORTELLI, 2016, p. 46).

Portelli (2016) chama a atenção para a chamada memória-monumento, a memória praticada e frequentemente imposta pelas instituições, como comemorações e celebrações das glórias do passado; narrativas da identidade nacional que só recordam aquilo que a orgulha, ocultando as sombras e as contradições. Seguindo esse raciocínio, o autor afirma que esta é também uma característica da memória individual, sobre a qual se constroem os alicerces de uma identidade pessoal. A memória-monumento, portanto, é “um instrumento para que nos sintamos satisfeitos e em paz com nós mesmos, e, portanto para que continuemos sendo o que temos sido” (PORTELLI, 2016, p. 48). Por outro lado, Portelli (2016) adverte que a função mais útil da memória é servir para nos incomodar, para colocar em dúvida as certezas que nos tranquilizam.

O debate sobre memórias coletivas e divididas é importante para esta pesquisa na medida em que se pode pensar sobre nuances dentro do que se constituiu como a memória coletiva da Praia de Iracema. Associadas aos processos de requalificação, as representações em torno do bairro desenvolveram-se a partir de usos e apropriações por gestores públicos e por investidores privados, e de memórias entendidas ou até mesmo “fabricadas” como coletivas. Assim, antes de adentrar em políticas de requalificação implementadas na Praia de Iracema, é preciso debater acerca de representações que orientam narrativas sobre o bairro, considerando o que foi apropriado como memória coletiva, mas apontando as contribuições de um aprofundamento da questão, o que implica pensar em memórias divididas.

Segundo Schramm (2001), a implementação de políticas públicas de requalificação urbana no bairro Praia de Iracema faz parte de uso conveniente, por parte de gestores públicos e de setores da iniciativa privada, de uma memória coletiva (ou da tentativa de constituir uma memória coletiva) para legitimar a construção simbólica da tradição de um lugar atendendo às demandas do turismo e do lazer. Assim, privilegiaram-se espaços praticados por alguns atores e as memórias a eles associadas em detrimento de outros, esquecidos e marginalizados.

A apropriação por parte de gestores públicos e investidores privados de uma memória coletiva acerca da Praia de Iracema implicou em conflitos, inclusive com grupos boêmios, ainda que as políticas de requalificação buscassem valorizar as áreas que estes frequentassem. Todavia, outros grupos não tiveram suas memórias valorizadas, como a Comunidade do Poço da Draga, durante os pioneiros processos de requalificação.

Sobre a Comunidade do Poço da Draga, é importante assinalar os estudos de Feitosa (1998) e Ferreira (2006), os quais valorizam os relatos orais advindos dos sujeitos-memória, testemunhos da história da comunidade. As memórias são concebidas como caminhos para a compreensão das práticas que se dão no Poço da Draga, desde o trabalho, o dia-a-dia, aos sonhos e às lutas. Assim, tem-se que:

Importante para nós será perceber nestes discursos, se não a confluência, ao menos esboça-se o embate de memórias construídas a partir das experiências vividas e relatadas por seus participantes. Este entrecruzamento das memórias possibilita um entendimento mais profícuo da própria comunidade, seja pelos seus moradores, ou pelos estudiosos que a ela se dedicam (FERREIRA, 2006, p. 21).

Por conseguinte, esta pesquisa, ao aprofundar o tratamento às memórias associadas ao bairro Praia de Iracema, avançou substancialmente com a valorização de memórias divididas. Tornou-se evidente que a memória não pode ser reduzida a uma caixa que armazena informações, pois ela atualiza, silencia, esquece e dialoga, apontando conflitos entre grupos e até dentro do próprio narrador. Assim, concorda-se com Pollak (1989) no sentido de que trabalhar com história oral implica pensar numa multiplicidade de memórias em disputa.

Além disso, esta pesquisa, ao valorizar a memória que está associada às identidades individuais e coletivas, torna aguçado o interesse em estudar o passado, em virtude da necessidade de associá-lo à compreensão do presente (JUCÁ, 2011, p. 43).

4 POLÍTICAS DE REQUALIFICAÇÃO URBANA NO BAIRRO PRAIA DE IRACEMA

*E o mar engolindo lindo,
Antiga Praia de Iracema
E os olhos verdes da menina
Lendo o meu mais novo poema.
E a lua viu desconfiada
A noiva do sol
Com mais um supermercado
Era uma vez
Meu castelo entre mangueiras
E jasmims florados.
(Ednardo, 1976).*

Este capítulo trata da implementação de políticas públicas de requalificação urbana no bairro Praia de Iracema, considerando o pioneirismo das gestões municipais dos anos 1990 até as tentativas atuais, e aborda as especificidades dos projetos de requalificação de cada gestão, apontando seus objetivos e legado.

Para tanto, utilizou-se de intensa pesquisa bibliográfica e documental, baseada em estudos acadêmicos e técnicos, participação em eventos, bem como se recorreu à realização de entrevistas em profundidade, baseadas na história oral. Percebeu-se que os diferentes projetos de requalificação corresponderam às demandas e interesses de seu tempo, incluindo projetos políticos mais amplos. Além disso, as intervenções na Praia de Iracema se basearam em compreensões acerca da história do bairro por parte de gestores e de grupos de interesses.

Por isso, realiza-se importante debate acerca do conceito de requalificação e sua utilização ao longo do tempo, apontando as dificuldades de seu emprego e as semelhanças e diferenças em relação a outros conceitos da política urbana como revitalização e gentrification. Destaca-se também que o conceito mencionado assume diferentes sentidos e abordagens na linguagem de arquitetos, de moradores da Praia de Iracema e de gestores públicos municipais.

Assim, apresentam-se características gerais das tentativas de requalificação implementadas ao longo da história do bairro, porém enfatizando-se as políticas públicas que vem sendo implementadas nos dias de hoje.

Por conseguinte, o objetivo do capítulo não é avaliar em uma pesquisa comparativa qual gestão municipal foi capaz de realizar melhores intervenções. Buscou-se analisar quais os interesses e as demandas a que as políticas de requalificação implementadas atenderam, bem como suas respectivas dificuldades.

4.1 Políticas de requalificação pioneiras: gestões Juraci Magalhães e Antônio Cambraia (1991-2004)

Na década de 1990, a Prefeitura Municipal de Fortaleza e o Governo do Estado do Ceará iniciaram obras de intervenção urbana no bairro Praia de Iracema visando a sua requalificação (SCHRAMM, 2001; BEZERRA, 2008). De acordo com Bezerra (2008), a utilização do termo requalificação se dá em virtude de ter existido, no espaço pesquisado, a construção de novos equipamentos além da “reabilitação” de construções antigas. Alguns autores brasileiros também utilizam os termos *gentrification*, *gentrificação* ou *revitalização* que, assim como requalificação, referem-se a intervenções urbanas que transformam espaços da cidade em áreas de investimentos públicos e/ou privados.

Para Leite (2004), a partir dos anos 1990 ocorreu uma mudança na lógica de participação dos setores público e privado nas políticas de patrimônio, alterando os critérios de preservação. Conforme o referido pesquisador, a tônica central do “planejamento estratégico” que, para ele, é um eufemismo acanhado para o termo *gentrification* e uma espécie de onda neoconservadora do urbanismo, foi a transformação da cultura em um segmento do mercado e da própria economia em um assunto cultural. Dessa forma, a participação do setor privado nesse tipo de empreendimento tornou-se central, não apenas para assegurar a continuidade de investimentos, como também para imprimir um dinamismo típico de negócios, para que a cidade e seus produtos culturais pudessem ser vendidos como mercadoria (LEITE, 2004, p. 71).

Esse processo se deu no contexto de expansão do novo fluxo mundial das políticas liberais, induzindo o reordenamento do papel do Estado fundado na desregulamentação econômica e deslocando antigas funções do poder público para a iniciativa privada. Leite (2004, p. 74) explica que é nesse contexto de desregulamentação da economia que as políticas de *gentrification* do patrimônio cultural encontram a sua forma como política urbana.

Assim, os centros históricos passaram por processos de *gentrification*, sendo objetos de políticas urbanas e culturais que buscavam recuperar seu patrimônio cultural para torná-lo passível de reapropriação por parte da população e do capital. Leite (2004) utiliza o termo *gentrification* para designar formas de empreendimentos econômicos que elegem certos espaços da cidade como centralidades e os transformam em áreas de investimentos públicos e privados.

O autor traz ainda que, em virtude de uma dimensão mercadológica, a racionalidade de preservação teve seu foco direcionado para as práticas que podem agregar valor aos bens culturais, no sentido de possibilitar uma rentabilidade dos investimentos aplicados, acrescidos dos lucros potenciais que o bem restaurado pode propiciar. Desta forma, a transformação do patrimônio em mercadoria cultural significava ressaltar seu valor de troca a partir da ampliação do espectro econômico dos seus valores de uso, reduzindo o valor cultural ao valor econômico (LEITE, 2004, p. 65).

Segundo Peixoto (2009), o termo requalificação é um dos mais empregados em operações de natureza urbanística, arquitetônica e de intervenção no espaço público. Invadindo discursos jornalísticos, técnicos, políticos e científicos, o uso trivial do termo provoca retóricas ambíguas e acríicas, assumindo, em muitos casos, um caráter técnico que tende a isentá-lo de carga política.

Peixoto (2009) esclarece que, dentre as dinâmicas e processos presentes na origem de políticas de requalificação urbana, estão a tendência à policentralidade e a perda de vitalidade de antigos centros urbanos, que acabam por gerar novos centros e novas margens em um quadro de alargamento incessante da malha urbana. Além disso, o processo de requalificação urbana está relacionado à consolidação de um mercado urbano do lazer construído em torno do espaço público e do consumo visual, processo que emerge num cenário de concorrência e de competitividade entre cidades e que adensa a importância de fatores representacionais e imagéticos, assim como também de intervenções urbanísticas e arquitetônicas, as quais concretizam no espaço símbolos de afirmação e de identificação das cidades (PEIXOTO, 2009, p. 41-42).

Ainda segundo o autor, a requalificação urbana corresponde a uma prática de planificação ou de proteção urbanística de equipamentos ou de infraestruturas expostos à degradação e a obsolescência funcional. Diferentemente de reabilitação urbana que se dirige mais ao edificado, a requalificação urbana direciona-se mais ao seu entorno e ao espaço público ou, no caso das operações urbanas de larga escala, à reconversão funcional de um dado espaço. Por conseguinte, também se diferencia de revitalização urbana, a qual se orienta para a captação de novos residentes e ao relançamento da vida econômica e social de uma parte da cidade em decadência (PEIXOTO, 2009, p. 46).

A requalificação, portanto, pode ser definida como o processo que visa à mudança da imagem de degradação do lugar, substituindo funções e/ou introduzindo novas funções, pressupondo, portanto, a refuncionalização das relações sociais (SANTOS, apud EVALISTA, 2013).

O processo de requalificação objetiva recuperar o capital, e para tanto transforma a cidade e o bairro em mercadoria. Daí que as políticas públicas passam a utilizar o valor histórico e cultural dos espaços urbanos para transformá-los em objetos de consumo, com poder de atração para os residentes e, principalmente, para os turistas. As estratégias utilizadas para tal fim são investimentos em lazer e turismo (EVANGELISTA, 2013, p.124).

Consoante o entendimento de Gondim (2007), os chamados governos das mudanças⁴⁷ tiveram papel fundamental na criação da imagem de destino turístico do Estado do Ceará. Para tanto, o Estado tornou-se parceiro efetivo na promoção do turismo e do lazer na cidade de Fortaleza atuando com políticas de requalificação urbana em bairros como a Praia de Iracema, nas palavras de Aquino (2003), a “vitrine da cidade”.

As gestões dos prefeitos Ciro Gomes, Juraci Magalhães e de seu aliado Antônio Cambraia ao longo da década de 1990, bem como do primeiro e de Tasso Jereissati no Governo do Estado do Ceará, mantiveram eminentes esforços em torno da divulgação de Fortaleza como a “Cidade do Sol”, uma imagem difundida pela mídia impressa e televisionada que serviu de suporte para comunicação de porte simbólico, transmitindo mensagem direcionada aos consumidores de praias (DANTAS, 2011, p. 87).

Assim, para Dantas (2011), os governos das mudanças buscaram modificar a imagem do Nordeste de território das secas, revertendo o quadro de poucas chuvas em um aspecto positivo do litoral fortalezense, direcionando a imagem da “Cidade do Sol” aos consumidores de praia, no que concorda Gondim (2007).

Desta forma, as intervenções no bairro Praia de Iracema foram consideradas prioritárias a fim de serem produzidas imagens atrativas ao mercado do turismo e do lazer na cidade de Fortaleza. Schramm (2001) destacou quatro intervenções urbanísticas na Praia de Iracema durante esse processo: a construção do calçadão da Praia de Iracema (1991-1993), a reforma da Ponte dos Ingleses (1994), a reconstrução do restaurante Estoril (1995) e a criação do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura⁴⁸ (inaugurado oficialmente em 1999) que, embora pertença ao bairro Centro, tem seu entorno conhecido como Praia de Iracema do Dragão (BEZERRA, 2016).

⁴⁷ Os “Governos das mudanças” tiveram início com a eleição de Tasso Jereissati para o Governo do Estado em 1987, seguida da de Ciro Gomes em 1990, e da de Tasso Jereissati novamente em 1994 e 1998. (BARBOSA, 2006). Como aponta Gondim (2007) estas gestões se autodenominavam “governos das mudanças”.

⁴⁸ Conforme o arquiteto Fausto Nilo, à frente da obra do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura juntamente com Delberg Ponce de Leon, o projeto inicial visava integrar o centro cultural à Ponte dos Ingleses, impossibilitado por questão de custos (BEZERRA, 2008). Vale lembrar que a ideia de implementar um Centro de Cultura em Fortaleza partiu de Paulo Linhares, então secretário de cultura na gestão do governador Ciro Gomes, embora tenha sido entregue no governo Tasso Jereissati em fins dos anos 1990.

Segundo Barbosa (2006), as quatro intervenções públicas citadas cristalizaram a condição da Praia de Iracema como bairro temático aliado à apropriação e livre interpretação dos elementos do passado do bairro por agentes do setor privado. Para Evangelista (2013), essa mudança advém da necessidade de atender à lógica do capitalismo, tendo em vista que o litoral passou a ser apropriado como lugar de lazer e de turismo, sendo o patrimônio cultural valorizado ao tornar-se uma mercadoria simbólica, cooptada pelo poder econômico como estratégia para o desenvolvimento turístico.

Conforme delinea Rocha Júnior (2000), as políticas públicas implementadas na Praia de Iracema revelam a relação entre turismo e desenvolvimento, sendo percebido que os governos das mudanças deram ênfase à política industrial e ao planejamento do turismo como políticas para o desenvolvimento econômico do estado do Ceará. Em sua pesquisa, o referido autor apontou o impacto da atividade turística na economia estadual, bem como a relação entre as políticas de requalificação urbana da Praia de Iracema e a criação de espaços turísticos no contexto do turismo globalizado e da busca pelo desenvolvimento local por parte dos governos das mudanças.

É a partir desse contexto que é possível compreender as intervenções urbanas implementadas pela prefeitura no bairro Praia de Iracema. O desenvolvimento de um mercado de turismo e lazer em um contexto de globalização e neoliberalismo exigiu que a Prefeitura Municipal de Fortaleza interviesse na tentativa de apoiar os investimentos privados a fim de tornar a cidade de Fortaleza um destacado destino turístico.

Vários estudos técnicos e no âmbito acadêmico, como monografias, dissertações e teses, tratam desse período buscando avaliar o que aconteceu com a Praia de Iracema. Nesse aspecto, destaca-se a pesquisa de Bezerra (2008), que explicou a intrínseca relação entre o turismo e as políticas de requalificação urbana implementadas na área.

Schramm (2001), por sua vez, observou a apropriação de memórias coletivas associadas ao bairro por parte de gestores públicos e da iniciativa privada na busca pela requalificação. Bezerra (2008) retomou essas observações a partir do estudo das representações de adeus e boemia associadas ao bairro, tratadas no capítulo anterior a partir do estudo sobre memórias em espaços urbanos. Esta pesquisa, ao valorizar narrativas de grupos sócio-históricos da Praia de Iracema, percebeu que os estudos de Bezerra (2016) podem indicar também representações de um eterno retorno associadas ao adeus.

Na tentativa de promover a Praia de Iracema como a “vitrine da cidade”, as políticas de requalificação buscaram se apropriar de representações associadas ao bairro, reforçando imagens que a vinculavam às demandas do mercado do turismo, processo que se

desenvolve em função da concorrência entre cidades neste mercado, mas que é permeado por diversas críticas, o que será abordado ao longo deste trabalho. Ao valorizar a Praia de Iracema buscou-se investir em sua imagem, seja através de reformas de seus equipamentos públicos, seja através de campanhas na mídia, ou na busca em atrair investimentos privados.

Figura 17 – Orla Marítima da Praia de Iracema, anos 1990



Fonte: Arquivo do fotógrafo Jacques Martins Antunes.

A Prefeitura Municipal de Fortaleza realizou duas intervenções na orla marítima do bairro consideradas de grande importância para esta pesquisa: a construção do calçadão da Praia de Iracema (1991-1993) e a reconstrução do Estoril (1995). Vale destacar que este trabalho busca realizar um levantamento de problemas públicos tendo como referência a história das políticas de requalificação no bairro, não se fazendo necessário elencar todas as intervenções, mas somente aquelas que contribuíram de forma significativa para a avaliação de políticas públicas proposta.

A pioneira tentativa de requalificação urbana do bairro Praia de Iracema remete à primeira gestão do prefeito Juraci Magalhães em 1991, quando assumiu a prefeitura após a vitória do então prefeito Ciro Gomes para o governo do estado do Ceará. O primeiro processo de requalificação se estendeu pela gestão do aliado político e sucessor de Juraci Magalhães, o prefeito Antônio Cambraia (1993-1997). Este grupo político seguiu na administração pública municipal por mais dois mandatos seguidos de Juraci Magalhães (1997-2005). No início do

processo de requalificação foi construído o calçadão do bairro Praia de Iracema (1991-1993) e reconstruído o prédio do restaurante Estoril (1995), referência da boemia do bairro⁴⁹.

A construção do calçadão da Praia de Iracema foi a primeira grande intervenção na década de 1990 com vistas à requalificação do bairro. Dantas (2011) explica que a municipalidade buscava incorporar as zonas de praia como lugar de lazer para a população e corresponder à demanda da indústria turística emergente, construindo calçadões nas praias de Iracema, do Futuro e da Leste-Oeste.

Para Dantas (2011), após os anos 1980, a construção de calçadões não se reduziu a uma política pontual, mas representou uma política mais ampla de construção de vias interligando as zonas de praia. Assim, a prefeitura priorizou a ligação entre o pioneiro calçadão da Beira-Mar, construído no final dos anos 1970, o calçadão da Praia de Iracema e a Praia da Leste-Oeste.

O calçadão da Praia de Iracema foi construído em espaço erodido pelo mar, numa área caracterizada pela presença de restaurantes e bares, alguns fortemente associados à boemia, como Estoril, Pirata Bar, Cais Bar, entre outros. A instalação do calçadão deveria atender às demandas dos consumidores dos espaços públicos do bairro visto que, com a requalificação, a orla ganhava iluminação noturna.

A segunda intervenção de destaque por parte da prefeitura foi a reconstrução do Estoril em 1995. Desde o final dos anos 1990 em processo de tombamento, o Estoril desabou por conta de fortes chuvas em 1994. Deixando de ser de madeira, o novo Estoril deveria atender a uma tentativa de mercantilização da boemia (SCHRAMM, 2001), baseada na apropriação, pelo mercado do turismo e lazer, de memórias coletivas associadas ao prédio localizado rente ao calçadão. Assim, os usos da memória coletiva legitimavam a construção simbólica da tradição de um lugar (SCHRAMM, 2001, p.118).

Porém, é necessário ressaltar que enquanto as políticas de requalificação urbana privilegiaram espaços praticados por alguns grupos sociais e suas memórias, outros foram esquecidos ou marginalizados. Os grupos escolhidos tiveram suas memórias oficializadas

⁴⁹ O restaurante Estoril detém marcas simbólicas para a história do bairro Praia de Iracema e da cidade de Fortaleza: tendo sido casa de veraneio nos anos 1920, foi alugado como clube para os soldados norte-americanos durante a Segunda Guerra Mundial. Com o fim da Segunda Grande Guerra despontou como restaurante, sendo associado à resistência à ditadura civil-militar (1964-1985). Em fins dos anos 1980 teve início o seu processo de tombamento, porém desabou em 1994, por conta de fortes chuvas. Foi então reconstruído, sendo o único prédio reconstruído pela Prefeitura de Fortaleza no século XX. Após sucessivas tentativas das gestões municipais em revitalizá-lo, através da parceria público-privada, tornou-se sede, no ano de 2017, da Secretaria de Turismo de Fortaleza (SETFOR). Valem destacar a importância de se conhecer a história do bairro Praia de Iracema e do Estoril para situar as motivações e interesses das gestões municipais em requalificá-lo.

pelo Estado e tornadas legítimas, imbuídas pelo teor simbólico de compor a história do bairro. Enquanto isso, outros não foram considerados, sobretudo porque não existiu o interesse em dialogar com os diversos grupos que compunham o território.

O Governo do Estado do Ceará, nos mandatos de **Ciro Gomes** (1990-1994) e de **Tasso Jereissati** (1998-2002/2002-2006) – aliados e, posteriormente, adversários do prefeito **Juraci Magalhães** –, também realizou obras de intervenção urbana na Praia de Iracema. A Ponte dos Ingleses, também conhecida como Ponte Metálica, foi reformada em 1994. Tendo sido construída no início do século XX, nunca foi utilizada para desembarque, sendo apropriada por moradores e frequentadores para atividades de caráter lúdico, sobretudo o cenário do pôr-do-sol.

Rodolfie Trindade, filho do português **Júlio Trindade** e à frente do Pirata Bar há anos, afirmou que o turismo se desenvolveu a partir dos anos 1990, pois antigamente: “A pessoa chegava em Fortaleza por acaso (Risos). Ou o avião dava uma pane ou o cara era obrigado a vir, ou porque o cara tinha parente, mas não existia turismo em Fortaleza, tinham pouquíssimos hotéis [...]” Questionado sobre quando se deu o crescimento do setor, Rodolfie Trindade explicou que:

Nos anos 90 com a chegada do Plano **Ciro**. O **Ciro** eleito aí se começa a ter realmente um pouco de turistas mais aqui, com aquelas promoções de você vem visitar Fortaleza, se chover mais de dois dias você ganha as suas férias de volta né... E depois com a ampliação da Secretaria de Turismo. Aí com a **Anya Ribeiro** no governo **Tasso** que realmente... Aí foi um marco para o Turismo... Houve uma grande acolhida que a gente teve no turismo daqui... E hoje é o que é! Mas naquele tempo os nossos espaços que seja a Praia do Futuro, que seja a Praia de Iracema, a gente aqui no Pirata atendia até 92 quase que exclusivamente cearenses (**Rodolfie Trindade**, Fortaleza, 24.08.2015).

Logo, é possível perceber que, em narrativas, valoriza-se a parceria de setores da administração governamental na promoção de setores econômicos, o que distancia do discurso liberal muitas vezes associado aos empresários em análises simplistas.

Por fim, durante a segunda metade dos anos 1990, o Governo do Estado do Ceará realizou o maior empreendimento em política cultural da história do Ceará: a construção do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), inaugurado oficialmente em 1999, e que, embora pertença ao bairro Centro, foi se apropriando das representações de boemia da Praia de Iracema. A região do entorno do CDMAC tornou-se conhecida como Praia de Iracema do Dragão.

Inicialmente, o projeto buscava integrar o CDMAC à Ponte dos Ingleses, criando um corredor cultural que ligaria seu entorno à orla, porém isto não aconteceu. Ainda assim, o

Estado oficializava a utilização da Ponte dos Ingleses por parte dos consumidores de praia ao reformá-la e adaptá-la ao recebimento de visitantes. Por outro lado, a Ponte da Alfândega não foi contemplada pelos projetos de requalificação, seguindo em ruínas.

Diante desse contexto, o Estado, ao implementar as intervenções, produzia novos usos e apropriações do espaço urbano, modificando os que eram de livre iniciativa de seus praticantes ao mesmo tempo em que fomentava nova demanda aos espaços requalificados, sendo capaz de valorizar a orla e seu entorno.

Bezerra (2008) explica que também existiu importante disputa política que balizou as intervenções no bairro Praia de Iracema durante os anos 1990. Esta disputa ocorreu entre os grupos políticos liderados pelo governador Tasso Jereissati e pelo prefeito Juraci Magalhães. O primeiro liderou o grupo político responsável pelos chamados governos das mudanças. Enquanto isso, a prefeitura esteve sob a administração do grupo político liderado por Juraci Magalhães de 1992 a 2004.

Como abordado anteriormente, Ciro Gomes foi eleito governador do Ceará, deixando a chefia do executivo municipal com seu vice, Juraci Magalhães, todavia, as rivalidades políticas se agudizaram, opondo gestões municipal e estadual. Em função disso, ambos realizavam intervenções urbanísticas na Praia de Iracema, disputando o legado político subsequente.

Os primeiros anos de funcionamento do CDMAC coincidiram com a crise que atingiu bares boêmios da Praia de Iracema no início dos anos 2000, como no caso do Cais Bar. O Estoril também vivenciava uma intensa crise, restando apenas o Pirata Bar com seu funcionamento às segundas-feiras e outros empreendimentos de menor envergadura.

As tentativas de se compreender a crise que atingiu o bairro Praia de Iracema fomentaram narrativas baseadas na alegoria do adeus (BEZERRA, 2008). Entrevistas realizadas para esta pesquisa apontaram que a Praia de Iracema se tornou um espaço fortemente associado a: insegurança pública, poluição sonora, prostituição, moradores em situação de rua, tráfico de drogas e especulação imobiliária. Atribuem-se como fatores da crise tanto o descaso do poder público, quanto o desenvolvimento desenfreado do turismo. Em alguns casos, argumentou-se que o processo advinha da migração de grupos para outros pontos da cidade, pois o espaço não seria mais da moda.

É importante destacar que o turismo, enquanto atividade econômica norteadora de intervenções na área, é alvo de críticas em narrativas que tratam do período. A presença dos turistas é apontada como catalizadora de usos e apropriações ilegítimas do bairro, aumentando

a demanda interessada na prostituição e no tráfico de drogas. A poluição sonora aliada ao tráfego desenfreado tornava o trânsito e o viver no bairro caótico.

Antigos moradores atuavam através de movimentos de resistência denunciando a situação do bairro, como o movimento Aranha⁵⁰, porém, muitos desistiam e se mudavam para outras áreas da cidade. A especulação imobiliária e a alta nos preços dos aluguéis também dificultava a sobrevivência de empreendimentos mais tradicionais e de menor envergadura.

Os novos frequentadores do bairro requalificado e, posteriormente, a forte associação entre a Praia de Iracema e as problemáticas urbanas elencadas, provocaram a fuga de antigos frequentadores da boemia para espaços mais afastados, dificultando ainda mais a sobrevivência dos bares tradicionais.

Pode-se perceber que, nesse período, o bairro Praia de Iracema foi eleito como prioritário para a produção de imagens atrativas ao mercado do turismo e do lazer na cidade de Fortaleza sendo, nas palavras de Aquino (2003), “a vitrine da cidade”. Desta forma, obras de intervenção urbanística no bairro, tendo em vista sua requalificação, buscaram torná-lo ícone da cidade de Fortaleza que se desejava divulgar entre os consumidores de praia⁵¹.

Porém, é preciso destacar que a Comunidade do Poço das Dragas foi marginalizada em meio às políticas de requalificação urbana do período. Segundo Gondim (2007), a requalificação não logrou retirá-los da situação de “enclausuramento” que caracteriza a porção inicial da Praia de Iracema. Portanto, enquanto a Ponte dos Ingleses foi requalificada, a Ponte da Alfândega, nas proximidades da Comunidade do Poço das Dragas, não foi contemplada, assim como a comunidade.

Por conseguinte, as intervenções urbanas através dos processos de requalificação demonstram claramente a complexa relação entre Estado e espaço já que o poder público, ao coordenar as intervenções no espaço, provoca conflitos, muitas vezes provenientes dos interesses da sociedade civil que não partilha da mesma visão do gestor público (CARLOS, apud EVANGELISTA, 2013).

Como destacou Bezerra (2008), muitos dos envolvidos com a Praia de Iracema, desde moradores, frequentadores a comerciantes, não sentiam apego às intervenções realizadas, como se elas não estivessem de acordo com os interesses dos que viviam o bairro. Segundo Evangelista (2013), a Praia de Iracema passou por impactantes transformações,

⁵⁰ Grupo de artistas plásticos que se expressavam através de arte urbana contra a requalificação dos anos 1990.

⁵¹ Existe vasta produção acadêmica tratando sobre o período definido como pioneiro em políticas de requalificação urbana da Praia de Iracema. Na Geografia destaca-se Rocha Júnior (2000), Ribeiro (2007) e Evangelista (2013), na Sociologia destaca-se Aquino (2001), Schramm (2001) e Bezerra (2008). Por isso, optou-se nesta dissertação em não apresentar maiores detalhes (como se fará a respeito dos períodos posteriores), podendo o interessado consultar a bibliografia explicitada.

considerando que antigas construções foram dando lugar às boates, restaurantes e pontos comerciais.

Após a requalificação da orla, ocorreu o crescimento do fluxo de turistas, bem como uma ascendente especulação imobiliária e poluição sonora, causando transtornos entre moradores do bairro por conta do aumento de preços de aluguéis e da intensidade da vida noturna. Além disso, o prostiturismo tornou-se um fenômeno de destaque com a abertura de casas de favorecimento à prostituição que recebiam alvarás de funcionamento sem restrições (BEZERRA, 2008). A ausência de uma efetiva política de inclusão do entorno, com destaque para a Comunidade do Poço das Dragas, notabilizou-se através da intensificação da violência no bairro e da exclusão social.

Sobre o turismo e a produção de imagens em Fortaleza, Aragão (2005) destaca que as imagens e a publicidade são representativas da invenção de cidades como destinos turísticos, traduzindo novas utilizações desses lugares e da natureza ao serem transformados em mercadorias para fins de sedução turística. Para Evangelista (2013) as políticas públicas, mediante seu planejamento urbano e suas intervenções territoriais, aliadas ao setor privado, buscaram cristalizar a imagem da Praia de Iracema como sendo ainda um bairro de tradição bucólica, boêmia e cultural.

Assim, narrativas de artistas, moradores e até mesmo de empresários apontam problemáticas envoltas ao processo de requalificação e o crescimento do turismo. Destacam-se os vínculos entre o turismo e o crescimento da prostituição no bairro, bem como problemáticas envoltas à especulação imobiliária, poluição sonora, migração de antigos moradores e fechamento de bares que atendiam ao público boêmio⁵².

Questionado sobre quando se deu o crescimento do turismo no bairro Praia de Iracema e seus impactos sobre o Cais Bar, proprietário, o senhor Joaquim Ernesto afirmou:

Depois dos anos 90. Até... Os sete primeiros anos, lá começou o bar até a época do calçadão, foi em 92, quando foi feito o calçadão aí choveu de gente. Turista, prostituta, o diabo. Aí partindo daí foi que começou a decadência. Foi difícil até mesmo, década de 90 todinha foi por conta dessa história, de muita gente demais, gente demais, turistas demais, e atrapalhando... Até que em 2000 foi quando começou acabar tudo quanto foi bar na Praia de Iracema, a gente ainda durou três anos a mais (**Joaquim Ernesto Cavalcante**, Fortaleza, 02.09.2016).

A presença do ano de 1992 é intrigante, contemplado nas narrativas de seu Joaquim Ernesto e Rodolfie Trindade, do Pirata Bar. É evidente que se tornou um marco por

⁵² Estudos em Sociologia urbana de Schramm (2001) e Bezerra (2008) contemplaram estas problemáticas através do contato com jornais da época, narrativas de moradores e empresários e, no caso da segunda autora citada, também se utilizando do método etnográfico.

conta da construção do calçadão, mas implicando em novos usos e apropriações do espaço urbano, transformando a dinâmica de bares boêmios a partir da criação de infraestrutura urbana na orla. Isto porque para os grupos identificados com a boemia, a criação do calçadão não era de seu interesse. Seu Joaquim Ernesto explica que o auge do Cais Bar:

Olha começou em 85, o auge mesmo foi em 90. 92 começou o calçadão, aí começou a misturar sabe... Noventa e dois, noventa e, na década de noventa ele já foi caindo. Período bom mesmo foi de 85 a 92. Mais pra frente era gente demais, mas não tinha a mesma característica de boemia, de se tocar violão, de ser aquele lugar romântico. Até que em 2000 começou a decadência na Praia de Iracema como um todo. Quase todos os bares da Praia de Iracema fecharam nesse período. Depois do ano 2000. E o bar ainda resistiu até 2003. Aí não teve mais jeito (**Joaquim Ernesto Cavalcante**, Fortaleza, 02.09.2016).

Perguntado sobre o turismo sexual, o senhor Joaquim Ernesto apontou a sua existência, mas também destacou outras problemáticas como a insegurança:

Encheu de prostituição! Aí começou a substituir o pessoal por gringo e prostituta. Falta de policiamento. Descaso mesmo do poder público, assim com um lugar assim de turismo podia ser orientado, podia ser, mas aí deixaram pra lá. Não tinha policiamento, muito assalto (**Joaquim Ernesto Cavalcante**, Fortaleza, 02.09.2016).

Logo, as narrativas que permeiam a relação entre turistas e boêmios indicam usos e apropriações do espaço urbano que implicavam em disputas simbólicas, sendo reforçado o que se referia ao turismo por conta da política urbana adotada. Estas narrativas também são importantes para a constituição do indicador sociocultural de pertencimento, pois indicam grupos que praticavam o espaço urbano e se sentiam como pertencentes à Praia de Iracema. Além disso, permitem pensar acerca do grau de atendimento às demandas locais, outro indicador sociocultural desenvolvido nesta pesquisa. Não é possível desenvolver estes tipos de indicadores apenas seguindo abordagens quantitativas, mas através de uma avaliação de políticas públicas que privilegie a interpretação de significados associados ao espaço urbano, neste caso, a partir de narrativas orais⁵³.

4.2 Políticas de re-qualificação na gestão Luizianne Lins (2005-2012)

Em virtude das dificuldades enfrentadas pela Praia de Iracema, foi necessário pensar um novo processo de requalificação. Nesse contexto, assumiu a gestão da Prefeitura Municipal de Fortaleza Luizianne Lins, do Partido dos Trabalhadores (PT). Antiga adversária

⁵³ O indicador sociocultural de pertencimento e o grau de atendimento às demandas locais serão analisados com maiores detalhes no quarto capítulo desta dissertação. Por enquanto, é importante observar que sua constituição também é um desdobramento das narrativas orais aqui explicitadas, não tendo sido previamente elaborados, mas resultando do desenrolar da pesquisa, como previamente apontado nas orientações de Rodrigues (2016).

política do grupo do ex-prefeito Juraci Magalhães, Luizianne Lins possuía fortes vínculos com a Praia de Iracema, tendo sido frequentadora de bares como o Cais Bar desde os tempos de estudante universitária.

É importante apontar que o Partido dos Trabalhadores e o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) possuíam fortes vínculos com a Praia de Iracema desde a década de 1980. Segundo Rodolfie Trindade, quando seu pai decidiu instalar o Pirata Bar na Praia de Iracema foi advertido de que no bairro não seria possível obter um bom negócio, pois era “reduto de maconheiros, petistas e marginais”. Esse era o contexto dos anos 1980, no qual o grupo político sofria forte oposição de setores elitizados da cidade por conta de sua proposta de viés socialista.

Entretanto, ao longo do tempo foram feitas intensas campanhas eleitorais na Praia de Iracema com a presença de lideranças políticas progressistas e de esquerda, como Arthur Bruno, Acrísio Sena, João Alfredo, Inácio Arruda, Ciro Gomes, Luizianne Lins, entre outros. Nesse sentido, é possível afirmar que, dada a identificação da Praia de Iracema com essas lideranças políticas, sobretudo quando ainda eram estudantes universitários, dois aspectos devem ser evidenciados.

Primeiro, as representações de resistência à ditadura militar, associadas ao Estoril, estenderam-se aos novos bares, como o Cais Bar, mas num contexto de resistência na democracia da Nova República. Além disso, como reduto de campanhas políticas associadas aos bares boêmios como o “Forró dos Prefeiturados” no Pirata Bar, a Praia de Iracema teria fortes vínculos com o grupo político da prefeita.

Luizianne Lins lançou o programa de intervenções urbanísticas, conhecido como “Fortaleza Bela”⁵⁴, o qual privilegiava limpeza pública, saneamento básico e reformas em praças e em outros equipamentos urbanos. Contudo, a ex-prefeita assumiu a gestão exatamente após o fechamento do Cais Bar e de muitos bares boêmios, em meio a um período de crise generalizada na Praia de Iracema. Problemáticas como: tráfico de drogas, violência, abandono, equipamentos públicos em desuso – ou mesmo com problemas como a falta de manutenção – e uma forte associação entre a Praia de Iracema e a exploração sexual, com o aumento de casas de favorecimento à prostituição, eram desafios.

Foi nesse contexto que Bezerra (2008) fez seu trabalho de campo na Praia de Iracema no ano de 2005, encerrando sua tese de doutorado em 2008, explicando que a gestão

⁵⁴ A ex-prefeita desenvolveu um estudo de caso autoetnográfico da marca de governo “Fortaleza Bela” em sua dissertação de mestrado em Comunicação Social (LINS, 2017).

buscava realizar o que a autora definiu como sendo políticas de re-qualificação (BEZERRA, 2016).

Em dois mandatos seguidos, Luizianne Lins e seu grupo político enfrentaram uma problemática recorrente ao bairro Praia de Iracema e às gestões públicas municipais durante a mudança de gestão: avaliar a situação deixada e propor novas alternativas. Não que o grupo vencedor não possuísse um projeto: na verdade, aliada à busca por intervenções através do “Fortaleza Bela”, bem como de políticas públicas de interesse social no campo da educação, saúde e moradia, Luizianne Lins ficou marcada pela experiência do orçamento participativo. Essa política permitiu maior autonomia aos gestores em suas diversas escalas de atuação, bem como ampliou a transparência sobre a gestão dos recursos públicos através da participação de cidadãos⁵⁵.

No que concerne ao turismo, é importante constatar que a prefeita teve como política inicial a criação da Secretaria de Turismo de Fortaleza (SETFOR) ainda no ano de 2005, um indicativo da importância que se daria ao setor ao longo de seu mandato, além de proporcionar autonomia em relação a outras secretarias.

Outra importante política, desta vez diretamente relacionada à Praia de Iracema, foi o Réveillon de Fortaleza. O primeiro foi realizado no ano de 2005 no aterro da Praia de Iracema, sendo um marco para a passagem de ano em Fortaleza e, ainda nos dias de hoje, tem sido um dos principais atrativos da cidade, recebendo artistas e forte investimento público em parceria com a iniciativa privada.

Fortaleza não dispunha de uma passagem de ano com tamanhos atrativos, sendo através desta política que foi criado um espaço propício e oficial, em termos de gestão do poder público, para a passagem de ano na cidade. A iniciativa buscava difundir a imagem de Fortaleza em todo o Brasil, atraindo turistas para o mês de janeiro e movimentando a economia local. Além disso, tornou-se uma alternativa para o fortalezense, com uma passagem de ano repleta de atrativos.

No ano de 2007, a PMF apresentou à sociedade e à imprensa local seu programa de requalificação da Praia de Iracema, cuja proposta era conceber um novo plano de uso e ocupação para o local. A fim de viabilizar essas intervenções, desapropriaram-se alguns imóveis para, após passarem por reformas, serem utilizados como equipamentos culturais.

⁵⁵ Sobre a experiência de orçamento participativo na gestão da prefeita Luizianne Lins é importante apontar a pesquisa de Vanda Souto, intitulada *Participação popular e cultura política em Fortaleza (2004-2012)* que tratou da experiência do orçamento participativo no Brasil e sobre os impactos das políticas públicas sobre minorias em Fortaleza (SOUTO, 2013).

Como explicou Evangelista (2013), a gestão da prefeita Luizianne Lins entendia que a orla fosse um dos principais patrimônios da cidade de Fortaleza e, por isso, desde o ano de 2005, vinha dialogando com a sociedade local, no âmbito do Plano de Gestão Integrada da Orla Marítima – Projeto Orla⁵⁶. Para atingir essa meta, o município traçou estratégias para a revalorização do litoral da cidade, fundamentando a construção do Plano Diretor Participativo que acatava as diretrizes definidas no Projeto Orla, tendo à frente a Coordenadoria de Projetos Especiais e Relações Institucionais e Internacionais (COOPERII).

Ainda na primeira gestão, foi realizado estudo de viabilidade ambiental da Praia de Iracema, atendendo às exigências federais. Já em 2008, foi lançado o projeto de requalificação do bairro, baseado em reformas de equipamentos públicos e na busca por revitalizar o espaço, ou seja, trazer pessoas ao bairro.

Segundo Evangelista (2013), é necessário pontuar que, embora a gestão de Luizianne Lins (2005-2012) tenha dado grande visibilidade à política cultural no seu marketing político, pouca ênfase foi dada à implantação da requalificação do bairro Praia de Iracema em sua primeira gestão. Porém, observa-se que, em sua segunda gestão, ela efetivou ações constantes em seu Programa de Governo no que se refere à requalificação do bairro. Em seu Programa de Governo para o segundo mandato, de 2008 a 2012, constava que:

A Praia de Iracema sempre foi um cartão postal de Fortaleza que, durante muito tempo, esteve esquecida. Nesta administração, este espaço vem sendo requalificado. As obras do projeto de Requalificação da praia que inclui a reforma e ampliação do calçadão, além de intervenções no boulevard da Almirante Tamandaré e a restauração do Pavilhão Atlântico já se iniciaram (em fevereiro deste ano). Na primeira etapa do projeto, a obra contempla o trecho do calçadão já existente, que será alargado, mas também prevê a construção de um novo trecho, em frente ao DNOCS, onde serão instaladas paradas de ônibus, bancos, espelhos d'água, jardineiras e playgrounds. Toda a área da Praia de Iracema e Meireles será transformada num grande cinturão de entretenimento, com a recuperação dos equipamentos públicos (como o Estoril e o Instituto Cultural Iracema) e instalação de novos equipamentos (Programa de Governo da prefeitura municipal de Fortaleza, apud EVANGELISTA, 2013, p. 106).

Assim, foi desenvolvido o Projeto Nova Praia de Iracema que previa ações divididas em três pontos: a) requalificação urbana da orla – reforma do calçadão, urbanização, recuperação do enrocamento e construção de espigões, engorda da faixa de praia, Largo Luiz Assunção, paisagismo e iluminação; b) edificações Culturais e Institucionais – Casa da Lusofonia, Centro de Informações Turísticas, Centro Multifuncional, Instituto Cultural Iracema, Espaço Cultural do Largo do Mincharia, Centro de Artesanato, Estoril e o Pavilhão Atlântico; c) reestruturação urbana de vias e passeios – recuperação das vias e passeios

⁵⁶ Foi uma iniciativa do governo federal cujo objetivo era compatibilizar as políticas ambiental e patrimonial no trato dos espaços litorâneos sob propriedade ou guarda da União.

internos, recuperação das Avenidas Almirante Barroso, Pessoa Anta e Historiador Raimundo Girão, entre as vias Barão de Studart e Alberto Nepomuceno, Largo dos Tremembés, além da urbanização da Avenida Almirante Tamandaré (EVANGELISTA, 2013, p. 128-129).

Ainda segundo Evangelista (2013), o projeto Nova Praia de Iracema teve como objetivos resgatar a identidade do bairro, o patrimônio material e imaterial de Fortaleza, com ênfase no desenvolvimento sustentável, na promoção do turismo, no potencial habitacional e no incentivo à cultura e ao lazer, bem como em intervenções com caráter de acessibilidade. Assim, a gestão da prefeita Luizianne Lins teve como meta a utilização do turismo local como instrumento de melhoria na qualidade de vida urbana, na prestação de serviços públicos e na oferta de produtos visando tornar a atividade turística sustentável (EVANGELISTA, 2013, p. 132).

As intervenções planejadas pela gestão Luizianne Lins tiveram início com a construção do novo calçadão, obra que durou aproximadamente dois anos, sendo inaugurado em 2010. O calçadão é um dos principais equipamentos de infraestrutura urbana na orla, utilizado tanto pela população local em caminhadas, práticas esportivas, incentivando sociabilidades entre os residentes, como pelos turistas que passeiam na orla. Simultaneamente, iniciou-se o processo de fiação subterrânea na Praia de Iracema.

Após a conclusão do calçadão, foi dado início ao projeto da Avenida Almirante Tamandaré, sendo inserido um novo paisagismo com a criação de canteiros e a tentativa de se constituir áreas de lazer para a comunidade. Vale ressaltar que a intervenção buscava ligar a orla da Praia de Iracema ao CDMAC, bem como que a avenida se encontra nos limites da Comunidade Poço da Draga.

O Estoril também foi requalificado, passando por nova reforma que incluiu a recuperação de pisos, paredes, tetos, bem como a demolição de acréscimos na edificação original. Também contou com melhorias nas condições de acessibilidade, sendo instaladas rampas, plataforma de acesso vertical e banheiro para portadores de necessidades especiais⁵⁷.

Em 2011, o Estoril sofreu interferência de nova reforma. Idealizava-se torná-lo um equipamento cultural através de parceria público-privada. Assim, o Estoril foi alugado para empresários do setor de bares, mas sem alcançar o público característico do século XX.

Outra política implementada foi relativa à requalificação da Estátua Iracema Guardiã, de Zenon Barreto⁵⁸, e seu entorno. Durante muito tempo, ficou exposta sem

⁵⁷ Essas informações constam em um mural nas paredes do Estoril que contam sua história. Informações arquivadas através de fotografias tiradas em agosto de 2019.

⁵⁸ Pintor, desenhista, gravador, escultor, cenografista e ilustrador cearense.

proteção, tendo sido derrubada duas vezes. Inclusive, a estátua teve as mãos roubadas em 2012, sendo depois incluída no projeto de requalificação.

A obra do Espigão da Rui Barbosa permitiu que o passeio fosse refeito em pedra Cariri, contando com guarda-corpo, nova iluminação e bancos. Já o Espigão da João Cordeiro também foi beneficiado, quando teve toda a sua estrutura final recuperada, bem como foi realizado o enrocamento de pedras.

O Bar do Mincharia também fez parte do projeto de requalificação do bairro Praia de Iracema. Consta no projeto original que uma área do Largo do Mincharia deveria ser destinada para funcionar como restaurante escola. Para iniciar as obras, a prefeitura municipal solicitou o bar à Confraria, responsável por sua administração, a fim de realizar uma reforma em 2011.

Em dezembro de 2011, a PMF lançou a exposição Corações & Mentes da Praia de Iracema com o objetivo de retratar a história da Praia de Iracema na época em que o bairro era palco de efervescência cultural, social e política. Esta exposição fez parte do programa de revalorização e de resgate do bairro Praia de Iracema, tendo permanecido durante a alta estação. A exposição a céu aberto apresentou um apanhado de recordações e lembranças dos seus moradores, contadas através de textos, ilustrações e fotografias (EVANGELISTA, 2013, p. 152).

Figura 18 – Exposição Corações & Mentes da Praia de Iracema



Fonte: Arquivo do fotógrafo Jacques Martins Antunes.

Figura 19 – Observadores da Exposição Corações & Mentes



Fonte: Arquivo do fotógrafo Jacques Martins Antunes.

Outra intervenção foi a desapropriação do antigo prédio do restaurante La Trattoria, no ano de 2010. Localizado na Rua dos Pacajus, ao lado do antigo Cais Bar, o projeto da gestão da prefeita Luizianne Lins previa que fosse ali instalado o Centro de Informações Turísticas e a Casa da Lusofonia. O espaço tinha como objetivo a realização de eventos, além de amostras que buscassem valorizar a Língua Portuguesa, visando retomar o polo cultural da Praia de Iracema.

É importante destacar que o projeto previa que o Estoril e outros equipamentos, como o Centro de Artesanato e a Casa da Lusofonia, seriam gerenciados pelo Instituto Cultural Iracema, uma proposta diferenciada de gestão da prefeita, baseada na constituição de uma Organização Social (OS).

O Instituto Cultural Iracema seria responsável pela gestão, fiscalização e manutenção do projeto de requalificação da Praia de Iracema. Porém, faz-se necessário apontar três questões: primeira, o pioneirismo do Instituto Dragão do Mar (IDM) como a pioneira Organização Social a administrar um equipamento cultural no Estado do Ceará, o CDMAC; segunda, atualmente o Instituto Cultural Iracema vem se tornando o principal responsável pelas políticas da gestão Roberto Cláudio; e terceira, é preciso analisar

especificidades de uma política de intervenção territorial realizada por uma Organização Social.

Conforme explica Coutinho (2006), para receberem o título de Organização Social, a pessoa jurídica deve adequar o seu estatuto às previsões legais, ou seja, deve respeitar a universalização do serviço público além de exercer atividades de interesse público, assim definidas em lei. Dentre as atividades que podem ser objeto das Organizações Sociais, destacam-se: defesa e incentivo à cultura; defesa, preservação e conservação do meio ambiente; educação; saúde; pesquisa científica e desenvolvimento tecnológico.

Ao realizar o contrato de gestão com o Poder Público, a Organização Social passa a ser alvo de controle e fiscalização realizados pelo próprio Poder Público. Em geral, o órgão ou entidade da Administração Pública que celebrou o contrato com a Organização Social é que fica responsável por fiscalizá-la. Esse órgão nomeia uma Comissão de Avaliação, a qual irá se manifestar sobre o relatório enviado pela Organização Social. O controle consiste no acompanhamento da execução do contrato e está previsto no artigo 8º, § 1º, da Lei 9.637/98.

Segundo Coutinho (2008), a parceria entre Administração Pública e Organização Social se formaliza através do contrato de gestão que, com base no art. 5º, Lei 9.637/98, pode ser conceituado como “o instrumento firmado entre o Poder Público e a entidade qualificada como Organização Social, com vistas à formação de parceria entre as partes para fomento e execução de atividades relativas às áreas relacionadas no art. 1º.”

Para a Administração Pública a principal vantagem trazida pelos contratos de gestão é uma sensível melhoria na prestação dos serviços à comunidade, que são prestados com maior eficiência e menor custo, além de propiciar maior autonomia gerencial a estas organizações. Com isso o Estado deixaria de atuar como executor e passaria a ser fiscalizador e investidor destes serviços (COUTINHO, 2008, p. 34).

Assim, a ênfase na eficiência, entendida como a relação entre os custos despendidos e os resultados do programa (SILVA, 2013, p.41), a melhoria na prestação pela consecução de atividades de interesse público por instituições privadas, bem como a autonomia gerencial, são características do modelo gerencialista.

Sobre a avaliação da execução do contrato de gestão, a responsabilidade básica é do órgão público contratante. A lei prevê que a execução do contrato de gestão celebrado com entidade qualificada como Organização Social será fiscalizada pelo órgão ou entidade supervisora da área de atuação correspondente à atividade fomentada. Desta forma, o responsável pela área do Poder (normalmente um secretário) é o administrador público, a quem cabe o acompanhamento e fiscalização do contrato de gestão.

A responsabilidade final, porém, cabe à Comissão de Avaliação. Assim, os resultados atingidos com a execução do contrato de gestão devem ser analisados, periodicamente, pela Comissão de Avaliação, indicada pela autoridade supervisora da área correspondente, composta por especialistas de notória capacidade e adequada qualificação.

A Comissão deve encaminhar à autoridade supervisora relatório conclusivo sobre a avaliação procedida. As atividades da Comissão de Avaliação não devem se restringir apenas à emissão de um simples relatório conclusivo final, já que o monitoramento legalmente previsto implica em um acompanhamento permanente e em avaliações parciais frequentes.

Outra questão se torna fundamental responder: Qual a origem do capital aplicado pela PMF nas intervenções? A prefeita Luizianne Lins utilizava-se de recursos do Prodetur-NE que se encontrava em nova fase⁵⁹. Os recursos foram importantes para as intervenções na Praia de Iracema e na Beira-Mar, no bairro Meireles.

Em uma tentativa de avaliação de políticas públicas no Turismo, tendo como foco o PRODETUR-NE I, Lima (2014) o definiu como um programa de crédito para o setor público, estados e municípios, financiado com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), possuindo o Banco do Nordeste como órgão executor.

A referida autora explica que o programa objetivou reforçar a capacidade da região Nordeste em sustentar o crescimento do turismo, buscando proporcionar infraestrutura básica e serviços públicos em áreas onde existia a atividade turística crescente, através de financiamento a obras múltiplas de saneamento, transporte, preservação ambiental, recuperação do patrimônio histórico e desenvolvimento institucional.

Lima (2014) avalia que, de acordo com os objetivos do PRODETUR-NE I, o programa almejou intervir nos problemas de infraestrutura da região, buscando desta forma expandir a atividade turística, gerando emprego e renda. Portanto, o PRODETUR-NE I caracterizava-se mais como uma “política urbana” do que como uma política turística propriamente dita porque, de acordo com as pretensões do programa, esperava-se que as populações de baixa renda fossem amplamente beneficiadas com as intervenções, sobretudo no acesso à infraestrutura, notadamente energia elétrica, saneamento básico, água encanada.

⁵⁹ O PRODETUR-NE atualmente é dividido em duas fases, os chamados PRODETUR-NE I (1994-2004) e PRODETUR-NE II (2005-2014). Neste percurso foi elaborado a nível nacional, de inspiração na experiência nordestina, o PRODETUR Nacional, no ano de 2008, em execução até os dias atuais.

Conclui Lima (2014) que se acreditava que a falta de infraestrutura básica e turística era o grande entrave para o desenvolvimento do turismo no Nordeste, pois foram privilegiados investimentos nessas áreas.

Em debate com documentação do Banco do Nordeste acerca do PRODETUR-NE I, Lima (2014) aponta a riqueza de detalhes no registro dos problemas enfrentados em cada etapa de execução do programa, quais medidas foram adotadas e quais lições foram apreendidas para serem seguidas no desenho de futuros programas semelhantes.

Assim, na documentação são ressaltadas as mudanças realizadas que permitiram a inclusão de vários itens no desenho do PRODETUR-NE II com destaque para a exigência de um instrumento de planejamento de longo prazo, denominado Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS) para cada estado participante⁶⁰.

Portanto, a prefeita Luizianne Lins utilizou-se de recursos do Prodetur-NE II que exigia a preocupação com o turismo sustentável. Notícias de jornais, blogs e matérias disponíveis no Youtube, contemporâneas à gestão da prefeita, porém, indicam dificuldades enfrentadas pelo projeto de re-qualificação.

Diversas matérias da imprensa local denunciavam os problemas enfrentados pela Praia de Iracema, muitas tendo como característica a comparação com o passado em que o bairro possuía maior frequência de fortalezenses, bem como empreendimentos de destaque. Em matéria do mês de julho do ano de 2008, após o lançamento do projeto de requalificação do bairro em fevereiro, foi possível conhecer as problemáticas levantadas pela imprensa⁶¹.

A matéria tratou da ocupação do bairro e da infraestrutura urbana, elencando problemas como a demora na execução das reformas do calçadão e do Estoril, destacando a pouca movimentação, mesmo em fins do mês de julho, e o fato de que os equipamentos de lazer precisavam de reformas, como as quadras de voleibol e futebol de areia.

Destaca-se também que o Estoril estava aguardando ações, bem como apresentou uma visita ao antigo ponto comercial onde se localizou o Cais Bar, o qual estava fechado. O repórter se deslocava pela orla, encontrando pessoas fazendo caminhada, mas que estavam enfrentando um calçadão repleto de irregularidades, e entrevistando jovens que se utilizavam

⁶⁰ O site do Ministério do Turismo apresenta um modelo do PDITS para os estados no atual PRODETUR Nacional, indicando que a experiência do PRODETUR-NE I para o desenho do PRODETUR-NE II permanece latente como um modelo de gestão do turismo em escala nacional.

⁶¹ REPORTAGEM: revitalização da Praia de Iracema e entrevista com Lia Parente (coordenadora do projeto Reviva Iracema). Matéria do repórter Fábio Monteiro, exibida em 29/07/08, no programa Viva Fortaleza, da TV O Povo -- emissora afiliada à TV Cultura em Fortaleza, Ceará. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JO7H1U115i0>. Acesso em: 01 set. 2019.

do calçadão para esportes e caminhadas, os quais fizeram críticas à qualidade do equipamento. Além disso, o repórter entrevistou um taxista que explicou que, após a meia noite, o espaço ficava totalmente voltado aos turistas em boates. Também foi entrevistado o português Júlio Trindade, pai de Rodolfie Trindade anteriormente citado, o qual lançou uma campanha de “Abraço ao Pirata” por conta de uma ação da prefeitura de desapropriação da casa para o projeto de requalificação.

Após a reportagem, a apresentadora do programa recebeu a gestora Lia Parente, coordenadora do projeto “Reviva Iracema”, a qual fez esclarecimentos sobre as problemáticas enfrentadas pela gestão. Questionada sobre os motivos da dificuldade em realizar a obra com maior velocidade, a gestora explicou que todo o transtorno causado era em virtude da realização de uma obra em que se buscou não restringir o acesso da população ao local, ou seja, não isolar a área em intervenção.

Segundo a gestora, a obra compreendia a reforma do passeio da Avenida Rui Barbosa até à Almirante Tamandaré, incluindo a reforma do boulevard da Almirante Tamandaré, a ampliação do Passeio, a reforma do Pavilhão Atlântico, a reforma do espigão da Rui Barbosa, tendo sido dificultada pela quadra chuvosa atípica do ano de 2008, o que teria comprometido o cronograma das obras.

Além disso, a gestora destacou a existência de diversos grupos em disputa na cidade, pois alguns pediam o aceleração da obra, enquanto outros pediam a sua suspensão no mês de julho. Porém, salientou a existência de prazos junto aos órgãos financiadores, o que nos faz pensar a respeito da origem do capital investido.

A gestora também evidenciou que o quadro demonstrado na reportagem provinha de alguns anos e que inclusive o projeto de requalificação surgiu em torno disso, buscando, em suas palavras: “transformar todo esse quadro num quadro mais interessante, com desenvolvimento econômico ativo, novas ocupações, novos equipamentos”. Além disso, explicou que a obra elegeu uma área de uso público privilegiado (a utilidade pública dela), na qual está presente o Pirata Bar, mas que isso não significaria que ele seria desapropriado, deixando esclarecido que os estabelecimentos que estivessem na região, estando alinhados com o projeto de requalificação, permaneceriam. Destacou também que a prefeitura já vinha atuando na busca de captar novos estabelecimentos, sobretudo gastronômicos (Polo de Gastronomia), para os imóveis fechados, apontando que a gestão já negociava os recursos necessários para a desapropriação do que fosse necessário.

A região do entorno do Cais Bar era identificada como o futuro polo gastronômico, estando em processo de desapropriação. A Ação Declaratória de Utilidade

Pública foi que definiu a área da intervenção, buscando parceiros interessados no polo de gastronomia. Assim, identificaram-se os imóveis que permaneceriam com sua atividade ou não, bem como o tipo de negociação cabível. O que indica todo um trânsito burocrático, mas conforme a gestora, necessário.

Questionada, a gestora indicou que até o final da gestão as obras teriam sido completamente finalizadas. A respeito do aspecto social sobre o público que frequenta as boates na Rua dos Tabajaras, a gestora explicou que existiam ações de intervenções já concretizadas, porém:

Infelizmente está sob liminar de juiz aquela área. Ou seja, os juízes estão liberando ainda liminares de funcionamento, apesar dos executivos municipais, estaduais e federais às vezes estarem tentando fechar aquelas casas que estão fazendo aquele tipo de contravenção.⁶²

No canal do Youtube intitulado Portalpmf, iniciado no ano de 2008, a gestão da prefeita Luizianne Lins divulgou vídeos como propagandas de ações realizadas, maquetes de obras implementadas e uma série intitulada “Você sabia?”. Em vídeo intitulado “Requalificação da Praia de Iracema”⁶³, publicado em 23 de março de 2012, a prefeitura divulgou em 30 segundos as principais ações realizadas no projeto. Os poucos segundos eram características dos vídeos divulgados, tendo esse a seguinte descrição:

O projeto Nova Praia de Iracema tem como conceito o resgate da identidade deste local - patrimônio material e imaterial de Fortaleza, com foco no desenvolvimento sustentável, na promoção do turismo, no potencial habitacional e no incentivo ao lazer e à cultura.

Com as ações da Prefeitura de Fortaleza, o principal objetivo é permitir aos moradores da cidade, sobretudo aqueles que vivem em áreas tangenciais à orla, a oportunidade de conviver com o turismo de maneira sustentável.

As obras iniciaram em 2008, com o investimento de quase R\$ 50 milhões na recuperação da orla, edificações culturais e institucionais, além de melhorias nas vias e passeios. Hoje, a Praia de Iracema é modelo para qualquer local. Todas as ações vêm trazendo benefícios à comunidade, aos moradores e turistas⁶⁴.

O vídeo com fundo vermelho, a cor característica do Partido dos Trabalhadores e símbolo da gestão através da logomarca “Fortaleza Bela”, inicia-se com uma frase característica da gestão: “Prefeitura trabalhando pra você”. Apresentando um jovem estudante e no canto direito um intérprete de Libras, o vídeo segue apresentando imagens da Praia de Iracema, possuindo um apresentador que narrava as ações da Prefeitura no bairro.

⁶² Ibid.

⁶³ REQUALIFICAÇÃO da Praia de Iracema. Publicada pelo canal Portal PMF. (30 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LiEfi632Xys>. Acesso em: 01 set. 2019 às 12.10.

⁶⁴ Ibid.

A Prefeitura segue trabalhando dia e noite para resgatar a identidade da Praia de Iracema. Sete grandes obras já foram entregues e outras quinze estão em andamento, restaurando edifícios históricos (nesse momento aparece o Estoril) e criando espaços de incentivo aos esportes, cultura e lazer (nesse ponto aparecem jovens praticando esportes na Praia de Iracema) e a nova iluminação deixa claro que o trabalho vai além da orla (nesse momento, o apresentador está diante do calçadão iluminado, sendo utilizado ao fundo por pessoas fazendo caminhadas e com destaque para uma jovem andando de patins). É a prefeitura trazendo de volta as famílias ao nosso maior cartão-postal, incrementando o turismo e gerando opções de emprego e renda. Prefeitura, trabalhando pra você. Juntos, construindo a Fortaleza Bela⁶⁵.

Assim, a gestão Luizianne Lins foi baseada em importantes políticas visando a requalificação da Praia de Iracema, elencadas de forma sintética acima. Percebeu-se o interesse em valorizar a história e cultura do bairro, como também aspectos econômicos como o turismo, o potencial gastronômico, incluindo preocupações com a economia criativa⁶⁶.

Os recursos do Prodetur facilitaram as intervenções ao mesmo tempo em que ampliaram as exigências aos gestores. Além disso, as dificuldades enfrentadas na condução de obras somavam-se ao simbolismo em torno do bairro Praia de Iracema e das intervenções anteriormente realizadas, desafiando a administração pública municipal.

4.3 Políticas de requalificação atuais: gestão Roberto Cláudio (2013-2019)

A atual gestão municipal tem por liderança o prefeito Roberto Cláudio Rodrigues Bezerra. Em seu primeiro mandato, inicialmente venceu o candidato petista Elmano Oliveira que buscava suceder Luizianne Lins; posteriormente, foi reeleito, dando continuidade à gestão.

O prefeito Roberto Cláudio tem por marca a primazia pelas intervenções urbanísticas dando ênfase a mobilidade urbana, sendo conhecido por obras como a ampliação de avenidas, construções de canteiros, faixa de ônibus, Bicicletar, entre outros. Este último é um programa de incentivos à mobilidade urbana através de bicicletas disponibilizadas em parceria entre a prefeitura e a empresa privada do setor de saúde, a Unimed. As estações do Bicicletar estão espalhadas pela cidade, sobretudo em pontos de grande fluxo como o bairro Centro, Montese, bem como de pontos centrais para o esporte e lazer como a Avenida Beira-Mar e a Praia de Iracema.

⁶⁵ Ibidem.

⁶⁶ “Economia criativa é o conjunto de negócios baseados no capital intelectual e cultural e na criatividade que gera valor econômico”. SEBRAE. Como o Sebrae atua no segmento de Economia Criativa. [s.d.]. Disponível em: https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/segmentos/economia_criativa/como-o-sebrae-atua-no-segmento-de-economia-criativa,47e0523726a3c510VgnVCM1000004c00210aRCRD. Acesso em: 18 nov. 2019 às 23:55.

O grupo político liderado pelo prefeito tem lançado também o Plano Fortaleza 2040, um planejamento para a cidade de Fortaleza com estratégias a serem implementadas a curto, médio e longo prazo, tendo como horizonte o ano 2040, contemplando: Plano Mestre Urbanístico; Plano de Mobilidade; e Plano de Desenvolvimento Econômico e Social.⁶⁷ Como se pode perceber, a ênfase recai em intervenções urbanísticas, embora o Fortaleza 2040 englobe diversas questões desde saúde, educação, moradia, economia, entre outros. O Plano é uma tentativa de ação global na cidade de Fortaleza.

Contando com um site próprio do Plano, é possível conhecer eventos relacionados, publicações, notícias, e, por isso, a prefeitura afirma ter produzido o Fortaleza 2040 em contato com diversas entidades da sociedade civil e que ainda recebeu sugestões via internet da população. Além disso, a prefeitura conta com o *Observatório de Fortaleza*, localizado na Rua Major Facundo no bairro Centro, em que a população pode ter acesso direto às propostas de intervenção na cidade, bem como participar de eventos.

No site do Observatório, existem links para o acesso ao *Fortaleza em Mapas*, um levantamento de mapas de diversas temáticas sobre a cidade e seus bairros, bem como o *Acervo Digital Fortaleza*, no qual é possível acessar documentos sobre a cidade. É possível agendar a visita ao Observatório onde se pode conhecer o Plano Fortaleza 2040 e a exposição Olhos da Cidade. Torna-se perceptível que a gestão tem duas preocupações fundamentais: intervenções urbanísticas e valorização de mídias digitais.

Outro ponto que marca a gestão do prefeito Roberto Cláudio são as intervenções em praças e equipamentos públicos, como a construção de Areninhas, quadras com infraestrutura para a prática de esportes como o futebol. Além disso, a ênfase em projetos de esportes e educação física nas praças, com aulas de diversas modalidades e a instalação de academias ao ar-livre, tem alcançado bairros periféricos em determinados pontos da cidade.

Mas uma palavra que ganhou bastante destaque na gestão é “requalificação”. Fala-se na requalificação da lagoa da Parangaba, da Beira-Mar, da Praia de Iracema e de outras áreas da cidade. Esses projetos de requalificação são contemplados pelo Plano Fortaleza 2040, sendo expostos nos canais de comunicação da prefeitura, sobretudo na internet, como áreas que recebem intervenções urbanísticas e obras de construtoras. Para o fortalezense que transita pela cidade, é perceptível a ênfase que o prefeito dá a esse tipo de obra. É nesse contexto que é preciso pensar o bairro Praia de Iracema.

⁶⁷ PREFEITURA DE FORTALEZA. Instituto de Planejamento de Fortaleza. Fortaleza 2040. [s.d.]. Disponível em: <http://fortaleza2040.fortaleza.ce.gov.br/site/>. Acesso em: 02 set. 2019 às 09:39.

Em um contexto de intensas intervenções por parte da prefeitura, contando com a parceria de construtoras, o Plano Fortaleza 2040, através de intensa divulgação de políticas públicas por meio da internet e da ênfase em projetos de requalificação, demonstra claramente a preocupação da gestão atual com a retomada da requalificação da Praia de Iracema que já desafiou as gestões anteriores, como tem sido apresentado ao longo deste capítulo.

Para tanto, a gestão Roberto Cláudio tem atuado juntamente com a Organização Social Instituto Cultural Iracema (ICI). Várias ações são realizadas em conjunto com a SECULTFOR, SETFOR, SER II, SDS, SEUMA, AMC entre outros, mas o Instituto Cultural Iracema tem se destacado, sobretudo, a partir de 2017, na coordenação de ações no bairro. Isto porque após o lançamento do Fortaleza 2040, bem como em função de intensas pesquisas realizadas no primeiro mandamento do prefeito, deu-se ênfase à requalificação do bairro durante o segundo mandato. Por intermédio do ICI, foi criado o Conselho da Praia de Iracema em 2017, com a participação de gestores, moradores, empresários e representantes de entidades e de grupos de interesse do bairro.

Através dessa articulação, foi criado o Planejamento Colaborativo da Praia de Iracema, coordenado pelo ICI em parceria com diversas secretarias e órgãos municipais, bem como com o Conselho, que engloba diversas ações para a requalificação da Praia de Iracema, algumas ainda em fase de execução: “As ações sugeridas no plano foram pensadas em 8 eixos estratégicos, que são fundamentais para o convívio: Morador, Comércio, Potencial Turístico, Meio ambiente, Cultura e Eventos, Mobilidade Urbana, Ordenamento Urbano e Segurança.”⁶⁸

Além disso, pode-se destacar duas políticas implementadas para o bairro. Em 2017, após a morte do cantor Belchior, foi criado o Centro Cultural Belchior, onde seria a Casa da Lusofonia no projeto da prefeita Luizianne Lins, no prédio que outrora englobava o Cais Bar e o restaurante La Trattoria. A mudança de nome foi instantânea à morte do cantor, embora inicialmente as ações no Centro Cultural fossem mínimas.

Também no ano de 2017 foi transferida a SETFOR do bairro Dionísio Torres para o prédio do Estoril, na Praia de Iracema. Afirma-se que o objetivo era aproximá-la da orla e revitalizar a área que enfrentava dificuldades no bairro.

O Planejamento Colaborativo está disponível no site do ICI. Primeiramente, destaca-se a marca “Praia dos Encontros”, a mesma presente em placas na Praia de Iracema e páginas em redes sociais, com destaque para o Instagram. Em seguida, é apresentado um pequeno resumo do que propõe o Plano, enfatizando a história do bairro, bem como sua forte

⁶⁸ INSTITUTO IRACEMA. Planejamento Colaborativo. 2017. Disponível em: <https://www.institutoiracema.com/praiadeiracema>. Acesso em: 02 set. 2019 às 10:16.

associação com a boemia. Afirma-se que não é objetivo do plano “revitalizar” o bairro (a palavra aparece entre aspas), eis o porquê:

[...] acreditamos que ele continua vivo e pulsante e, muitos dos problemas que surgem é exatamente por essa capacidade pujante que o bairro tem em receber pessoas com a maior diversidade possível. Preferimos falar em requalificação, inovação, planejamento e olhar para o futuro⁶⁹.

Mais à frente apresenta-se a metodologia utilizada para a elaboração do plano. Definida como “Design Thinking”, informa-se que ela surgiu no início dos anos 2000 na Califórnia, nos Estados Unidos: “sendo uma abordagem que busca a solução de problemas de forma coletiva e colaborativa, em uma perspectiva de empatia máxima com seus stakeholders (interessados)”⁷⁰.

Argumenta-se também que as pessoas são colocadas no centro de desenvolvimento da solução, não apenas a pessoa impactada pelo problema, mas todos os envolvidos na ideia. Assim, afirma-se que: “O conceito de design thinking veio para solucionar a maneira de encontrar soluções inovadoras para os problemas, soluções criativas focadas nas necessidades reais do mercado e não em pressuposições estatísticas”⁷¹.

As gravuras a seguir estão disponíveis no slide do Planejamento Colaborativo da Praia de Iracema, podendo facilitar esta análise⁷².

Figura 20 – Metodologia do design thinking



Fonte: Instituto Iracema (2017).

⁶⁹ Ibid.

⁷⁰ Ibidem.

⁷¹ Ibidem.

⁷² Ibidem.

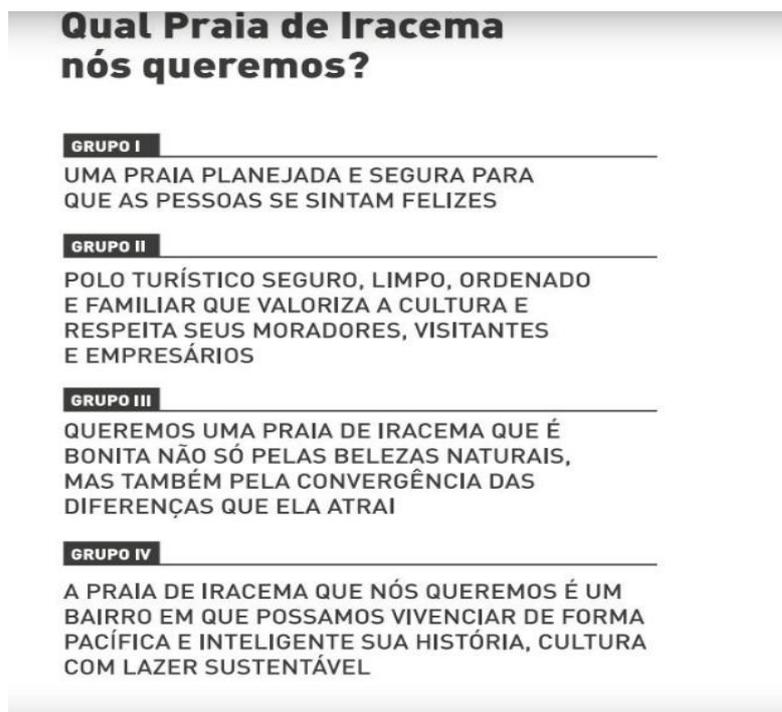
Basicamente, o design thinking é uma proposta de planejamento colaborativo em que se abordam desafios, buscando coletar dados e diagnosticar a situação e, posteriormente, são elaboradas possíveis soluções em conjunto, escolhendo-se a considerada mais viável como solução a ser implementada.

Figura 21 – Índice do slide do Planejamento Colaborativo da Praia de Iracema



Fonte: Instituto Iracema (2017).

Figura 22 – “Qual Praia de Iracema nós queremos?”



Fonte: Instituto Iracema (2017).

Através do design thinking foram levantadas 336 ideias, como se pode ver acima, com destaque para segurança, potencial turístico e eventos, demonstrando as preocupações principais. Mas chama atenção a quantidade de ideias no eixo moradores, em número semelhante ao eixo comércio e quase na mesma quantidade que segurança e potencial turístico. Como indicado na metodologia, nem todas foram contempladas, apenas aquelas consideradas mais viáveis.

Antes de começar a dialogar com as ações escolhidas é importante destacar a disposição do conteúdo no material divulgado no site do Instituto Cultural Iracema. O documento é dividido em eixos e cada ação vem no título, com uma parte em negrito, seguidas por fotografias.

Abaixo das fotografias aparecem em escala de 1 a 5 o nível de dificuldade da ação e o tempo necessário para implementá-las, medido em dias, mas com escala de até um ano. Em seguida têm-se uma pequena introdução da situação do bairro e do seu potencial para cada ação. Em segundo plano, na mesma página, são abordados detalhes, os quais continuam na página seguinte em primeiro plano. Finaliza-se com as referências utilizadas em outras localidades.

Na página inicial, temos as seguintes componentes de análise: objetivos da ação, observações, indicadores e metas. Os objetivos são vinculados com as metas, as quais são

mais bem detalhadas que os primeiros. As observações abordam especificidades que, às vezes, acabam sendo deixadas de lado. Os indicadores são as medidas avaliativas utilizadas pelo órgão executor. Apresentam perfis quantitativos e se estendem por abordagens qualitativas em determinadas situações, embora predomine a busca por dados numéricos.

Na segunda página, temos os seguintes pontos: a) recursos necessários; b) Orçamento total da ação (implementação e manutenção); c) setores envolvidos; d) Local de aplicação (com mapa e fotografias de pontos estratégicos em destaque); e) referências.

Os recursos necessários são o capital fixo a ser investido pela prefeitura ou por parcerias público-privadas como, por exemplo, na ação “Realização de Feiras e de Pequenos Negócios Locais”, onde os recursos necessários apontados são: a) banheiros químicos; b) energia (geradores); c) mobiliário para uso dos feirantes.

Já o “Orçamento Total da Ação” chama a atenção por dois fatores. Primeiro, a concepção de implementação e manutenção, o que indica calcular um custo fixo (implementação) e estimar um custo variável (manutenção), a partir de um custo fixo. Outro ponto importante é que, em alguns casos, o orçamento é bastante detalhado, como na ação de mensagens para moradores sobre os eventos, a qual destaca cada centavo gasto em mensagens, sendo feito um cálculo para cada evento. Outras apenas informam “orçamento a definir”, o que indica que são ações ainda em busca de investimentos e que ficam em aberto.

Na parte dos setores envolvidos, evidenciam-se as secretarias que trabalham com a ação, as autarquias municipais e a presença ou não da SER II. Já no “Local de Aplicação” sempre é apresentado um mapa da área que sofrerá a intervenção, com traçados e pontos em destaque, apresentando fotografias.

Encerrando, têm-se as referências, ou seja, projetos semelhantes em outras localidades. Em alguns mais específicos, são evidenciadas as cidades onde ocorrem, enquanto outros mais gerais, não possuem essa característica. As referências sempre são acompanhadas por fotografias.

A partir da compreensão de como funciona o documento, podemos analisar as ações realizadas. Obviamente que não esgotaremos as informações contidas no mesmo, pois não é o objetivo da pesquisa.

Observem-se as tabelas com cada eixo e ações escolhidas:

Comércio:

16. Exploração Comercial de esportes aquáticos.

22. Realização de Feiras de pequenos negócios locais.

24. Incentivar a contratação e formação de mão-de-obra de moradores e pessoas em situação de rua.

30. Incentivo fiscal para a instalação de novos negócios.

Eventos:

36. Notificar moradores sobre eventos.
--

40. Galpão multifuncional para eventos.

44. Criação do Dia da Praia de Iracema e realização de Evento Comemorativo.

48. Contrapartidas dos Eventos para melhorias no bairro.
--

52. Coletores Seletores de lixo para Grandes Eventos.

Potencial Turístico:

58. Sinalização padronizada do bairro.
--

62. Reforma das fachadas e prédios históricos.
--

66. Portal e aplicativo do bairro.

70. Delimitação de espaços esportivos no calçadão e faixa de praia.

74. Galeria de Arte Urbana José Avelino e Historiador Guarino.
--

78. Concurso Logomarca Praia de Iracema- Placebrand

Em Segurança:

84. Programa de Polícia Cidadã Integrada- Iracema, Cultura de Paz.
--

Ordenamento Urbano:

92. Estação Iracema: Espaço de apoio ao banhista.

96. Reforma e novo uso da Praça dos Tremembés.
--

100. Quiosque Iracema e Posto do Lido.
--

104. Iracema sem fio: Fiação Subterrânea.

108. Uso criativo dos Espigões: Arquibancada do Pôr do Sol, Espetáculos e Eventos.
--

112. Reforma de ruas e calçadas.

Mobilidade Urbana:

118. Pedala Iracema: Incentivo ao uso de bicicletas como meio de transporte.
--

122. Ações e Políticas de Trânsito: Boulevard Tabajaras.
--

126. Plano Integrado de Ação de Trânsito: Mobilidade Iracema.

Em Morador:

132. Painéis Artísticos: Lambe-Lambe, Fotos Antigas e Moradores.
--

136. Espaço de Lazer Infantil: Brincando Iracema.

140. Criação do Centro de Memória do Bairro.
--

144. Programa de Benefícios aos Moradores: Passaporte Iracema.
--

Meio Ambiente:

150. Projeto Paisagístico: Vamos pela sombra.

154. Programa de Relação de Resíduos: Iracema Limpa.
--

Em função dos objetivos da pesquisa, não se faz necessário detalharmos cada uma das ações, porém é importante salientar características gerais que norteiam as políticas. As ações privilegiam questões de ordem econômica (com ênfase em turismo, eventos, comércio e atração de empresas), segurança, moradia, urbanismo e meio ambiente. São problemáticas fortemente associadas à Praia de Iracema na mídia, redes sociais e entre moradores, gestores, trabalhadores e empresários.

No eixo “Comércio”, é possível observar a ênfase na possibilidade de atrair empresas que trabalhem com esportes aquáticos, relacionando investimentos na área, geração de emprego e renda. Parte-se, inclusive, da concepção de que uma Praia de Iracema que se destaque na atração de empresas terá maior vitalidade. Incentivam-se também as feiras locais e atração de empresas, com destaque para “economia criativa”, com o projeto de isenção em até 100% de impostos como o IPTU.

Apresenta também a interessante iniciativa de formação e contratação de moradores e pessoas em situação de rua. Esta atitude, ao mesmo tempo em que empregaria moradores, tornando-os mais capacitados com cursos relacionados ao turismo e eventos (cozinheiro, garçom, guia turístico), ao indicar a geração de empregos para moradores de rua busca solucionar um grave problema associado ao bairro, pois a presença dos mesmos é considerada um sério problema social da metrópole global, bem como muitos estão associados à violência e ao consumo de drogas.

Em “Eventos”, a ação relacionada à comunicação com os moradores sobre os eventos no bairro indica a existência de transtornos entre grupos, fazendo-se necessária uma

comunicação mais eficaz, neste caso, através de mensagens utilizando-se da internet entre moradores cadastrados. Relacionado ao comércio local, apresenta-se a iniciativa de se criar um galpão multifuncional para eventos.

Além disso, a política também abrange outros aspectos, como a criação do dia da Praia de Iracema, no aniversário do bairro em 7 de maio, e um evento comemorativo, vistos como formas de fortalecer a memória do bairro. Existe também a preocupação em proporcionar retornos à Praia de Iracema através de recursos adquiridos com o evento, pois a ação busca uma contrapartida financeira para se criar um caixa, gerido pelo Conselho, para as ações necessárias no bairro. Por fim, os eventos devem receber coletores de lixo especiais para essas ocasiões, o que indica a velha crítica e problemática relacionada ao acúmulo de lixo após grandes eventos, com destaque para o Réveillon.

Em “Turismo” destacam-se a padronização da sinalização no bairro, para facilitar o trânsito do turista, bem como seu conhecimento a respeito da Praia de Iracema. Também a reforma de fachadas e prédios históricos busca melhorar a imagem dos espaços. A ênfase no uso da internet aparece mais uma vez através da criação de um Portal e de um aplicativo para se divulgar informações sobre o bairro, como eventos e curiosidades.

O aplicativo, atualmente disponível na Play Store, chama-se “Praia de Iracema”. Apresenta a logomarca “Praia de Iracema: Fortaleza dos Encontros” logo de início. Entre as opções em seu menu pode-se destacar “Conheça a Praia de Iracema” que se subdivide em: a) A Praia de Iracema; b) Sobre o Instituto Iracema; c) Investa na Praia de Iracema; d) Contato. Em “A Praia de Iracema” o aplicativo apresenta a história do bairro, incluindo uma linha do tempo, imagens e informações por décadas, de 1920 aos anos 2000. Do ano 2000, salta-se para o ano 2018, apresentando informações gerais sobre o trabalho realizado pelo Instituto Cultural Iracema atualmente.

Em “Investa na Praia de Iracema” é possível conhecer alguns incentivos fiscais da PMF, como também notícias acerca de empreendimentos no bairro. Além disso, o menu do aplicativo apresenta a opção “Experiências” que destaca opções de lazer no bairro, incluindo pequeno resumo e fotografias de cada possível experiência.

O aplicativo “Praia de Iracema” também possui uma agenda para que o internauta acompanhe as programações do bairro. Já na opção “Conheça o bairro” destacam-se estabelecimentos comerciais existentes. Na opção “Favoritos” o internauta pode adicionar

fotos de experiências, eventos na Agenda e locais visitados no bairro. Já na opção “QRcode” é possível usar a câmera do celular para ler códigos QR espalhados pela Praia de Iracema⁷³.

Retomando o Planejamento Colaborativo do bairro, integrada ao comércio e à atração de empresas está a iniciativa de delimitar espaços esportivos no calçadão e na faixa de praia. Já a proposta de uma galeria de arte urbana na Rua José Avelino e na Rua Historiador Guarino aparece como resposta às dificuldades enfrentadas pelas ruas pouco movimentadas, precisando de uma dinamização. Por fim, a ação de criação de uma logomarca da Praia de Iracema, para a qual foi realizado o concurso, atualmente está presente nos meios eletrônicos de divulgação do bairro, bem como em placas: “Praia de encontros”.

Em “Segurança”, existe apenas uma ação, porém sua amplitude é digna de nota. Afirma-se que serão colocadas câmeras de monitoramento ao longo do bairro, definindo-se pontos estratégicos, bem como uma ação conjunta da guarda municipal, polícia civil e militar. Além disso, estabelecia-se a criação de um posto de comando, onde seria feita a vigilância 24 horas, com reuniões periódicas entre as forças legais a fim de unificar as ações. Esse é um indicativo através do qual se diagnosticou, como uma das dificuldades, a falta de operações em conjunto, bem como a atual concepção de se vigiar através de câmeras a fim de coibir ações criminosas, bem como monitorá-las.

Para facilitar a comunicação e localização de forças de segurança, o Plano afirma que possuiriam um fardamento próprio, bem como que a Praia de Iracema ganharia um telefone especial para denúncias de ações criminosas, separado do 190, bem como ligado ao posto de comando e monitoramento no bairro.

Em ordenamento, aparecem ações como um espaço de apoio ao banhista, fundamental para coibir afogamentos. Já a reforma e novo uso da Praça dos Tremembés é uma tentativa de revitalizá-la, pois não tem recebido a atenção em toda a sua potencialidade, ficando marginalizada em relação a outros equipamentos do bairro.

Outra ação é a construção de quiosque e posto na Praia do Lido, também conhecida como Aterro ou Praia dos Crush. Também se destaca a reforma de ruas e calçadas ao longo do bairro, indicando a necessidade de manutenção desses equipamentos.

Outra importante iniciativa é o uso criativo do Espigão (mais uma vez a palavra criativa), com propostas de arquibancada do pôr do sol, espetáculos e eventos. Mas, de todas

⁷³ QRcode é a sigla “Quick Response” sendo um mecanismo ou código de acesso rápido às informações registradas. O QRcode sempre carrega um link em sua estrutura e pode ser acessado por meio de celulares Android.

as políticas, a mais ousada é a fiação subterrânea que faz parte de um plano-piloto para futuramente constar em outros bairros da cidade, dentro do Plano Fortaleza 2040.

Em “Mobilidade Urbana” destacam-se ações direcionadas à redução do fluxo de veículos no bairro, a partir de propostas do uso de bicicletas, portanto, seguindo a concepção do Bicicletar.

Com destaque para a Rua dos Tabajaras, almejou-se construir um Boulevard, tendo em vista disciplinar o estacionamento de veículos, pois são destacadas as dificuldades relacionadas à demora de ônibus de turismo na rua, interdição e mobilidade.

Associado a tudo isso, o Plano Integrado de Ação de Trânsito: Mobilidade Iracema intenta responder às irregularidades identificadas no bairro, sobretudo nos finais de semana, em virtude do aumento de fluxo, tais como a ocupação de duas faixas de rua e o estacionamento em calçadas, impedindo do tráfego de pedestres. Assim, a iniciativa propõe promover planos estratégicos aplicados de forma permanente, tendo como objetivos ordenar o trânsito em horários de pico e nas noites dos finais de semana, oferecendo segurança para visitantes e moradores, objetivando evitar acidentes e, conforme o documento, os abusos de guardadores de carro.

Tendo o nível de dificuldade de 5/5, essa ação exige maior detalhamento em função da proposta: desde buscar parcerias com escolas, imóveis fechados, terrenos não utilizados até estacionamentos regulares para recebimentos de ônibus a fim de evitar congestionamentos em horários de pico. Também é baseada em proposta de videomonitoramento por parte da AMC/ETUFOR a fim de realizar fiscalização mais efetiva com os taxistas que ocupam áreas fora do perímetro permitido.

A proposta também prevê a demarcação de áreas para estacionamento de motocicletas, incluindo a limitação de embarque e desembarque de ônibus em até duas horas, serviço de valet e a procura por parcerias público-privadas para a construção de estacionamentos verticais ou subterrâneos, contanto que não interfiram na paisagem do bairro; criação de áreas de Zona Azul a fim de proporcionar maior rotatividade dos carros, em parceria com empresas de ônibus para a criação de linha de ônibus que conecte Centro, Praia de Iracema e Beira-Mar, com horário nas madrugadas; identificação de moradores com adesivos nos carros a fim de facilitar o acesso a ruas interditadas temporariamente; estudo de fluxo de trânsito do bairro por parte de AMC/ETUFOR; aplicação de operação exclusiva de trânsito aos finais de semana para evitar congestionamentos e infrações, com destaque para o entorno do CDMAC; oferecer segurança necessária para evitar o que é definido como abuso

de guardadores de carro e “flanelinhas” (palavra aparece entre aspas), imaginando cadastrá-los, o que indica uma possibilidade, comparados com os moldes da Zona Azul.

Em “Morador” destacam-se ações de valor cultural e da memória do bairro, como os painéis artísticos a partir de fotografias antigas e lambe-lambe a respeito dos moradores. Também há espaço direcionado ao público infantil e programa de benefícios aos moradores do bairro, que ganhariam descontos nos estabelecimentos cadastrados em contrapartida às parcerias público-privadas e isenções.

Além disso, a criação do Centro de Memória do Bairro, a fim de realizar trabalhos de exposição, arquivamento, educação e cultura a respeito da memória dos moradores da Praia de Iracema, direcionado a públicos variados, como turistas, moradores, estudantes (desde a educação básica a pesquisadores), foi uma iniciativa dentro do Estoril que, embora seja sede da SETFOR, recebeu o equipamento de responsabilidade da SECULTFOR e do Instituto Cultural Iracema.

Para o eixo “Meio Ambiente”, foram definidas propostas de criação de áreas com sombras no bairro, inspiradas em outras realizadas no Brasil, bem como o programa de coleta de resíduos sólidos, o “Iracema Limpa”, em resposta às críticas direcionadas ao acúmulo de lixo na orla do bairro, também constando no eixo “Eventos”, mas dessa vez como uma política pública ambiental, tem como objetivo diminuir a quantidade de lixo acumulado, conscientizando a população sobre o descarte de resíduos, promovendo a limpeza frequente dos espaços públicos. Como política pública ambiental, esta ação está a cargo da SEUMA, ECOFOR e SER II.

Em seminário realizado durante o evento “Além da Rua”, no mês de Setembro de 2019, o presidente do Instituto Cultural Iracema, o publicitário e historiador Davi Gomes, fez críticas à utilização de termos como requalificação ou revitalização da Praia de Iracema. O gestor esclareceu que os esforços atuais dirigem-se para tornar a Praia de Iracema em distrito criativo, atraindo empreendimentos desse campo e soluções inovadoras para as problemáticas enfrentadas.

As críticas aos processos de gentrificação, ao mesmo tempo em que se propõem como soluções a atração de empreendimentos criativos para a Praia de Iracema, foram acompanhadas à inclusão de Fortaleza na Rede de Cidades Criativas, da Organização das

Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), como cidade criativa em design no ano de 2019⁷⁴.

Segundo Reis (2008) as cidades criativas tem por característica transformar o tecido socioeconômico urbano com base no que têm de mais singular, criativo e específico e em um profundo entendimento de sua identidade cultural. Assim, uma cidade criativa é capaz de atrair empreendedores, investimentos e um perfil de turista que respeita e aprecia a cultura local, entendendo a cidade como sua anfitriã (REIS, 2008, p. 136).

Assim, tanto analisando o Planejamento Colaborativo da Praia de Iracema, como acompanhando falas de gestores e notícias no aplicativo “Praia de Iracema”, como também a abertura de novos empreendimentos no bairro entre os anos 2018 e 2019, tornou-se evidente que as tentativas atuais de requalificação priorizam políticas urbanas de incentivo à economia criativa. Com a aprovação da Lei Complementar 32/2018, pela Câmara Municipal de Fortaleza, foram previstos incentivos fiscais para moradores e empreendedores com interesse em investir na Praia de Iracema, possibilitando a redução de até 60% do ISSQN (Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza) e até 100% do ITBI (Imposto sobre Transmissão Inter Vivos de Bens Imóveis) e do IPTU (Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana).

Segundo Reis (2008) a economia criativa tem suscitado novas propostas de requalificação urbana, gerando projetos de clusters criativos e reposicionamento das chamadas cidades criativas. Em debate com exemplos em diversos países, a referida autora explica que cidades e espaços criativos estão relacionados: a) ao combate às desigualdades e violência, atraindo talentos e investimentos para revitalizar áreas degradadas; b) promoção de clusters criativos; c) transformação de cidades em polos criativos mundiais, podendo atuar de forma articulada com política de turismo e atração de trabalhadores criativos; d) de reestruturação do tecido socioeconômico urbano, baseado nas especificidades locais (REIS, 2008, p. 26). Mas, Reis (2008) destaca a preocupação em que este processo não culmine com a gentrificação de espaços:

Quando não bem conduzido, porém, isso pode engendrar um eventual processo de gentrificação e, na ausência do envolvimento comunitário, um esfacelamento das relações locais e a exclusão de pequenos empreendimentos criativos e da diversidade (REIS, 2008, p. 26).

⁷⁴ Criada em 2004, a Rede de Cidades Criativas promove a cooperação internacional suas participantes, que investem na cultura e na criatividade como aceleradoras de desenvolvimento sustentável. Atualmente somam 246 cidades, tendo sido incluída no ano de 2019, além de Fortaleza, a cidade de Belo Horizonte no quesito gastronomia.

Além disso, os estudos em economia criativa aplicados ao urbanismo, como atestado em Reis (2008), respondem às problemáticas envoltas aos processos de gentrificação em que espaços da cidade tornam-se requalificados para atender aos turistas-consumidores, em detrimento das comunidades locais. Assim, a economia criativa não pode se basear simplesmente em ações que buscam vender as memórias associados aos espaços, mas valorizar especificidades locais e sua historicidade, atraindo empreendimentos criativos e valorizando a cultura local como possibilidade de desenvolvimento e inovação.

Sobre o conceito de economia criativa, Reis (2008) explica que compreende setores e processos que têm como insumo a criatividade, em especial a cultura, para gerar localmente e distribuir globalmente bens e serviços com valor simbólico e econômico.

Segundo Menezes (2016) o termo economia criativa designa modelos de negócio ou gestão, que tem por base atividades, produtos ou serviços desenvolvidos e executados a partir do conhecimento, criatividade ou capital intelectual de indivíduos.

As atividades “criativas” estão localizadas em setores como cultura, moda, design, música e artesanato. Outra parte importante é encontrada no setor de tecnologia e inovação, como o desenvolvimento de softwares, jogos eletrônicos e aparelhos de celular. Igualmente, estão incluídas as atividades de televisão, rádio, cinema e fotografia, além da expansão dos diferentes usos da internet (MENEZES, 2016, p. 66).

Ainda conforme Menezes (2016) o conceito de cidades criativas se refere ao complexo urbano no qual vários tipos de atividades culturais fazem parte do complexo econômico e social da cidade. As cidades criativas tendem a possuir uma sólida infraestrutura social e cultural, concentrando empregos criativos e atraindo investimentos devido às suas facilidades culturais consolidadas (MENEZES, 2016, p. 71).

Segundo Morelli-Mendes e Almeida (2016) a concepção de economia criativa partilhada no Brasil apresenta uma postura ampla sobre o tema, compreendendo-a como um grande guarda-chuva capaz de ter em si as diversas atividades de caráter criativo e de valor simbólico. Já em casos como a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) a economia criativa é percebida como a promoção da geração de renda, exportação e criação de empregos, promovendo juntamente a diversidade cultural, o desenvolvimento humano e a inclusão social. Assim, enfatizam-se aspectos culturais, sociais e econômicos em interação com propriedade intelectual, tecnologia e com objetivo no turismo (MORELLI-MENDES; ALMEIDA, 2016, p. 202).

Nesse sentido, ao confrontar as visões da economia criativa na Europa e no Brasil, Morelli-Mendes e Almeida (2016) concluem que já se compreende a importância da economia criativa e o potencial que tem para protagonizar o desenvolvimento econômico

local nas próximas décadas em meio à economia global. Isto porque como assevera Klamer (2016) em economia criativa os custos diretos de produção constituem apenas uma fração dos preços, pois pessoas pagam majoritariamente pelas imagens que elas representam, pela marca e por seus significados.

Nyko e Zendron (2018) que atuam no Departamento de Economia da Cultura do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) explicam que os estudos da instituição apontam para a chamada “Agência 4C”⁷⁵:

[...] ampliação do acesso a crédito e financiamento, ações para crescimento do mercado consumidor, iniciativas de capacitação técnica e principalmente empresarial e articulação para compartilhar conhecimento de mercado e metodologias. A implementação de iniciativas nestes quatro eixos pode contribuir sobremaneira para o desenvolvimento brasileiro (NYKO; ZENDRON, 2018, p. 260).

Para os referidos autores a riqueza cultural brasileira é um dos mais importantes insumos de nossos produtos e serviços. Isto indica a relação entre a cultura e a geração de valor econômico atendendo ao atual contexto do capitalismo globalizado. Além disso, defendem que as externalidades sociais também justificam o apoio governamental às atividades culturais da economia criativa, promovendo a identidade cultural dos povos, a diversidade, a inclusão social, o aumento do capital social, o bem-estar e a educação (NYKO; ZENDRON, 2018, p. 265).

Para Reis (2008) seja qual for a vertente conceitual que se trilhe, percebe-se que o substrato da economia criativa advém das transformações geradas pela convergência entre novas tecnologias e globalização, promovendo reencontro entre ciência e artes e atribuindo o papel de expandir exponencialmente os mercados, gerar o reconhecimento da tensão entre os valores social e econômico da cultura, bem como acirrar a fome de alguns países em dominar a produção de conteúdos culturais em escala mundial (REIS, 2008, p. 23).

Assim, é possível perceber que as concepções de criatividade aparecem muito associadas ao bairro na nova gestão, sobretudo a partir da intensificação do trabalho do Instituto Cultural Iracema. A ênfase também recai em programações culturais, sobretudo no entorno do Centro Cultural Belchior, mas que também foram realizadas no Estoril, como programações nas quartas-feiras em 2018, o “Quarta Iracema”, destacando-se igualmente as ações nos meses de férias.

A ideia de distrito criativo caminha de mãos dadas com a busca por investidores, vistos como possibilidade de dinamizar o bairro, oferecendo incentivos fiscais. Outra

⁷⁵ A chamada agenda de transformação ou “Agenda 4C” envolve os temas conhecimento, crédito (financiamento), capacitação e crescimento do mercado (NYKO & ZENDRON, 2018, p. 274).

característica importante é a atração de empresas relacionadas com esportes e informática, numa visão diferenciada da Praia de Iracema como apenas um ponto de turismo.

Se aposta bastante em atividades com forte potencial atrativo nas proximidades do Centro Cultural Belchior, atualmente sede do Instituto Cultural Iracema. A área já é monitorada por câmeras, contando com um café no centro cultural e com intensa vigilância. Vale ressaltar que, nos fins de semana, a Praia de Iracema recebe grande número de jovens da periferia na área conhecida como Praia dos Crush, gerando uma disputa simbólica com moradores mais antigos que a identificam como Praia do Lido.

Porém, fica evidente que parte das ações não foram totalmente implementadas, exigindo continuidade do trabalho. Por outro lado, atesta-se a importância dada à concepção de que é necessário estabelecer parcerias público-privadas, com o poder público atuando para facilitar o trabalho de empresários. Além disso, o turismo, o lazer e a cultura não foram deixados de lado, a Praia de Iracema continua sendo alvo de disputas simbólicas e as intervenções do Estado legitimam usos e apropriações do espaço urbano.

Cumprido destacar que o estudo do Planejamento Colaborativo permite perceber o que se compreendeu como desafios e soluções viáveis para a Praia de Iracema, a partir da metodologia do design thinking. Isto permite analisar as demandas cujo planejamento buscou atender, bem como o traçar de políticas públicas em resposta.

5 O QUE SE PODE APREENDER COM ESSA AVALIAÇÃO?

*Este céu todo encarnado,
Brilha como diamante.
Esta praia derradeira,
Dos amores meliantes.
Boêmios e seresteiros passam a noite a cantar.
Cantam a vida e a morte,
Cantam o sossego do mar,
Para as meninas faceiras que passam de lá para cá.
Iracema, teus encantos, feitos de fina beleza,
Praia dos meus amores, praia das minhas tristezas.
Praia de Iracema canta o canto do mar.
Iracema, meu amor, eu quero é te ver cantar,
Iracema, meu amor, eu quero é te ver cantar.⁷⁶*

A partir das questões levantadas ao longo da pesquisa, bem como do contato com diferentes narradores, foi possível desenvolver os seguintes indicadores socioculturais: a) indicador sociocultural de pertencimento, através de narrativas de pertencimento à Praia de Iracema; b) grau de atendimento às demandas locais, através de narrativas de receptividade e críticas às políticas públicas implementadas no bairro, considerando os grupos em seus territórios.

Assim, este capítulo trata da construção de indicadores socioculturais a partir da valorização de narrativas orais. Também aborda observações a partir do trabalho de campo, realizado com ênfase entre agosto e outubro de 2019. Por fim, apresenta-se uma proposta de ação educativa patrimonial-ambiental como possibilidade de política pública capaz de atender às demandas locais e valorizando questões culturais como o pertencimento ao bairro Praia de Iracema.

É importante destacar que a construção dos indicadores se deve ao seu potencial de análise para com as questões levantadas, sendo desenvolvidos durante a pesquisa pois, como apontou Rodrigues (2016), uma proposta de avaliação em profundidade não deve se preocupar com a elaboração de hipóteses, mas inicialmente considerar alguns pressupostos inferidos da imersão em campo, de caráter exploratório.

Assim, não foram constituídos indicadores a priori, sendo desdobramentos do trabalho de campo e das entrevistas em profundidade. O contrário seria estabelecer indicadores que determinariam como a pesquisa deveria prosseguir. Neste caso, o pesquisador-avaliador de políticas públicas manteria a postura dos órgãos de medição oficiais que possuem indicadores quantitativos e de pretensões universais.

⁷⁶ CAVALCANTE, Joaquim Ernesto; PARDAL, Paulo de Tarso. Intérprete: Serrão. Praia de Iracema. In: Na beira do Cais. Fortaleza: Cais Produções Musicais e Radiadora Cultural, reedição, c.1999. 1 CD. Faixa 13.

Vale destacar que se percebeu a importância da valorização do diálogo como prática de avaliação de políticas públicas, ampliando sua abordagem para além da mensuração de dados quantitativos ou da apreensão de um conjunto de opiniões qualitativas, isso porque a avaliação de políticas públicas é concebida a partir da dialética entre reflexão e intervenção social.

5.1 O indicador sociocultural de pertencimento

A construção dos indicadores socioculturais seguiu-se a partir da concepção epistemológica de avaliação de políticas públicas até aqui explicitada. Considerando as oficinas de avaliação de políticas públicas e elaboração de indicadores sociais durante a disciplina de Avaliação de Políticas Públicas, como elencado anteriormente, tornou-se evidente a necessidade de elaboração de indicadores para uma avaliação de políticas públicas.

Segundo Jannuzzi (2002) o indicador social é um recurso metodológico, empiricamente referido, que informa algo sobre um aspecto da realidade social ou sobre mudanças que estão ocorrendo na mesma. Assim, subsidiam atividades de planejamento e formulação de políticas sociais nas diferentes esferas do governo, possibilitando o monitoramento, por parte do poder público e da sociedade civil, permitindo à pesquisa acadêmica aprofundar investigações sobre mudanças sociais e os determinantes dos diferentes fenômenos sociais (JANNUZZI, 2002, p. 55).

Assim, Jannuzzi (2002) explica que, para a pesquisa acadêmica, o indicador social é o elo entre os modelos explicativos da teoria social e a evidência empírica dos fenômenos sociais observados. Já sob uma perspectiva programática, o indicador social é um instrumento operacional para monitoramento da realidade social, com as finalidades de formulação e reformulação de políticas públicas.

Entretanto, Jannuzzi (2002) destaca as problemáticas envolvidas à utilização simplista do indicador social. Predomina-se o uso da medida do indicador em detrimento do conceito, reforçando a tendência de considerar a avaliação de políticas públicas como isenta de valores ideológicos ou políticos, como se na construção de indicadores sociais não intervissem orientações teóricas e opções metodológicas dos seus proponentes (JANNUZZI, 2002, p. 56). É a partir desta crítica que se decidiu por ampliar a noção de indicadores sociais ao abordar a história e cultura do bairro Praia de Iracema, desenvolvendo indicadores socioculturais (GONÇALVES, 2008).

Como explicitado ao longo desta dissertação, Gonçalves (2008) destaca que, para além dos indicadores quantitativos, o avaliador de políticas públicas precisa responder as seguintes questões: Quem está recebendo a política pública e como a ressignifica? Em que contexto? Quais as dimensões de ordem simbólica e política que atravessam? Portanto, a constituição de indicadores socioculturais é resultante da busca por respostas a estas questões.

Vale destacar que não se objetiva desqualificar a utilização de indicadores quantitativos, mas sim demonstrar a importância de se desenvolver indicadores socioculturais a partir de especificidades locais dos territórios, capazes de contemplar aspectos históricos e culturais.

Para a construção dos indicadores socioculturais foi necessário, como abordado em Rodrigues (2008) e Gonçalves (2008), a ida ao campo e a realização de entrevistas em profundidade, a partir da abordagem da história oral. Porém, é importante destacar que o trabalho de campo foi realizado antes e durante a pesquisa em documentos oficiais e periódicos, sendo potencializado em função da importante pesquisa acerca da história do bairro Praia de Iracema explicitada ao longo do capítulo 2.

Assim, o indicador sociocultural de pertencimento é fundamental para se pensar acerca de questões como identidade e sentimento de pertença entre moradores da Praia de Iracema, bem como analisar usos, apropriações e disputas simbólicas no espaço urbano requalificado. Este é um grande desafio para os gestores públicos na medida em que se trata de uma questão complexa envolvendo cultura, história e geografia do espaço em que se pretende intervir, mas fundamental para o atendimento às demandas locais.

Para a elaboração do indicador sociocultural de pertencimento considerou-se o que foi abordado em Gonçalves (2008), dando ênfase às narrativas acerca das dimensões economia, relações de poder, cultura e geografia.

Vale destacar que o termo Praia de Iracema remete a diversos significados. Os limites oficiais do bairro foram explicitados na figura 3, porém, como esboçado anteriormente, existem delimitações simbólicas mais amplas. Assim, quatro questões foram levantadas ao longo do trabalho de campo que suscitaram a elaboração do indicador sociocultural de pertencimento: a) os limites simbólicos do bairro Praia de Iracema; b) A relação Praia de Iracema e Poço da Draga; c) usos e apropriações na orla marítima do bairro; d) Boemia na Praia de Iracema.

Sobre os limites simbólicos do bairro Praia de Iracema, é importante destacar, como abordado anteriormente, que partes oficialmente pertencentes ao bairro Centro e Meireles são corriqueiramente localizadas na Praia de Iracema. CDMAC e Poço da Draga

confundem-se com o bairro a que esta pesquisa dedica sua atenção. Interessante observar que este fenômeno não é específico à Praia de Iracema, pois em Fortaleza é muito comum que determinadas áreas sejam consideradas como pertencentes a mais de um bairro, porém, no caso específico deste estudo, é preciso tecer as seguintes considerações.

Ao longo de sua história, o termo Praia de Iracema esteve carregado de valores e disputas simbólicas. Pertencer à Praia de Iracema é interpretado de diferentes formas, a partir dos diversos grupos que lhe impõem sentidos, seja como um lugar de liberdade, lazer, cultura, arte, romance, entre outros. Os usos e apropriações da Praia de Iracema podem ser expressos em diversas narrativas orais, mas também em canções, poesias, artes plásticas, fotografias, filmes, estudos acadêmicos, matérias jornalísticas, grafites, entre outras formas de expressão cultural. A dimensão simbólica que o termo carrega pode ser considerada como de maior expressão na história recente da cidade de Fortaleza.

Por isso, a Praia de Iracema é um espaço privilegiado em termos de atenção do setor público, estudos acadêmicos, investimentos privados e da grande mídia na capital cearense. A forte vinculação com o turismo e lazer, sobretudo a partir dos processos de requalificação implementados na década de 1990, alavancou esta importância simbólica na medida em que a Praia de Iracema tornou-se cartão-postal da cidade, notadamente com a circulação de imagens nos diversos meios de comunicação acerca de equipamentos públicos como a Ponte dos Ingleses, o calçadão e o aterro da Praia de Iracema, em especial durante o Réveillon em Fortaleza.

Constituído a partir de narrativas de moradores do perímetro oficial da Praia de Iracema e do Poço da Draga, o indicador sociocultural de pertencimento buscou caracterizar a noção de pertencimento à Praia de Iracema, bem como as disputas simbólicas relacionadas. Vale destacar a impossibilidade de se utilizar uma abordagem quantitativa, pois se trata de uma questão do campo da interpretação de símbolos na relação indivíduo-sociedade. Sua aplicação em políticas públicas é possível tanto para processos de requalificação, como em políticas de incentivo à educação, cultura e lazer.

Em entrevista com o cantor, compositor e morador da Praia de Iracema, Serrão de Castro, foi possível conhecer a respeito da história da Praia de Iracema, bem como sobre suas delimitações oficiais. Segundo Serrão de Castro:

A Praia de Iracema é muito pequena. Eu vou te dizer as delimitações da Praia de Iracema: quando você desce a Almirante Jaceguai, ali no Dragão do Mar, do lado da praça do Dragão é Centro, do lado de cá é praia, ok? Quando você vem pela Dom Manuel, naquela Igreja pra lá é Centro, da Monsenhor Tabosa pra baixo é praia, ok? Aí você vai por aqui, oh, você vai caminhando pela orla, ali na tia Naí, na antiga tia

Naí, na Idelfonso Albano, pra lá é Meireles, pra cá é Praia de Iracema. Aí você sobe a Idelfonso Albano até a Monsenhor Tabosa, aí você costura até aquela Igreja e desce o Dragão, vem até a ponte, vem ser a Praia de Iracema. Pelo menos cartograficamente o Dragão não é Praia de Iracema. É uma coisa engraçada, o Fernando do Cachorra Magra, eu dizendo pra ele que ele pertence ao Centro e nós temos o bloco chamado hoje, Tabajaras de Iracema, mas ele nasceu bloco de pré-carnaval, ele nasceu “Baderneiros de Iracema”... Aí na reunião nós dizendo “Se é do Centro o que faz ali?” “Não, mas ali é Centro!” Aí ele “Ah! Realmente é Centro!” Então, o Dragão do Mar, ele é vis-Praia de Iracema, mas cartograficamente, dentro da cartografia, ele não é não (Serrão de Castro, Fortaleza, 23.07.2017).

Portanto, narrar a história do bairro Praia de Iracema remete à sua cartografia, como apontado em Serrão de Castro. É percorrer suas ruas e avenidas que expressam o seu desenvolvimento urbano, mas também localizar lugares e rememorar pessoas que lhe dão sentidos.

A inclusão do CDMAC no bairro Praia de Iracema motivou-se pela criação do equipamento nos anos 1990 em área de antigos prédios na fronteira com o Centro. Em virtude de se tratar de pioneira ação em política cultural no estado do Ceará, anexado à Praia de Iracema, o CDMAC herdou representações associadas ao bairro, pois se objetivou criar um complexo cultural Dragão do Mar - Praia de Iracema, na fala de Serrão de Castro: “Então, o Dragão do Mar, ele é vis-Praia de Iracema, mas cartograficamente [...] ele não é não”. O projeto inicial na época incluía a ligação entre o equipamento e a Ponte dos Ingleses, o principal ponto de encontro de grupos na Praia de Iracema, o que não foi efetivado.

É importante destacar que a intervenção na área se apropriou de símbolos associados à Praia de Iracema que se estenderam ao CDMAC, como lugar de lazer, boemia, cultura e arte. Isto não aconteceu simplesmente por uma política de propaganda do equipamento direcionada aos consumidores de cultura, mas pela apropriação simbólica da Praia de Iracema que remete à sua história e representações sociais.

Este é um desdobramento típico dos processos de requalificação dos anos 1990, em que a cultura se tornou um produto de consumo passível de gerar desenvolvimento econômico. Para Gondim (2007), buscava-se produzir ou reforçar imagens das cidades, tendo em vista incrementar o consumo turístico ou o lazer dos seus próprios habitantes. Desta forma, a referida autora explica que neste processo a cultura é feita para ser vista e para “vender” as visões que ela constitui, tornando-se um importante negócio das cidades.

Outra área localizada nos limites do bairro Praia de Iracema é a Avenida Monsenhor Tabosa. Nos últimos anos vem se tornando um dos principais pontos turísticos da cidade, sendo reduto de destacados empreendimentos comerciais.

As políticas públicas de intervenção na área buscam dotá-la de infraestrutura urbana privilegiada, atraindo a iniciativa privada, constituindo um complexo turístico de grande envergadura que engloba Av. Monsenhor Tabosa, Praia de Iracema e Av. Beira-Mar. Assim, facilita-se a circulação de turistas de grande poder aquisitivo, hospedados, sobretudo na Av. Beira-Mar, no Meireles e adjacências, para frequentar os empreendimentos da Av. Monsenhor Tabosa. Isto também facilita a circulação de turistas no perímetro oficial da Praia de Iracema, embora nos últimos anos seu calçadão tenha sido sobrepujado pela área pertencente à Av. Beira-Mar.

Vale destacar que conversas com servidores da Setfor a respeito das intervenções na Praia de Iracema destacaram ações da PMF na Avenida Monsenhor Tabosa. Tendo havido, inclusive, a indicação de membros da associação dos comerciantes da Av. Monsenhor Tabosa para compor a rede de entrevistados, indicando que a área faz parte das preocupações das políticas de intervenção territorial na Praia de Iracema.

Retomando as entrevistas a respeito da história do bairro Praia de Iracema, foi possível observar que narrar é um ato de percorrer suas ruas e avenidas, expressando sentimentos de amor e amizade. Segundo seu Luís Antônio Aragão, morador e produtor cultural:

Então, é esse amor pela Praia de Iracema que me faz ainda estar aqui. Os amigos, a proximidade... As ruas ainda tão bucólicas: Rua Tigipió, Rua Tomás Lopes, Itapipoca, Arariús... São ruas extremamente familiares. Ruas que ainda não separaram o homem na sua visão cosmopolita, um do outro, ainda são muito próximos... Dragão do Mar, Tremembés, Tabajaras, Potiguaras... Pra você ter uma ideia nós temos aqui vinte e quatro ruas, seis avenidas e uma travessa. Talvez por metro quadrado nós sejamos um bairro com mais avenidas. Pequeno, mas que tem mais. Porque nós somos da Idelfonso Albano até o Dragão do Mar [...] Da Idelfonso Albano até o Dragão dá um quilometro. Subindo, trezentos e cinquenta metros até a Monsenhor Tabosa, aí desce pelo Dragão... Aí pela a Avenida Almirante Tamandaré até à ponte e entra à direita, aí você tem: Avenida Beira Mar, Avenida Almirante Tamandaré, Pessoa Anta, Almirante Barroso, Raimundo Girão e você tem a Avenida Monsenhor Tabosa! Você tem seis avenidas em um bairro só! Dada a importância que esse bairro tem. Embora de vez em quando as pessoas mudem nomes no bairro, como mudaram o nome de Aquidabã para Raimundo Girão (**Luís Antônio Aragão**, Fortaleza, 25.07.2017).

A narrativa destaca a presença de famílias nas ruas do bairro, ao mesmo tempo em que se percorre suas ruas e avenidas. Portanto, destaca a importância dos moradores para a constituição do bairro, enquanto atores do espaço delimitado. A quantidade de avenidas é caracterizada como um indicativo da importância do bairro para o morador.

Em 2018, foi instalado um equipamento público em frente ao Centro Cultural Belchior que denota a dimensão simbólica associada à Praia de Iracema. Trata-se de um

leiteiro sob o calçadão, com as letras que compõe o nome da cidade de Fortaleza. Integrando o projeto “Praia de Iracema: Fortaleza dos Encontros”, faz parte da iniciativa do Instituto Cultural Iracema, atualmente sediado no Centro Cultural Belchior.

Para tanto, foi criada uma logomarca na qual o nome Praia de Iracema também é apresentado com cada letra carregada de simbolismo. A criação envolveu mais de vinte profissionais de empresas de comunicação e cada detalhe é carregado de símbolos envolvendo a história do bairro. Segundo o perfil do Fortaleza dos Encontros na rede social Instagram:

O “I” juntamente com o “R” vieram dos detalhes arquitetônicos do casario da orla nos anos 30. O “A” representa as jangadas. O arco da Iracema Guardiã de Zenon Barreto forma o “C”. O formato da letra “E”, simboliza a época em que a Iracema se chamava Praia do Peixe. O “M” representa a Ponte, local de encontro, como metáfora e memória da nossa ligação com o resto do mundo através do mar.⁷⁷

Figura 23 – Letreiro Fortaleza



Fonte: Praia de Iracema (2019).

Figura 24 – Letreiro Fortaleza no pôr-do-sol



Fonte: Praia de Iracema (2019).

⁷⁷ PRAIA DE IRACEMA. Fortaleza, 30 ago. 2019. Instagram: fortalezadosencontros. Disponível em: [instagram.com/fortalezadosencontros](https://www.instagram.com/fortalezadosencontros). Acesso em: 07 nov. 2019 às 20:20.

Figura 25 – Detalhe da logomarca Praia de Iracema



Fonte: Praia de Iracema (2019).

O pertencimento à Praia de Iracema também é expresso em canções. A canção “Adeus Praia de Iracema” de Luiz Assumpção ainda carrega representações simbólicas para com o bairro, como destaca Bezerra (2008). Porém, para o morador, cantor e compositor Serrão de Castro é importante destacar:

Eu fui fazer um programa de televisão e o apresentador disse: “Você vai cantar o hino da Praia de Iracema! Adeus Praia de Iracema!”. Eu disse: “Mermão, não gosto dessa música, não. Acho que isso não é o hino da Praia de Iracema não, pra mim não é não”. A música fala da queda da Praia, né. Ele ficou assim... “Qual o hino da Praia de Iracema pra você?” [...] Eu acho que é “Longarinas” do Ednardo. “E o mar engolindo, lindo, antiga Praia de Iracema (cantando)”. Quer dizer, pra mim o hino, dessas músicas conhecidas, pra mim é a música do Ednardo. A música que o Luiz Assumpção gravou “Adeus, Adeus, só o nome ficou (cantando)”. Só o nome ficou pra ele, cara! Pra mim não! Pra mim a Praia de Iracema continua aqui. Pra mim esse nunca foi e nem será o hino da Praia de Iracema (Serrão de Castro, Fortaleza, 23.07.2017).

Finalizando a entrevista Serrão de Castro reafirmou o caráter cíclico da Praia de Iracema, o que não permite que se dê o adeus, mas acreditar em novas perspectivas para o bairro:

Como eu te falei a Praia de Iracema é cíclica. Você pensa que ela morreu e ela vai renascer porque ela é tão linda, tão forte, tão mágica que nem a incompetência pública consegue apagar [...] Tem uma áurea, tem uma magia, fora de série. Uma energia fabulosa. Então, ela é cíclica. E quando você menos espera ela começa a respirar, respirar. Fazendo uma comparação esdrúxula, mas só que para o lado do bem: ela é igual aos ovos do mosquito da dengue! Você pensa que ele morreu, mas se ver um pouquinho de água e ele “vu”, tenha cuidado! Na Praia de Iracema são os

ovos da cultura, da boa áurea, da boa magia... Ela tá ali só esperando que alguém dê corda, que alguém dê um sopro, que alguém mate um pouquinho a sede que ela vai eclodir e vai aparecer de novo. Pros olhos aqui da nossa população, da nossa cidade e de quem visita porque nós merecemos que ela continue viva e forte (**Serrão de Castro**, Fortaleza, 23.07.2017).

Nesse sentido, a narrativa de Serrão de Castro lembra o que explicitou Bezerra (2016) que em debate com o conceito de eterno retorno na filosofia nietzschiana observou⁷⁸:

É como o Eterno Retorno que vejo a trajetória do bairro Praia de Iracema. Apesar de descrever a história do bairro por meio de fases, o olhar mais atento, o caminhar mais devagar, a conversa com quem vive ou passa por aquele lugar demonstram que, nos altos e baixos vividos pelo bairro, está intrínseca a história desse lugar. Assim, entendo que, sem o adeus e a boemia, não existiria Praia de Iracema. Dessa forma, o apogeu e a decadência são instâncias que se alternam. (BEZERRA, 2016, p. 73).

Portanto, na trilha de Bezerra (2008; 2016) e considerando o indicador sociocultural de pertencimento pode-se concluir que a alegoria do adeus e o eterno retorno são representações que marcaram (e ainda marcam) produções artísticas acerca da Praia de Iracema e que alimentam a oralidade de grupos identificados com o espaço, reaparecendo em momentos de crise e de intensas transformações urbanas. O eterno retorno também é uma forma de resistência às representações de uma Praia de Iracema degradada e decadente, explicitando a possibilidade de novas alternativas para o bairro.

O indicador sociocultural de pertencimento também é importante para se pensar acerca da Comunidade do Poço da Draga. Oficialmente pertencente ao bairro Centro, é conhecida como “Favela do Baixa-Pau” por moradores das limitações oficiais do bairro Praia de Iracema. Em trabalho de campo realizado ainda em 2016, na ocasião do desenvolvimento de monografia de graduação em História, estive fotografando a área oficial da Praia de Iracema, bem como seus equipamentos, como a Ponte dos Ingleses e o Estoril. Na ocasião, fui advertido por um morador que trabalhava vigiando motos, embriagado às 9 horas da manhã de uma segunda-feira, de que eu não devia me aproximar do “Baixa-Pau”, nas proximidades da Ponte Velha (BRASIL JÚNIOR, 2016).

Todavia, a partir do contato com a ONG Velaumar, foi possível constatar a compreensão partilhada por moradores do Poço da Draga. Izabel Cristina, presidente da ONG, questionada sobre os limites do Poço da Draga afirmou que:

Os limites que nós temos no Poço da Draga hoje, para nós moradores: ele inicia na Alberto Nepomuceno, que é ali na Adolfo Caminha... E pra nós deveria terminar aí

⁷⁸ Bezerra (2016) explica que é um conceito filosófico do tempo que propõe uma repetição do mundo, o qual se extingue para voltar a criar-se.

na Almirante Tamandaré. Mas até onde eu sei, dentro dos mapas, ele vai até a João Cordeiro. Tanto que a gente tem algumas fotos da época do prefeito Juraci que finalizava lá na Rui Barbosa (**Izabel Cristina Lima**, Fortaleza, 23.09.2019).

Questionada então se o Poço da Draga está localizado dentro do bairro Praia de Iracema, a moradora afirmou:

Aliás, a Praia de Iracema é que é dentro do Poço! Porque o nome Praia de Iracema e o bairro surgem em 1920. O Poço da Draga já está bem aqui há muito tempo. Foi um concurso que achava feio o nome Praia do Peixe e aí fizeram esse concurso pra poder dar esse visual. Porque era uma praia, pro lado de lá do Estoril, era uma praia de elite. Praia do Peixe?! Peixe fede, essas coisas... E aí fizeram esse concurso, mudaram o nome para Praia de Iracema, em homenagem a José de Alencar, com o romance Iracema (**Izabel Cristina Lima**, Fortaleza, 23.09.2019).

A narrativa implica pensar em algumas questões. Primeiro, os limites propostos indicam um Poço da Draga ampliado, adentrando os bairros Centro e Praia de Iracema. A ocupação remete ao período anterior à construção da Ponte da Alfândega, indicando a existência da comunidade antes do surgimento do bairro Praia de Iracema nos anos 1920. Por conseguinte, para moradores da comunidade, é o bairro Praia de Iracema que está dentro do Poço da Draga. Assim, não se perde a identidade da comunidade numa busca de se afirmar como Praia de Iracema, mas reafirma-se o Poço da Draga.

O segundo aspecto fundamental é que a narrativa da história da Comunidade do Poço da Draga, bem como da criação do termo “Praia de Iracema”, é expressão de memórias de resistência comunitária e de luta por direitos. A narrativa, a partir de aspectos da história da comunidade, legitima a luta por uma compreensão alargada dos limites do Poço, remetendo a questões como o direito à cidade e a disputa simbólica no espaço urbano.

A priori, o pesquisador compreendia que a luta da comunidade se caracterizava pela inserção no bairro Praia de Iracema, mas a luta comunitária é a da afirmação do Poço da Draga. Essa é uma das conclusões mais importantes desta pesquisa na medida em que foi possível em função da abordagem a partir da história oral da comunidade. Esta conclusão não seria possível através de uma pesquisa quantitativa a partir de órgãos oficiais que se utilizam de indicadores de tendências universais, nem tampouco a partir de uma pesquisa de opinião baseada em: “Você considera que o Poço da Draga faz parte da Praia de Iracema?”, a qual culminaria em respostas “sim” ou não”. É preciso considerar a narrativa como expressão de memórias divididas como destacado por Portelli (2006), bem como da luta por afirmação da comunidade e do direito à cidade.

Ainda é possível destacar a menção à Praia do Peixe, antigo nome da Praia de Iracema. O Poço da Draga foi uma comunidade caracterizada por pescadores e este legado é

perceptível em narrativas entre moradores que apontam o mar como o patrimônio da comunidade. Inclusive, na narrativa de Izabel Cristina, o período de surgimento do Poço da Draga é imbricado à Praia do Peixe. Nesse sentido, a comunidade é a herança da antiga Praia do Peixe, apesar da terminologia abandonada pela área das proximidades do Estoril, de tendências elitizadas.

Outro ponto importante na constituição do indicador sociocultural de pertencimento foi quando questionei Izabel Cristina a respeito do estigma em torno do termo “Favela do Baixa-Pau”. Segundo a presidente da ONG Velaumar, “nós não achamos ruim, não viu?”, pois:

Olha, desde que eu me entendo no mundo que pobre ele é estigmatizado mesmo. Isso aí a gente não pode passar uma borracha, né. Desde que o mundo é mundo. Mas a palavra “Baixa-Pau” ela não deixa nada a nos diminuir não, até porque tem um fato histórico nisso. Quando o porto acontecia lá na ponte ali (Ponte da Alfândega) tinha a cancela. Então sabe que o cearense é preguiçoso pra falar né: Levanta o pau, pra poder passar o caminhão, pra pegar as bagagens ou então o material lá no porto. E baixa o pau, que era quando o caminhão saía com esse material. E aí algumas pessoas têm isso também como uma forma pejorativa mesmo. É muito: “Ah! Tu mora lá na Favela do Baixa-Pau!”. Eu moro na Favela do Baixa-Pau, mas você sabe a origem do nome da Favela do Baixa-Pau? (**Izabel Cristina Lima**, Fortaleza, 23.09.2019).

Assim, o indicador sociocultural de pertencimento é fundamental para as políticas públicas de requalificação urbana da Praia de Iracema, haja vista que uma das questões mais importantes levantadas durante a pesquisa foi a de que moradores de áreas circunvizinhas, que oficialmente não pertencem ao bairro, não partilham da visão da PMF e se consideram moradores da Praia de Iracema. Portanto, as narrativas orais acerca do pertencimento ao bairro são fundamentais para se constituir políticas públicas de inclusão social com destaque para a moradia.

Outra questão que remete ao indicador sociocultural de pertencimento é a disputa simbólica entre Praia do Lido e Praia dos Crush, o que remete a usos e apropriações do espaço urbano. A amplitude desta disputa fez com que as divulgações de eventos na área por parte de perfis oficiais do Instituto Cultural Iracema preferissem utilizar o termo “Praia do Lido/Crush” recentemente.

A Praia do Lido é como antigos moradores e frequentadores da Praia de Iracema se referem à área do aterro, pois foi reduto do restaurante Lido em meados do século XX. Porém, desde 2017, a área tornou-se conhecida por juventudes fortalezenses que frequentam o espaço em grande número aos domingos como Praia dos Crush. O termo faz referência aos

namoros, pois neste período tornou-se comum entre a juventude chamar um paquera ou amor não correspondido por “crush”, em alusão ao termo na língua inglesa.

Em minhas primeiras entrevistas, ainda no ano de 2017, conheci moradores críticos à utilização do termo. A imprensa começava a noticiar a área com a terminologia “crush”, o que implicava em narrativas de crítica à utilização do termo por conta da perda de identidade do bairro.

Michele Militão, moradora, produtora cultural e servidora pública da Setfor, também contou que foi abordada por uma senhora em um domingo, que era contrária à intensa frequência de jovens da periferia que se referem ao espaço como Praia dos Crush, realizando críticas à ocupação. Porém, ela esclareceu durante a entrevista que o trabalho do Instituto Cultural Iracema visa a democratização da Praia de Iracema.

Para grupos de moradores e frequentadores, a intensificação da frequência dos jovens é negativa na medida em que remetem a usos e apropriações do espaço urbano, considerando os comportamentos lá adotados, fazendo-se críticas à ocupação desenfreada, com som alto, dançando reggae, funk, alguns sob o efeito de drogas.

Narrador cuja identidade será preservada revelou pontos de venda de drogas aos jovens, classificados como da periferia. Essas narrativas se imbricam com exemplos de momentos anteriores em que a Praia de Iracema foi descaracterizada por usos e apropriações considerados ilegítimos.

Em conversa com uma jovem da periferia que retornava sozinha para casa em ônibus da linha Parangaba/Mucuripe, obtida ainda em fase inicial da pesquisa, indaguei sobre os motivos de sua ida à Praia de Iracema, apesar da distância. Ela me contou que em seu bairro não existiam opções de lazer aos domingos: “Não tem o que fazer lá”. Vale destacar que, ao longo destes dois anos de pesquisa, ficou evidente que a frequência de juventudes ao bairro nos domingos vem crescendo bastante. Mesmo nas manhãs, as filas no terminal para ter acesso ao ônibus Parangaba/Mucuripe são consideráveis, movimento que se estende pelas tardes. Os jovens dirigem-se à Praia de Iracema em grupos, dificultando abordagens de desconhecidos; o caso da garota citada acima foi uma exceção.

As programações que assistem à Praia de Iracema contribuíram para usos e apropriações do espaço urbano por juventudes fortalezenses que culminou com a expressão “Praia dos Crush”, que continua sendo utilizada em 2019, ainda que o termo “crush” esteja atualmente em desuso.

É evidente que esta questão perpassa a falta de políticas públicas para juventudes em áreas periféricas da cidade. Já as narrativas contrárias a estes usos e apropriações remetem

a uma disputa simbólico-social no espaço urbano. Compreendê-la exige sensibilidade para com as diferenças, bem como a democratização do espaço público, mas chama também atenção para os grupos demandantes, pois as juventudes que se deslocam para a Praia de Iracema possuem demandas que não são atendidas em seus bairros de origem.

Nesse sentido, é importante o que Michele Militão, uma das conselheiras do Planejamento Colaborativo do bairro, também moradora, produtora cultural e servidora municipal, destacou:

Por que um plano de ação e não o nome plano de requalificação? Porque a gente justamente entendeu que a praia não precisa ser requalificada! Ela ter precisa ter ação! A gente começou a olhar o que tinha: a galera do patins, a galera da bicicleta, a turma do skate... Por exemplo: Muita gente no Largo dos Tremembés teimava em fazer alguma coisa ali. E aí é virar de costas para uma ocupação de juventude que já existe que são os skates... Então hoje, se você olhar o Largo dos Tremembés, tá tudo grafitado e a Praia de Iracema tá toda grafitada. Porque a gente começou a trabalhar essa parte da economia criativa, do design thinking, a gente começou a trazer para a cidade de Fortaleza realmente o Plano de Fortaleza 2040. Então, a gente agregou os valores da bicicleta, do Bicicletar, de espaços de sombra... A gente começou a dar uma assinatura de volta para a praia e entendendo o que é que tinha, por exemplo: Entendendo os pontos ruins e entendendo que, por exemplo, a pessoa dizia: “Ah, mas tem arrastão na Praia de Iracema todo domingo!” Mas pera aí... O que é esse arrastão? Por que assim, a periferia está descendo para a praia... Isso é o problema? Não! O problema é a forma como ela vem descendo. Ela vem descendo com jovens de doze anos cheirando loló, fumando maconha e outras coisas? Esse é o problema! Não é a periferia estar vindo... A periferia pode vir de qualquer forma! E aí a gente foi pontuando, porque aqui a gente tem o louco poeta andando nu no meio da rua... Porque tem, entendeu... Tem... Porque é a Praia de Iracema. É o espaço mais democrático que a gente tem na cidade. E tem o surfista e tem o skatista, como eu já disse, e tem a cantora que vem aqui e compõe, tem aquele garoto mais o namorado dele que vem namorar porque se sente seguro aqui (Michele Militão, Fortaleza, 16.10.2019).

A fala de Michele Militão é muito importante para nossa análise. Primeiramente, a servidora destacou que não se necessitasse de requalificação, mas de ação. Nesse sentido, o Planejamento Colaborativo funcionou como um plano de ações para a Praia de Iracema, não como um plano de requalificação, concordando com o que foi apontado durante o Evento Além da Rua pelo presidente do ICI, o publicitário Davi Gomes. Esta colocação é importante na medida em que moradores também partilharam de críticas à utilização do termo requalificação, aparecendo apenas em conversas com arquiteto entrevistado.

Outro ponto importante é a utilização do “a gente” em sua fala. Ao utilizá-lo, a entrevistada fala em nome dos conselheiros do bairro, destacando dois pontos: a) “a gente começou olhar o que tinha [...]” e b) “a gente agregou os valores da bicicleta, do Bicicletar [...]”. No primeiro caso, olhar o que tinha se refere aos usos e apropriações do espaço urbano, ou seja, “a galera dos patins, a galera da bicicleta, a turma do skate”. Inclusive, isso fica

bastante evidente quando se fala que praticantes “teimavam” em fazer alguma coisa na Rua dos Tremembés, realizando usos e apropriações do espaço urbano que não eram a sua finalidade, ou seja, usos que não eram legitimados pela política urbana, nas palavras de Leite (2004), realizando contra-usos da cidade. Nesse sentido, a fala indica que usos e apropriações do espaço urbano foram considerados durante a elaboração do Planejamento Colaborativo do bairro, podendo-se torná-los legítimos através de intervenções que se apropriam de apropriações do espaço urbano realizado por juventudes.

Em seguida, a servidora destacou o vínculo entre as políticas de intervenção na Praia de Iracema e a política municipal como um todo, ao falar no Plano Fortaleza 2040, bem como as bases conceituais que norteiam as intervenções do ICI, ou seja, a economia criativa e o design thinking, abordados no capítulo 3 desta dissertação. Ao falar no Plano Fortaleza 2040, a servidora utilizou pela segunda vez o termo “a gente”, destacando os valores da bicicleta, ou seja, os valores de mobilidade urbana do plano, através do incentivo ao uso de bicicletas.

Retomando a questão dos usos e apropriações do espaço urbano, ficou evidente a relação entre a insegurança pública, sobretudo a problemática dos “arrastões”, e a presença da periferia da cidade. Ainda durante a fase de entrevistas com moradores e empresários foi possível observar esta relação. A servidora destacou a preocupação com a democratização da Praia de Iracema, bem como que o problema não seja a presença da periferia, mas usos e apropriações do espaço urbano, como o consumo de drogas por jovens.

Sobre a referência ao “garoto mais o namorado dele que vem namorar porque se sente seguro aqui”, é importante apontar que durante a realização do trabalho de campo foi possível observar a presença de jovens homossexuais namorando na região do Aterro, nos finais de tarde, contemplando o por do sol. Não foram observadas aglomerações, mas que o local também é considerado um ponto de encontros de casais, heterossexuais e homossexuais.

Ao ser perguntada especificamente sobre as notícias acerca da insegurança no bairro, Michele Militão fez uma narrativa bastante reveladora acerca de usos e apropriações do espaço urbano na Praia de Iracema:

Domingo passado, a gente tem um projeto “Ao por do sol” que leva música diferenciada. “Ao por do sol” é um piano ao por do sol e com convidados. Sempre um convidado diferente e tal e tal... E aí a gente tava com uma obra na avenida né... A gente tava na frente do Boteco Praia e foi pro meio do Aterro e aí tava uma loucura lá por conta dos ambulantes, dos boxes, da feirinha e dos canos e das ferramentas e etc... E a gente entendeu que era melhor ir para um dos cartões postais que era a Índia Iracema Guardiã. Fomos para lá... Lindo, maravilhoso... E nosso público é de crianças, pessoas mais idosas e etc... De repente, às seis horas da noite, chega um “rolezinho”. E chega um “rolezinho” de jovens de doze anos com som de

uma daquelas caixas de som portáteis. Alto! Junto com o piano! E se coloca na lateral do piano! De forma afrontosa, agressiva e porque a gente não entendeu também que ali era o espaço que eles estavam usando há mais de um ano. Até aí tudo bem, a gente faltou o entendimento de localismo, de território... O que me chocou é que eram jovens de doze, quatorze, dezesseis anos, dificilmente tem um maior de idade ali, consumindo drogas e de forma aberta e aquilo ali eu disse: “Puts... E agora?” Eu não me choquei com funk, eu entendi a ocupação, eu entendi a afronta porque a gente tava num espaço que na cabeça deles, era deles (**Michele Militão**, Fortaleza, 16.10.2019).

Nesta fala é bastante evidente a importância de se considerar os usos e apropriações do espaço urbano por atores, no caso, as juventudes. Como destacado acima, uma obra modificou o lugar do projeto da prefeitura, mas sem problemas, até às seis horas da noite, momento em que um grupo de jovens usavam o espaço. Nesse sentido, a disputa espacial é uma disputa de usos em que jovens que se apropriaram do espaço urbano sentiam-no como seu território.

A servidora observou “não me choquei com o funk”, indicando que existem grupos (observei durante a pesquisa tanto moradores quanto empresários) que associam o som aos usos considerados ilegítimos do espaço urbano.

Esses usos e apropriações também remetem às narrativas em torno da Praia do Lido e da apropriação do espaço por juventudes periféricas da cidade com a terminologia “Praia dos Crush”. Portanto, a utilização do termo para se referir ao espaço do Aterro também é carregado de valores associados ao espaço público da Praia de Iracema.

Assim, o indicador sociocultural de pertencimento também considera as juventudes que se apropriam do espaço, bem como moradores e empresários que também lhe dão usos e sentidos. Interpretar os diversos significados atribuídos ao espaço urbano da orla marítima da Praia de Iracema remete às práticas e representações simbólicas associadas ao espaço urbano.

É evidente que a disputa simbólica também é um indicativo da ausência de políticas públicas para juventudes em periferias da cidade, mas também que esses grupos dão sentidos à Praia de Iracema atual. Nesse processo, grupos que se sentem pertencentes ao bairro entram na disputa, que é simbólica e socioespacial. Cabe ao Estado dinamizar as políticas voltadas aos primeiros, ampliando ações demandadas pelas juventudes para outros pontos da cidade.

Outra questão que o indicador sociocultural de pertencimento adentrou foi quanto aos grupos boêmios. A Praia de Iracema é conhecida por bares boêmios e grupos que assim se autodenominam, embora recentemente esta marca simbólica venha se relacionando mais com o passado do bairro. Ainda assim, a vida noturna intensa no entorno do CDMAC, sobretudo

em casas de show como Órbita e na Rua dos Tabajaras com Jamrock, Mambembe, atraem grande público jovem, principalmente nas noites de sábado.

O Pirata Bar também conta com programação às segundas-feiras, a conhecida “segunda-feira mais louca do mundo” e nos últimos anos vem contado com programações nas sextas-feiras, o “Forró com tapioca”. O público do Pirata Bar é formado predominantemente por fortalezenses (incluindo importante frequência de pessoas de meia idade), bem como turistas, sobretudo, nacionais, não se caracterizando como espaço da moda entre as juventudes, seja de classes populares, que frequentam a Praia dos Crush aos domingos, seja de classe média, frequentadora da região do entorno do CDMAC.

Porém, no Bar do Mincharia, reúne-se nas noites de sexta-feira um grupo de homens, às vezes acompanhados por mulheres, que se dizem pertencer à boemia da Praia de Iracema. Com idade superior a 65 anos, alguns octogenários, caracterizam-se como elite intelectual, sendo antigos professores universitários, médicos, dentre outros profissionais liberais. Bem-humorados, narram histórias de boemia e sobre o “Mincharia”, homenageado pela confraria que se tornou o bar. A idade avançada dificulta um estilo de vida boêmio, mas alguns continuam bebendo e se divertindo, preservando brincadeiras e amizades. Portanto, é possível notar que as representações de uma Praia de Iracema boêmia permanecem nas memórias e narrativas deste grupo.

Assim, a construção do indicador sociocultural de pertencimento se deu a partir de narrativas sobre o sentimento de pertença ao bairro Praia de Iracema, seja a uma área que extrapola as limitações oficiais, seja por conta de grupos que, em seus usos, apropriações e/ou memórias, remetem a um espaço que interpretam como seu. Dizer isso, porém, não significa cair no relativismo, pois o espaço pertence àqueles que lhe praticam (CERTEAU, 2013) impondo-lhe significados.

Os significados atribuídos também remetem a experiências no espaço urbano, cuja construção narrativa caracteriza-se como uma tentativa de traduzi-la em linguagem para o outro, neste caso, o pesquisador de políticas públicas. Estas narrativas indicaram que existem disputas simbólicas na Praia de Iracema que remetem aos conflitos no espaço urbano e à presença/ausência de políticas públicas que contemplem as demandas de grupos.

Pode-se concluir que, no caso da região do entorno do CDMAC e da Av. Monsenhor Tabosa, extrapolaram-se os limites oficiais do bairro Praia de Iracema na medida em que políticas públicas buscaram constituir um complexo turístico-cultural englobando as áreas à Praia de Iracema, contemplando interesses de setores ligados a comércio, serviços e imobiliário através da ampliação da infraestrutura urbana.

Sobre o Poço da Draga, é evidente sua luta pelo direito à moradia, não se tratando de buscar inserção na Praia de Iracema, mas de afirmar-se enquanto comunidade que resiste às dificuldades do viver a cidade. Remete-se, portanto, às disputas simbólicas e conflitos urbanos e ao atendimento às demandas da comunidade. Inclusive, “resistir” é uma palavra bastante enfatizada em narrativas de moradores do Poço da Draga, traduzindo em linguagem experiências de conflito com dificuldades e não-atendimento de demandas da comunidade.

O indicador sociocultural de pertencimento também permite analisar as disputas entre grupos de praticantes, adentrando em usos e apropriações do espaço urbano, através do conflito Praia do Lido/ Praia dos Crush. Nesse sentido, ajuda a pensar em toda política pública de intervenção territorial na medida em que permite considerar grupos que dão sentidos aos espaços através de usos e apropriações que remetem ao sentimento de pertença.

Através de suas práticas urbanas, grupos dão sentidos ao espaço requalificado e, como apontou Leite (2004), são capazes não apenas de subverter os sentidos esperados pelas políticas de intervenção, como dar origem a contra-usos e politização das diferenças, contribuindo para uma diversificação dos sentidos dos lugares.

A intervenção territorial que não considera as especificidades do espaço, como por exemplo, a cultura dos grupos que o praticam, tanto enfrentará conflitos como pode modificar de forma sintomática a dinâmica do espaço urbano. Portanto, considerar o aspecto simbólico do espaço requalificado é um desafio de toda política pública de intervenção territorial responsável.

5.2 Grau de atendimento às demandas locais

O indicador denominado grau de atendimento às demandas locais é um desdobramento da necessidade de reconhecer as demandas de grupos em seus territórios. Isto porque geralmente os grupos são considerados apenas como interessados em determinadas políticas, não se reconhecendo aspectos socioculturais e sua historicidade.

Nesse sentido, narrativas que trataram de problemáticas enfrentadas pelo bairro Praia de Iracema permitiram avaliar o atendimento às demandas de grupos locais. Além disso, aprofundar a análise das problemáticas ao adentrar em suas origens sociais, bem como propor políticas públicas em resposta.

Para a construção do indicador sociocultural de grau de atendimento às demandas locais considerou-se o que foi abordado em Gonçalves (2008), dando ênfase além das dimensões economia, relações de poder, cultura e geografia, às narrativas acerca da rede de

proteção social ou políticas públicas sociais existentes e às concepções e projetos de desenvolvimento local. Vale destacar que em função de possíveis polêmicas, optou-se pela restrição na identificação de narradores nesta etapa.

Considerando as políticas públicas de requalificação pioneiras é possível perceber a importância da elaboração deste indicador. De acordo com Schramm (2001), as políticas de requalificação urbana implementadas ao longo dos anos 1990 buscavam tornar a Praia de Iracema provida de infraestrutura urbana para atender à crescente demanda do turismo e lazer. Para tanto, utilizou-se do caráter simbólico do bairro através de memórias afetivas associadas ao espaço como a noção de boemia. Porém, se a mercantilização da boemia poderia indicar a ascensão dos bares para ganhos fabulosos através do atendimento aos turistas, muitos deles perderam a freguesia pela ressignificação do espaço requalificado.

Isto porque a infraestrutura urbana e a presença de turistas implicavam em disputas simbólicas. Nesse processo, grupos que se identificavam com a boemia se afastavam da orla, como apontou um artista que frequentava a Praia de Iracema no período:

Pronto, o fortalezense foi sendo excluído da parada, aquilo não pertence a gente, ir pra balada, naquele tempo ninguém pensava... Hoje não. Hoje é muito comum o cara ir pra balada, num sei o quê. Música eletrônica, a gente achava aquilo tudo uma baboseira, música eletrônica, tamdamdamdam, aquilo negócio todo, aquela batida, ficar pulando e dançando... A gente não gostava muito daquilo não. A gente foi se afastando também né, não foi inserido no processo.

O choque cultural que marcou a disputa simbólica entre os antigos frequentadores da Praia de Iracema e os novos usos e apropriações do espaço urbano é um dos aspectos mais importantes para o afastamento. A constituição de um espaço urbano requalificado tendo como característica a presença de turistas fazia com que diversos grupos migrassem.

Além disso, com a perda de frequentadores habituais, o processo de crise dos bares aprofundou-se com a redução da frequência no bairro, impulsionado por notícias de violência urbana. Desta forma, até mesmo os turistas deixavam de frequentar a orla da Praia de Iracema, interessando-se com a chegada dos anos 2000 por outras áreas turísticas em ascensão na cidade, como a Avenida Beira-Mar, o Meireles e a Praia do Futuro.

Narrativas de moradores, artistas e empresários também consideram que a prostituição foi um fenômeno bastante característico do início dos anos 2000, sendo associada ao turismo. Ademais, tanto por parte de artistas como de antigos empresários, o termo “turismo sexual” é bastante recorrente. Vale destacar que o período de crise dos bares no início dos anos 2000 é classificado como “a decadência da Praia de Iracema” em narrativas de empresários e artistas, o que remete à alegoria do adeus em Bezerra (2008).

A relação entre turismo sexual e decadência da Praia de Iracema em narrativas orais é bastante significativa. Empresários e artistas entrevistados concordaram que a prostituição não era novidade na Praia de Iracema, mas que se potencializou com o crescimento do turismo nos anos 1990. Algumas narrativas detalharam, inclusive, situações de prostituição e de atividades ilícitas ainda no período de auge dos bares boêmios.

A forte relação entre “turismo sexual” e decadência da Praia de Iracema é indicativa de usos e apropriações do espaço urbano por turistas que disputavam a orla com grupos locais. Para grupos identificados com bares boêmios, a presença de turistas é considerada repulsiva, pois modifica o caráter simbólico do bairro. A Praia de Iracema da boemia era marcada pela presença de artistas locais, mas também pelo sentimento de pertença ao espaço. Com a ascensão do turismo, o espaço ganhou novos atores que com seus usos e apropriações do espaço urbano davam novos sentidos ao bairro.

Os grupos identificados com a boemia não possuíam por prática cultural a inserção em espaços de consumo turístico, como a Praia de Iracema requalificada. Desta forma, fugiam em busca de espaços mais fechados à presença de grupos desviantes, como os turistas. Esta fuga foi modificada pela incompreensão de valores culturais partilhados por grupos boêmios, por parte de setores dirigentes que, na percepção de Schramm (2001), desejavam a mercantilização da boemia.

Sobre a mercantilização da boemia através do Estoril, morador apontou seu vínculo com a retirada de famílias da Rua dos Tabajaras:

Quando o Estoril, o velho Estoril da família Porto, começou a ruir... Ruir literalmente, as paredes começaram a rachar e a ruir... A prefeitura viu naquela ocasião uma oportunidade de transformar aquele ponto que era humilde, um ponto de intelectuais, boêmios que não tinham a menor relação com o desejo comercial, não havia interesse de dinheiro, de se ganhar isso, de se promover... Era simplesmente um local bom, um local onde pessoas frequentavam, as famílias... Era um local bem socialista, sem se falar ideologicamente. Mas o quê que acontece? A Rua Tabajaras fervilhava de famílias, um local maravilhoso. Então a prefeitura conseguiu identificar as casas que pertenciam à União e tirou as famílias da Rua Tabajaras. Com esse processo de retirada das famílias começou a chamada revitalização da Praia de Iracema quando eles fizeram um calçadão (ênfase na palavra) sob onde hoje ainda é o Estoril, depois de revitalizado né, onde havia a Piscininha, e eles fizeram um calçadão fino, mas nós sabíamos que na primeira maré de Janeiro aquilo ali derrubava!

Embora o Estoril tenha sido reconstruído em 1995, após a construção do calçadão, a narrativa identifica como parte do mesmo processo, ou seja, a chamada revitalização da Praia de Iracema. As representações em torno do Estoril enquanto um espaço em que não existia interesse no lucro, caracterizando-o até como socialista, denuncia a apropriação simbólica do bar para atividades lucrativas, com destaque para o turismo.

Enquanto artistas que possuíam vínculos afetivos com bares e de pertencimento à Praia de Iracema por conta da boemia destacaram o processo de tentativa de mercantilização da mesma, o morador também apontou a saída de famílias para a construção do calçadão, enfatizando a demanda local por moradia. Além disso, na primeira referência ao calçadão, o morador enfatizou a palavra, mudando o ritmo em que narrava ao dizê-la pausadamente em sua divisão silábica, o que remete à observação da performance do narrador, anteriormente esboçada.

A ênfase na palavra calçadão explica-se pela conclusão apresentada pelo narrador ao dizer: “[...] mas nós sabíamos que na primeira maré de Janeiro aquilo ali derrubava”. Nesse instante, o narrador fala como membro do grupo de moradores que não se contentaram com a construção do calçadão, esboçando uma falta de reconhecimento local por parte de gestores do funcionamento natural da Praia de Iracema, ou seja, da dinâmica marítima a qual o narrador-morador conhece.

Porém, a fala é importante para a construção do indicador de grau de atendimento às demandas locais por apontar para a problemática da manutenção do calçadão da Praia de Iracema. A narrativa deve ser pensada a partir de suas implicações para o presente do entrevistado, ou seja, por expor a demanda local por manutenção do equipamento urbano.

Ainda tratando de problemáticas enfrentadas pelos moradores da Praia de Iracema nos anos 1990-2000, morador relacionou as facilidades na expedição de alvarás por parte da prefeitura ao crescimento da prostituição e da venda de drogas:

[...] o Juraci começa a dar alvará pra todo mundo! Todo mundo tinha alvará! Se você quisesse colocar uma fábrica de pulga você tinha alvará! Tudo tinha alvará aqui! Era liberado alvará pra todo mundo! Todo mundo tinha alvará! E com isso o quê que veio? A prostituição, a droga (ênfase nas duas últimas palavras), aí começou.

A repetição da expressão “todo mundo” associada à palavra “alvará” é uma característica da oralidade do narrador ao querer enfatizar a problemática. Ao apontar o nome do prefeito da época como responsável por “dar alvará pra todo mundo”, o narrador evidencia a compreensão de que foi responsabilidade da gestão municipal o crescimento da prostituição e do consumo de drogas ao facilitar a expedição de alvarás de funcionamento a casas associadas ao favorecimento dessas práticas.

Outro morador apontou problemas enfrentados com o aumento da frequência ao bairro:

Nos anos 90 a Praia de Iracema começou a bombar. Junto com esse boom vieram os problemas. Pra nós moradores, terríveis: Poluição sonora era altíssima. Carros com sons nas alturas, as pessoas não escolhiam horário, podia ser três horas da tarde ou

três horas da manhã, falta de educação mesmo. Eu costumo falar que naquela época nós não tínhamos a privacidade de nossas garagens e salas. A Praia de Iracema é bem pequena [...] Praia de Iracema tem ruas estreitas, pequenas. Aí de repente toda a cidade vem pra cá. Porque hoje a boemia da cidade é dividida. Todo bairro hoje tem uma vida próprio, boêmia. Mas nos anos 90, não. A boemia ou era aqui ou era na Praia do Futuro ou era um pouquinho no Benfica, por ali, mas muito pouco. O grosso mesmo da boemia da cidade de Fortaleza era aqui na Praia de Iracema. Então todo mundo vinha pra cá. E a grande maioria das pessoas não respeitava o espaço dos moradores daqui.

Isso se explica em decorrência de os projetos não atenderem às demandas locais, desconsiderando os impactos sob os residentes do bairro. Além disso, sendo indiferentes aos valores culturais ou simbólicos estabelecidos, desconsideraram o pertencimento à Praia de Iracema e, levando em conta a narrativa anterior, também não consideraram os usos e apropriações do espaço urbano, reconhecidos como legítimos.

Outra questão levantada foi a respeito da especulação imobiliária na Praia de Iracema. Em conversa com artista foi possível escutar que o bairro enfrentou problemas quanto aos preços dos aluguéis de imóveis, o que dificultava a permanência de empresários do setor de bares, bem como dificultava o estabelecimento de novos empreendimentos comerciais. O artista utilizou a seguinte expressão: “Era como se tudo seguisse o propósito de nos tirar de lá”. Adentrou-se na questão inclusive tecendo considerações sobre o funcionamento do mercado imobiliário e de como era lucrativo para os especuladores que os estabelecimentos antigos fossem fechados a fim de se constituir uma nova rede de empreendimentos hoteleira e elitizada.

Já a narrativa de um empresário, questionado sobre a especulação imobiliária, relacionou a questão a outras problemáticas enfrentadas no bairro, concluindo com a expressão “decadência do bairro”:

Aumentou muito. Os moradores da Praia de Iracema, muita gente foi embora porque não aguentava o barulho, confusão, gritaria, assalto, aí foram transformando... Encheu de casas de prostituição... Foi uma decadência total.

Na narrativa acima, portanto, mesmo questionado sobre algo específico como a especulação imobiliária, o empresário preferiu ressaltar outras questões como a saída de moradores, motivada pelas problemáticas também abordadas na narrativa anterior. Além disso, o empresário destacou a problemática da insegurança, enfatizando a ideia de transformações no bairro. Por fim, apontou os usos e apropriações do espaço urbano, ao ressaltar as casas de prostituição, concluindo com a expressão “decadência do bairro”.

Isto demonstra a intensificação de uma série de problemáticas relacionadas às transformações no bairro Praia de Iracema a partir das políticas pioneiras de requalificação, desde a poluição sonora e a insegurança pública até o prostiturismo.

Percebeu-se, porém, que o problema não é com o turismo em si, mas em dificuldades no atendimento às demandas locais, sobretudo por não se ter considerado fatores como pertencimento ao bairro. Além disso, as consequências das transformações no bairro, sobretudo para grupos identificados com a Praia de Iracema, geraram novas demandas locais relacionadas à moradia, segurança e mobilidade urbana.

Outro artista ao ser questionado sobre o fechamento de bares nos anos 2000 destacou a prostituição e a mendicância:

Na verdade, é o seguinte, a decadência dos bares foi tudo junto. Na verdade, a Praia de Iracema foi que caiu, não foram os bares. Começou com aquele negócio de prostituição, mendigos, num sei o quê, aí começou a cair mesmo. Os governantes não ligavam, acabou que todo mundo foi falindo, todo mundo!

Na narrativa acima os problemas enfrentados pelos bares são considerados como resultados da decadência da Praia de Iracema, notabilizados por conta da prostituição e da mendicância, ou seja, por conta de usos e apropriações do espaço urbano requalificado. Também se destaca a compreensão de que os poderes públicos não teriam buscado soluções para as problemáticas.

Considerando a narrativa do artista é evidente que ele percebeu a proliferação de casas de favorecimento à prostituição no bairro e o aumento da mendicância na área que frequentava. Assim, é evidente que existiu a necessidade de políticas sociais ao lado das políticas de requalificação implementadas. Necessitava-se compreender que o crescimento do turismo em uma área com perfil residencial aliada ao setor de lazer em pequena escala enfrentaria dificuldades com o passar do tempo. Além disso, não se percebeu que grupos que consumiam a indústria de lazer caracterizada pelos bares boêmios iriam se afastar com o crescimento do turismo no espaço, bem como que os novos usos e apropriações renderiam disputas entre bares e casas de favorecimento à prostituição.

Portanto, concorda-se com Evangelista (2013) ao avaliar que essas políticas públicas foram carentes de um planejamento democrático, no qual todos os segmentos da sociedade tivessem sido ouvidos e os múltiplos espaços da cidade contemplados. Assim, esses questionamentos alertam para a participação da sociedade civil organizada, elaborando, juntamente com o poder público, um planejamento participativo e democrático, realizando uma leitura dos múltiplos espaços à luz da cultura local (EVANGELISTA, 2013).

Diante dos processos de requalificação pioneiros terem enfrentado tamanhas dificuldades e contradições, propõe-se que os gestores públicos pensem em projetos de requalificação a partir de políticas públicas constituídas junto aos grupos demandantes, considerando suas práticas urbanas. Além disso, percebeu-se a importância de mecanismos de participação social, não apenas antes das intervenções territoriais, mas também baseados no acompanhamento das transformações urbanas e que geram novas demandas locais.

Mas por que é necessário considerar os pioneiros processos de requalificação urbana da Praia de Iracema, remetendo aos anos 1990-2000, para realizar uma avaliação de políticas públicas? Isto se explica porque narrativas a respeito das transformações no bairro não remetem apenas ao tempo pretérito, sendo, na realidade, um diálogo entre representações do passado a partir de questões e demandas do tempo presente.

As narrativas a respeito da Praia de Iracema revelam que a memória não é congelada no tempo, mas é um trabalho realizado no e a partir do presente, respondendo a questões colocadas em seu tempo, remetendo a representações do passado. Por isso, mesmo que narradores fossem impelidos a falar do tempo pretérito, através de questionamentos do pesquisador, sempre remeteram ao seu tempo presente, explicando problemáticas atuais e remetendo a demandas locais em suas narrativas.

Assim, considerando a narrativa como a maneira de elaboração do discurso, é preciso destacar algumas demandas locais observadas através do contato com diferentes entrevistados e que podem ser resumidas a partir das seguintes relações: a) a potencialidade para o turismo/ dificuldades de novos empreendimentos por falta de segurança; b) necessidade de atrair as famílias/ presença de jovens da periferia; c) meio ambiente e cultura/educação e conhecimento da história do bairro.

Empresário destacou a falta de investimentos em turismo em Fortaleza, assim como afirmou que a cidade ainda não é globalizada, o que foi justificado pela ausência de turistas orientais, como chineses e japoneses. Nesse ponto, a narrativa enfatizou a comparação entre Fortaleza e outras cidades que se destacam no turismo no Brasil e noutros países. Esta já é uma narrativa que questiona a respeito da ineficácia das políticas públicas de incentivo ao turismo na cidade.

Algumas narrativas afirmam que é possível investir em variados negócios sem uma efetiva ação de controle do poder público no bairro. Este é um ponto que merece ser observado na medida em que existem propostas da PMF para requalificar a Praia de Iracema, o que demonstra que existem controles. Porém, dois pontos podem ser observados: ao buscar atrair novos negócios, não se facilitariam empreendimentos que fogem ao que moradores,

trabalhadores e antigos empresários compreendem se tratar de empreendimentos legítimos na Praia de Iracema? É importante destacar que, neste aspecto, a PMF analisa os empreendimentos e prevê contrapartidas explícitas ao bairro.

Porém, outras narrativas remetem ao descontrole por parte da PMF, o que demonstra a desconfiança com o andamento das propostas. Sob esse aspecto, é preciso destacar que os gestores públicos não devem simplesmente acreditar que se trate de simples oposição ao seu trabalho, pois esta desconfiança é explicada através de narrativas que tratam de experiências anteriores em que as demandas locais não foram devidamente consideradas. As narrativas de sujeitos-memória remetem a experiências no bairro que balizam suas falas, já que a narrativa explícita memórias que baseiam compreensões dos processos em curso no bairro. Desconsiderá-las implica descontextualizar interpretações que dão sentido ao lugar.

O reconhecimento da importância do turismo para o bairro é apresentado a partir de indicações a respeito do turismo de sol e praia em Fortaleza, apontando-se as potencialidades da Praia de Iracema através de narrativas que remetem a um espaço paradisíaco. Além disso, a comparação com outras cidades brasileiras também é presente, como na seguinte fala de um artista:

Tem o Pelourinho que também é cheio de barzinhos, ainda tem. Vários lugares. Rio de Janeiro também tem. Mas aqui tinha e ainda tem um espaço maravilhoso, o espaço é fechado, o mar fica fechado ali, como se fosse uma enseada né, cheio de barzinhos, bonito pra caramba, e acho que devia ter sido conservado como um patrimônio cultural, com restaurantes, bares... Tenho pena disso.

As reformas também são vistas como forma de sustentar setores da construção civil. Narrativas de que se interfere intensamente, por exemplo, no calçadão, implicam na compreensão de que o “coloca pedra e tira pedra” movimenta setores interessados nas intervenções. Em um relato cuja identidade do narrador será preservada afirmou-se: “A gente que tá aqui há algum tempo percebe que essas reformas são os grandes negócios”.

Projetos também são apontados como não tendo sido apresentados aos moradores e aos comerciantes, ou seja, “às pessoas que vivem o bairro”. Criticou-se também que arquitetos se vangloriem de muito conhecimento e de não “virem conversar com o pescador, com o dono do botequim, [...], o rapaz que faz caipirinha na esquina, pra ver onde é que pode agregar e facilitar esse projeto”.

Eu te provo que faz muito tempo que começam e não terminam as obras que parece a Igreja Católica que começa e não termina porque se não acaba o grande negócio, certo? Que a Ponte Metálica, a última ponte lá, ela existiu e funcionou. Aquela ponte funcionou... A segunda já não funcionou! Ela começou, aí inventaram de fazer o Mucuripe e desistiram de fazer a ponte e foram pro Mucuripe. E isso há 70 anos atrás.

Além disso, apontavam-se dificuldades em atrair novos empresários relacionando à pauta da segurança pública. Foi possível escutar histórias de homicídios e tiroteios, com destaque para o assassinato de seu Xico Canuto, em 2017⁷⁹.

Sobre a segurança pública, empresário entrevistado apontou as dificuldades por conta da insegurança no bairro, reclamando da presença de pessoas em situação de rua, hippies e usuários de drogas. Vale destacar que ele apontou o policiamento como intervenção para enfrentar a problemática. No entanto, é preciso acentuar que o policiamento não é a sua demanda, mas sim, a segurança ao seu empreendimento.

Por isso, o indicador de grau de atendimento às demandas locais não deve se restringir simplesmente a medir se uma política pública está de acordo com as intervenções almejadas pela pessoa “x” ou o grupo “y”. Para facilitar a compreensão segue um exemplo, baseado no que foi exposto acima: uma área requalificada enfrenta problemas de segurança pública, então se questiona a população, através de pesquisa de opinião, a respeito da necessidade de construção de um posto policial. Como resposta, a gestão recebe o “sim”. Como desdobramento, implementa-se a política pública de construção de um posto policial e entende-se que foi bem recebida, na medida em que possuiu o aval da população. Porém, a política pública precisa responder à demanda local, que deve ser bem definida, em debate com os grupos demandantes.

Neste caso, pode ocorrer de o posto policial ser incapaz de atender à demanda dos grupos e, mesmo que a política pública tenha sido implementada em consonância à pesquisa de opinião, os grupos demandantes tenderão a criticá-la. Cabe ao Estado, portanto, reconhecer as demandas dos grupos e não simplesmente implementar ações que a pessoa “x” ou o grupo “y” compreendem como soluções para suas demandas. Este é um grande desafio, exigindo diálogo e inserção territorial de gestores, dado que é preciso reconhecer as especificidades locais do território e sua historicidade.

Portanto, cabe à gestão pública avaliar as causas sociais que permeiam as problemáticas e definir, junto aos grupos locais, o que está sendo demandado. Definindo os problemas públicos como fatos sociais que demandam intervenção estatal, a gestão será capaz de definir ações ou políticas públicas que correspondam às demandas locais.

A ênfase na presença de mendigos, usuários de drogas e assaltantes, demonstra a inexistência de políticas públicas sociais que se antecipassem ao desdobramento destas problemáticas, bem como demandas por inserção social. Acreditou-se inicialmente que

⁷⁹ O assassinato foi filmado por câmeras do Bar Bicho Papão, ganhando conotação por conta da brutalidade.

intervenções arquitetônicas, aliadas às políticas que beneficiassem a indústria turística e de lazer, seriam suficientes para requalificar o bairro Praia de Iracema, esquecendo-se de avaliar a situação social do entorno e os desdobramentos do crescimento do turismo e lazer sob a ótica dos diversos grupos que praticavam o espaço urbano.

Moradora que em sua narrativa tratou dos últimos anos no bairro destacou que:

O bairro estava perdendo a identidade. A Praia de Iracema vinha perdendo a identidade e vinha sendo consumida para quem quisesse vir. Ela continuava democrática, porque quem quisesse vir, vinha. Fazia o que tinha de fazer, curtia e tal... Mas ela começou a não ter mais o interesse da população no todo de estar aqui. E o “estar aqui” é o morador como eu descer para curtir a praia, por exemplo, que eu gosto né, a minha pele curtida do sol deflagra muito isso... De pular da Ponte Velha que tinha o “rolezinho” com a galera fazendo altas coisas que, assim, nunca me incomodou, mas, assim, tava pesado o negócio. Então, assim, meio que: “Nossa! Caramba! E agora o que é que tá acontecendo no meu bairro?” Onde eu tenho a minha casa! Onde eu nasci e me criei... Onde eu namoro, enfim...

Chama a atenção, porém, narrativas que apontavam a necessidade de se trazer as famílias para o bairro. Nesse ponto, a Praia de Iracema era destacada como um bairro familiar, não apenas como um bairro turístico. Em narrativa com antigo morador foi possível escutar a respeito da saída de famílias durante os processos de requalificação pioneiros e, finalizando sua entrevista, a ênfase na necessidade de trazer famílias para frequentar o bairro. Sobre isso, ele destacou a necessidade de políticas públicas, apontando a importância do poder público em ações para o bairro.

Para revitalizar essa praia você tem que trazer as famílias, não afastá-las. E pra isso você só faz, infelizmente, com segurança, que oh palavra que dói, nós vivermos cercados de segurança... Segurança, limpeza, higiene, urbanização.

Ao longo do tempo, políticas públicas implementadas no bairro Praia de Iracema não obtiveram êxito em responder às demandas das populações-alvo, definidas neste trabalho como grupos demandantes, por desconsiderarem esta questão. Foram implementadas políticas públicas que não atenderam às demandas dos grupos, mas atenderam a desejos de solução mal orquestrados, na ingenuidade de possuir receptividade por parte de grupos interessados ou como estratégia política de dominação⁸⁰.

Também relacionada ao potencial turístico e às dificuldades de empresários está a problemática da manutenção dos equipamentos públicos, indicando que houve intervenção para a criação de infraestrutura urbana sem, no entanto, avaliar de forma consistente os

⁸⁰ É o caso da aprovação de diversas medidas populistas que atendem aos interesses de determinados grupos, mas que nem reconhecem suas demandas, nem tampouco são capazes de intervir de forma coerente sob os problemas enfrentados.

desgastes provocados pela erosão e o contato com o mar. Desta forma, tanto os desdobramentos sociais do processo de requalificação sob os diversos grupos que praticavam o território como a situação de desgaste de equipamentos públicos precisam ser devidamente observados em políticas públicas implementadas na orla.

Sobre o meio ambiente é importante a demanda por políticas de educação ambiental como destacado por um morador:

Lixo! Aí tem assim: Não jogue lixo na rua... Aí o sujeito pensa: “Tá bom! Tá dizendo que não jogue na rua, mas na praia eu posso!”. Aí joga na praia! Ele não sabe diferenciar: “Ah! Aqui é tudo!”. Ele não sabe, ele sabe! [...] Chega com as crianças, dá picolé as crianças... As crianças jogam o papel... E joga aí, e ele acha lindo aquilo porque não tem educação! Nós não tivéssemos essa educação ambiental: De respeitar o mar! De respeitar a praia!

Relacionado a isso o morador destacou que os comerciantes não têm incentivos a empreender num espaço com esse tipo de problemática, pois afasta frequentadores. Nesse sentido, abordou a importância de se considerar o público que se deseja trazer para a Praia de Iracema, questionando: “Que público vamos trazer assim?”

Assim, considere-se a narrativa de um morador impelido a falar a respeito da história da Praia de Iracema e da requalificação dos anos 1990:

Quem tem sã consciência não tem coragem de andar na Praia de Iracema do Aterrinho, da Rua João Cordeiro até à ponte. Todo mundo sabe: falta de segurança, iluminação pública, bancos quebrados [...] Se eu vou dizer que estão vendendo droga? Eu não vou dizer isso! Mas o cheiro de droga contamina todo mundo [...] Agora da João Cordeiro pra lá, que vai até à estátua, trecho da Praia de Iracema que são 250 metros até à estátua, da João Cordeiro pra lá, já melhora. E melhora mais ainda quando vai da estátua até à Rui Barbosa que já é Meireles (Ênfase através de entonação de voz). Então parece que é uma discriminação contra a Praia de Iracema [...] As denúncias não são minhas não! Jornais, televisão... Todo mundo fala! E eles não tomam uma providência. Me obriga que eu, que amava meu lugarzinho, meu Aterrinho, onde posso fazer minha física, eu agora vá fazer minha física lá pro lado do Meireles, porque eu não posso mais andar aqui. É tudo sujo, garrafas, plástico... É um desrespeito com a Praia de Iracema. E eu digo que essas pessoas fazem isso por ignorância cultural, porque se elas conhecessem o valor histórico deste bairro, este bairro é simplesmente maravilhoso.

O morador apontou a situação enfrentada por ele em seu dia a dia: precisar realizar seus exercícios físicos, como corridas de praia, no bairro Meireles, apontando como fatores a insegurança, associada também ao consumo de drogas (ou seria o tráfico e ele não quis se expor?) e o lixo acumulado, na parte da orla delimitada neste estudo. Nesse ponto, mesmo que o narrador estivesse contando a história do bairro, remeteu ao tempo presente e a situações e problemáticas enfrentadas em seu cotidiano.

Observe-se com atenção a presença do pronome pessoal “meu” associado ao Aterrinho, indicando o sentimento de pertença, abordado no indicador sociocultural anterior. O bairro Meireles, onde o morador em questão realiza suas atividades físicas, não é seu. Assim, o morador sentiu-se violado, ao ter o que é seu inseguro e poluído, precisando utilizar um espaço que não é seu, ou seja, que não lhe pertence.

Também é importante destacar que na primeira menção ao Meireles, o narrador enfatizou o nome do bairro através de entonação de voz. Assim, assinalou o status social do bairro, reconhecido como elitizado e, pontuado ao longo da narrativa, como assistido pelos poderes públicos. Nesse sentido, é possível lembrar a importância das entonações de voz em uma narrativa oral, como explicitado no início deste estudo. A entonação no nome do bairro Meireles é uma maneira de elaboração do discurso, apontando seu status em relação ao bairro Praia de Iracema, demonstrando a proximidade e distância social entre ambos. Inclusive, só foi possível ao pesquisador perceber a importância desta entonação de voz ao escutar atentamente a narrativa gravada, bem como comparar com outras situações em que o narrador se referiu ao bairro Meireles.

Porém, o ponto mais interessante de sua narrativa é que ele qualificou como “ignorância cultural” a atitude dos poluidores, indicando que acontece por não conhecerem o valor histórico do bairro. Assim, o narrador destacou a importância de seu relato a respeito do passado do bairro para o tempo presente: conhecer a história do bairro é um ato de aquisição de conhecimento cultural e que impede usos do espaço deslegítimos. Além disso, apesar das críticas tecidas à situação enfrentada pela Praia de Iracema, o morador conclui reafirmando a importância e valor do bairro.

Questionamentos a respeito do tempo presente foram incorporados ao roteiro de entrevistas recentes, surgindo em função do aprofundamento da pesquisa e de novas questões suscitadas ao longo do processo de análise. Isto porque o contato com diversos narradores e materiais institucionais acentuou a necessidade de se considerar: a) participação de grupos na constituição de políticas públicas recentes; b) demandas locais da Comunidade do Poço da Draga.

A participação de grupos na constituição de políticas públicas recentes tornou-se evidente a partir do contato com o Planejamento Colaborativo da Praia de Iracema, proposto pelo ICI em parceria com o Conselho da Praia de Iracema. O conselho não vem se reunindo atualmente, o que foi uma queixa alcançada durante a pesquisa. Segundo servidora entrevistada, o conselho cumpriu sua missão, fazendo referência às propostas desenvolvidas através de sua colaboração, abordadas no capítulo anterior.

Porém, através da pesquisa, foi possível concluir que a iniciativa deve continuar, pois se caracterizava pela ampliação da participação de grupos na elaboração de políticas públicas direcionadas à Praia de Iracema. O Conselho da Praia de Iracema não pode se reduzir à elaboração de propostas, mas continuar em atividade a fim de monitorar, avaliar e, a partir da interessante experiência de gestão, propor novas intervenções no espaço, bem como acompanhar as problemáticas que forem surgindo.

A cidade é dinâmica, assim como o bairro Praia de Iracema. Logo, por mais que políticas públicas tenham sido elaboradas de forma participativa, como o Planejamento Colaborativo do bairro, novas questões e desafios tendem a surgir. Assim, a presença de novos instrumentos de gestão e controle de políticas públicas tende a contribuir para o atendimento às demandas locais que forem surgindo, partindo do fato de que elas sempre se renovam e, como abordado a partir deste indicador, o principal obstáculo em tratar das transformações são as dificuldades de acompanhamento de novas demandas e problemáticas ao longo do tempo. Em se tratando de políticas públicas, é sempre importante estar atualizado às transformações sociais em curso na dinâmica do território em intervenção.

Além disso, pode-se ampliar o conselho, caso continue realizando reuniões, aprimorando a experiência de gestão implantada. Tal proposta contribui para políticas públicas consideradas legítimas, por terem sido elaboradas em conjunto, bem como para a ampliação da democratização da gestão da cidade. Isso porque os grupos se sentem contemplados numa experiência de tomada de decisões de forma direta, reconhecendo o esforço da gestão em dialogar. As narrativas também permitiram concluir que a ampliação do conselho, levando em consideração diferentes grupos, pode contribuir para traçar as diferentes demandas que perpassam o bairro Praia de Iracema.

Sobre as demandas locais da Comunidade do Poço da Draga é importante destacar que se deu como desdobramento da pesquisa, a partir da elaboração do indicador sociocultural de pertencimento. Considerar o pertencimento do Poço da Draga à orla marítima do bairro Praia de Iracema implica na realização de políticas públicas de intervenção territorial que contemplem, também, as demandas locais da comunidade.

Assim, é importante assinalar a necessidade de se resolver a questão do direito à moradia na Comunidade do Poço da Draga, assegurando-se o acesso à documentação das casas, a principal reivindicação da comunidade. Esta reivindicação aparece em narrativas que destacam a luta e resistência de moradores, bem como os conflitos envolvendo as tentativas de transferências para outras localidades. A importância de se preservar no espaço, adquirindo

o “papel da casa”, é evidente na medida em que, o mar foi apontado em narrativa como “patrimônio da comunidade”.

Outra demanda diz respeito às necessidades de manutenção do Pavilhão Atlântico. A iniciativa da gestão do prefeito Roberto Cláudio em entregar para a comunidade a gestão do equipamento é bem recebida por moradores, pois atende a uma importante reivindicação. Porém, necessita-se de maior apoio à manutenção e ampliação dos usos do equipamento, pois a comunidade não tem encontrado formas de fazê-lo. Como um equipamento de gestão compartilhada, a comunidade tem esboçado a necessidade da PMF em contribuir de forma mais atuante. Atualmente o Pavilhão Atlântico possui uma cooperativa de costureiras, onde se realizam cursos em parceria entre a ONG Velaumar e o SENAC. O equipamento também abriga rodas de capoeira, sendo importante para atividades culturais e educativas na comunidade.

A Comunidade do Poço da Draga é carente de equipamento público de saúde coletiva, sendo atendida por posto de saúde localizado na Rua 25 de Março. Em conversas, constatou-se que a demanda do posto vai muito além de sua capacidade, incluindo a informação de que “deveria 30.000, mas não atende mil pessoas”. No período em que a comunidade enfrentou um surto de chicungunha, um médico foi deslocado para o Poço da Draga em virtude das dificuldades de movimentação das famílias, mas isto aconteceu após a comunidade expedir um ofício junto ao Estado. Outra importante demanda é relativa ao saneamento básico, que implica em dificuldades nos períodos de inverno na comunidade. Existem importantes narrativas acerca das dificuldades enfrentadas pela comunidade em virtude da ausência de política pública direcionada à resolução desta problemática.

A atual gestão tem dialogado com a comunidade, o que concretizou a Quadra Poliesportiva, a gestão compartilhada do Pavilhão Atlântico e o asfaltamento de ruas. Ainda assim, destacou-se que parte da comunidade a busca pelo diálogo, demonstrando a compreensão de que não se trate de benesse da gestão pública.

Portanto, considerando o indicador sociocultural de grau de atendimento às demandas locais é importante destacar dois aspectos importantes no processo de formulação de políticas públicas: a participação da sociedade civil e a definição de novos modelos de gestão. O processo de planejamento contemporâneo exige que as discussões dos problemas e a definição de alternativas sejam objetos de participação efetiva dos agentes e dos atores sociais do processo.

Assim, o indicador denominado grau de atendimento às demandas locais permite não só reconhecer a receptividade de políticas implementadas, como também dialogar com

diferentes grupos locais, contribuindo para a democratização da gestão e para o desenvolvimento de modelos avaliativos que considerem as demandas dos grupos⁸¹. Além disso, este é um desdobramento do indicador abordado no tópico, ou seja, o indicador sociocultural de pertencimento. Isto porque para reconhecer as demandas locais é preciso considerar os diferentes grupos como praticantes do espaço urbano, em seus usos, apropriações e disputas simbólicas, o que remete a um espaço que possui sentidos e significados interpretados a partir de culturas locais.

5.3 Políticas de intervenção territorial na Praia de Iracema: observações do trabalho de campo

É importante assinalar que as experiências passadas de intervenção territorial na Praia de Iracema ainda se refletem na elaboração de políticas públicas, contribuindo para novas propostas. Todavia, a questão do termo “requalificação” não vem sendo a ênfase nos discursos de gestores do Instituto Cultural Iracema.

Termos como requalificação, revitalização ou gentrificação foram criticados no evento “Além da Rua”, ocorrido em setembro de 2019, em seminário promovido com a participação do presidente do ICI, Davi Gomes. O gestor destacou que as ações não se prestam a requalificar ou revitalizar a Praia de Iracema, pois o bairro possui vida. Foi perceptível que a carga simbólica envolta ao termo, bem como as intensas críticas à sua utilização, desemboca na atual tentativa de intervir na Praia de Iracema, sem se prestar a estas denominações. Durante o seminário, também foram criticados os processos de gentrificação, abordando exemplos em diversos países do mundo nos quais as intervenções territoriais culminaram na criação de espaços para turistas, em função do atendimento ao mercado.

Não que o potencial econômico tenha sido abandonado. Atualmente, as propostas de intervenção buscam tornar a Praia de Iracema em um distrito criativo, atraindo negócios do campo da economia criativa. Vale ressaltar que o SEBRAE conserva experiência destacada no campo, oferecendo cursos e capacitando empreendimentos criativos, vindo a se constituir no atual foco das intervenções na Praia de Iracema.

Neste sentido, existe a ênfase no potencial criativo da Praia de Iracema a fim de atrair empreendimentos para a área, como escritórios de design e arquitetura e coworking.

⁸¹ Diversas narrativas indicam esta questão, seja ao tratar as intervenções de forma distante, seja por discordâncias. Ao mesmo tempo, existem grupos satisfeitos com as intervenções, indicando que se sentem contemplados pelas políticas, o que remete à advertência de Silva (2013) que explicou o caráter contraditório que é tratar de política.

Como esta experiência ainda vem se desenvolvendo, sendo bastante recente, não foi contemplada no projeto de pesquisa desta dissertação, mas é preciso apontar que se trata de uma nova proposta para o bairro.

Outra questão importante é a ênfase em políticas que não se mantenham restritas a intervir na infraestrutura urbana, como reformas de equipamentos e políticas direcionadas ao patrimônio cultural edificado. Valoriza-se a promoção de eventos, muitos integrando a “Quarta Iracema”, que se caracteriza como uma política cultural que visa a promover ações na Praia de Iracema às quartas-feiras.

Vale destacar a divulgação realizada via internet, sobretudo a partir da rede social Instagram, que torna possível atingir um grande público de jovens e acompanhar as programações. A página denominada “Fortaleza dos encontros” faz parte da campanha publicitária que inclui tornar a Praia de Iracema em distrito criativo e é um desdobramento das ações do Plano Colaborativo da Praia de Iracema.

A ênfase na programação cultural inclui a presença das juventudes que postam fotos com as hashtags⁸² e contribuem para divulgar a marca e as ações na orla da Praia de Iracema. Neste processo, o Centro Cultural Belchior vem adquirindo destaque, sediando o Instituto Cultural Iracema e abrigando no térreo o Mira Cozinha, um bar, café e restaurante. Em seu perfil na mesma rede social, destaca-se sua localização no Centro Cultural Belchior e na Praia dos Crush. É evidente, portanto, que se direciona às juventudes que utilizam a referida terminologia para o aterro da Praia de Iracema.

Vale destacar que no início desta pesquisa, em 2017, o Centro Cultural Belchior não possuía tamanha conotação. Por vezes visitei o espaço que abrigava o painel “Bar Luiz Assumpção” e contava apenas com um guarda em sua entrada, durante a etapa inicial desta pesquisa. Com a presidência de Davi Gomes no ICI e a criação do Plano Colaborativo da Praia de Iracema, as políticas de intervenção na Praia de Iracema ganharam destaque. Vale frisar também que em 2017 a Setfor foi transferida para o prédio do Estoril, o que foi bastante criticado por grupos entrevistados na etapa inicial da pesquisa.

O ano de 2018 se caracterizou pela ampliação das ações do ICI e do Centro Cultural Belchior. Com políticas direcionadas às juventudes que já frequentavam a Praia dos Crush, vem se promovendo diversos artistas locais de variados gêneros musicais do reggae à dança de rua e funk. Com a presença do ICI no Centro Cultural Belchior, a área também foi

⁸² É um termo associado a assuntos ou discussões que se deseja indexar em redes sociais, inserindo o símbolo da cerquilha (#) antes da palavra, frase ou expressão. As hashtags “#praiadosencontros” e “#praiadoscrush”, facilitam a divulgação das programações e a interatividade nas redes sociais, podendo ser utilizadas para avaliar a amplitude das postagens.

mais bem policiada, algo diferente do início de 2017, período no qual não se via a presença de forças de segurança pública no entorno.

Os domingos à tarde são os principais momentos de agitação, com a migração de diversas tribos urbanas de juventudes que se deslocam para a Praia dos Crush. Para além das ações do ICI, as juventudes se reapropriam do espaço urbano, criando territórios e eventos próprios. Como destacou a servidora Michele Militão da Setfor, já existiram conflitos entre esses grupos e as ações culturais implementadas pela PMF.

No mês de Setembro de 2019, a Praia de Iracema recebeu o evento “Além da Rua”, festival internacional de artes e conexões. Na ocasião, diversas intervenções artísticas foram pensadas, com destaque para o grafite. O festival contou com programação cultural para as juventudes, com música e dança de rua. Além disso, ocorreu uma feira no calçadão, nas proximidades do Estoril, concebida como uma feira criativa.

Figura 26 – Feira Criativa



Fonte: Fotógrafo Sávio Medeiro Viana.

Como parte da programação, ocorreu o seminário “A arte urbana e a cidade”, no Centro Cultural Belchior. Com a presença do presidente do Instituto Cultural Iracema, Davi Gomes, foi possível conhecer uma apresentação acerca do trabalho que vem sendo realizado, bem como analisar as narrativas envoltas ao bairro Praia de Iracema que fazem parte do discurso.

Em sua fala que durou cerca de 10 minutos, Davi Gomes destacou a história da Praia de Iracema desde a Praia do Peixe, apontando o concurso que rendeu na mudança de

nome. Destacando uma linha do tempo do bairro, apresentou a atual apropriação do aterro como Praia dos Crush. Além disso, apontou a importância dos usos das mídias na divulgação do bairro e das ações, abordando intervenções em arte urbana na Praia de Iracema.

Davi Gomes também fez referência ao projeto “Férias na PI”, um conjunto de ações em política cultural, turismo e lazer, implementadas no bairro durante a alta estação (dezembro-janeiro e julho). O Férias na PI foi apresentado como bem sucedido com as experiências no ano de 2018 e no mês de julho de 2019⁸³.

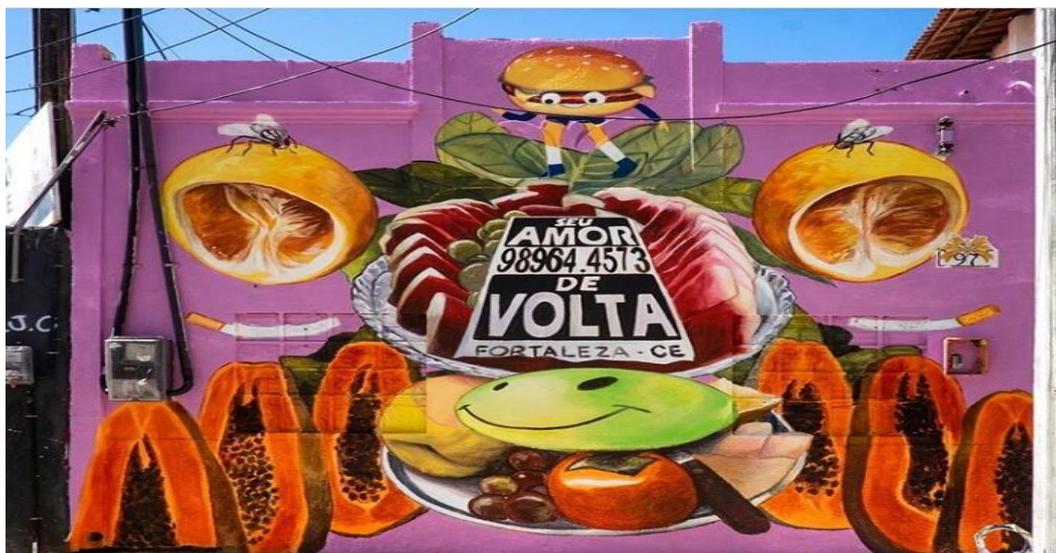
Como apontado acima, o gestor também destacou a tentativa de se constituir a Praia de Iracema em um distrito criativo, indicando os novos empreendimentos no bairro. Apontou também a importância da conexão com moradores, destacando-se a experiência de gestão com o Conselho da Praia de Iracema. Por fim, também destacou os empreendimentos criativos como o “Sábado Feira”.

Após a fala do gestor, a professora Glória Diógenes, antropóloga, da Universidade Federal do Ceará, discorreu a respeito dos caminhos do picho em Fortaleza, apontando seu caráter político e estético. Apresentou o que definiu como o “Atlas das artes urbanas de Fortaleza”, realizando importante discussão no campo da Antropologia das Imagens. Na apresentação em slides, trouxe algumas cenas de arte urbana na cidade de Fortaleza, com destaque para pichações pouco observadas, como as que são realizadas em postes, ao redor de cartazes como, por exemplo, a mensagem “Trago o seu amor de volta”, muito comum nas ruas movimentadas de Fortaleza.

Após a sua fala, o grupo Instagrafite também contribuiu com o seminário, apontando intervenções que vem realizando em diversas cidades do Brasil e em outros países. Também criticando os processos de gentrificação, o grupo mostrou-se como uma empresa de grafiteagem urbana consolidada, com respeito às especificidades locais. Interessante que, após o seminário, foi realizada intervenção artística na Rua dos Tabajaras que teve como referência os cartazes “Trago o seu amor de volta”.

⁸³ Vale ressaltar que já no mês de Novembro as redes sociais do Fortaleza dos encontros anunciavam o Férias na PI para o período de dezembro 2019/janeiro de 2020. As postagens são bastante divulgadas na rede social Instagram, acompanhada pelo pesquisador.

Figura 28 – Grafite na Rua dos Tabajaras, Praia de Iracema



Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

Figura 27 – Carro grafitado



Fonte: Fotografia de Sávio Medeiro Viana.

As duas últimas fotos “viralizaram”⁸⁴ na rede social Instagram, sendo compartilhadas no perfil oficial do Além da Rua, e, inclusive, concorreram a prêmios a partir da interação de seguidores na rede. É interessante destacar que as intervenções criaram cenários para fotografias, difundindo imagens a respeito da Praia de Iracema.

Figura 29 – Rafaela Camboim no Além da Rua



Fonte: Camboim (2019).⁸⁵

O encerramento do evento contou com o pôr-do-sol na Ponte Velha, no Poço da Draga, incluindo show de funk direcionado às juventudes. Izabel Cristina da ONG Velaumar contou que esteve bastante ocupada no período, o que demonstra a participação da organização nas ações.

Uma imagem circulou nas redes sociais, tirada no evento, em que um garoto salta ao mar:

⁸⁴ O termo se refere à quantidade de visualizações e/ou curtidas que as fotos adquiriram. Pode significar também que possuiu grande circulação na rede social.

⁸⁵ CAMBOIM, Rafaela. Fortaleza, [s.d.]. Instagram: rafacamboim. Disponível em: [instagram.com/rafacamboim](https://www.instagram.com/rafacamboim). Acesso em: 20 nov. 2019 às 14:30.

Figura 30 – Garoto saltando da Ponte Metálica



Fonte: Fotógrafo Miguel Cavancati⁸⁶.

No mês de outubro destacou-se a programação para as crianças, com ações na praça “Iracema de brincar”, localizada nas proximidades da Ponte dos Ingleses e do Estoril. As iniciativas para o público infantil também foram contempladas no Planejamento Colaborativo, como demonstrado anteriormente.

⁸⁶ E-mail: miguel.wf.cavalcanti@gmail.com

As ações foram integradas aos projetos amplos do Instituto Cultural Iracema, como, por exemplo, a “Quarta Iracema”. Na ocasião, frequentei⁸⁷ a Praia de Iracema, tendo o desafio de me inserir em um evento para o público infantil. Frequentei o evento acompanhado de minha namorada e sua irmã de sete anos de idade, a fim de me inserir no campo sem dificuldades ou causar estranheza.

Figura 31– Distribuição de picolés



Fonte: Elaborado pelo do autor.

Figura 32 – Crianças brincando em gangorra na Praça Iracema de Brincar



Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

⁸⁷ A conjugação dos verbos em primeira pessoa do singular justifica-se pela valorização da experiência do trabalho de campo.

Figura 33 – Crianças dançando próximas ao palco no calçadão da Praia de Iracema



Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

A Praça Iracema de Brincar possui equipamentos de lazer infantil como gangorra, escorrega, grafitações infantis, bem como contava com jogos de acertar a bola no alvo. Durante o evento, divulgado nas redes sociais do “Fortaleza dos encontros”, foi possível conferir a programação. Ao mesmo tempo ocorria no calçadão shows com palhaços e bandas cantando músicas populares, como cantigas de roda, algumas sob novas versões.

No entorno do palco, a presença de feira direcionada ao público infantil, no entorno do Estoril, contou com a frequência de viatura da polícia militar, bem como de policiais em bicicletas nas proximidades. Além disso, contou com a distribuição de picolés naturais de uma empresa parceira que teve sua marca divulgada nas redes sociais.

Havia também oficinas de criação de brinquedos e carimbos. Interessante ressaltar que se buscou demonstrar a importância de aliar o tradicional ao moderno, pois as crianças

participavam de oficinas com brinquedos recicláveis e slime⁸⁸. Este último, que faz muito sucesso entre crianças que acompanham canais de youtubers, contava com a presença de uma garota que aparentava possuir cerca de 13 anos, sendo bastante disputado entre as crianças.

A oficina de carimbos e de brinquedos infantis também foi frequentada por crianças, mas aparentavam ser de idade inferior a sete anos. Algumas estavam com o fardamento da PMF indicando que retornavam da escola, na ocasião do fim de tarde. Vale também destacar que a Comunidade Poço da Draga foi contemplada com ações para o dia das crianças, com destaque para o dia de domingo, contando com a participação da ONG Velaumar.

Outro importante desafio para as políticas de intervenção na Praia de Iracema é a forte associação com a violência urbana, com destaque para o tráfico de drogas e a insegurança pública, sendo também um desafio para a pesquisa, na medida em que a disputa entre facções criminosas tem se acirrado na cidade, exigindo cuidados por parte do pesquisador. Essas são questões noticiadas nos diversos meios de comunicação, tendo destaque o assassinato do comerciante Xico Canuto, do bar Bicho Papão, em 2017.

O crime aconteceu um mês antes do início de minhas aulas no Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas (PPGAPP/UFC), o que já indicava o desafio que estava por vir. Desde 2015, venho realizando estudos e pesquisas sobre o bairro Praia de Iracema e sua boemia, com destaque para o Cais Bar, fechado em 2003. Sempre me deparei com o medo por conta da insegurança, potencializado a partir do assassinato de seu Xico Canuto. Desde os estudos sobre o Cais Bar, durante a graduação, fui advertido de que um dos principais motivos de seu fechamento foi a situação de insegurança na Praia de Iracema, potencializada atualmente em virtude da amplitude adquirida pelo tráfico de drogas e as disputas territoriais entre facções criminosas.

As narrativas a respeito de crimes, de tiroteios nos sábados à noite, do tráfico de drogas e de mendigos cometendo pequenos furtos foram um dos primeiros desafios da pesquisa. Em entrevista com o senhor Totonho Laprovitera, arquiteto da Setfor, foi apontado que este também foi um dos desafios enfrentados pela gestão ao transferir a Setfor para o Estoril, em 2017. Ele informou que a transferência ocorreu logo após o assassinato de seu Xico Canuto, o que enfrentou grande oposição, já que a Setfor se localizava no bairro Dionísio Torres.

⁸⁸ Massa de modelar bastante popular entre crianças em função do Youtube.

Ainda segundo seu Totonho Laprovitera, mulheres que trabalham na secretaria foram assaltadas no entorno do Estoril, tendo carros arrombados, aumentando a sensação de insegurança. Para Michele Militão (2019), esta situação é complicada, pois o corpo de funcionários da secretaria é, em sua maioria, composto por mulheres, principal alvo de ações criminosas.

Vale destacar que o Estoril possui aparato de segurança, composto por guardas em seu entorno. Além disso, a existência de um posto da polícia militar nas proximidades do Centro Cultural Belchior é outro ponto de apoio de instrumentos de segurança pública. Durante os eventos do “Quarta Iracema”, foi possível observar a circulação de viatura da polícia militar, bem como um grupo em bicicletas transitando pelo calçadão. Em ocasiões, também pude acompanhar a presença de cavalaria, circulando nas proximidades da Rua Idelfonso Albano.

A presença dos meios policiais é mais frequente entre a Avenida Beira-Mar e o Centro Cultural Belchior. Com a interdição da Ponte dos Ingleses e a situação do Acquário Ceará⁸⁹, a região do entorno do Estoril é bem menos guarnecida, possuindo apenas os guardas que trabalham para a Setfor. Entre a Ponte dos Ingleses e a Ponte Velha, no Poço da Draga, a presença de integrantes da força de segurança pública é menor. É evidente que a área é mais livre para quem deseja curtir as barracas onde se toca reggae mas, com a ponte interdita, vem sendo pouco frequentada. Vale destacar que, conforme dona Izabel Cristina, da ONG Velaumar, o Poço da Draga é servido de monitoramento policial com a circulação de viaturas militares.

A sensação de insegurança é definida a partir desta abordagem como uma construção simbólica associada a um espaço urbano, tendo como referência as narrativas que legitimam sua constituição. A elaboração de políticas públicas de segurança pública deve considerar as narrativas a fim de compreender o fenômeno em suas nuances simbólicas, para além de apenas confiar em índices de criminalidade ou propostas reducionistas e simplistas que desconsideram as especificidades locais do território e se pretendem universais.

Associada também à presença de moradores em situação de rua, vale destacar as discussões envolvendo uma decisão do padre da Igreja de São Pedro: o gradeamento da igreja. Durante as entrevistas, antes até de o pesquisador tocar no assunto, as narrativas orais encaminhavam-se para a questão, sempre justificando a posição defendida. Alguns foram enfáticos quanto à necessidade da Igreja em acolher os moradores em situação de rua ao invés

⁸⁹ O desenvolvimento das obras vem enfrentando grandes dificuldades de se concretizar, durando mais de dez anos.

de se abster, criticando a atitude do padre. Em outras narrativas, apontou-se que o padre se viu refém da situação, sendo forçado a tomar a atitude, que posteriormente foi abandonada.

Uma importante crítica refere-se à demora na construção do Acquário Ceará e a reforma da Ponte dos Ingleses, ambas as obras que têm à frente o governo do Estado do Ceará.⁹⁰ A demora na construção do primeiro equipamento citado tornou-se um marco em narrativas de que o serviço público é ineficiente. Outras críticas giram em torno da proposta de criação de uma roda-gigante, abandonada pela PMF. As críticas remetem à ausência de infraestrutura hoteleira no entorno do equipamento e da falta de fluxo de turismo.

Remete-se também à importância da participação social para a constituição de políticas públicas para a Praia de Iracema. Narra-se a respeito de democracia e do respeito às comissões que decidem a respeito das intervenções, considerando estas como a função de um gestor.

Sobre a Praia de Iracema não ser atualmente um bairro boêmio, é importante destacar narrativas que remetem ao passado em que o espaço se caracterizava como inspiração para diversas modalidades de artistas como poetas, pintores, escritores. Argumenta-se que o espaço ainda possui capacidade de inspiração, mas é evidente que esta concepção histórica de seu caráter simbólico não vem se difundindo entre grupos jovens. Além disso, concordo com Bezerra (2008) ao definir a boemia como uma representação simbólica associada ao bairro Praia de Iracema.

Para o pesquisador, percorrer a orla marítima da Praia de Iracema em diferentes dias e horários, de Agosto a Outubro de 2019, foi um esforço de tentar se inserir num campo com tantas tribos urbanas diversificadas, bem como usos, apropriações e significações em disputa. Às vezes encontrava hippies tocando violão e fumando um “baseado” nas tardes, em áreas isoladas. Em outros momentos, as abordagens de vendedores de artesanato conhecido como “miçangas” que confundiam o pesquisador com um turista. Houve também a experiência de ser enganado por um homem que se comprometeu em vigiar o carro, mas que recebeu o dinheiro e foi embora. Ainda assim, o desafio é de, em cada ida ao campo, torná-la uma experiência única com atenção a particularidades, sem perder o estranhamento, mas também adquirindo a sensação de conhecer melhor o espaço.

⁹⁰ A construção do Aquário Ceará remete ainda ao de 2008, mas segue sem conclusão e enfrenta diversas críticas seja na imprensa e entre a população. O Aquário tornou-se símbolo de obras que não tem fim e ficam paradas. Já a reforma da Ponte dos Ingleses também é de responsabilidade do governo do estado por se tratar de um equipamento sob sua administração. Nesse sentido, os gestores entrevistados não tratam da temática, nem esta pesquisa, pois está interessada nas gestões municipais.

Em alguns momentos já reconhecia moradores de rua, incluindo o garotinho, filho de uma ambulante, que corria pela praia descalço, entrando e saindo na loja Greenish⁹¹, um dos novos empreendimentos no calçadão, reconhecendo também sua mãe.

Vale destacar a importância de políticas de educação direcionadas a setores populares a respeito da história do bairro. Assim, estudantes da educação básica podem ter o contato com poetas, escritores e pintores no espaço. A ampliação de políticas públicas de educação, em parceria com escolas, pode tornar aulas de História, Geografia e Artes ainda mais interessantes para o alunado, trazendo novas ocupações para o espaço.

A PMF tem realizado importante trabalho nesse sentido através do ICI com trabalhos no Instituto Cultural Belchior e com a criação do Centro da Memória do Bairro. Porém, o público desses eventos e espaços, mesmo com a divulgação em redes sociais, ainda é restrito. Para uma melhor utilização dos espaços, é importante um trabalho de ação educativa patrimonial e ambiental junto a escolas da Regional II, pelo qual os alunos da área possam conhecer e produzir cultura no espaço. A proposta de tornar a Praia de Iracema em distrito criativo deve partir também de parceria com escolas de ensino regular.

Já que experiências ao longo do tempo tem demonstrado que não basta intervir em construções, mas também que processos de gentrificação, requalificação ou revitalização tem carregado marcas criticáveis, é preciso pensar acerca de alternativas de políticas de intervenção territorial na Praia de Iracema.

Considerando a experiência de oficinas e cursos e a criação do Centro da Memória do Bairro, é possível desenvolver políticas de educação patrimonial e ambiental que tornariam os espaços frequentados, com um trabalho educativo de preservação do patrimônio cultural da cidade, e ambiental, visando coibir os problemas do acúmulo de lixo e ampliando práticas e experiências com a natureza. Esta política pode se iniciar a partir das escolas da área, com abertura para a inclusão de outros bairros.

Uma política de ação educativa patrimonial-ambiental atende às demandas locais de grupos como moradores e frequentadores e, além disso, se bem estruturada, pode atender às demandas de artistas, empresários e ambulantes. Vale ressaltar que artista entrevistado, identificado com a boemia, destacou que não deseja que se “traga de volta a boemia da Praia de Iracema”, mas que o bairro torne-se um espaço cultural, com escolas de arte, cinema e música.

⁹¹ Marca brasileira de consumo, ligada ao consumo com sustentabilidade.

A implementação dessa política atenderia a importantes demandas da cidade, tais como: a) Fortaleza carece de políticas de valorização da história local; b) a valorização do patrimônio tanto material quanto imaterial da Praia de Iracema tem sido tarefa de grupos intelectualizados, não sendo popularizada entre crianças e jovens na escola; c) seria possível desenvolver uma educação ambiental através da experiência com o espaço da Praia de Iracema, popularizando práticas de preservação ambiental; d) possibilitaria a melhor utilização do Centro da Memória do Bairro que atualmente é pouco frequentado.

Esta política também pode ser implementada no Poço da Draga, em parceria com a ONG Velaumar, como forma de educação popular. Nesse sentido, é possível desenvolver novos usos para o Pavilhão Atlântico e constituir um Centro da Memória dos Moradores do Poço da Draga com atuação ainda mais direcionada às políticas educacionais locais. Desse modo, valorizam-se as experiências da comunidade, os saberes e fazeres de pescadores, as memórias, as lutas e as resistências dos moradores, contribuindo para a educação das juventudes. Isso pode ampliar as redes de sociabilidade entre os jovens e os mais velhos, valorizando-se as narrativas e oralidades dos últimos, assim como as trocas de experiências entre diferentes gerações.

6 CONCLUSÃO

É interessante apontar que as narrativas orais, mesmo que busquem traduzir em linguagem experiências e situações passadas, estão imbricadas com o presente, como atestam os estudos em história oral. Mesmo se tratando da história da Praia de Iracema, recorre-se a exemplos atuais que inclusive direcionavam as questões levantadas no diálogo.

Além disso, as narrativas orais tratam de representações do passado do bairro, contribuindo para a construção de indicadores socioculturais. Interessante observar que Gonçalves (2008) propôs este desafio através de estudo etnográfico, porém a pesquisa a partir da história oral também permite elaborar indicadores socioculturais, como foi demonstrado ao longo desta dissertação.

Os indicadores socioculturais são fundamentais para uma avaliação de políticas públicas interpretativa, ou seja, capaz de abordar sentidos e significados atribuídos às políticas públicas implementadas. Em se tratando de políticas de intervenção territorial, como políticas públicas de requalificação urbana, é fundamental considerar os diferentes sentidos e significados atribuídos ao espaço urbano por seus praticantes, expressos em usos, apropriações e memórias associadas à Praia de Iracema.

As narrativas orais não são desprovidas de questões do presente, haja vista que tanto o entrevistador-pesquisador quanto o entrevistado-narrador respondem a questões, interesses e ideias de seu presente. Isto, porém, não deve ser visto como um empecilho à pesquisa em história oral, como se impedisse a constituição do conhecimento histórico fidedigno. Toda pesquisa histórica e, amplie-se, científica, responde a questões do presente, implícita ou explicitamente. Assim, a opção pela construção de indicadores socioculturais a partir da história oral permite avaliar políticas públicas no tempo presente, sendo uma opção metodológica aos avaliadores que desejem aprofundar sua análise através do reconhecimento de especificidades locais.

Esta, porém, é uma posição difícil na gestão e avaliação de políticas públicas que negue seu caráter ideológico, assumindo-se como imparcial. Para Fernandes (2019), no contexto atual de pós-ideologia, defende-se uma farsa altamente ideológica criada para legitimar tanto posições conservadoras do senso comum quanto visões neoliberais de eficiência e governança do mercado sob a presunção de neutralidade (FERNANDES, 2019, p. 217).

Desta forma, a autora pondera que surgem respostas tecnocráticas para dar credibilidade ao senso comum, criando soluções técnicas insuficientes, mas aparentemente

satisfatórias, ao mesmo tempo em que ocorre uma diluição subjacente de temas e lutas, em outras palavras, de disputas e conflitos em sociedade. Assim, Fernandes (2019) explica que a pós-ideologia atende aos interesses neoliberais na medida em que ideologicamente situe-se como imparcial e não-ideológica, reduzindo a complexidade das questões econômicas e, diga-se também das políticas públicas, à tecnocracia e ao gerencialismo.

Souza (2014) apontou que, no contexto da pós-ideologia, a ideologia não aparece como ideologia exigindo do estudioso uma avaliação política das políticas públicas. Para tanto, é preciso suspeitar do conteúdo da política pública, voltando-se para seu caráter ideológico, bem como seus objetivos e a teoria que orienta, implícita ou explicitamente, a proposta da política.

Isto significa que a avaliação de políticas públicas não deve ser realizada a partir da compreensão de que se está deslocado da realidade, como se o pesquisador-avaliador fosse um juiz, arbitrando de forma imparcial. Por outro lado, também não significa cair no extremo do relativismo em que o pesquisador poderia tecer considerações a seu bel-prazer, o que é um ataque do pensamento pós-ideológico às pesquisas qualitativas ao legitimar apenas os estudos quantitativos, considerados “imparciais” e neutros, quando na realidade, tendem a reafirmar a ideologia liberal.

Nesse sentido, o desafio do pesquisador-avaliador de políticas públicas é epistemológico, como destacou Gonçalves (2008), ou seja, baseado em sua relação com a constituição do conhecimento. Para tanto, deve-se destacar a importância da práxis do pesquisador-avaliador de políticas na medida em que, como ensinou Freire (2018), caracteriza-se pela relação conjunta entre ação e reflexão. Por isso, deve-se destacar a importância da práxis freiriana que não trata a teoria como separada, mas complementar à prática, unindo-as dialeticamente (FERNANDES, 2019, p. 41).

Segundo Freire (1996), é fundamental a reflexão crítica sobre a prática. Assim, o referido educador explica que é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. Nessa linha de raciocínio, o próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. Por isso, o seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de análise deve “aproximá-lo” dela ao máximo (FREIRE, 1996, p. 39).

O estado reflexivo não é mera contemplação, sendo impulsionado pela necessidade de alinhar consciência teórica e consciência prática em meio à sua relação contraditória com a realidade. Nesse sentido, é importante o estabelecimento da práxis como

um elemento fundamental na atividade transformadora e na investigação que permeia toda a pedagogia freiriana (FERNANDES, 2019, p. 57).

Freire (1996) também explica que aprender é construir, reconstruir e constatar para mudar. Sendo assim, compreende-se que a avaliação de políticas públicas como um processo de aprendizagem não se limita a construir e reconstruir indicadores de forma descompromissada, mas estabelecendo constatações para a mudança social. Isto porque, uma vez que constatamos, tornamo-nos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente nos adaptar a ela. Por isso Freire (1996) explica que ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra, pois a inserção implica decisão, escolha e intervenção na realidade (FREIRE, 1996, p. 77).

Assim, a avaliação de políticas públicas é resultado de uma práxis de aprendizagem de problemas e de demandas sociais, exigindo do pesquisador-avaliador ação e reflexão para intervir no mundo. Logo, o pesquisador-avaliador de políticas públicas deve valorizar o diálogo com os grupos demandantes, consciente da importância das relações homens-mundo na constituição dos temas geradores (FREIRE, 2018), neste caso, os indicadores socioculturais constituídos numa relação dialógica, mediatizados pelo mundo.

Desse modo, no presente trabalho foi possível desenvolver indicadores socioculturais para uma avaliação de políticas públicas de requalificação urbana, através da interpretação de sentidos e significados associados a usos e apropriações do espaço urbano, bem como de memórias afetivas associadas ao bairro. Também foi possível considerar problemáticas enfrentadas no bairro Praia de Iracema e políticas públicas em resposta, reconhecendo demandas locais. Entendendo a avaliação de políticas públicas como algo que vai muito além do quantitativismo que prioriza questões de interesse econômico, desenvolveu-se uma abordagem que privilegia a interpretação de significados de políticas e de territórios.

Para tanto, a valorização de narrativas orais, fotografias, pesquisa via internet, o contato com documentação oficial e periódicos, caracterizou-se pela ampliação das fontes de informação. O trabalho de campo permitiu também a inserção do pesquisador no território estudado, etapa fundamental para a apreensão das dinâmicas que perpassam o espaço social.

A pesquisa demonstrou a importância do contato com o outro na constituição do conhecimento. O diálogo com os diferentes narradores, com suas ideias, interesses, performances e subjetividades tanto foi um grande desafio, como foi fundamental para a pesquisa. As dificuldades com o excesso de informações exigiram do pesquisador o

amadurecimento de sua seletividade, bem como o aprimoramento da observação a fim de que não perdesse detalhes mínimos que, em muitos casos, implicam em conclusões extremamente relevantes.

Além disso, percebeu-se que as narrativas são também resultado da atitude do pesquisador em procurar o entrevistado-narrador. Assim, a disposição em falar, responde à disposição em ouvir. Nesse sentido, o papel do pesquisador é fundamental na medida em que as questões colocadas e seu olhar atento ao outro também compõe a narrativa. Portanto, não existe narrativa sem a disposição a ouvir.

Também se percebeu que memórias se atualizam e intervêm no mundo através da práxis de indivíduos e grupos. Por isso, devem ser consideradas no processo de constituição de políticas públicas enquanto respostas a demandas locais.

Foi possível ampliar o conceito de requalificação para além de intervenções arquitetônicas e urbanísticas, observando como as políticas de intervenção territorial devem considerar questões culturais como o pertencimento, as diferentes territorialidades e disputas simbólicas.

Considerar as diferentes facetas das problemáticas sociais implica entender que políticas de requalificação podem exigir saneamento básico ou uma ação educativa patrimonial-ambiental, políticas culturais para juventudes, para além de intervenções na infraestrutura urbana. Porém, é preciso reconhecê-las como demandas dentro das especificidades locais do território. Por isso, a utilização de metodologias qualitativas da pesquisa social com vistas à interpretação de significados de narrativas, memórias e símbolos, são importantes.

Isto não significa cair no extremo de um relativismo pós-ideológico onde as disputas sociais são concebidas como diferenças de opiniões, atendendo a uma ideologia liberal que reduz a pesquisa qualitativa às opiniões de seu autor, descaracterizando todo o esforço intelectual e de constituição teórico-metodológica da pesquisa.

As pesquisas qualitativas têm sido atacadas por sua “parcialidade” em tentativas de deslegitimá-las por seu caráter subjetivo em oposição às abordagens quantitativas, concebidas como imparciais. Este é um desafio para o avaliador de políticas públicas que se utiliza de abordagens interpretativas, tendo em vista que os modelos de avaliação hegemônicos preconizam a imparcialidade e o caráter fidedigno de números e amostras estatísticas. Contudo, a ampliação de pesquisas avaliativas que demonstrem a capacidade analítica de estudos qualitativos em responder aos problemas enfrentados, traçando políticas que atendem às demandas dos grupos locais, contribui para o amadurecimento do campo da

avaliação de políticas públicas, bem como a abertura para novos paradigmas, ideias e práticas avaliativas.

A pesquisa também permitiu valorizar experiências de participação social na constituição de políticas públicas por conta do diálogo com pessoas e grupos que, entre si e mediatizados pelo mundo (FREIRE, 2018), constituíam temas geradores de políticas públicas.

Já a valorização da história da Praia de Iracema e do Poço da Draga foi importante para difundir experiências de avaliação de políticas públicas que consideram as especificidades do território, cultura e historicidade. Foi em virtude destes estudos, juntamente com a riqueza da pesquisa em narrativas orais, que foi possível pensar numa proposta de ação educativa patrimonial-ambiental, considerando, inclusive, o Centro da Memória do Bairro.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- ALBERTI, V. Histórias dentro da História. *In*: PINSKY, C. B (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2011.
- AQUINO, S. H. S de. **Dinâmica dos fatores de valorização e decadência da Praia de Iracema**. 2003. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Ceará, 2003.
- ARAGÃO, Carlos. HISTÓRIA DO BAR DO MINCHARIA. Entrevista cedida a José Evanes Brasil Júnior. Fortaleza, 03 set. 2019. Arquivos de mp3.
- ARAGÃO, Luís Antônio. HISTÓRIA DA PRAIA DE IRACEMA. Entrevista cedida a José Evanes Brasil Júnior. Fortaleza, 25 jul. 2017. Arquivos de mp3.
- ARAGÃO, R. F. **Das práticas marítimas modernas à elaboração da imagem turística de Fortaleza/Ceará**. 2005. Dissertação – Programa Regional de Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2005.
- ARCOVERDE, A.C.B. **Avaliação de impactos: da teoria à práxis**. Recife: UFPE, 2016.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: 34, 2016.
- BARBOSA, R.H. **Arquitetura e cidade: Fortaleza no final do século XX**. 2006. Dissertação – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.
- BESSA, E.A.C. **O Poço da Draga e a construção do Acquário Ceará**. 2015. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- BEZERRA, R.G. **O bairro Praia de Iracema entre o “adeus” e a “boemia”**: usos, apropriações e representações de um espaço urbano. 2008. Tese – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- BEZERRA, R.G. **Praia de Iracema**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.
- BRASIL JÚNIOR, J.E. **Encontro com o mar: Fortaleza entre memórias da Praia de Iracema e do Cais Bar (1985-2003)**. 2016. Monografia (Graduação em História) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, P. **Sobre o Estado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- CAIS BAR 1985-2004. Fotos dos clientes do Cais Bar de 1985-2004. Fortaleza, 23 abr. 2017. Facebook: Cais-Bar-1985-2004-1562445787102022/. Disponível em:

<https://www.facebook.com/1562445787102022/photos/a.1562459593767308/1562522730427661/?type=3&theater>. Acesso em: 14 nov. 2019.

CAMBOIM, Rafaela. Fortaleza, [s.d.]. Instagram: rafacamboim. Disponível em: [instagram.com/rafacamboim](https://www.instagram.com/rafacamboim). Acesso em: 20 nov. 2019.

CASTRO, Serrão de. HISTÓRIA DA PRAIA DE IRACEMA E DE SEUS BARES. Entrevista cedida a José Evanes Brasil Júnior. Fortaleza, 23 jul. 2017. Arquivos de mp3.

CAVANCANTE, Joaquim Ernesto. HISTÓRIA DO CAIS BAR. Entrevista cedida a José Evanes Brasil Júnior. Fortaleza, 02 set. 2016. Arquivos de mp3.

CAVALCANTE, Joaquim Ernesto; PARDAL, Paulo de Tarso. Intérprete: Serrão. Praia de Iracema. *In: Na beira do Cais*. Fortaleza: Cais Produções Musicais e Radiadora Cultural, reedição, c.1999. 1 CD. Faixa 13.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2013.

COUTINHO, N.N. As organizações sociais e o contrato de gestão. **Revista de Direito Público**, Londrina, v. 1, n. 2, p. 25-40, maio/ago. 2006.

DANTAS, E.W.C. **Mar à vista**: estudo da maritimidade em Fortaleza. Fortaleza: UFC, 2011.

EVANGELISTA, I.M. **Uma leitura sobre a Praia de Iracema – Fortaleza (CE)**: transformação socioespacial do lugar e suas representações. 2013. Tese – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2013.

FEITOSA, L.T. **O Poço da Draga**: A favela e a biblioteca. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos, 1998.

FERNANDES, S. **Sintomas mórbidos**: A encruzilhada da esquerda brasileira. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

FERREIRA, I. C. L. **Pedagogia popular na Comunidade do Poço da Draga**: Compartilhando saberes. 2006. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, A. F. Políticas públicas, etnografia e a construção dos Indicadores socioculturais. **AVAL - Revista Avaliação de Políticas Públicas**, [S.l.], ano I, v.1, n.1, jan./jun. 2008.

GONDIM, L. M. de P. **O Dragão do Mar e a Fortaleza Pós-Moderna**: cultura, patrimônio e imagem da cidade. São Paulo: Annablume, 2007.

GOOGLE MAPAS. **Praia de Iracema**. 2019. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Praia+de+Iracema,+Fortaleza+-+CE/@-3.7210557,-38.5178532,17z/data=!3m1!4b1!4m8!1m2!2m1!1sPraia+de+Iracema!3m4!1s0x7c74846ef10cb9b:0x552177f0f96cc058!8m2!3d-3.7217372!4d-38.5152099>. Acesso em: 14 nov. 2019.

GUBA, E.G & LINCOLN, Y. **Avaliação de quarta geração**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

GUSSI, A. F. **Pedagogias da experiência no mundo do trabalho**: narrativas biográficas no contexto de mudanças de um Banco Público Estadual. 2004. Tese – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, São Paulo, 2004.

GUSSI, A.F.; OLIVEIRA, B.R. Políticas Públicas e outra perspectiva de avaliação: uma abordagem antropológica. **Revista Desenvolvimento em Debate**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 83-101, 2016.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Fortaleza**. População. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/panorama>. Acesso em: 14 ago. 2019.

INSTITUTO IRACEMA. **Planejamento Colaborativo**. 2017. Disponível em: <https://www.institutoiracema.com/praiadeiracema>. Acesso em: 02 set. 2019.

JANNUZZI, P.M. Eficiência econômica, eficácia procedural ou efetividade social: três valores em disputa na Avaliação de Programas e Políticas Sociais. **Revista Desenvolvimento em Debate**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 117-142, 2016.

JANNUZZI, P.M. **Indicadores sociais no Brasil**: Conceitos, fontes de dados e aplicações. Campinas: Alínea, 2001.

JUCÁ, G. N. M. **A oralidade dos velhos na Polifonia urbana**. Fortaleza: Premium, 2011.

KLAMER, A. Pensar economia criativa pede por outra ciência econômica: Introduzindo a abordagem “Value Based”. *In: Economia criativa, cultura e políticas públicas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/CEGOV, 2016, p. 7-14.

LAPROVITERA, Francisco Antônio. SETFOR E A REQUALIFICAÇÃO NA PRAIA DE IRACEMA. Entrevista a José Evanes Brasil Júnior. Fortaleza, 24 set. 2019. Arquivos de mp3.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.

LEITE, R.P. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Unicamp; Aracaju: UFS, 2004.

LEJANO, R. P. **Parâmetros para análise de políticas**: A fusão do texto e contexto. Campinas: Arte Escrita, 2012.

LIMA, Izabel Cristina. HISTÓRIA DO POÇO DA DRAGA. Entrevista cedida a José Evanes Brasil Júnior. Fortaleza, 23 set. 2019. Arquivos de mp3.

LIMA, R. M. M de. A Avaliação de Políticas Públicas no Turismo: Um estudo de caso na avaliação de efetividade do Prodetur/NE. In: ARCOVERDE, A. C. B. (org). **Dimensões, interfaces e práticas de avaliação de políticas públicas**. Recife: UFPE, 2014.

LINHARES, P. **Cidade de água e sal**: por uma antropologia do litoral Nordeste sem cana e sem açúcar. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.

LINS, L. O. **Estudo de caso “autoetnográfico” da marca de governo “Fortaleza Bela” da Prefeitura da Cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará**. 2017. Dissertação – Programa de Pós- Graduação em Comunicação Social do Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica: Rio de Janeiro, 2017.

MEIHY, J. C. S.B; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MENEZES, D.F.N. Regulação da economia criativa no Brasil. **Ius Gentium**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 65-77, jul./dez. 2016.

MILITÃO, Michele. PRAIA DE IRACEMA. Entrevista cedida a José Evanes Brasil Júnior. Fortaleza, 16 out. 2019. Arquivos de mp3.

MONTENEGRO, A. T. **História Oral e Memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1994.

MORELLI-MENDES, C; ALMEIDA, C.D. de. O desenvolvimento da economia criativa no Brasil: uma perspectiva através da indústria cinematográfica brasileira. **Verso e Reverso**, [S.l.], v. 30, n. 75, set./dez. 2016.

NYKO, D; ZENDRON, P. Economia criativa. In: **Visão 2035: Brasil, país desenvolvido**: agendas setoriais para alcance da meta. Rio de Janeiro: BNDES, 2018, p. 259-289.

OLIVEIRA, D.B. de. **Tempo, memória e direito**: um estudo jurídico, político e filosófico sobre patrimônio cultural imaterial. 2011. Dissertação (Mestrado em Direito), Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2011.

OLIVEIRA, H.M.A. **O Poço da Draga e a Praia de Iracema**: Convivência, conflitos e sociabilidades. 2006. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

O POVO. **Anuário de Fortaleza 2012-2013**. População por bairros – 2010. Disponível em: <http://www.anuariodefortaleza.com.br/fortalezenses/populacao-por-bairros-2010.php>. Acesso em: 14 ago. 2019.

PEIXOTO, P. Requalificação urbana. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença (orgs.). **Plural de cidades**: léxicos e culturas urbanas. Coimbra: Almedina, 2009.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.1 2. n. 1, 1989.

PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. *In*: FERREIRA, M & AMADO, J (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PONTE, S.R. **Fortaleza Belle Époque**: Reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2014.

PRAIA DE IRACEMA. Fortaleza, 30 ago. 2019. Instagram: fortalezadosencontros. Disponível em: [instagram.com/fortalezadosencontros](https://www.instagram.com/fortalezadosencontros). Acesso em: 07 nov. 2019.

PREFEITURA DE FORTALEZA. Instituto de Planejamento de Fortaleza. **Fortaleza 2040**. [s.d.]. Disponível em: <http://fortaleza2040.fortaleza.ce.gov.br/site/>. Acesso em: 02 set. 2019.

REIS, A.C.F. **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento**: uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural; Garimpo de Soluções, 2008.

REPORTAGEM: revitalização da Praia de Iracema e entrevista com Lia Parente (coordenadora do projeto Reviva Iracema). Matéria do repórter Fábio Monteiro, exibida em 29/07/08, no programa Viva Fortaleza, da TV O Povo - emissora afiliada à TV Cultura em Fortaleza, Ceará. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JO7H1U115i0>. Acesso em: 01 set. 2019.

REQUALIFICAÇÃO da Praia de Iracema. Publicada pelo canal Portal PMF. (30 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LiEfi632Xys>. Acesso em: 01 set. 2019.

RIBEIRO, A. J. C. B. **A complexidade do lugar turístico em Fortaleza**: uma análise do bairro Praia de Iracema. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

ROCHA JÚNIOR, A. M. da. **O turismo globalizado e as transformações urbanas do litoral de Fortaleza**: Arquitetura e estetização na Praia de Iracema. 2000. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

RODRIGUES, L. C. Propostas para uma avaliação em profundidade de políticas públicas sociais. **Aval – Revista de Avaliação de Políticas Públicas**, [S.l.], UFC, n. 1, p. 7-15, 2008.

RODRIGUES, L. C. Análises de conteúdo e trajetórias institucionais na avaliação de políticas públicas sociais: perspectivas, limites e desafios. **CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, [S.l.], n. 16, p. 55-73, mar. 2011.

RODRIGUES, L. C. Por uma avaliação em profundidade de políticas e programas sociais: diálogo com experiências de pesquisa. *In*: ARCOVERDE, A.C.B (org.). **Dimensões, interfaces e práticas de avaliação de políticas públicas**. Recife: UFPE, 2014, p. 177-197.

RODRIGUES, L. C. Método experiencial e avaliação em profundidade: novas perspectivas em políticas públicas. **Revista Desenvolvimento em Debate**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 103-115, 2016.

SCHRAMM, S. M. de O. **Território livre de Iracema: só o nome ficou?** Memórias coletivas e a produção do Espaço na Praia de Iracema. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2001.

SEBRAE. **Como o Sebrae atua no segmento de Economia Criativa**. [s.d.]. Disponível em: https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/segmentos/economia_criativa/como-o-sebrae-atua-no-segmento-de-economia-criativa,47e0523726a3c510VgnVCM1000004c00210aRCRD. Acesso em: 18 nov. 2019.

SILVA, M.O. S et al. **Pesquisa avaliativa: aspectos teórico-metodológicos**. São Paulo: Veras; São Luís, MA, 2013.

SOUTO, V. **Participação popular e cultura política**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

SOUZA, L. M. de. **Três ensaios sobre avaliação de políticas públicas**. Natal: EDUFRN, 2014.

SOUZA, M.H.M. **Praia de Iracema como produto de consumo turístico em Fortaleza: do descaso à requalificação**. 2013. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos) – Universidade Estadual do Ceará: Fortaleza, 2013.

TRINDADE, Rodolfie. **HISTÓRIA DO PIRATA BAR**. Entrevista cedida a José Evanes Brasil Júnior. Fortaleza, 24 ago. 2015. Arquivos de mp3.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção e leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.